Agatha Christie



L&PM POCKET

O Clube das Terças-Feiras se reúne na casa de Miss Marple. Ali encontram-se seu sobrinho, escritor Raymond West, a atriz Joyce Lemprière, o grã-fino Henry Clithering - ex-diretor da Scotland Yard -, o clérigo dr. Pender, o advogado Petherick além da própria Miss Marple. Cada um conta uma história, enquanto os outros opinam, tentando desvendar o mistério que envolve cada um dos casos.

1
O Clube das Terças-Feiras

"MISTÉRIOS não resolvidos."

Raymond soltou uma baforada de fumaça e repetiu essas palavras com uma espécie de prazer deliberado e consciente.

"Mistérios não resolvidos."

Olhou satisfeito em derredor. A velha sala, com seu teto apoiado em largas vigas negras, era mobiliada com belas peças antigas, que lhe assentavam bem. Daí o olhar de aprovação de Raymond West. Era escritor de profissão e apreciava as atmosferas impecáveis. A casa de sua tia Jane sempre o agradara como o ambiente adequado à personalidade dela. Raymond olhou para a lareira, que lhe ficava em frente, onde a tia estava sentada, erecta, na grande poltrona de espaldar alto. O vestido de Miss Marple era de brocado preto, muito justo na cintura. Um arranjo de renda Mechlin descia em cascata na parte dianteira do corpinho. Ela usava mitenas de renda preta e tinha à cabeça uma touca, também de renda da mesma cor, sobre as massas sobrepostas de seus cabelos cor de neve. Estava fazendo um tricô de lã branca e macia. Seus olhos azuis, desbotados, indulgentes e bondosos, examinaram com tranqüilo prazer o sobrinho e os convidados dele. Primeiro pousaram no próprio Raymond, que era deliberadamente afável e, depois, em Joyce Lemprière, a artista, com seus cabelos pretos, cortados rente, e seus estranhos olhos castanho-esverdeados. Em seguida fitaram Sir Henry Clithering, homem de sociedade, muito bem vestido. Havia mais duas pessoas na sala: o Dr. Pender, o idoso clérigo da paróquia, e Mr. Petherick, que era ad-vogado, homenzinho mirrado sempre a olhar por cima dos óculos e não através das lentes. Miss Marple dedicou um breve momento de atenção a todas essas pessoas e voltou ao seu tricô, com um brando sorriso nos lábios.

Mr. Petherick tossiu uma tossezinha seca, que geralmente precedia suas observações.

- O que você disse, Raymond? Mistérios não resolvidos? Ah! De que se trata?

- Não se trata de coisa alguma - declarou Joyce Lemprière. - Raymond simplesmente gosta do som de suas próprias palavras e dele

mesmo quando as pronuncia.

Raymond West lançou-lhe um olhar de reprovação. Ela atirou para trás a cabeça e deu uma risada, acrescentando:

- Ele é um impostor, não é mesmo, Miss Marple? A se-nhora sabe disso, eu tenho certeza.

Miss Marple sorriu com brandura e não deu resposta.

- A própria vida é um mistério não resolvido - afirmou gravemente o pastor.

Raymond endireitou-se em sua cadeira, atirou fora o ci-garro num gesto brusco e falou assim:

- Não é isso que eu quero dizer. Não estou me referindo a filosofia. Estou pensando em fatos prosaicos, simples e reais. Em coisas que acontecem e que ninguém explica.

- Eu sei exatamente a que espécie de coisas você se re-fere, meu querido - disse Miss Marple. - Por exemplo, ontem pela manhã Mrs. Carruthers passou por uma experiência muito estranha. Comprou uns camarões em conserva na mercearia Elliot. Entrou em outras duas lojas, fazendo compras, e, quando chegou em casa, verificou que estava sem os camarões. Voltou às duas lojas onde havia estado, mas os camarões tinham desaparecido completamente. Isso me parece muito extraordinário.

- É um caso muito suspeito - observou Sir Henry Clithering gravemente.

- Sem dúvida toda espécie de explicações são possíveis - continuou Miss Marple, ligeiramente mais corada por causa de sua emoção. - Por exemplo, alguém...

- Minha querida tia - interveio Raymond West num tom meio divertido. - Eu não quero me referir a essa espécie de incidentes que acontecem nas vilas. Estou pensando em assassinatos, desaparecimento de pessoas. O tipo de coisa que Sir Henry poderia nos contar horas a fio, se quisesse.

- Mas eu jamais converso sobre assuntos profissionais - afirmou Sir Henry modestamente. - Não. Eu não falo sobre assuntos profissionais.

Até bem pouco tempo Sir Henry havia sido diretor da Scotland Yard.

- Suponho que muitos assassinatos e problemas nunca são solucionados pela polícia - insinuou Joyce Lemprière.

- Creio que isso é um fato que se tem de admitir - de-clarou Mr. Petherick.

- Eu fico imaginando - comentou Raymond West - que espécie de

cérebros realmente têm maior êxito quando se trata de desvendar um mistério. A gente sempre acha que o detetive médio deve sentir-se tolhido por falta de imaginação.

- Esse é o ponto de vista dos leigos - afirmou Sir Henry secamente.

- Você de fato quer que se nomeie uma comissão - declarou Joyce, sorrindo. - Em matéria de psicologia e ima-ginação, procure-se o escritor...

E curvou-se numa reverência irónica em direção a Ray-mond, que permaneceu sério.

- A arte de escrever dá uma certa visão da natureza hu-mana - afirmou ele gravemente. - O escritor talvez enxergue motivos que passam despercebidos às pessoas comuns.

- Eu sei, meu caro, que seus livros são muito engenho-sos - declarou Miss Marple. - Mas você acha que as criaturas são realmente tão desagradáveis como você as cria?

- Minha querida tia - disse Raymond amavelmente - guarde suas convicções. O céu não me permite que eu as destrua.

- Eu queria dizer - continuou Miss Marple, franzindo levemente a testa, enquanto contava os pontos de seu tricô - que tanta gente me parece não ser boa nem má, mas simples-mente tola.

Mr. Petherick voltou a tossir sua tossezinha seca. - Você não acha, Raymond - disse ele -, que atribui demasiado peso à imaginação? A imaginação é coisa muito perigosa, como nós, advogados, sabemos muito bem. Ser capaz de filtrar todas as evidências, imparcialmente, tomar os fatos e considerá-los como fatos, isso me parece o único método ló-gico de se chegar à verdade. Eu poderia acrescentar que, em minha experiência, é o único que dá certo.

- Ora! - exclamou Joyce, atirando para trás seus cabelos negros, com um jeito indignado. - Aposto que eu seria capaz de ganhar do senhor nesse jogo. Eu não sou apenas uma mulher. E diga o que quiser, as mulheres possuem uma intuição que falta aos homens. Sou também uma artista. Vejo coisas que o senhor não vê. Além disso, como artista já lidei com pessoas de toda espécie e de todas as condições. Eu conheço a vida como nossa querida Miss Marple, aqui, neste lugar, não tem possibilidade de conhecer.

- Isso eu não sei, minha querida - declarou Miss Marple. - Coisas muito dolorosas e angustiantes às vezes acontecem nas vilas.

- Posso falar? - indagou o Dr. Pender, sorrindo. - Eu sei que está em moda, hoje em dia, desacreditar o clero. Mas nós ouvimos coisas.

Conhecemos um lado do caráter das pessoas que é um livro fechado para o mundo exterior.

- Bem - disse Joyce - tenho a impressão de que somos um grupo bastante representativo. Que tal se nós fundás-semos um clube? Que dia da semana é hoje? Terça-feira? Nós o chamaremos o Clube das Terças-Feiras. Nós nos reuniremos uma vez por semana, e cada sócio do clube terá de propor um problema. Algum mistério que conheça por experiência própria e do qual, naturalmente, saiba a solução. Deixe-me ver, quantos somos aqui? Um, dois, três, quatro, cinco. Deveríamos ser seis.

- Você se esqueceu de mim, querida - disse Miss Mar-ple, abrindo-se num claro sorriso.

Joyce ficou um tanto surpreendida, mas o dissimulou mais que depressa, acrescentando:

- Seria ótimo, Miss Marple. Eu não imaginei que a se-nhora quisesse participar do jogo.

- Acho que seria muito interessante - afirmou Miss Marple. - Especialmente com tantos homens de talento aqui reunidos. Eu receio não ser inteligente, mas tenho vivido todos esses anos em St. Mary Mead, e isso me dá uma certa compreensão da natureza humana.

- Estou seguro de que sua cooperação será muito valiosa - declarou Sir Henry, cortesmente.

- Quem vai ser o primeiro? - indagou Joyce.

- Acho que não há a menor dúvida quanto a isso - afirmou o Dr. Pender - quando temos a grande sorte de con-tar com a presença de um homem tão eminente como Sir Henry...

Deixou a frase inacabada, inclinando-se numa amável reverência em direção a Sir Henry.

Este permaneceu em silêncio durante uns dois ou três minutos. Finalmente, suspirou e tornou a cruzar as pernas, começando a falar:

- É um pouco difícil para mim escolher precisamente o tipo de coisa que desejam. Mas acontece que eu julgo conhecer um exemplo que se enquadra de maneira muito apropriada às nossas condições. Poderão ter lido algumas referências a ele nos jornais, há um ano. Foi posto de lado, naquela ocasião, como mistério não resolvido. Mas a solução do caso veio ter às minhas mãos, não faz muitos dias.

Os fatos são muito simples. Três pessoas sentaram-se à mesa para fazer uma ceia que constou, entre outras coisas, de lagosta em lata. Mais tarde, durante a noite, todas três passaram mal, tendo sido

chamado um médico às pressas. Duas dessas pessoas se restabeleceram, mas a terceira morreu.

- Ah! - exclamou Raymond, num tom de aprovação.

- Como eu ia dizendo - prosseguiu Sir Henry - os fatos foram muito simples. A morte dessa pessoa foi atribuída a envenenamento pela ptomaína. Foi lavrado um atestado de óbito nesse sentido, e a vítima foi devidamente sepultada. Mas as coisas não ficaram nisso.

Miss Marple fez um gesto de assentimento com a cabeça, e comentou:

- Suponho que começaram a falar sobre o caso. Isso geralmente acontece.

- Agora eu devo descrever os atores desse pequeno dra-ma - prosseguiu Sir Henry. - Chamarei o marido e a mulher de Mr. e Mrs. Jones, e darei à dama de companhia da mulher o nome de Miss Clark. Mr. Jones era viajante de uma firma de fabricantes de remédios, homem de boa aparência, esfuziante, de maneiras vulgares, de seus cinquenta anos de idade. Sua esposa era também bastante vulgar, e teria uns quarenta anos. A dama de companhia, Miss Clark, era mulher de sessenta, corpulenta e alegre, com um rosto jovial e rubicundo. Poderíamos dizer que nenhuma dessas pessoas seria muito interessante.

O problema começou de um modo bem curioso. Mr. Jo-nes, na noite anterior ao acidente, estivera num pequeno hotel, em Birmingham. Acontece que o mata-borrão de seu quarto tinha sido renovado naquele dia, e a camareira do hotel, aparentemente por não ter mais o que fazer, divertiu-se em estudar a folha do mata-borrão diante do espelho, logo depois de Mr. Jones ter escrito uma carta. Passados alguns dias, saiu nos jornais uma reportagem sobre a morte de Mrs. Jones, em consequência de haver ingerido lagosta em lata. A camareira contou às colegas de serviço as palavras que decifrara no mata-borrão. Eram as seguintes: *Inteiramente dependente de minha mulher... quando ela estiver morta eu irei... centenas e milhares...*

- Talvez vocês se lembrem de que houve recentemente o caso de uma mulher envenenada pelo marido. Pouca coisa bastou para inflamar a imaginação daquelas empregadas: Mr. Jones planejara matar a esposa e herdar centenas de milhares de libras! Acontece que uma delas tinha parentes que moravam na pequena cidade onde residiam os Jones. Escreveu a eles, que lhe responderam a carta. Parece que Mr. Jones se mostrara interessado na filha do médico do lugar, uma bonita

mulher de trinta e três anos. O escândalo começou a espalhar-se à boca pequena. Foi dirigida uma petição ao Ministério do Interior. Inúmeras cartas anônimas começaram a chover sobre a Scotland Yard, todas acusando Mr. Jones de ter assassinado a esposa. Agora posso afirmar que sempre pensamos que tudo não passasse de mexericos de aldeia. Apesar disso, para tranquilizar a opinião pública, foi deferido um requerimento de exumação do cadáver. O caso era desses de superstição coletiva, sem qualquer base sólida, mas essa superstição provou ser surpreendentemente justificada. Em consequência da autópsia, foi encontrada no cadáver uma dose de arsênico suficiente para deixar per-feitamente claro que a falecida fora envenenada. Competia à Scotland Yard, em colaboração com as autoridades locais, provar como o arsênico fora administrado à mulher, e quem o fizera.

- Ah! - exclamou Joyce. - Estou gostando. Isso é que é um caso!

- As suspeitas naturalmente recaíram sobre o marido - continuou Sir Henry. - Ele se beneficiara com a morte da mulher. Não recebeu as centenas de milhares de libras, romanticamente imaginadas pela camareira do hotel, mas a sólida quantia de 8000 esterlinos. Não tinha dinheiro, salvo o que ganhava, e era homem de hábitos um tanto extravagantes, tendo certo pendor pelas companhias femininas. Nós investigamos da maneira mais delicada possível os rumores de sua ligação com a filha do médico. No entanto, embora parecesse claro que houvera uma forte amizade entre ambos, durante certo tempo, dois meses antes haviam rompido abruptamente. E tudo levou a crer que não se haviam encontrado mais desde então. O próprio médico, homem de idade, um tipo franco e acima de qualquer suspeita, ficou estarrecido com o resultado da autópsia. Tinha sido chamado por volta de meia-noite, encontrando as três pessoas passando mal. Percebeu imediatamente que o estado de Mrs. Jones era grave, e mandou buscar umas pílulas de ópio em sua casa, para aliviar-lhe as dores. Mas apesar de todos os seus esforços, ela não resistiu. Em momento algum, entretanto, ele suspeitou que tivesse havido algo de errado. Estava convencido de que a morte de Mrs. Jones fora causada pelo botulismo. A ceia, naquela noite, consistira em lagosta enlatada, salada, bolo confeitado, pão e queijo. Infe-lizmente não sobrara um só pedaço de lagosta, e a lata tinha sido jogada no lixo. Ele interrogou a jovem empregada, Gla-dys Lynch, que se mostrou muito perturbada, chorando a mais não poder, extremamente nervosa. Custou a conseguir que a moça se ativesse ao que interessava, e ela declarou, repetidamente,

que a lata não estava de maneira alguma estufada, e a lagosta lhe parecera em perfeitas condições.

Esses eram os fatos em que tínhamos de nos basear. Se Jones administrara criminosamente arsênico à mulher, parecia claro que não o poderia ter feito em qualquer dos alimentos ingeridos na ceia, pois as três pessoas haviam participado da refeição; Restava ainda outra circunstância, ou seja, o fato de que Jones regressara de Birmingham no momento exato em que a ceia estava sendo servida. Por isso não teria tido oportunidade de adicionar qualquer coisa aos alimentos.

- E a dama de companhia? - indagou Joyce. - A mulher forte e de rosto bem humorado.

Sir Henry assentiu num gesto de cabeça, e prosseguiu:

- Não nos esquecemos de Miss Clark, isso eu lhes posso assegurar. Mas parecia duvidoso que ela tivesse algum motivo para cometer o crime. Mrs. Jones não lhe deixou qualquer legado, e o único resultado da morte de sua patroa foi que ela teve de procurar outro emprego.

— Isso parece excluí-la do caso. - declarou Joyce pensativamente.

— Acontece que um de meus inspetores não tardou em descobrir um fato importante - continuou Sir Henry. - Naquela noite, após a ceia, Mr. Jones fora até a cozinha e pedira um prato de mingau de farinha de milho para a esposa, que se queixava de não estar passando bem. Permaneceu na cozinha à espera de que Gladys Lynch preparasse o mingau e, em seguida, levou-o, ele próprio, ao quarto da esposa. Admito que isso parecia resolver o caso.

O advogado concordou com um sinal de cabeça, declarando o seguinte:

- O motivo - e acentuou o argumento com o indicador erguido. - A oportunidade. Sendo o homem viajante de uma firma de remédios, tinha fácil acesso ao veneno.

- E era pessoa sem grande fibra moral - acrescentou o pastor.

Raymond West estava olhando fixamente para Sir Henry e observou:

- Há um aspecto estranho nesse caso. Por que o senhor não prendeu o homem?

Sir Henry deu um sorriso bastante irônico e declarou o seguinte:

- Esse é o aspecto ingrato do caso. Até então tudo havia corrido sem dificuldades. Mas depois tivemos de enfrentar um obstáculo. Jones não foi preso porque ao interrogarmos Miss Clark, ela declarou que havia tomado toda a tigela de mingau, e não Mrs. Jones. Sim, parece que se dirigiu ao quarto de Mrs, Jones, como era de seu hábito... Mrs. Jones

estava sentada na cama, tendo ao seu lado o prato de mingau. E lhe disse: "Não estou me sentindo nada bem, Milly. Isso é bem feito, creio eu, por haver comido lagosta à noite. Pedi ao Alberto que me trouxesse um prato de mingau. Mas agora acho que não estou com vontade de tomar esse mingau." "Que pena", comentou Miss Clark. "Está muito bem feito, sem nenhum caroço. Gladys é de fato uma boa cozinheira. Hoje em dia parece que muito poucas moças são capazes de fazer um mingau decente. Pois eu declaro que estou com bastante vontade de tomar o mingau. Estou com uma fome!" Mrs. Jones disse o seguinte: "Eu acho que você deve estar mesmo com fome. Com esse seu jeito maluco!"

- Devo esclarecer - acrescentou Sir Henry - que Miss Clark, alarmada com o fato de estar cada vez mais gorda, an-dava fazendo um regime geralmente conhecido por dieta do Dr. Banting, isto é, eliminação de farináceos na alimentação. Mrs. Jones teria dito: "Isso não faz bem a você, Milly. Se Deus a fez gorda, Ele quis que você fosse gorda. Tome todo esse prato de mingau. Vai lhe fazer o maior benefício deste mundo."

- Miss Clark começou imediatamente a tomar o mingau - continuou Sir Henry. - Desse modo, vê-se que nossos argumentos contra o marido foram destruídos. Convidado a dar uma explicação acerca do mata-borrão, Jones o fez sem perda de tempo. A carta, esclareceu ele, era uma resposta à que havia recebido de um irmão, que estava na Austrália e lhe pedira um dinheiro. Escrevera ao irmão dizendo que dependia inteiramente da mulher. Quando ela morresse, teria o controle do dinheiro e ajudaria o irmão, se isso fosse possível. Lamentou a impossibilidade de auxiliá-lo, mas observou que havia centenas e milhares de pessoas no mundo que se encontravam na mesma situação lamentável.

- Então foi assim que o argumento contra Mr. Jones foi por água abaixo? - indagou o Dr. Pender.

- Exatamente - declarou gravemente Sir Henry. - Nós não podíamos assumir o risco de prender Jones sem base.

Houve um silêncio e, em seguida, Joyce indagou:

- E isso foi tudo?

- O caso permaneceu nesse pé - continuou Sir Henry - durante todo o ano passado. Agora a verdadeira solução está em poder da Scotland Yard. Dentro de dois ou três dias, todos irão provavelmente ler alguma coisa nos jornais a respeito do assunto.

- A verdadeira solução! - exclamou Joyce pensativa-mente. - Qual será! Vamos refletir durante uns cinco minu-tos e, depois, dar nossas opiniões.

Raymond West concordou com um gesto de cabeça e marcou o tempo em seu relógio. Quando se esgotaram os cinco minutos, olhou para o Dr. Pender, indagando:

- O senhor quer falar em primeiro lugar? O velho pastor sacudiu a cabeça, dizendo:

- Confesso que estou inteiramente perplexo. Não con-sigo deixar de pensar no marido. De certo modo ele deve ser o culpado. Mas não atino como praticou o crime. Posso ape-nas sugerir que deve ter dado o veneno à esposa, empregando algum processo que ainda não foi descoberto, embora, nesse caso, não vejo como o caso tenha ficado esclarecido depois de tanto tempo.

- Você, Joyce? - indagou Raymond.

- Foi a dama de companhia! - exclamou Joyce categoricamente. - Foi a dama de companhia, não há a menor dúvida. Como havemos de saber que motivos ela possa ter tido? Só porque era gorda e feia, isso não quer dizer que não estivesse apaixonada por Jones. Podia odiar a mulher dele por alguma outra razão. Pensem o que é ser dama de companhia. Ter de ser sempre agradável, concordar com tudo, conter-se, reprimir-se. Um belo dia ela não aguentou mais e matou a mulher. Provavelmente pôs o arsênico no prato de mingau. E toda essa história de ter ela mesma tomado o mingau é pura mentira.

- Mr. Petherick, o que acha o senhor? -. indagou Ray-mond.

O advogado juntou as pontas dos dedos, num gesto profissional, e afirmou:

- Eu estimaria não dizer... Diante dos fatos, eu estimaria não dizer coisa alguma.

- Mas o senhor tem de dizer alguma coisa, Mr. Petherick - declarou Joyce. - O senhor não pode deixar de fazer um pronunciamento, ficar afirmando que "sem qualquer ideia preconcebida", portar-se como se estivesse diante de um tribunal. O senhor tem de tomar parte no jogo.

- Diante dos fatos - declarou Mr. Petherick - parece não haver nada a dizer. É minha opinião particular, tendo em vista, aliás, que em muitos casos desse tipo o marido foi o culpado. A única explicação que se coaduna com os fatos parece ser que Miss Clark, por um motivo qualquer, deliberadamente lhe deu cobertura. Talvez tenha havido entre eles um arranjo qualquer de ordem financeira. Ele poderá ter percebido

que seria considerado suspeito, e ela, vendo diante de si apenas um futuro de pobreza, poderá ter concordado em contar a história de haver tomado o mingau, em retribuição pelo pagamento de uma quantia substancial a ser-lhe entregue em caráter particular. Se o caso foi esse, sem dúvida foi muitíssimo irregular. Em verdade, muitíssimo irregular.

- Eu discordo de todos - declarou Raymond. - Todos se esqueceram de um fator importante: a filha do médico. Eu darei minha interpretação do caso. A lagosta em lata estava estragada. Foi responsável pelos sintomas de envenena-mento. Mandaram chamar o médico. Ele vê que Mrs. Jones, tendo comido mais lagosta do que os outros, estava sentindo muitas dores. Manda buscar, como o senhor nos informou, algumas pílulas de ópio. Não vai ele próprio apanhá-las, manda buscar as pílulas. Quem irá entregar essas pílulas de ópio ao mensageiro? Sua filha, é claro. Muito provavelmente ela aviava as receitas para ele. Estava apaixonada por Jones e, nesse momento, todos os seus piores instintos vieram à tona: ela percebeu que estava em suas mãos obter a liberdade dele. As pílulas que enviou continham puro arsênico branco. Essa é minha solução.

- Agora, Sir Henry, conte-nos tudo - disse Joyce, cheia de ansiedade.

- Um momento - observou Sir Henry. - Miss Marple ainda não se pronunciou.

- Ah, meu Deus! - exclamou ela. - Deixei escapar outro ponto. Eu estava tão interessada na história! Ela me faz lembrar o velho Dr. Hargreaves, que morou no alto da colina. Sua esposa nunca teve a mais leve suspeita de nada, até que ele morreu, deixando toda a fortuna para uma mulher com quem vivera e de quem havia tido cinco filhos. Tinha sido sua empregada durante certa época. "Moça tão boa", Mrs. Hargreaves sempre dizia. Digna de toda confiança. Virava os colchões todos os dias, menos nas sextas-feiras, naturalmente. E o velho Hargreaves mantendo casa com essa mulher, na cidade vizinha, continuando a ser o mordomo da igreja e a fazer circular a bacia de esmolas, todos os domingos.

- Minha querida tia Jane - interveio Raymond com certa impaciência. - O que tem o falecido Hargreaves a ver com o caso?

- Essa história me fez pensar nele imediatamente - de-clarou Miss Marple. - Os fatos são tão parecidos! Eu suponho que a pobre moça já confessou e isso é o que o senhor sabe, Sir Henry.

- Que moça? - indagou Raymond. - Minha tia, de quem a senhora está falando?

- Estou me referindo àquela pobre moça, Gladys Lynch, naturalmente. A que ficou terrivelmente agitada quando o médico falou com ela. Bem que tinha motivos para ficar nervosa, coitadinha! Espero que o perverso do Jones seja enforcado, pois transformou a pobre menina numa assassina. Suponho que irão enforcá-la também, pobrezinha!

- Eu creio, Miss Marple, que a senhora está cometendo um ligeiro equívoco - começou a dizer Mr. Petherick.

Miss Marple, no entanto, sacudiu a cabeça obstinadamente e olhou para Sir Henry, indagando:

- Eu estou com a razão, não estou? Tudo me parece claro. As centenas e milhares e o bolo confeitado, quero dizer, não se pode errar.

- Que história é essa de bolo confeitado e de centenas e milhares? - indagou Raymond.

- As cozinheiras quase sempre colocam "centenas e milhares" nos bolos confeitados, meu querido - disse ela. -

São uns confeitos cor-de-rosa e brancos, de açúcar. Quando ouvi dizer que eles tinham comido um bolo confeitado, na ceia, e o que o marido estivera escrevendo a alguém sobre "centenas e milhares", naturalmente liguei as duas coisas. Aí é que estava o arsênico, nas "centenas e milhares". Ele o deixou com a moça e lhe disse que o pusesse no bolo.

- Mas isso é impossível - afirmou Joyce pressurosa-mente. - Todos comeram o bolo.

- Não! - exclamou Miss Marple. - A dama de companhia estava fazendo regime, como você se lembra. Ninguém come bolo confeitado quando está fazendo regime. E eu acredito que Jones tenha raspado os confeitos de sua fatia de bolo, deixando-os na borda do prato. Foi uma ideia inteligente, embora muito perversa.

Todas as demais pessoas estavam de olhos fixos em Sir Henry.

- É uma coisa muito curiosa - declarou ele lentamente. - Miss Marple parece ter descoberto a verdade. Jones havia posto Gladys Lynch "em apuros", como se diz. Ela estava à beira do desespero. Ele queria afastar a esposa e prometera casar-se com Gladys quando Mrs. Jones morresse. Providenciou os confeitos e os deu a Gladys, instruindo-a como deveria usá-los. Gladys Lynch faleceu há uma semana. O filho dela morreu ao nascer, e Jones a abandonou por outra mulher. Quando estava agonizando, Gladys contou a verdade.

Houve um momento de silêncio e, em seguida, Raymond declarou o

seguinte:

- Bem, tia Jane, um ponto à seu favor. Eu não consigo imaginar como a senhora conseguiu descobrir a verdade. Nunca teria pensado que uma empregadinha de cozinha estivesse ligada ao caso.

- Não, meu querido - disse Miss Marple. - Mas você não conhece a vida como eu. Um homem do tipo de Jones, vulgar e jovial! Logo que soube que havia uma bonita jovem dentro de casa, teve certeza de que não a deixaria ficar sozinha. Tudo isso é muito angustiante e penoso. Não é assunto para uma conversa agradável. Eu não consigo lhes dar uma ideia do choque que sofreu Mrs. Hargreaves e daqueles nove dias de espanto para a vila.

2
A Casa do ídolo de Astartéia

- E AGORA, DR. PENDER, o que o senhor vai nos contar?

O velho pastor sorriu levemente, dizendo: - Minha vida tem transcorrido em lugares tranquilos. Muito poucos acontecimentos memoráveis cruzaram meus caminhos. No entanto, certa vez, quando eu era jovem, tive uma experiência muito estranha e muito trágica.

- Ah! - exclamou Joyce Lemprière num tom de voz encorajador.

- Nunca me esqueci dessa experiência - prosseguiu o pastor. - Causou em mim profunda impressão naquele tempo e, até hoje, com um ligeiro esforço de memória, ainda sou capaz de sentir o pasmo e o horror daquele terrível momento, quando vi um homem cair sem vida, não havendo, aparentemente, a interferência de qualquer agente mortífero.

- Você me faz sentir calafrios de horror, Pender - queixou-se Sir Henry.

- Aquilo também me causou calafrios, como você diz - comentou Pender. - Desde então eu nunca mais ridicularizei as pessoas que empregam a palavra "atmosfera". Isso existe. Há lugares que são impregnados, saturados, de influências boas ou más, capazes de fazer as pessoas sentirem seu poder.

- Aquela casa, Os Larthes, é muito infortunada - ob-servou Miss Marple. - O velho Dr. Smithers perdeu toda sua fortuna e foi obrigado a deixá-la. Então os Carslakes a ocupa-ram e Johnny Carslake caiu de uma escada e quebrou a perna. A Sra. Carslake teve de ir para o Sul da França, por questões de saúde, e agora os Burdens tomaram a casa. Ouço dizer que o pobre Mr. Burden vai ter de ser operado urgentemente.

- Creio que existem superstições demais a respeito des-sas coisas - declarou Mr. Petherick. - Muitos prejuízos são causados às propriedades por causa dessas histórias tolas que circulam impensadamente.

- Pois eu conheço um ou dois fantasmas dotados de personalidades muito fortes - observou Sir Henry, rindo por entre os dentes.

- Eu acho - disse Raymond - que nós deveríamos deixar que o Dr. Pender continuasse sua história.

Joyce levantou-se e apagou as duas luzes para que a sala ficasse iluminada apenas pelo bruxuleante fogo da lareira.

- Atmosfera - disse ela. - Agora nós podemos continuar.

O Dr. Pender sorriu para Joyce, afundou-se em sua pol-trona, tirou o pincenê e começou a contar sua história com um tom de voz suave e evocativo.

- Não sei se algum dos presentes conhece Dartmoor. O lugar a que me refiro fica situado nos confins de Dartmoor. É uma propriedade encantadora, embora tivesse estado à venda durante vários anos, sem encontrar comprador. O lugar talvez fosse um tanto desolado no inverno, mas a paisagem era magnífica e havia certos aspectos curiosos e originais na propriedade. Foi comprada por um homem chamado Haydon - Sir Richard Haydon. Eu o conhecera nos tempos da faculdade e, embora o tivesse perdido de vista durante alguns anos, os velhos laços de amizade ainda perduravam. Assim, aceitei com prazer seu convite para visitar O Bosque Silencioso. Esse era o nome da propriedade que ele acabara de adquirir.

O grupo não era muifo grande. Incluía o próprio Richard Haydon, seu primo, Elliot Haydon, e também Lady Mannering, acompanhada de uma filha pálida e bastante apagada, de nome Violet. Havia um certo Capitão Rogers e a esposa, pessoas muito chegadas à equitação e de rostos queimados pelo sol, que só viviam para seus cavalos e caçadas. Também se achava presente um jovem, Dr. Symonds, e ainda Miss Diana Ashley. Eu sabia alguma coisa acerca desta última pessoa. Seu retrato aparecia frequentemente nas colunas sociais: era uma das beldades daquela temporada. Sua aparência era de fato muito impressionante: era morena, alta, tinha uma linda pele, de um tom muito igual e leitoso. E seus olhos, semicerrados e oblíquos, lhe davam a curiosa e interessante aparência de mulher do Oriente. Tinha uma voz maravilhosa, grave, cujo timbre fazia lembrar um sino.

Percebi imediatamente que meu amigo, Richard Haydon, estava muito interessado por ela, e imaginei que aquela reunião fora arranjada simplesmente para servir de ambiente para aquela moça. Quanto aos sentimentos dela, eu nada poderia afirmar com segurança. Era caprichosa em seus favores. Um dia, conversava com Richard, excluindo todos os demais de suas atenções, ao passo que, em outro dia, dava preferência ao primo dele, Elliot, parecendo mal se aperceber da existência de Richard. Em seguida, dirigia seu mais feiticeiro sorriso ao tranquilo e reservado Dr. Symonds.

Na manhã seguinte à minha chegada, nosso anfitrião nos mostrou toda a propriedade. A casa, em si mesma, nada tinha de notável: era

uma sólida construção, de granito do Devonshire. Fora erguida para perdurar e resistir ao mau tempo. Não era romântica, embora muito confortável. De suas janelas descortinava-se o panorama da charneca, com suas grandes e ondulantes colinas e seus montes irregulares, que as coroavam, gastos pelas intempéries.

Nas encostas de um desses morros, o mais próximo da casa, havia vários círculos de cabanas, remanescentes de tempos idos, remontando à tdade da Pedra. Em outro monte havia um montículo que fora recentemente escavado e no qual tinham sido encontrados instrumentos e ferramentas de bronze. Haydon estava se interessando por antiguidades e conversava conosco com grande energia e entusiasmo sobre o assunto. Aquele lugar, explicou-nos, era especialmente fértil em restos do passado. Haviam sido descobertos vestígios de habitantes de cabanas, do Neolítico, druidas, romanos e até mesmo traços dos primeiros fenícios. Mas aquele lugar era o mais interessante de todos, disse ele. E eu sabia seu nome: Bosque Silencioso. Bem, era fácil perceber de onde provinha esse nome.

Ele apontou com a mão. Aquele trecho da região era bastante calvo, todo ele rochas, urzes e fetos. Todavia, aproximadamente a uns cem metros da casa havia um bosque formado de árvores que haviam sido plantadas muito juntas umas das outras.

É um remanescente de tempos muito remotos, disse Haydon. As árvores primitivas tinham morrido, mas haviam sido replantadas. O bosque fora conservado muito à maneira que apresentaria, talvez, na época dos colonizadores fenícios. E nos convidou a vê-lo.

Nós todos o seguimos. No momento em que entramos no bosque, eu me senti tomado de uma estranha opressão. Acho que foi por causa do silêncio. Parecia que nenhum pássaro fazia seu ninho naquelas árvores. Nelas reinava uma atmosfera de desolação e horror. Reparei que Haydon estava olhando para mim com um estranho sorriso.

- Você está sentindo alguma coisa por causa deste lugar, Pender? Antagonismo? Desconforto?

- Eu não gosto do lugar - respondi tranquilamente.

- Você está no seu direito. Ele foi um baluarte de um dos mais velhos inimigos de sua fé. Este é o Bosque de Astartéia.

- Astartéia?

- Astartéia, Istar, ou Astoret, como você quiser chamá-la. Eu prefiro o nome fenício de Astartéia. Creio que se sabe da existência de um bosque de Astartéia no país. Fica no Norte, junto à Muralha Romana.

Não tenho provas disso, mas gostaria de acreditar que nós possuímos aqui um verdadeiro e autêntico bosque de Astartéia. Aqui mesmo, dentro deste compacto círculo de árvores, eram cumpridos ritos sagrados.

- Ritos sagrados - murmurou Diana Ashley. - Seus olhos tinham o aspecto sonhador de quem estivesse contemplando algo de muito remoto. - Que ritos eram esses? - indagou.

- Não eram nada respeitáveis - afirmou o Capitão Rogers, soltando uma estrondosa gargalhada, desprovida de qualquer sentido. - Eu imagino que deveriam ser algo de "quente"

Haydon não prestou atenção a isso e prosseguiu:

- No centro do bosque devia haver um templo. Eu não sou muito chegado a templos, mas me permito um pouco de fantasia.

Naquele momento nós havíamos desembocado numa pequena clareira que ficava no meio do círculo das árvores. Nela havia uma construção que se assemelhava a um pavilhão de jardim, feita de pedra. Diana Ashley olhou indagadoramente para Haydon.

- É a Casa do ídolo - disse ele. - A Casa do Ídolo de Astartéia.

Haydon encaminhou-se para a construção. E-vi seu interior, sobre uma coluna de ébano, tosca, repousava uma pequena e curiosa imagem que representava uma mulher com chifres em forma de crescente, sentada num leão.

- Astartéia dos fenícios - disse Haydon. - A deusa da Lua.

- A deusa da Lua! - exclamou Diana. - Oh! Vamos promover uma orgia desvairada esta noite. Todos nós fantasiados. E viremos até aqui, ao luar, celebrar os ritos de Astartéia.

Eu fiz um movimento súbito, e Elliot Haydon, o primo de Richard, voltou-se rapidamente para mim, indagando:

- O senhor não está gostando disso, não é mesmo?

- Não - respondi gravemente. - Não estou.

Ele olhou para mim de um jeito curioso, observando o seguinte:

- Mas é só de brincadeira. Dick não pode afirmar com certeza que este bosque seja realmente sagrado. É apenas uma ideia que ele tem. Gosta de brincar com as ideias. De qualquer maneira, se fosse. . .

- Se fosse?

- Bem - ele prosseguiu, rindo de um modo contrafeito. - O senhor não acredita nessas coisas. O senhor, um pastor!

- Eu não tenho assim tanta certeza de que um pastor não deva acreditar nisso - eu acrescentei.

- Mas tudo acabou. Está terminado - ele declarou.

- Eu não tenho tanta certeza a esse respeito - eu co-mentei, pensativamente. - Sei apenas o seguinte: de modo geral eu não sou um homem sensível a atmosferas. Mas logo que penetrei neste bosque, senti uma estranha e curiosa im-pressão: fui dominado por um mau presságio, um sentimento de ameaça.

Ele me olhou por cima dos ombros, de um jeito constrangido, e acrescentou:

- Sim, o lugar é estranho, de certo modo. Sei o que o senhor quer dizer, mas suponho que é apenas a imaginação que nos faz ter essa impressão. O que você acha, Symonds?

O médico, que permanecera calado durante uns momentos, respondeu com tranquilidade:

- Eu não gosto daqui. Não lhes posso dizer o motivo. Mas por alguma razão qualquer, não gosto deste lugar.

Naquele momento, Violet Mannering aproximou-se de mim e exclamou:

- Eu detesto este lugar! Detesto! Vamos sair daqui.

Nós nos afastamos e as outras pessoas nos seguiram. So-mente Diana Ashley deixou-se ficar diante da Casa do Ídolo, contemplando intensamente a imagem de Astartéia.

O dia estava excepcionalmente quente e radioso, e a su-gestão de Diana para que houvesse um baile a fantasia naquela noite foi recebida com assentimento geral. Aconteceram as risadas de sempre, os murmúrios e as costuras secretas e frenéticas. Quando nós aparecemos para jantar, houve as habituais exclamações, de alegria. Rogers e sua mulher eram um casal neolítico, moradores de cabanas, o que explicava o súbito desaparecimento dos tapetes da lareira. Richard Haydon se considerava um marinheiro fenício, seu primo era um chefe pirata, ao passo que o Dr. Symonds era um mestre-cuca, Lady Mannering uma enfermeira e sua filha uma escrava circassiana. Eu me vestira de monge, um tanto exageradamente. Diana Ashley desceu por último à sala de jantar, e nos causou um certo de-sapontamento, pois vestia um amplo dominó preto.

- A desconhecida - declarou graciosamente. - Isso é o que eu sou. Agora vamos jantar.

Depois do jantar, nós saímos da casa. A noite era linda, quente, agradável, e a lua estava nascendo.

Andamos de um lado para outro, conversando, e o tem-po passou bem depressa. Deve ter sido uma hora depois que reparamos que Diana

não estava em nossa companhia.

- Com certeza não foi se deitar - disse Richard Haydon.

Violet Mannering sacudiu a cabeça e declarou:

- Isso não. Eu a vi seguir naquela direção, mais ou me-nos a um quarto de hora - enquanto falava, apontou para o bosque de árvores, que se mostravam negras e sombrias ao luar.

- O que estará ela querendo fazer? - indagou Richard Haydon. - Sou capaz de jurar que é alguma espécie de bruxaria. Vamos ver.

Nós seguimos todos juntos, um tanto curiosos por saber o que Miss Ashley teria se decidido a fazer. No entanto, eu senti uma estranha relutância em penetrar naquele escuro e agourento cinturão de árvores. Algo de mais forte do que eu parecia me refrear, instando comigo para que não entrasse naquele lugar. Eu me senti mais convencido do que nunca da malignidade essencial daquele sítio. Creio que algumas das outras pessoas experimentaram a mesma sensação, embora estivessem pouco inclinadas a admiti-lo. As árvores haviam sido plantadas tão perto umas das outras que o luar não conseguia filtrar-se através delas. Ouviam-se em derredor dezenas de ruídos, murmúrios e suspiros. A atmosfera era essencialmente sobrenatural e, por um instintivo assentimento unânime, permanecemos muito juntos uns dos outros.

De repente chegamos à clareira, no meio do bosque, e ali permanecemos imóveis e atônitos: à entrada da Casa do Ídolo erguia-se, erecta, uma figura a tremeluzir, cingida por uma gaze diáfana e com dois crescentes a projetarem-se da massa escura de seus cabelos.

- Meu Deus! - exclamou Richard Haydon, com o suor a jorrar-lhe da fronte.

Miss Violet Mannering foi mais incisiva, exclamando:

- Mas é Diana! O que ela fez consigo mesma? Parece bem diferente!

À soleira da porta, o vulto ergueu as mãos. Deu um pas-so à frente e falou, numa voz cantante, alta e suave:

- Eu sou a sacerdotisa de Astartéia. Tomem cuidado os que de mim se aproximarem porque tenho a morte nas mãos.

- Não faça isso, querida - protestou Lady Mannering. - Você nos faz ficar arrepiados.

Haydon avançou em direção a ela. -- Meu Deus, Diana! - exclamou. - Você está maravilhosa!

Meus olhos tinham se habituado ao luar e eu conseguia enxergar tudo com maior nitidez. Ela parecia de fato muito diferente, como Violet observara. Seu rosto agora possuía traços mais caracteristicamente

orientais, e seus olhos pareciam mais rasgados, com um brilho cruel. E o estranho sorriso de seus lábios eu nunca tinha visto antes.

- Cuidado! - ela exclamou, num tom de advertência. - Não vos aproximeis da Deusa. Se alguém puser a mão em mim isso significará a morte.

- Você está maravilhosa, Diana - disse Haydon. - Mas pare! Não sei porque, mas não estou gostando disso.

Ele começou a aproximar-se dela, avançando pela grama, Diana estendeu-lhe a mão, exclamando:

- Pare! Mais um passo e eu o destruirei com a magia de Astartéia.

Richard Haydon deu uma risada e apertou o passo. De repente, aconteceu uma coisa estranha. Ele cambaleou durante uns momentos e, em seguida, pareceu tropeçar, caindo a fio comprido.

Não se levantou mais, permanecendo deitado onde havia caído de bruços.

Subitamente, Diana começou a dar umas gargalhadas histéricas. Aquilo era horrível, rompendo o silêncio da clareira.

Soltando uma praga, Elliot deu um salto para a frente, dizendo:

- Levante-se, Dick! Levante-se, homem!

Mas Richard Haydon permanecia deitado onde havia caído. Elliot chegou junto dele, ajoelhou-se e o virou com cuidado. Debruçou-se sobre ele, perscrutando-lhe o rosto.

Em seguida, levantou-se rapidamente, hesitou durante alguns momentos, e disse:

- Doutor! Doutor, por amor de Deus! Eu acho que ele está morto!

Symonds correu e Elliot veio juntar-se a nós, caminhando muito devagar. Estava olhando para as mãos de um jeito que eu não entendi.

Naquele momento, Diana soltou um grito alucinado.

- Eu o matei! - exclamou. - Oh, meu Deus! Eu não tive essa intenção. Mas eu o matei!

E desmaiou, caindo pesadamente sobre a relva. Mrs. Rogers deu um grito:

- Oh! Vamos sair deste lugar horrível! - E desatou no pranto, acrescentando: - Aqui tudo poderá acontecer. É horrível!

Elliot pôs a mão em meu ombro, murmurando:

- Não pode ser! Isso não pode ser! Um homem não pode morrer dessa maneira. Isso é contra a natureza.

Eu procurei acalmá-lo.

- Há alguma explicação. Seu primo deveria ter alguma doença

cardíaca insuspeitada. O choque, a emoção...

Ele me interrompeu, dizendo:

- O senhor não compreende - e ergueu as mãos para que eu as visse. Então reparei que estavam tintas de sangue.

- Dick não morreu de choque. Foi apunhalado. Apu-nhalado no coração, *e não existe nenhuma arma*.

Eu o fitei de maneira incrédula. Naquele momento, Symonds ergueu-se, tendo acabado de examinar o corpo, e veio em nossa direção. Estava pálido. Todo o seu corpo tremia. E disse:

- Nós não estamos todos loucos? Que espécie de lugar é este, onde acontece uma coisa dessas?

- Então é verdade? - eu indaguei.

Ele fez que "sim" com a cabeça. E acrescentou:

- A ferida é de tal natureza que deve ter sido produzida por um longo e fino punhal. Mas aqui não há nenhum punhal!

Nós nos entreolhamos, e Elliot Haydon declarou:

- Mas deve haver. Deve ter caído no chão. Há de estar em algum lugar. Vamos procurá-lo.

Nós examinamos o terreno em derredor, mas foi em vão. Subitamente, Violet Mannering declarou o seguinte:

- Diana tinha alguma coisa na mão. Uma espécie de adaga. Eu a vi. Eu vi a arma brilhando quando ela o ameaçou.

Elliot Haydon sacudiu a cabeça e objetou:

- Ela sempre se manteve a mais de três metros dele. Lady Mannering estava inclinada sobre a moça ali prostrada no chão, e disse:

- Ela não tem nada na mão. Não vejo coisa alguma no chão. Você tem certeza de que viu o punhal, Violet? Eu não vi.

O Dr. Symonds aproximou-se de Diana, dizendo:

- Nós precisamos levá-la para a casa. Você quer me ajudar, Rogers?

Nós transportamos a jovem para a casa. Estava sem sen-tidos. Em seguida, voltamos ao bosque e carregamos o corpo de Richard.

O Dr. Pender interrompeu sua narrativa, olhou em der-redor e declarou em tom de desculpa:

- Hoje nós procederíamos melhor, por causa da difusão dos romances policiais. Qualquer menino sabe que um corpo deve ser deixado onde for encontrado. Mas naquele tempo nós não sabíamos disso e, por conseguinte, levamos o corpo de Richard Haydon para seu quarto, naquela casa quadrada, de granito. O mordomo foi despachado de bicicleta para chamar a polícia. Era uma viagem de cerca de quinze

quilômetros.

Foi então que Elliot Haydon me chamou à parte, dizendo:

- Escute uma coisa. Vou voltar ao bosque. Aquela arma tem de ser encontrada.

- Se é que havia uma arma - eu acrescentei num tom de dúvida.

Ele segurou meu braço e o sacudiu com força dizendo:

- O senhor meteu na cabeça essa superstição. Está pen-sando que a morte dele foi uma coisa sobrenatural. Pois bem. Vou voltar ao bosque e verificar isso.

Eu me senti estranhamente infenso a que ele assim fizesse. Esforcei-me ao máximo para dissuadi-lo de tal coisa, sem resultado. A simples lembrança daquele espesso e denso círculo de árvores me abominava, e eu tive forte premonição de outro desastre. Mas Elliot era positivamente muito obstinado. Creio que também estava aterrorizado, mas não queria admiti-lo. E se foi, decidido a ir até o fundo do mistério.

A noite foi horrível. Nenhum de nós conseguiu dormir. Nem procurou fazê-lo. Quando a polícia chegou, mostrou-se francamente incrédula a respeito de tudo. Revelou o firme propósito de interrogar Miss Ashley, mas foi obrigada a concordar com o Dr. Symonds, que se opôs com veemência a essa ideia. Miss Ashley havia recobrado os sentidos, ou saído de seu estado de transe, e ele lhe dera um forte calmante para que ela dormisse. Não deveria ser de modo algum perturbada até o dia seguinte.

Só por volta das sete horas da manhã alguém se lembrou de Elliot Haydon. Foi então que Symonds de repente indagou onde ele estava. Informei o que Elliot havia feito, e a grave fisionomia de Symonds tornou-se ainda mais grave. Ele disse o seguinte:

- Eu estimaria que ele não tivesse feito isso. Foi teme-rário.

- Não está imaginando que possa ter acontecido alguma coisa de ruim a ele.

- Espero que não. Mas é melhor nós dois irmos veri-ficar.

Eu sabia que ele tinha razão, mas precisei reunir toda minha coragem para essa tarefa. Saímos juntos e tornamos a penetrar no malfadado bosque. Chamamos duas vezes por Elliot, na clareira, que apresentava um aspecto lívido e fantasmal àquela luz das primeiras horas da manhã. Symonds me agarrou pelo braço e disse alguma coisa, num sussurro. Na noite da véspera, quando nós tínhamos contemplado aquela clareira, ao luar, havia um corpo de homem, prostrado e com o rosto afundado na relva. Agora, à luz do amanhecer, tivemos a mesma

visão: Elliot Haydon jazia exatamente no mesmo lugar onde tombara seu primo.

- Meu Deus! - exclamou Symonds. - *Ela também o pegou!*

Nós atravessamos a relva, correndo. Elliot "Haydon ali estava, sem sentidos. Mas respirava débilmente. E dessa vez não havia qualquer dúvida a respeito da causa da tragédia. Em seu ferimento estava cravada uma longa e fina lâmina de bronze.

- Penetrou no ombro dele, mas não atingiu o coração. Foi sorte - comentou o médico. - Palavra de honra! Não sei o que pensar. De qualquer maneira, não está morto e poderá nos dizer o que aconteceu.

Isso foi exatamente o que Elliot não se mostrou capaz de fazer. Sua descrição dos fatos revelou-se extremamente imprecisa. Havia procurado a adaga, em vão. Por fim, desistindo da busca, permaneceu de pé junto à Casa do ídolo. Então começou a ficar cismado que alguém o estava observando, lá do cinturão de árvores. Lutou contra essa ideia, mas não conseguiu afastá-la da mente. Referiu-se a um estranho e frio vento que principiou a soprar. Parecia que esse vento não provém das árvores, mas do interior da Casa do Ídolo. Voltou-se e espiou para dentro dela. Avistou a pequena estátua e percebeu que havia tido uma ilusão de ótica. A estátua deu-lhe a impressão de crescer, crescer cada vez mais. Em seguida, inesperadamente levou um golpe entre as têmporas, que o fez retroceder, cambaleando. E quando caiu por terra, sentiu uma forte e abrasadora dor no ombro esquerdo.

Dessa vez a adaga foi identificada como idêntica à esca-vada no túmulo da colina, que havia sido comprada por Ri-chard Haydon. Ninguém parecia saber onde ele a guardara, em sua própria casa, na Casa do Ídolo ou no bosque.

A polícia foi de opinião, e sempre o será, que Haydon foi deliberadamente apunhalado por Miss Ashley. Mas diante de nosso testemunho unânime, de que ela sempre se mantivera a mais de três metros de distância dele, a polícia não poderia ter esperanças de dispor de fundamentos para acusá-la. Por esse motivo tudo permaneceu um mistério até agora.

Houve um momento de silêncio.

- Parece que não há nada a dizer - declarou finalmente Joyce Lemprière. - Tudo é tão horrível e estranho. O senhor tem alguma explicação a sugerir, Dr. Pender?

O velho médico fez que "sim" com a cabeça e disse:

- Certamente. Tenho uma explicação a dar, isto é, uma espécie de

explicação. E bastante curiosa, embora, a meu ver, deixa de esclarecer certos aspectos da questão.

- Eu frequentei sessões espíritas - declarou Joyce - e todos podem dizer o que quiserem, mas às vezes acontecem coisas muito estranhas. Suponho que o caso poderá ser expli-cado por alguma forma de hipnotismo. A moça realmente se transformou numa sacerdotisa de Astartéia e creio que, de algum modo, deve tê-lo apunhalado. Talvez tenha arremessado a adaga que Miss Mannering viu na mão dela.

- Ou poderá ter sido uma azagaia - sugeriu Raymond West. - Afinal de contas, o luar não era muito intenso. Ela talvez tenha tido nas mãos uma espécie de lança e atingido Haydon à distância. Suponho, ainda, que o hipnotismo coletivo explica as coisas. Eu quero dizer, todos estavam preparados para vê-lo abatido através de algum meio sobrenatural e, por esse motivo, assim o viram.

- Eu tenho presenciado muitas coisas maravilhosas feitas com armas e facas, em music halls - declarou Sir Henry. - Acredito ser possível que um homem tenha se ocultado no cinturão de árvores e, de lá, atirado uma faca ou uma adaga com suficiente precisão. Admitindo-se, sem dúvida, que fosse um profissional. Reconheço que isso parece bastante rebuscado, mas acredito ser a única teoria realmente possível. Lembrem-se de que o segundo homem teve a impressão de que havia alguém no Bosque a observá-lo. Quanto a Miss Mannering afirmar que Miss Ashley tinha uma adaga na mão, e os demais dizerem que não, isso nada me surpreende. Se as pessoas aqui reunidas tivessem minha experiência a respeito de descrições da mesma coisa, feitas por vários indivíduos, saberiam que elas diferem tanto umas das outras a ponto de parecer quase incríveis.

Mr. Petherick tossiu e observou o seguinte:

- Mas parece que estamos nos esquecendo de um fato essencial em todas essas teorias. O que aconteceu com a arma? Miss Ashley dificilmente poderia desfazer-se de uma azagaia, de pé num espaço fechado, como na realidade estava. E se um assassino ali oculto houvesse atirado o punhal, nesse caso o punhal estaria cravado no ferimento, quando o corpo do homem foi virado. Penso que devemos pôr de lado todas as teorias rebuscadas e nos ater à sobriedade dos fatos. E a que nos conduz a sobriedade dos fatos? Bem. Uma coisa parece perfeitamente clara. Ninguém se encontrava perto do homem quando ele foi abatido. Por isso a única pessoa que poderia tê-lo apunhalado foi ele próprio. Na realidade, tratou-se de um suicídio.

- Mas por que ele haveria de querer suicidar-se? - in-dagou Raymond West, num tom de incredulidade.

O advogado tossiu novamente, acrescentando:

- Ah! Isso é mais uma questão teórica. No momento eu não estou preocupado com teorias. Parece-me, excluído o sobrenatural, em momento algum eu o admito, que essa foi a única maneira de terem as coisas ocorrido. Ele se apunhalou e ao cair, seus braços se abriram, arrancando a adaga do ferimento e atirando-a longe, na zona das árvores. Acho que isso foi uma coisa possível, embora um tanto improvável.

- Eu não gostaria de afirmar uma coisa dessas - declarou Miss Marple. - Na verdade, tudo me deixa muito perplexa. Mas os fatos estranhos acontecem mesmo. No garden party de Lady Sharpley, no ano passado, um homem que estava consertando o relógio de golfe tropeçou num dos números, caiu e ficou desacordado, só recobrando os sentidos uns cinco minutos depois.

- Sim, minha prezada tia - disse Raymond amavelmente. - Mas não foi apunhalado.

- Decerto que não, meu querido. É o que estou lhe di-zendo. Não há dúvida que só houve um jeito de o pobre Sir Richard ter sido apunhalado. Mas eu gostaria de saber por que ele primeiro tropeçou. Poderá ter sido por causa da raiz de alguma árvore. Com certeza ele deveria estar olhando para a moça. E quando a noite é de luar, a gente tropeça nas coisas.

- A senhora está afirmando, Miss Marple, que a única maneira de Sir Richard ter sido apunhalado... - começou o pastor, olhando curiosamente para ela.

- Foi muito triste! Eu nem gosto de pensar nisso - acrescentou Miss Marple. - Ele não era canhoto, era? Eu quero dizer, não deveria ser porque se apunhalou no ombro esquerdo. Sempre tive tanta pena do pobre Jack Baynes! Foi durante a Guerra. Ele deu um tiro no próprio pé, todos de-vem lembrar-se, depois de uma luta muito áspera, em Arras. Ele me falou sobre isso quando fui visitá-lo no hospital. Estava tão envergonhado! Espero que esse pobre homem, Elliot Haydon, não tenha tirado muito proveito de seu perverso crime.

- Elliot Haydon! - exclamou Raymond. - A senhora acha que foi ele?

- Não sei quem possa ter sido a não ser ele - afirmou Miss Marple, arregalando os olhos com uma ligeira expressão de surpresa. - Quero dizer, como Mr. Petherick tão criteriosamente sempre afirma, que a gente

deve olhar os fatos e deixar de lado toda aquela atmosfera da deusa, pagã, que eu não acho muito decente.

- Primeiro ele se aproximou do homem e o virou. Naturalmente, para fazer o que ia fazer, teria de estar voltado de costa para todos. E fantasiado de chefe pirata, com certeza usava alguma espécie de cinto. Eu me lembro de ter dançado com um homem fantasiado de chefe pirata, quando era moça. Tinha cinco qualidades de facas e punhais, e eu lhes digo como aquilo era estranho e pouco confortável para seu par.

Todos os olhos estavam voltados para o Dr. Pender.

- Eu soube a verdade - disse ele - cinco anos após a tragédia ter ocorrido. Chegou-me sob a forma de uma carta a mim dirigida por Elliot Haydon. Nela afirmou imaginar que eu sempre suspeitara dele. Declarou que havia sido dominado por uma tentação súbita. Também estava apaixonado por Diana Ashley, mas era apenas um pobre advogado, que lutava pela vida. Se Richard fosse afastado e ele herdasse seu título e suas propriedades, isso lhe abriria maravilhosas perspectivas. O punhal saltara-lhe do cinto quando se ajoelhou ao lado do primo. Praticamente antes de ter tempo sequer para refletir, cravou-lhe o punhal, tornando a colocá-lo no cinto. Posteriormente ele se apunhalou para afastar quaisquer suspeitas. Escreveu a mim na véspera de partir para uma expedição ao Pólo Sul, caso nunca mais voltasse, conforme declarou. Não penso que pretendesse voltar e sei, como afirmou Miss Marple, que não tirou o menor proveito do crime. Durante quatro anos, disse ele, viveu num verdadeiro inferno. Esperava, segundo disse, poder pelo menos expiar seu crime, morrendo com honra.

Houve uma pausa.

- E de fato ele morreu com honra - declarou Sir Henry. - O senhor trocou os nomes em sua história, Dr. Pender. Mas eu penso que estou reconhecendo a pessoa a que se refere.

- Como eu disse - prosseguiu o velho pastor - não acho que a explicação abranja todos os fatos. Ainda acredito que havia uma influência maligna naquele bosque, que gerou a ação de Elliot Haydon. Mesmo hoje eu jamais consigo pen-sar, sem estremecer, na Casa do Ídolo de Astartéia.

3
As Barras de Ouro

NÃO SEI SE O CASO que eu vou lhes contar é válido - disse Raymond West - porque não lhes posso dar a solução dele. Mas os fatos foram tão interessantes e curiosos que eu gostaria de lhes propor o problema. Talvez nós possamos, juntos, chegar a alguma conclusão lógica.

Os acontecimentos ocorreram há dois anos quando fui passar a Festa de Pentecostes na casa de um homem chamado John Newman, na Cornualha.

- Na Cornualha? - interrompeu Joyce Lemprière viva-mente.

- Sim. Por quê?

- Por nada. É apenas estranho. Minha história também é sobre um lugar na Cornualha. Uma pequena vila de pescadores chamada Rathole. Não me diga que a sua é a mesma.

- Não. Minha vila se chama Polperram. Fica na costa ocidental da Cornualha. £ um lugar selvático e rochoso. Eu tinha sido apresentado àquele homem algumas semanas antes e o achara um companheiro muito interessante. Era inteligente, tinha recursos, independente e dotado de imaginação romântica. Por causa de seu último hobby, havia alugado Pol House. Era uma autoridade na Era Elizabetana e me descreveu, em linguagem vívida e pitoresca, a destruição da Armada Espanhola. Mostrou-se tão entusiasmado que se poderia quase pensar que havia sido testemunha ocular da cena. Haverá alguma verdade na reencarnação? Eu fico pensando nisso, pensando muito nisso.

- Você é tão romântico, meu querido Raymond - co-mentou Miss Marple, olhando para ele com benevolência.

- Romântico será a última coisa que eu sou - declarou Raymond West, meio aborrecido. - Mas esse tal Newman era romântico de verdade, e me interessou, por esse motivo, como uma estranha sobrevivência do passado. Parece que um certo navio, pertencente à Armada, e que se sabia conter um grande tesouro sob a forma de ouro proveniente do "Mar Espanhol", naufragara ao largo da costa da Cornualha, nos famosos e traiçoeiros Rochedos da Serpente. Durante alguns anos, assim me contou Newman, haviam sido realizadas várias tentativas para resgatar o navio e recuperar o tesouro. Creio que

histórias desse tipo são comuns, embora o número de lendários navios de tesouros seja muito superior ao dos verdadeiros. Fora constituída uma empresa, mas falira, e Newman havia conseguido comprar os direitos sobre a "coisa", ou que outro nome se dê a isso, por uma ninharia. Tinha ficado cheio de entusiasmo. Em sua opinião, tratava-se apenas de uma questão do emprego de maquinaria mais moderna e científica. O ouro lá estava, e ele não tinha a menor dúvida de que poderia ser recuperado.

Enquanto eu o escutava, ocorreu-me quantas vezes aconteciam coisas assim. Um homem rico como Newman consegue obter êxito quase sem esforço. No entanto, com todas as probabilidades o valor real do dinheiro que descobrisse pouco significaria para ele. Devo dizer que seu entusiasmo me contagiou. Vi galeões desgarrados e à deriva pela costa, correndo em meio às tempestades, batidos e despedaçados de encontro a negros rochedos. A simples palavra galeão possui uma sonoridade romântica. A expressão "ouro espanhol" enche de emoção um menino de escola e também qualquer adulto. Além disso, naquela época eu estava trabalhando num romance do qual alguns episódios se situavam no século XVI, e encarei a perspectiva de obter valiosa cor local junto ao meu anfitrião.

Parti da Estação de Paddington numa sexta-feira pela manhã, de moral elevado, pensando em minha viagem. O carro do trem estava vazio, exceto quanto à presença de um homem que se acomodou diante de mim, no canto oposto do banco. Era alto, de aspecto marcial, e eu não pude deixar de ter a impressão de que já o vira antes, em algum lugar. Dei tratos à memória durante algum tempo, mas em vão. Finalmente, cheguei à conclusão de que meu companheiro de viagem era o Inspetor Badgworth, que eu encontrara quando estava escrevendo uma série de artigos sobre o caso do desaparecimento de Everson.

Lembrei-lhe esse fato e, dentro de pouco tempo, estáva-mos conversando de maneira bastante agradável. Quando lhe disse que ia para Polperram, ele observou que isso era uma estranha coincidência, pois ele próprio também se destinava ao mesmo lugar. Não quis parecer intrometido, por isso tive o cuidado de não indagar que motivos aí o levavam. Em vez disso, falei sobre meu próprio interesse a respeito do lugar, e mencionei o galeão espanhol que nele naufragara. Com surpresa pata mim, o inspetor parecia estar informado sobre tudo que se referia ao assunto, pois declarou o seguinte:

- Deve ser o *Juan Fernandez*. Seu amigo não será o primeiro a

enterrar muito dinheiro, tentando obter uma fortuna com esse navio. E uma ideia romântica.

- Provavelmente toda a história não passa de um mito - eu acrescentei. - Nenhum navio aí naufragou.

- O navio aí naufragou mesmo, com toda certeza - disse o Inspetor - ao lado de um bom número de outros. O senhor ficaria surpreendido se soubesse quantos naufrágios ocorrem nesse trecho da costa. De fato isso é que agora me leva até lá. Foi onde o *Otranto* naufragou há seis meses.

- Lembro-me de ter lido alguma coisa sobre o assunto - eu comentei. - Creio que não houve perda de vidas.

- Não. Ninguém morreu - declarou o Inspetor. - Mas perdeu-se outra coisa. Geralmente não sabe disso, mas o *Otranto* estava carregado de ouro em barras.

- Sim? - indaguei muito interessado.

- Naturalmente nós empregamos mergulhadores na operação de salvamento, *mas o ouro havia desaparecido,* Mr. West.

- Desaparecido? - disse eu, fitando meu interlocutor.

- Como poderá ter desaparecido?

- Esse é o problema - prosseguiu o Inspetor. - As rochas abriram um grande rombo na casa forte do barco. Assim, foi bem fácil para os mergulhadores nela penetrar. Mas encontraram essa casa forte vazia. A dúvida é a seguinte: o ouro terá sido roubado antes ou depois do naufrágio? E terá jamais estado na casa forte?

O caso parece bem estranho - eu acrescentei.

- É muito estranho quando se considera a natureza do ouro em barras. Não se trata de um colar de diamantes, que uma pessoa possa enfiar no bolso. Quando se pensa como o ouro em barras é pesado e volumoso! Bem, a coisa parece absolutamente impossível. Poderá ter havido alguma escamoteação do ouro, antes de o navio zarpar. Mas se isso não aconteceu, o ouro deve ter sido retirado do navio nos últimos seis meses, e eu vou até lá para examinar o assunto.

Encontrei Newman à minha espera na estação. Descul-pou-se por não ter vindo de carro, que tinha mandado a Truro para uns reparos. Em vez do carro, viera buscar-me num caminhão que pertencia à propriedade.

Sentei-me ao seu lado e fomos serpenteando cuidadosa-mente pelas estreitas ruas da vila de pescadores. Subimos uma ladeira íngreme, que teria, digamos, um gradiente de vinte por cento. E o carro

parou nos portões de colunas de granito, de Pol House.

A casa era encantadora. Localizava-se no alto dos penhascos e dela se descortinava uma linda vista do mar. Uma parte da construção teria trezentos ou quatrocentos anos, tendo-lhe sido acrescentada uma ala moderna. Por detrás da casa estendiam-se terras aráveis, cerca de quatro hectares.

- Seja bem-vindo a Pol House - disse Newman. - E ao Emblema do Galeão de Ouro. - Apontou para um ponto, no alto da porta de entrada, onde estava dependurada uma perfeita reprodução de um galeão espanhol, com todo seu velame desfraldado.

Aquela primeira noite foi muito encantadora e instrutiva. Meu anfitrião mostrou-me velhos manuscritos referentes ao *Juan Fernandez*. Desdobrou mapas, indicou posições sobre os mesmos, marcadas por linhas pontilhadas, e exibiu aparelhagem de mergulho que, posso dizer, me deixaram completamente perplexo.

Referi-me ao encontro que tivera com o Inspetor Badgworth, assunto pelo qual mostrou vivo interesse.

- As pessoas são muito esquisitas nesta costa - disse ele pensativamente. - O contrabando e os restos de naufrágios estão na massa de seu sangue. Quando um navio afunda aqui no litoral, não podem deixar de considerar que sua pilhagem é legal. Destina-se aos seus bolsos. Aqui há um homem que eu gostaria que você conhecesse. É uma interessante sobrevivência do passado.

O dia seguinte amanheceu luminoso e límpido. Eu fui levado a Polperram e apresentado ao mergulhador de Newman, um tal de Higgins. Era um tipo de fisionomia inexpressiva, extremamente taciturno, e sua contribuição à nossa conversa constituiu-se quase só de monossílabos. Após um diálogo entre eles a respeito de assuntos muito técnicos, fomos até o bar das Três Âncoras. Um canecão de cerveja de certo modo contribuiu para soltar a língua daquele bom homem.

- Chegou um detetive de Londres - ele resmungou. - Dizem que o navio que afundou aqui, em novembro passado, estava transportando uma imensa quantidade de ouro. Bem. Não foi o primeiro a ir ao fundo, nem será o último.

- Apoiado! - assentiu com entusiasmo o dono do Três Âncoras. - Você está falando a verdade, Higgins Bill?

- Eu acho que sim, Mr. Kelvin - afirmou Higgins.

Olhei com certa curiosidade para o dono da taverna. Era um homem de aspecto invulgar, moreno e bronzeado pelo sol, de ombros

excepcionalmente largos. Tinha os olhos injetados e um jeito curiosamente furtivo de evitar o olhar dos outros. Suspeitei que fosse a pessoa de quem Newman me havia falado, dizendo que era um sobrevivente do passado.

- Não queremos estrangeiros intrometidos nesta costa - disse ele de um jeito um tanto truculento.

- O senhor se refere à polícia? - indagou Newman com um sorriso.

- À polícia e a outras pessoas - respondeu Kelvin de maneira significativa. - O senhor não se esqueça disso.

- Você quer saber de uma coisa, Newman - eu comentei enquanto subíamos a colina, de volta para casa. - Aquilo me deu forte impressão de ser uma ameaça. Meu amigo desatou a rir, dizendo:

- Tolice. Eu não faço nenhum mal às pessoas daqui.

Eu sacudi a cabeça, com um ar de dúvida. Havia algo de sinistro e pouco civilizado nas maneiras de Kelvin. Senti que a mente daquele homem poderia percorrer estranhos e insuspeitados caminhos.

Creio que posso marcar o início do meu mal-estar a partir daquele momento. Eu dormira razoavelmente bem naquela primeira noite, mas, na seguinte, meu sono foi agitado e interrompido. O domingo amanheceu sombrio e lúgubre, com um céu carregado e ameaçando trovoada. Eu nunca consigo ocultar minhas emoções, e Newman notou aquela mudança em mim.

- O que está havendo com você, West? Esta manhã você parece um feixe de nervos.

- É o tempo.

- Talvez seja isso.

Eu não disse mais nada. À tarde nós saímos a passeio na lancha de Newman, mas a chuva desabou com tanta violência que nós ficamos bem satisfeitos quando voltamos para a praia e vestimos roupas secas.

Naquela noite meu mal-estar aumentou. Lá fora a tempestade rugia e ululava. Por volta das dez horas, amainou. Newman foi olhar a cara do tempo.

- O céu está limpando - disse ele. - Eu não me admiraria se nós tivéssemos uma linda noite dentro de meia hora. Se isso acontecer, irei dar uma caminhada a pé.

Eu bocejei e disse:

- Estou com um sono terrível. Acho que não dormi bas-tante na noite passada. Creio que hoje vou cedo para a cama.

E assim fiz. Na noite anterior eu dormira pouco. Naquela noite meu

sono foi pesado, embora não reparador. Eu ainda estava oprimido pelo terrível presságio de algum mal iminente. Tive pesadelos horríveis. Sonhei com abismos amedrontadores e com vastas ravinas entre as quais eu vagueava, sabendo que um simples escorregão significaria a morte. Levantei-me e vi que meu relógio marcava oito horas. Eu estava com uma forte dor de cabeça, e ainda dominado pelo terror dos meus sonhos daquela noite.

Esse terror era tão violento que ao dirigir-me à janela, abrindo-a, recuei dominado por uma nova sensação de terror: a primeira coisa que vi, ou julguei ver, foi um homem cavando uma sepultura.

Levei uns dois minutos para me refazer. Então percebi que o coveiro era o jardineiro de Newman. E o "túmulo" se destinava a acomodar três novas roseiras que estavam sobre a relva, aguardando o momento em que deveriam ser firmemente plantadas.

O jardineiro ergueu os olhos e levou a mão ao chapéu, dizendo:

- Bom dia, meu senhor. Que linda manhã!

- Estou de acordo com você - eu declarei num tom inseguro, ainda incapaz de livrar-me de todo daquela depressão.

Mas, como afirmara o jardineiro, a manhã era sem dúvida muito bela. Estava fazendo sol e o céu, de um límpido azul-claro, prometia bom tempo para aquele dia. Desci para fazer minha refeição matinal, assobiando. As empregadas de Newman não dormiam em sua casa. Duas irmãs, de meia idade, que moravam num sítio vizinho, vinham diariamente fazer o serviço, que era muito simples. Uma delas estava colocando a cafeteira sobre a mesa quando eu entrei na sala e disse:

- Bom dia, Elizabeth. Mr. Newman ainda não desceu?

- Ele deve ter passado toda a noite fora - ela respondeu. - Não estava em casa quando eu cheguei.

Naquele instante meu mal-estar recomeçou. Nas duas manhãs anteriores, Newman descera para o café da manhã um pouco tarde e eu imaginei que ele não gostasse de levantar-se cedo. Movido por um mau pressentimento corri até seu quarto. Estava vazio e, sem dúvida, ninguém dormira em sua cama. Um rápido exame do aposento me revelou outras duas coisas: se Newman tivesse saído para dar uma caminhada, deveria ter feito isso com a roupa que vestira à noite, porque não se encontrava no quarto.

Então tive certeza de que minha premonição era justifi-cada. Newman havia saído, como dissera, para dar um passeio a pé naquela noite. Por algum motivo, não voltara para casa. Por quê? Teria sofrido

algum acidente? Caído do alto de um penhasco? Era preciso realizar uma busca imediata.

Ao cabo de algumas horas, eu já reunira um grande grupo de ajudantes, e nós demos uma busca minuciosa ao longo dos penhascos e rochedos. Não havia o menor sinal de Newman.

Finalmente, desesperado, procurei o Inspetor Badgworth. Seu rosto assumiu uma expressão muito grave.

- Parece-me ter sido feita alguma coisa perversa - disse ele. - Este lugar tem alguns frequentadores não muito escrupulosos. O senhor já conhece Kelvin, o dono do Três Âncoras?

Eu respondi afirmativamente.

- O senhor sabia que ele cumpriu uma pena de prisão há quatro anos? Por assalto e agressão.

- Isso não me surpreende.

- A opinião unânime, aqui no lugar, é a de que seu amigo gosta um pouco demais de intrometer-se no que não é de sua conta. Espero não lhe tenha acontecido nada de muito grave.

A busca prosseguiu com redobrado empenho. A tarde já ia avançada quando nossos esforços foram recompensados. Encontramos Newman caído numa funda vala, num dos confins de sua propriedade. Estava com as mãos e Os pés fortemente amarrados por uma corda, tendo-lhe sido enfiado um lenço na boca para amordaçá-lo e não poder gritar por socorro.

Estava exausto e sentia fortes dores. Mas depois de fric-cionarmos seus pulsos e tornozelos e de tê-lo feito tomar Um grande gole de uísque, conseguiu descrever o que lhe acontecera.

O tempo havia limpado e ele saíra para dar um passeio a pé, isso por volta das onze horas. Sua caminhada o levara a certa distância, ao longo dos penhascos, até um ponto conhecido geralmente pelo nome de Angra dos Contrabandistas, por causa do grande número de cavernas nele existentes. Tendo observado que alguns homens estavam desembarcando de um pequeno barco, aproximou-se para ver o que estava acontecendo. A mercadoria retirada do barco pareceu-lhe muito pesada e estava sendo transportada para uma das cavernas mais remotas.

Apesar de não ter qualquer suspeita fundada de que houvesse algo de errado naquilo, Newman ficou pensando no que seria. Tinha se acercado bastante dos homens, sem ser visto. De repente, ouviu um brado de alarme e, imediatamente, dois robustos marujos caíram sobre

ele e o deixaram sem sentidos. Quando voltou a si, estava deitado num veículo a motor, que avançava aos trancos e barrancos, tanto quanto pode concluir, pela estrada que se estendia da costa até a vila. Com grande surpresa para ele, o caminhão parou diante do portão de sua própria casa. Aí, depois de uma troca de palavras sussurradas, os homens finalmente o tiraram do veículo e o arremessaram numa vala, num ponto cuja profundidade tornava pouco provável fosse encontrado durante algum tempo. Em seguida o caminhão se afastou e, segundo acreditou ele, saiu por outro portão situado a uns quatrocentos metros da vila. Não conseguiu descrever os assaltantes, salvo quanto ao fato de que eram, sem dúvida, homens do mar e, pelo seu sotaque, da Cornualha.

O Inspetor Badgworth mostrou-se muito interessado.

- Acreditem, lá é que a coisa foi escondida - disse ele.

- Salvados de algum naufrágio, armazenados numa caverna solitária, em determinado lugar. Todos sabem que nós demos uma busca em todas as cavernas da Angra dos Contrabandistas e que agora vamos sair em campo mais adiante. Eles evidentemente removeram o material durante a noite para alguma caverna já vasculhada, sendo improvável que seja objeto de uma nova busca. Infelizmente tiveram pelo menos dezoito horas para dispor da mercadoria. Se apanharam Mr. Newman na noite passada, duvido que agora possamos encontrar alguma coisa.

O Inspetor saiu apressadamente para realizar uma busca. Encontrou provas decisivas de que as barras de ouro haviam sido armazenadas onde supunha, mas tinham sido daí removidas, não havendo qualquer pista que levasse ao seu novo esconderijo.

Mas existia, sim, uma pista, e o próprio Inspetor a indicou a mim na manhã seguinte.

- Essa estrada é muito pouco usada por veículos a motor -disse ele - e em dois ou três pontos nós recolhemos vestígios de marcas de pneus, muito nítidas. Uma delas, de três pontos de um pneu, é inconfundível. Mostra que o carro atravessou o portão. Em certos lugares, há uma leve marca que nos indica haver o veículo saído pelo outro portão. Por isso não há grandes dúvidas de que se trata do veículo que estamos procurando. Por que os homens saíram pelo portão mais distante? Parece-me evidente que o caminhão veio da vila. Bem, não há, na vila, muita gente que possua um caminhão, no máximo duas ou três pessoas. Kelvin, o dono do Três Âncoras, tem um.

- Qual era a ocupação anterior de Kelvin? - indagou Newman.

- É curioso que o senhor me faça essa pergunta, Mr. Newman - disse o Inspetor. - Kelvin foi mergulhador pro-fissional, quando moço.

Newman e eu nos entreolhamos. As peças do quebra-cabeça pareciam estar se encaixando, uma após outra.

- O senhor não reconheceu Kelvin entre os homens que estavam na praia? - perguntou o Inspetor.

Newman sacudiu a cabeça num gesto de negação e acrescentou:

- Lamento não ser capaz de afirmar coisa alguma quanto a isso. Realmente não tive tempo de ver nada.

O Inspetor, muito gentilmente, permitiu que eu o acompanhasse até o Três Âncoras. A garagem ficava no alto de uma rua transversal. Suas grandes portas estavam fechadas, mas, subindo por uma pequena alameda lateral, encontramos uma pequena porta que dava acesso à garagem. Estava aberta. Um exame superficial dos pneus bastou ao Inspetor, que exclamou:

- Por Deus! Nós pegamos o homem. Aqui está a marca, clara como água, na roda traseira esquerda. Muito bem, Mr. Kelvin. Creio que o senhor não será esperto bastante para sa-far-se.

Raymond West fez uma pausa.

- E daí? - indagou Joyce. - Até agora eu não vejo nada que seja um problema. A menos que eles nunca tenham encontrado o ouro.

- Não há dúvida. Nunca o encontraram - declarou Raymond. - E também não apanharam Kelvin. Creio que o homem se mostrou esperto demais para eles, mas não percebo muito bem como agiu. Foi preso, diante da prova da marca do pneu. Mas surgiu uma dificuldade excepcional. Bem em frente às grandes portas da garagem havia um chalé que fora alugado por uma artista, naquele verão.

- Ah, essas artistas! - exclamou Joyce, dando uma risada.

- Como você diz, ah, essas artistas! - prosseguiu Raymond. - A artista tinha estado doente durante algumas semanas e, por causa disso, era atendida por duas enfermeiras. A enfermeira que trabalhava de noite puxara uma poltrona para junto da janela, cuja persiana estava levantada. Declarou que o caminhão não poderia ter saído da garagem em frente sem que o tivesse visto, e jurou que ele de fato jamais saíra da garagem naquela noite.

- Eu não acho que isso constitua um grande problema - declarou Joyce. - Sem dúvida a enfermeira adormeceu. As enfermeiras sempre fazem isso.

— E sabido que isso acontece - afirmou Mr. Petherick judiciosamente. - Mas parece que estamos aceitando os fatos sem suficiente exame. Antes de admitir o testemunho da enfermeira, deveríamos investigar muito seriamente se ele merece crédito. Um álibi que se apresenta com rapidez tão suspeita dá origem a dúvidas em nossas mentes.

- Houve também o depoimento da artista - declarou Raymond. - Ela afirmou que estava sentindo dores e que ficara acordada durante a maior parte da noite. Teria certamente ouvido o barulho do caminhão, que seria fora do comum. E a noite tinha sido muito tranquila, depois de ter amainado a tempestade.

- Hum - fez o pastor. - Isso certamente constituiu mais um fato. Kelvin apresentou algum álibi?

- Disse que tinha ficado em casa, deitado, desde as dez horas - respondeu Raymond. - Mas não conseguiu apresentar testemunhas que confirmassem isto.

- A enfermeira dormiu - declarou Joyce. - E a doente também. As pessoas doentes pensam que nunca pregam os olhos durante a noite inteira.

Raymond olhou inquisidoramente para o Dr. Pender, que comentou o seguinte:

- Sabem que eu tenho muita pena de Kelvin? Parece que se trata de um desses casos de atirar uma má reputação aos cães. Kelvin havia estado na prisão. Além da marca do pneu, que certamente se afigura uma coisa muito fora do comum para constituir mera coincidência, tudo indicava não haver grande coisa contra ele, salvo seu infeliz passado.

- E o senhor o que acha Sir Henry? - indagou Raymond.

Sir Henry sacudiu a cabeça e declarou, sorrindo:

- Acontece que eu conheço o caso. Por isso é claro que não devo me pronunciar.

- Então vamos adiante - disse Raymond. A senhora tem alguma coisa a dizer, tia Jane?

- Um minuto, querido. Acho que errei na conta dos meus pontos. Dois invertidos, três simples, esticar o fio, mais dois invertidos. Sim. Está certo. O que você disse, meu caro?

- Qual é sua opinião? - indagou Raymond.

- Você não vai gostar da minha opinião. Os jovens nun-ca apreciam as opiniões dos mais velhos. É melhor eu não di-zer nada.

- Que tolice, tia Jane. Vamos! Fale!

- Bem, meu querido Raymond - declarou Miss Marple, descansando o tricô no colo e olhando para o sobrinho. - Eu acho que você deveria ter mais cuidado na escolha de seus amigos. Você é tão crédulo! Tão facilmente enganado! Eu creio que é porque você é escritor e tem tanta imaginação! Toda aquela história a respeito do galeão espanhol! Se você tivesse mais idade e mais experiência da vida, teria ficado imediatamente desconfiado. Um homem que você tinha conhecido apenas três semanas antes!

Subitamente Sir Henry soltou uma estrondosa gargalhada e deu um tapa no joelho, dizendo:

- Desta vez você foi apanhado, Raymond. Miss Marple, a senhora é maravilhosa. Seu amigo Newman, meu rapaz, tem outro nome. Na verdade tem vários. No presente momento não se encontra na Cornualha, mas no Devonshire, em Dartmoor, para ser exato. É um condenado e se acha na prisão de Princetown. Nós não o agarramos por causa do negócio das barras de ouro roubadas, mas pelo assalto da casa forte de um banco em Londres. Investigamos seus antecedentes e descobrimos uma grande parte do ouro roubado, enterrado no jardim de Pol House. Foi uma ideia bem pensada que ele teve. Ao longo de toda a costa da Cornualha circulam histórias de galeões naufragados, cheios de ouro. Mas era necessário encontrar um bode expiatório e Kelvin foi a pessoa ideal para isso. Newman representou muito bem sua pequena comédia e nosso amigo Raymond, com sua fama de escritor, foi uma testemunha irrefutável.

- E a marca do pneu? - objetou Joyce.

- Eu já vi isso uma vez, minha querida, embora não entenda nada de motores - observou Miss Marple. - As pes-soas trocam as rodas, você sabe... Já vi muitas vezes fazerem isso. Naturalmente, poderiam tirar uma roda do caminhão de Kelvin e levá-la pela pequena porta até a alameda, colocá-la no caminhão de Newman, levar o caminhão por um portão até à praia, enchê-lo e, em seguida, trazer a roda de volta, colocando-a de novo no caminhão de Mr. Kelvin. Enquanto isso, eu suponho, mais alguém estava amarrando Mr. Newman na vala. Foi muito inconfortável para ele e demorou muito tempo para que fosse encontrado. Muito mais do que havia esperado. Creio que o homem que se dizia jardineiro dele cuidou dessa parte da questão.

- Por que a senhora afirma que o homem se dizia jardi-neiro, tia Jane? - indagou Raymond, cheio de curiosidade.

- Bem, ele não poderia ser um jardineiro de verdade - prosseguiu

Miss Marple. - Os jardineiros nunca trabalham na segunda-feira de Pentecostes. Todo mundo sabe disso.

Ela sorriu e dobrou o tricô.

- Foi realmente esse pequeno fato que me colocou na pista certa - e olhou para Raymond, acrescentando: - Quando uma pessoa é dona de casa e tem um jardim, meu caro, sabe essas pequenas coisas.

4
A Calçada Tinta de Sangue

É CURIOSO, declarou Joyce Lemprière, mas eu estou relutando em contar minha história. Aconteceu há muito tempo, há cinco anos, exatamente. Mas é uma coisa de que eu nunca me esqueço. Seu agradável e luminoso aspecto exterior e todo aquele horror oculto por baixo de tudo. O estranho é que o esboço que eu fiz naquela ocasião ganhou as cores dessa atmosfera. Quando se olha para ele pela primeira vez, vê-se apenas um desenho que representa uma pequena e íngreme rua da Cornualha, banhada pelo sol. Mas se for contemplado durante mais algum tempo, algo de sinistro nele se insinua. Eu nunca vendi esse quadro, mas jamais olho para ele. Fica num canto de meu estúdio, virado contra a parede.

O nome do lugar é Rathole. É uma pequena vila de pescadores, na Cornualha, muito pitoresca, talvez até demais. Possui em excesso aquela atmosfera de "Velha Casa de Chá da Cornualha". Tem lojas com jovens de cabelos curtos e longas blusas de camponesas, que ficam desenhando lemas sobre pergaminho, iluminados a mão. A vila é bonita e estranha. Mas tudo isso de um modo artificial.

- Como eu conheço isso! - comentou Raymond West, suspirando. - A praga das jardineiras floridas. Não importa que sejam estreitas as veredas que levam até essas vilas tão pitorescas. Nenhum desses lugares é seguro.

Joyce concordou com um sinal de cabeça, e prosseguiu:

- Umas estreitas vielas que vão dar em Rathole, muito íngremes, parecem as paredes de uma casa. Bem. Continuando minha história, eu tinha ido à Cornualha para aí passar duas semanas, com a intenção de desenhar. Há uma velha hospedaria na vila, Polharwith Arms. Dizem que é a única construção que ficou de pé quando os espanhóis bombardearam o lugar, no ano de mil quinhentos e tantos.

- Não foi bombardeado - comentou Raymond West, franzindo a testa. - Procure ser exata em matéria de história, Joyce.

- Bem, como quer que seja - continuou Joyce -, eles desembarcaram canhões em algum ponto da costa, fizeram fogo e as casas desabaram. A hospedaria era uma antiga e maravilhosa construção, com uma

espécie de varanda em frente, sustentada por quatro colunas. Arranjei um ângulo muito favorável e estava precisamente me instalando para trabalhar quan-do um automóvel veio chegando devagar, serpenteando morro abaixo. Com certeza iria parar em frente à hospedaria, logo no lugar que me atrapalharia mais. Saíram do carro duas pessoas, um homem e uma mulher, mas eu não reparei muito nelas. A mulher estava com um vestido de linho lilás e usava um chapéu da mesma cor.

Logo em seguida o homem partiu no carro e eu fiquei muito grata porque ele se dirigiu até o cais e lá o deixou. Voltou a pé e passou diante de mim, encaminhando-se para a hospedaria. Naquele momento, outro abominável carro veio ziguezagueando e dele saiu uma mulher, com um vestido de *chintz*, da cor mais berrante que eu já vi. Creio que tinha umas poinsétias escarlates. Ela estava usando um desses grandes e típicos chapéus de palha. Um panamá, não é assim que se chamam? Escarlate vivo.

Essa criatura não parou diante da hospedaria. Dirigindo o carro até mais além, desceu a rua em direção ao outro carro. Em seguida, saiu do automóvel e, quando o homem a viu, soltou uma exclamação de espanto: "Carol, que maravilha! Imagine só encontrar você nesse lugar tão remoto! Há. anos que não nos víamos! Viva! Lá está minha mulher, Margery. Você precisa conhecê-la".

Os dois subiram a rua em direção à hospedaria, um ao lado do outro, e eu reparei que a mulher dele acabara de transpor a porta e vinha caminhando em direção ao par. Eu vira apenas de relance a que se chamava Carol, quando ela passou por mim. Isso foi suficiente para que eu reparasse seu queixo muito branco de pó-de-arroz e sua boca, de um vivo escarlate.

Fiquei só imaginando, apenas imaginando, se Margery iria ter grande prazer em conhecê-la. Eu não vira Margery de perto, mas, à distância, ela me pareceu deselegante, mas bem arranjada demais.

Bem! Aquilo naturalmente não era da minha conta, mas às vezes a gente vislumbra pequenos aspectos da vida e não consegue deixar de especular sobre eles. Do ponto em que aquelas pessoas estavam eu só conseguia ouvir uns fragmentos de sua conversa, que chegavam até onde eu me encontrava. Falavam sobre banhos de mar. O marido, cujo nome parecia ser Denis, pretendia tomar um barco, e remar ao longo da costa. Havia uma famosa caverna que valia a pena ser vista, assim disse ele, a cerca de um quilômetro e meio de distância. Carol também queria visitar a caverna, mas sugeria ir caminhando pelos rochedos e

vê-la do lado da terra. Disse que detestava barcos. Finalmente, decidiram o seguinte: Carol tomaria o atalho dos rochedos e iria encontrá-los na caverna, ao passo que Denis e Margery pegariam um barco e iriam remando ao longo da costa.

Ouvindo que falavam em banho de mar, isso me levou querer fazer o mesmo. A manhã era muito quente e eu não estava realizando um trabalho tão bom assim. Imaginei que o sol da tarde teria um efeito muito mais interessante. Por isso arrumei minhas coisas e segui para uma praia que eu conhecia, situada exatamente na direção oposta à caverna: era uma descoberta minha. Lá tomei um ótimo banho de mar, almocei língua enlatada e dois tomates e voltei, à tarde, para continuar meu esboço, cheia de confiança e entusiasmo.

Todos os moradores de Rathole pareciam estar dormindo. Eu tivera razão a respeito do sol da tarde: as sombras eram muito mais expressivas. Polharwith Arms era o ponto principal do meu desenho. Um raio de sol caía obliquamente até o chão, diante da hospedaria, produzindo um efeito bastante singular. Deduzi que as pessoas que tinham ido tomar banho de mar já haviam voltado sãs e salvas porque duas roupas de banho, uma escarlate e a outra azul-escura, estavam penduradas na sacada, secando ao sol.

Alguma coisa não havia dado certo num dos cantos do meu esboço e eu me debrucei sobre ele durante alguns momentos, tentando fazer algo para consertá-la. Quando tornei a erguer os olhos, um vulto estava apoiado numa das colunas de polharwith Arms, dando a impressão de ter ali surgido por um passe de mágica. Vestia umas roupas de marinheiro e creio que era pescador. Mas tinha umas longas barbas negras, e se eu estivesse procurando o modelo de um perverso capitão espanhol, não poderia haver imaginado ninguém melhor. Comecei a trabalhar com uma rapidez febril antes que ele se afastasse, embora, por sua atitude, parecesse perfeitamente disposto a ficar apoiado naquela coluna por toda a eternidade.

No entanto ele se moveu, felizmente só quando eu já havia conseguido o que desejava, Aproximou-se e começou a conversar comigo. E como aquele homem falava!

- Rathole é um lugar muito interessante - disse ele.

Eu já sabia disso. E embora tenha lhe dito a mesma coisa, isso não me salvou. Fui obrigada a ouvir toda a história do bombardeio, quero dizer, da destruição da vila. E mais, como o dono de Polharwith Arms havia sido o último homem a ser morto. Foi trespassado pela espada de

um capitão espanhol, na soleira de sua porta. Seu sangue jorrou na calçada e ninguém conseguiu lavar a mancha desse sangue durante cem anos.

Tudo aquilo se ajustava muito bem à impressão de langor e indolência causada por aquela tarde. A voz do homem era muito suave e, ao mesmo tempo, possuía algo de bastante atemorizador. Tinha maneiras obsequiosas, mas eu senti que ele, no íntimo, era cruel. Fez-me pensar na Inquisição e nos terrores de todas as coisas que os espanhóis fizeram melhor do que antes deles.

Durante todo tempo que ele falava eu continuei meu trabalho e, de repente, percebi, na emoção de ouvir sua história, que eu pusera alguma coisa que antes não havia em minha tela. Naquele quadrado branco da calçada, onde o sol incidia diante da porta de Polharwith Arms, eu pintara manchas de sangue. Pareceu-me extraordinária que minha mente pudesse pregar uma peça daquela natureza à minha mão. Mas olhei novamente em direção à taverna e experimentei outro choque: minha mão pintara apenas o que meus olhos estavam enxergando: gotas de sangue sobre a calçada branca.

Fiquei de olhos pregados naquilo durante uns dois ou três minutos. Depois fechei os olhos e disse de mim para mim: não seja tola, lá não existe coisa alguma. Em seguida, tornei a abrir os olhos: as manchas de sangue ainda estavam no mesmo lugar.

Subitamente senti que não seria capaz de suportar aquilo. Interrompi a torrente de palavras do pescador:

- Diga-me uma coisa. Minha vista não é muito boa. Aquelas manchas de sangue estão ali na calçada?

Ele olhou para mim com uma expressão indulgente e bondosa, dizendo:

- Hoje não há mais manchas de sangue, minha senhora. O que estou lhe contando aconteceu há quase quinhentos anos.

- Sim - eu comentei. - Mas agora, na calçada...

As palavras morreram em minha garganta. *Eu sabia, eu sabia*que ele não iria ver o que eu estava vendo. Levantei-me e comecei a reunir minhas coisas, com as mãos trêmulas. Enquanto assim fazia, o homem que chegara de carro, naquela manhã, saiu pela porta da hospedaria. Inspecionou a rua com um ar perplexo. Sua mulher apareceu na calçada e recolheu as roupas de banho. Ele se dirigiu para o carro mas, subitamente, mudou de rumo e atravessou a estrada, vindo em direção ao pescador, indagando:

- Diga-me, por favor. O senhor sabe se aquela senhora que chegou no segundo carro já voltou?

- Uma senhora com um vestido todo. cheio de flores? Não. Eu não a vi chegar. Ela foi até a caverna, hoje de manhã, tomando o caminho dos penhascos.

- Eu sei, eu sei. Nós tomamos banho de mar juntos. Depois ela voltou para casa a pé, e eu não a vi mais desde então. Não pode ter levado todo esse tempo. Os penhascos são perigosos?

- Isso depende do caminho que a pessoa tomar. O melhor jeito é levar alguém que conheça o lugar.

O homem parecia claramente referir-se a si mesmo e estava começando a desenvolver esse tema, mas o outro o interrompeu bruscamente, sem a menor cerimônia, e voltou correndo à hospedaria, chamando a esposa que estava na sacada.

- Escute, Margery - disse ele. - Carol ainda não voltou. Que coisa estranha!

Eu não ouvi a resposta de Margery, mas seu marido prosseguiu:

- Nós não podemos esperar mais. Temos de ir até Penrithar. Você está pronta? Eu vou virar o carro.

Ele assim fez e, logo em seguida, os dois partiram. Nesse meio tempo eu havia dominado meus nervos para provar a mim mesma como era ridícula minha fantasia. Quando o carro desapareceu, fui até a hospedaria e examinei detidamente a calçada. Não, durante todo o tempo aquilo havia sido produto de minha imaginação mórbida. No entanto, de certo modo tornava as coisas mais aterrorizantes. E enquanto eu ali permanecia de pé, ouvi a voz do pescador, que estava olhando para mim, cheio de curiosidade:

- A senhora pensou ter visto manchas de sangue aqui? Eu fiz que "sim" com a cabeça.

- Isso é muito esquisito. Muito esquisito mesmo - acrescentou ele. - Nós temos uma superstição, minha senhora. Se alguém vê manchas de sangue...

O homem fez uma pausa.

- E daí? - eu indaguei.

Ele continuou a falar, com sua voz suave. A entoação era da Cornualha, mas, inconscientemente bem modulada e culta quanto à pronúncia e inteiramente isenta da fraseologia do lugar.

- Eles de fato dizem, minha senhora, que se alguém vir Manchas de sangue, haverá uma morte dentro de vinte e quatro horas.

Eu fiquei arrepiada. Aquilo me provocou uma sensação desagradável, que me percorreu a espinha de ponta a ponta. O homem prosseguiu, em tom persuasivo.

- Há uma placa muito interessante na igreja, é sobre a morte...

- Não, obrigada - eu disse num tom decisivo. - E girei sobre os calcanhares mais que depressa, começando a subir a rua em direção ao chalé onde estava hospedada. No momento em que aí cheguei, vi, à distância, a mulher que se chamava Carol. Vinha se aproximando pela vereda dos penhascos. Naquele pano de fundo feito de rochas cinzentas, parecia uma flor escarlate, venenosa. Seu chapéu era cor de sangue...

Eu estremeci. De fato estava com sangue no pensamento.

Pouco depois ouvi o ruído de seu carro. Fiquei pensando que talvez ela também estivesse indo até Penrithar. Mas tomou a estrada da esquerda, na direção oposta. Fiquei observando o carro que ia subindo lentamente a colina, até que desapareceu. Então respirei um pouco mais à vontade. Rathole parecia ter novamente adquirido aquele seu aspecto tranquilo e sonolento.

- Se isso é tudo - interveio Raymond West, no momento em que Joyce fez uma pausa - eu lhe darei imediatamente meu veredicto: má digestão e manchas na visão após uma refeição.

- Não é tudo - declarou Joyce. - Você terá de ouvir o que aconteceu depois. - Passados dois dias, li num jornal a seguinte manchete: "Fatalidade no Banho de Mar." A notícia informava que Mrs. Dacre, esposa do Capitão Denis Dacre, afogara-se infortunadamente em Landeer Cove, pouco mais além, na costa. Ela e o marido estavam hospedados no hotel, e haviam dito que pretendiam tomar um banho de mar. Mas soprou um vento frio e o Capitão Dacre declarou que estava frio demais. Por isso, ele e algumas outras pessoas do hotel foram até o campo de golfe, que ficava perto. Mrs. Dacre, porém, dissera que para ela não estava fazendo frio, e foi, sozinha, até a enseada. Como não voltasse, o marido ficou alarmado. Em companhia de seus amigos, dirigiu-se à praia, onde acharam as roupas dela junto a uma pedra. Mas não encontraram o menor vestígio da infortunada mulher. Seu corpo só foi descoberto quase uma semana depois, atirado à praia, num ponto da costa situado a alguma distância. Havia levado uma forte pancada na cabeça, antes de morrer. Acreditou-se que deveria ter mergulhado e batido com a cabeça numa rocha. Tanto quanto pude concluir, sua morte teria ocorrido exatamente vinte e quatro horas depois do momento em

que vi as manchas de sangue.

- Eu protesto - declarou Sir Henry. - Isso não é um problema: é uma história de fantasma, É evidente que Miss Lemprière é médium.

Mrs. Petherick tossiu sua tosse de costume e disse o seguinte:

- Um ponto me chamou atenção. Aquele golpe na cabeça. Creio que não devemos excluir a possibilidade de violência. Mas não vejo que tenhamos quaisquer fatos em que possamos nos basear. A alucinação de Miss Lemprière, ou sua visão, é interessante, sem a menor dúvida. Mas não percebo claramente qual o ponto em que deseja nosso pronunciamento.

- Má digestão ou coincidência - afirmou Raymond. - De qualquer maneira não podemos ter certeza de que se trata das mesmas pessoas. Além disso, a maldição, ou o que quer que fosse, só se aplicaria aos moradores de Rathole.

- Eu tenho a impressão - observou Sir Henry - que o sinistro marujo tem alguma ligação com a história. Mas concordo com Mr. Petherick: Miss Lemprière nos proporcionou muito poucos dados.

Joyce voltou-se para o Dr. Pender, que fez um gesto de cabeça, sorriu e disse o seguinte:

- A história é muito interessante. Mas eu concordo com Sir Henry e Mr. Petherick. Há muito poucos dados para que possamos, trabalhar sobre eles.

Foi então que Joyce olhou para Miss Marple, cheia de curiosidade, pois esta lhe sorrira, dizendo:

- Eu também acho que você está sendo um pouco injusta, minha querida Joyce. No meu caso, naturalmente, a coisa é diferente. Eu quero dizer, nós, mulheres, apreciamos o aspecto relativo às roupas. Eu não creio que seja razoável apresentar o problema a um homem. Deve ter sido necessário trocar de roupa muitas vezes. Que mulher malvada! E que homem mais perverso ainda!

Joyce a encarou, dizendo:

- Tia Jane, isto é, Miss Marple. Eu quero dizer... eu creio... eu realmente creio que a senhora conhece a verdade.

- Bem, minha querida - acrescentou Miss Marple - isso foi muito mais fácil para mim, que fico aqui calmamente sentada, do que foi para você, uma artista, tão suscetível a essa história de atmosfera, não é mesmo? Aqui sentada com meu tricô, eu simplesmente vejo os fatos. As manchas de sangue caíram na calçada, tendo escorrido da roupa de banho que estava dependurada acima dela. Sendo uma roupa de banho vermelha,

naturalmente os próprios criminosos não perceberam que se tratava de manchas de sangue. Coitada da mulher! Pobrezinha!

- A senhora me desculpe, Miss Marple - comentou Sir Henry. - Mas saiba que eu ainda estou completamente perdido. A senhora e Miss Lemprière parece saberem do que estão falando, ao passo que nós, homens, ainda continuamos totalmente no escuro.

- Agora eu lhes contarei o final da história - declarou Joyce. - Aconteceu um ano depois. Eu me encontrava numa pequena cidade à beira-mar, na costa leste. Estava desenhando quando, subitamente, experimentei a estranha sensação que uma pessoa tem a respeito de alguma coisa que haja acontecido antes. Duas criaturas, um homem e uma mulher; estavam na calçada que ficava diante de mim, cumprimentando uma terceira, uma mulher que usava um vestido de *chintz*, escarlate poinsétia.

O homem disse o seguinte: "Carol, mas que coisa extraordinária! Imaginem só! Nós nos encontrarmos depois de tantos anos! Você não conhece minha mulher. Joan, esta é uma velha amiga, Miss Harding".

Reconheci imediatamente aquele homem. Era o mesmo Denis que eu tinha visto em Rathole. Sua esposa era outra, isto é, Joan, e não Margery. Mas era do mesmo tipo que a primeira, desajeitada c muito insignificante. Durante alguns momentos, pensei ter ficado maluca. Eles começaram a falar em ir tomar banho de mar. Eu lhes conto o que fiz. Fui diretamente ao distrito policial. Eu estava desvairada, mas não liguei importância a isso. Aconteceu que tudo deu certo. Lá havia um homem da Scotland Yard, que tinha chegado exatamente por causa daquela coisa. Parece, é horrível falar sobre isso, que a polícia suspeitava de Denis Dacre. O verdadeiro nome dele não era esse, pois usava diferentes nomes em diferentes ocasiões. Costumava travar conhecimento com moças geralmente insignificantes, sem parentes nem amigos. Casava-se com elas e fazia seguros de vida de alto valor. Em seguida, isso é horrível! A mulher chamada Carol era sua verdadeira esposa e os dois sempre executavam o mesmo plano. Foi realmente por isso que a polícia o pegou. As companhias de seguros começaram a suspeitar. Ele se dirigia a algum lugar tranquilo, à beira-mar, acompanhado de sua nova esposa. Então a outra mulher aparecia e os três iam tomar banho de mar juntos. Depois que a nova esposa era assassinada, Carol vestia as roupas dela e voltava com ele de barco. Saíam do lugar, onde quer que fosse, depois de fazerem indagações sobre a suposta Carol. Quando se encontravam fora da vila, Carol

apressadamente tornava a vestir suas próprias roupas vistosas e refazia a maquilagem espaventosa. Regressavam à vila e depois a deixavam, dirigindo seu próprio carro. Verificavam em que direção estava se deslocando a corrente do mar, e a suposta morte acontecia no lugar vizinho ao ponto onde as pessoas tomavam banho de mar, ao longo da costa. Carol desempenhava o papel da esposa, ia para alguma praia isolada, deixando as roupas dessa esposa junto a um rochedo. E continuava a viagem sozinha, enfiada em seu vestido de *chintz* estampado, ficando tranquilamente aguardando que o marido fosse juntar-se a ela.

No momento em que mataram a pobre Margery, suponho que um pouco do seu sangue espirrou na roupa de banho de Carol. Eles não repararam nisso porque a roupa era vermelha, como disse Miss Marple. Mas quando a dependuraram na sacada, o sangue gotejou.

- Uf! - exclamou Joyce, estremecendo. - Eu ainda o estou vendo!

- Naturalmente - declarou Sir Henry - agora eu me lembro muito bem de tudo. O verdadeiro nome do homem era Davis. Tinha me fugido à memória que um dos seus inúmeros supostos nomes era Dacre. O casal era extraordinariamente astuto. Sempre me pareceu tão espantoso que ninguém houvesse reparado na troca da identidade dele. Suponho, conforme observou Miss Marple, que as roupas são mais facilmente identificáveis do que as fisionomias. Mas o plano foi muito inteligente. Embora suspeitássemos de Davis, não foi fácil atribuir-lhe o crime porque sempre parecia dispor de um álibi impecável.

- Tia Jane - indagou Raymond - olhando para ela cheio de curiosidade. - Como a senhora consegue fazer isso? A senhora tem levado uma vidinha tão pacífica e, no entanto, parece não se surpreender com coisa alguma.

- Eu sempre acho as coisas muito iguais às outras neste mundo - afirmou Miss Marple. - Mrs. Green, como vocês sabem, enterrou cinco filhos, todos com a vida no seguro. Bem! Naturalmente a gente começa a suspeitar.

Ela abanou a cabeça, acrescentando:

- Há uma grande perversidade na vidinha que se leva nas vilas. Eu espero que vocês, meus queridos jovens, jamais fiquem sabendo como este mundo é perverso!

5
O Móvel do Crime

MR. PETHERICK pigarreou com um jeito mais solene do que o habitual, dizendo, em tom de desculpa:

- Receio que meu pequeno problema pareça bem insí-pido a todos, após as sensacionais histórias que ouvimos. Na minha não há derramamento de sangue, mas eu creio que se trata de um pequeno problema, interessante e bem engenhoso. Felizmente estou em condições de informar qual foi sua solução.

- Não será um caso terrivelmente jurídico? - indagou Joyce Lemprière. - Quero dizer, cheio de questões de direito e uma porção de casos do tipo Barnaby versus Skinner no ano de 1881, ou coisas desse tipo.

Mr. Petherick sorriu de maneira apreciativa, por cima dos óculos, acrescentando:

- Não. Nada disso, minha jovem e prezada senhora. Não precisa ter qualquer receio nesse particular. A história que estou prestes a contar é perfeitamente simples e direta, podendo ser acompanhada por qualquer leigo.

- Então não haverá chicanas - declarou Miss Marple, sacudindo uma agulha de tricô em direção a ele.

- Decerto que não - afirmou Mr. Petherick.

- Bem - acrescentou Miss Marple - eu não estou assim tão certa.

- A história diz respeito a um antigo cliente meu. Eu o chamarei Mr. Clode, Simon Clode. Possuía apreciável fortuna e morava numa grande casa, não muito longe daqui. Um filho dele havia morrido na guerra e deixara uma filhinha. A mãe da menina morrera por ocasião do nascimento da criança e, quando o pai dela também faleceu, passou a morar com o avô. Chris, a pequenina, fazia do avô o que queria. Nunca vi um homem mais apegado a uma criança, e não lhes consigo descrever a dor que sentiu quando essa menina, com dezessete anos de idade, apanhou uma pneumonia e foi desta para melhor.

O pobre Simon Clode mostrou-se inconsolável. Um irmão dele morrera pouco tempo antes, em situação financeira difícil, e Clode havia generosamente oferecido um lar aos filhos desse irmão, duas meninas,

Grace e Mary, e um rapaz, George. Mas embora fosse bom e generoso para com os sobrinhos, o velho Simon nunca lhes dedicou o afeto e os cuidados que tivera no caso da netinha. Arranjou um emprego para George num banco da vizinhança, e Grace casou-se com um jovem químico e pesquisador, Philip Garrod. Mary, uma menina quieta e introvertida, ficou morando com o tio, cuidando dele. Creio que o estimava muito, com aquele seu jeito tranquilo e pouco expansivo. Segundo todas as aparências, as coisas foram se desenrolando pacificamente. Depois da morte da pequena Chris-tobel, Simon Clode me procurou, dando-me instruções para que eu lhe redigisse um novo testamento. Sua fortuna, que era bem considerável, seria dividida igualmente entre o sobrinho e as sobrinhas, cabendo um terço a cada um.

O tempo foi passando. Um belo dia, encontrando-me casualmente com George Clode, pedi-lhe notícias do tio, que eu não via há algum tempo. Ele me disse o seguinte, num tom pesaroso: "Estimaria que o senhor desse um pouco de juízo ao tio Simon". O rosto franco do rapaz, embora não muito inteligente, parecia perplexo e preocupado. E acrescentou: "Essa história de espiritismo está ficando cada vez pior".

- Que história de espiritismo? - eu indaguei, muito espantado.

George me contou tudo: Mr. Clode ficara pouco a pouco interessado no espiritismo e, no auge de seu entusiasmo, havia conhecido casualmente uma médium norte-americana, uma certa Mrs. Eurydice Spragg. Essa mulher, que George não hesitou em definir como impostora dos pés à cabeça, conseguira obter imensa ascendência sobre Simon Clode. Vivia praticamente em casa dele, e muitas sessões eram nela realizadas, nas quais o espírito de Christobel aparecia ao avô, já meio caduco, talvez.

Devo agora esclarecer que não pertenço à categoria das pessoas que cobrem o espiritismo de ridículo e escárnio. Conforme lhes afirmei, eu creio na evidência dos fatos. Quando estamos diante de uma pessoa imparcial e pesamos as evidências em favor do espiritismo, resta muita coisa que não pode ser atribuída a fraudes nem ser levianamente posta de lado. Por conseguinte, como eu lhes digo, não sou crente nem descrente no espiritismo. Há certos testemunhos dos quais não se pode discordar.

Mas, por um lado, o espiritismo presta-se muito facilmente à fraude e à impostura. E diante de tudo quanto o jovem Clode me contou sobre Mrs. Eurydice Spragg, eu me tornei cada vez mais convencido de que

Simon Clode não se achava em boas mãos, e que Mrs. Spragg provavelmente era uma farsante da pior espécie. O velho, embora atilado em questões de ordem prática, seria facilmente dominado quando estivesse em causa 6eu amor pela neta que havia morrido.

Pensando em tudo isso, fiquei dia a dia mais inquieto. Estimava os jovens Clode, Mary e George, e percebi que a tal Mrs. Spragg, com a influência que exercia sobre o tio deles, poderia futuramente gerar problemas.

Na primeira oportunidade que se apresentou, arranjei um pretexto para fazer uma visita a Simon Clode. Encontrei Mrs. Spragg instalada em casa dele, na qualidade de hóspede querida. Logo que a vi, minhas piores apreensões se confirmaram. Era uma mulher robusta, de meia idade, vestida de um jeito exagerado. Vivia sempre a repetir expressões de seu jargão profissional, sobre os queridos que passaram ao Além, e outras coisas dessa natureza.

O marido dela também estava hospedado na casa de Simon Clode. Chamava-se Abraham Spragg, um homem magro e encolhido, com uma expressão melancólica e uns olhos extremamente furtivos. Logo que me foi possível, fiquei a sós com Simon Clode e o sondei com muito tato a respeito do assunto. Ele mostrou-se cheio de entusiasmo. Eurydice Spragg era uma criatura maravilhosa! Não ligava a mínima importância ao dinheiro, pois lhe bastava a alegria de ajudar um coração aflito. Ela tinha uma afeição maternal pela pequena Chris. E ele estava começando a considerá-la quase como se fosse uma irmã. Clode continuou a falar, dando-me detalhes, contando-me que tinha ouvido a voz de Chris e que a menina estava bem, em companhia dos pais. E prosseguiu, referindo-se a outros sentimentos expressos pela criança, os quais, segundo as recordações que eu tinha a seu respeito, pareceram-me muito improváveis. Chris acentuara que seu pai e sua mãe gostavam muito da querida Mrs. Spragg.

- Mas, sem a menor dúvida, você é uma pessoa que há de estar caçoando de mim - observou Simon.

- Não. Absolutamente. Longe de mim fazer isso. Algu-mas das pessoas que escreveram sobre o espiritismo são ho-mens cujo testemunho eu aceitaria sem hesitar - disse eu. - Respeitaria qualquer médium recomendado por um desses homens, e daria crédito a ele. Presumo que Mrs. Spragg é pessoa em quem se pode confiar.

Simon falou cheio de arroubos a respeito de Mrs. Spragg. Ela lhe havia sido enviada pelo Céu. Tinha encontrado Mrs. Spragg numa

estação de águas onde passara dois meses durante o verão. Fora um conhecimento travado por acaso. E com que resultados maravilhosos!

Saí de sua casa muito preocupado. Meus piores temores se confirmaram, mas eu não sabia o que poderia fazer. Após muito refletir, decidi-me a escrever a Philip Garrod. Segundo já mencionei, ele casara-se recentemente com Grace, a mais velha das Clodes. Expus-lhe o caso, naturalmente em termos os mais prudentes. Mostrei-lhe o perigo que havia no fato de aquela mulher adquirir ascendência sobre o velho. E sugeri que Mr. Clode fosse posto em contato, se possível, com alguns conceituados círculos espíritas. Julguei que isso não seria, no caso de Philip Garrod, coisa difícil de ser conseguida.

Garrod agiu sem perda de tempo. Percebeu, o que não ocorrera comigo, que a saúde de Simon Clode era muito precária. Como homem prático, Garrod não pretendia permitir que sua esposa e a irmã dela fossem despojadas da herança que lhes pertenceria de direito, no caso de sobrevir a morte de Simon. Veio procurar-me na semana seguinte, acompanhado de uma pessoa, nada mais nada menos que o famoso Professor Longman. Longman era um cientista de primeira ordem, cujas ligações com o espiritismo obrigara fosse o mesmo tratado com respeito. Não era apenas de um brilhante cientista, mas também homem da maior correção e probidade.

O resultado da visita de Longman a Simon Clode foi o mais lamentável possível. Longman, segundo parece, falou muito pouco enquanto lá esteve. Foram realizadas duas sessões, sob condições que eu desconheço. Longman mostrou-se imparcial durante todo o tempo em que permaneceu na casa de Simon. Todavia, depois de haver saído, escreveu uma carta a Philip Garrod. Admitiu, nessa carta, que não pudera perceber qualquer fraude nas atividades de Mrs. Spragg. No entanto, em sua opinião, os fenômenos que presenciara não eram genuínos. Mrs. Garrod, declarou ele, teria inteira liberdade de mostrar essa carta ao tio, se o julgasse conveniente, e ele sugeria que lhe seria possível colocar Mr. Clode em contato com um médium da mais absoluta integridade.

Philip levou sem demora essa carta ao tio, mas o resul-tado disso não foi o que eu havia previsto. O velho ficou pos-suído de imensa fúria. Tudo aquilo era uma trama visando a desacreditar Mrs. Spragg, uma santa mulher, caluniada e injuriada. Ela já o informara a respeito da forte inveja que havia despertado neste país. Simon declarou que Longman havia sido forçado a afirmar que não descobrira qualquer fraude.

Eurydice Spragg lhe chegara nas horas mais aflitivas de sua vida, dera-lhe ajuda e conforto. Ele estava disposto a defender sua causa, ainda que isso significasse romper com todos os membros da própria família. Para ele, Mrs. Spragg representava mais do que qualquer outra pessoa deste mundo.

Philip Garrod foi posto pela porta afora sem muita ceri-mônia. Mas, em consequência desse acesso de cólera, a saúde de Clode agravou-se, sem a menor dúvida. Durante um mês ele ficou acamado quase ininterruptamente, e tudo indicava a possibilidade de tornar-se um inválido, preso ao leito até que a morte o libertasse. Passados dois dias da partida de Philip, recebi um chamado urgente de Simon e me apressei em ir vê-lo. Estava de cama e até aos meus olhos de leigo parecia de fato muito doente. Respirava com grande dificuldade.

- Estou no fim - disse ele. - Sinto que é isso. Não discuta comigo, Petherick. Mas, antes de morrer, vou cumprir minha obrigação para com o ser humano que fez por mim mais do que qualquer outra pessoa deste mundo. Quero fazer um novo testamento.

- Sem dúvida - disse eu - desde que me dê instruções eu redigirei um testamento e farei com que chegue às suas mãos.

- Isso não me serve - acrescentou ele. - Ora essa, ho-mem! Talvez eu não passe desta noite. Escrevi aqui o que eu quero - e procurou um papel debaixo do travesseiro. - Diga-me se isto está certo.

Estendeu-me a folha de papel na qual havia algumas pa-lavras escritas a lápis. Tudo era perfeitamente simples e claro. Deixava 5.000 libras para cada sobrinho, e legava o restante de sua avultada fortuna, sem restrições, a Eurydice Spragg, com sua gratidão e admiração.

Eu não gostei daquilo, mas não havia o que discutir. Não se poderia arguir um caso de insanidade mental, pois o velho era são de espírito como qualquer pessoa normal.

Ele tocou a campainha, chamando duas das empregadas. Ambas acudiram prontamente. A arrumadeira, Emma Gaunt, era mulher alta, de meia idade, que o vinha servindo há muitos anos e tinha sido dedicada enfermeira de Clode. Em sua companhia apareceu também a cozinheira, uma jovem rechonchuda, de seus trinta anos. Simon Clode encarou as duas mulheres sob suas cerradas sobrancelhas, dizendo-lhes:

- Quero que vocês sejam testemunhas de meu testamento. Emma, apanhe minha caneta-tinteiro.

Emma dirigiu-se obedientemente à escrivaninha dele. Mas o velho

lhe disse:

- Não está na gaveta da esquerda, criatura! - E falou com irritação. - Você não sabe que a caneta está na gaveta do lado direito?

- Ela não estava lá -- declarou Emma, estendendo-lhe a caneta.

- Então você deve tê-la guardado fora do lugar, da últi-ma vez - resmungou o velho. - Eu não tolero que as coisas não sejam postas no lugar certo.

Continuando a resmungar, tomou a caneta das mãos dela e copiou seu próprio rascunho do testamento, emendado por mim, noutra folha de papel. Em seguida, assinou-o. Emma Gaunt e a cozinheira, Lucy David, também assinaram o documento. Eu o dobrei e coloquei num grande envelope azul. O testamento havia sido, por uma questão de necessidade, escrito numa folha de papel comum, como todos hão de compreender.

No momento em que as empregadas se preparavam para sair do quarto, Clode tornou a deitar-se sobre os travesseiros, ofegante e com o rosto contorcido. Eu me debrucei sobre ele, cheio de ansiedade, e Emma Gaunt voltou apressadamente ao aposento. O velho melhorou, entretanto, e sorriu débilmente, dizendo:

- Está tudo bem, Petherick. Não fique alarmado. De qualquer maneira, eu morrerei tranquilo, agora que fiz o que queria.

Emma Gaunt olhou indagadoramente para mim como se quisesse saber se deveria sair do quarto. Eu fiz-lhe um sinal de cabeça, tranquilizador, e ela se retirou, primeiro se abai-xando para apanhar o envelope azul que havia caído no chão, naquele meu momento de ansiedade. Entregou-me o envelope, que eu enfiei no bolso do casaco. Em seguida, saiu do quarto.

- Você está aborrecido, Petherick? - indagou Simon Clode. - Você está cheio de prevenções, como todos os de-mais.

- Não se trata de prevenção alguma. Mrs. Spragg poderá ser tudo que você proclama. Eu não teria qualquer objeção se você lhe deixasse um pequeno legado, como prova de gra-tidão. Mas, digo-lhe isso com franqueza, Clode, deserdar pes-soas de seu próprio sangue em proveito de uma estranha! Isso não está certo.

Então, eu me dispus a sair. Havia feito o que pudera e lavrara meu protesto.

Mary Clode surgiu da sala de visitas e veio ao meu en-contro, no vestíbulo, indagando:

- O senhor não vai tomar chá antes de sair? Venha até aqui. - E me

conduziu à sala de visitas.

O fogo ardia na lareira e a sala era aconchegante e aco-lhedora. Ela tomou meu casaco no momento em que seu irmão, George, ia entrando na sala. Ele pegou o casaco de suas mãos, colocando-o sobre uma cadeira, no outro extremo da sala. Em seguida, voltou para junto da lareira, onde nós tomamos o chá. Nesse meio tempo, surgiu uma indagação a respeito de um problema da propriedade. Simon dissera que não desejava ser incomodado com esse assunto e deixara que George o resolvesse. George estava bastante nervoso porque teria de confiar em seu próprio julgamento. Por sugestão minha, passamos ao escritório, depois do chá, onde eu examinei os papéis referentes ao caso. Mary Clode nos acompanhou.

Transcorrido um quarto de hora, preparei-me para sair. Lembrando-me que havia deixado o sobretudo na sala de visitas, dirigi-me até lá para buscá-lo. A única pessoa que se encontrava na sala era Mrs. Spragg, ajoelhada perto da cadeira onde se achava meu casaco. Parecia estar fazendo alguma coisa perfeitamente desnecessária na capa de cretone que revestia a cadeira. Levantou-se, enrubescendo, quando nós entramos na sala, e disse, num tom de queixa:

- Esta capa nunca assenta direito. Meu Deus! Eu seria capaz de fazer uma que caísse melhor.

Apanhei meu sobretudo e o vesti. Ao fazê-lo, reparei que o envelope, contendo o documento, caíra de seu bolso e estava no chão. Tornei a colocá-lo no bolso, despedi-me e saí.

Ao chegar ao escritório - agora irei descrever minhas ações que se sucederam, e o farei com mais cuidado - tirei o sobretudo e saquei o documento do bolso do mesmo. Eu o tinha na mão e estava de pé, junto à minha mesa, quando meu auxiliar entrou na sala. Alguém desejava falar comigo ao telefone e a extensão que havia em minha escrivaninha não estava funcionando. Por isso o acompanhei à outra sala, que era a de entrada, e lá permaneci durante cerca de cinco minutos, falando ao telefone. Quando voltei à sala, reparei que meu auxiliar estava à minha espera, dizendo-me:

- Mr. Spragg veio vê-lo. Eu o fiz entrar em sua sala.

Dirigi-me para lá onde encontrei Mr. Spragg sentado ao lado de minha mesa. Levantou-se e me cumprimentou de maneira um tanto untuosa. Em seguida, começou a desfiar uma longa arenga. Parecia que se tratava, principalmente, de apresentar uma justificação meio constrangida dele próprio e da esposa. Receava o que as pessoas

diziam a seu respeito, etc., etc. Sua esposa, desde criança, era conhecida pela pureza de seu coração e de seus motivos.. . E assim por diante. Creio que fui bastante seco com ele. Finalmente, acredito que percebeu não estar sua visita sendo bem sucedida, pois saiu de maneira abrupta. Depois eu me lembrei que havia deixado o testamento sobre a mesa. Apanhei-o, lacrei o envelope, nele escrevi o que continha, e o guardei em meu cofre.

Agora vou chegar ao ponto culminante da história. Pas-sados dois meses, Mr. Simon Clode faleceu. Eu não entrarei em muitos pormenores, pois irei limitar-me simplesmente aos fatos. *Quando o envelope, lacrado, contendo o testamento, foi aberto, verificou-se que nele havia apenas uma folha de papel em branco.*

Petherick fez uma pausa, olhando em derredor para todos aqueles rostos curiosos. E sorriu com certa satisfação, dizendo:

- Com certeza todos apreciaram o ponto em questão. Durante dois meses o envelope lacrado havia permanecido em meu cofre. Não poderia ter sido mexido no decorrer de todo esse tempo. Sem dúvida. O prazo fora muito reduzido, entre o momento em que o testamento foi assinado e o fato de eu guardá-lo no cofre. Ora, quem teria tido a *oportunidade* de mexer no documento, e no interesse de quem isso teria sido feito?

Vou recapitular os pontos essenciais, fazendo um breve resumo dos mesmos: o testamento, assinado por Mr. Clode, foi posto num envelope. Até aí muito bem. Em seguida, foi por mim colocado no bolso do meu sobretudo. Este foi tomado de minhas mãos por Mary, que o passou a George, isso dentro dos limites do meu campo visual, enquanto George segurava o sobretudo. Durante o tempo em que permaneci no escritório, Mrs. Eurydice Spragg teria tido tempo suficiente para retirar o envelope do bolso do sobretudo, e ler seu conteúdo. Na realidade, tendo eu encontrado o envelope no chão, e não no bolso do so-bretudo, isso parece indicar que ela havia feito aquilo. Mas agora chegamos a um ponto curioso: ela tivera a *oportunidade* de substituir o documento pela folha em branco, mas não teria qualquer *motivo* para assim proceder. O testamento era-lhe favorável e, substituindo-o por uma folha de papel em branco, isso a privaria da herança que estivera tão ansiosa por obter. O mesmo se aplica a Mr. Spragg. Ele também tivera a *oportunidade* de fazer a substituição, pois havia ficado sozinho, ao lado do documento em questão, durante uns dois ou três minutos, em meu escritório. Mas, ainda nesse caso, não lhe seria vantajoso assim proceder. Desse modo,

estamos diante de um curioso problema: as duas pessoas que tiveram a *oportunidade* de substituir o documento por um papel em branco não teriam um *motivo* para assim fazer, ao passo que as duas outras pessoas que possuíam algum *motivo* para fazê-lo não tiveram qualquer *oportunidade* de agir. A propósito, eu não excluiria das suspeitas a empregada, Emma Gaunt. Era dedicada aos jovens patrões e detestava Spragg. Tenho certeza de que teria sido bem capaz de tentar substituir o documento, se tivesse pensado nisso. Mas, embora de fato tenha pegado no envelope, quando o apanhou do chão e o entregou a mim, certamente não teve *oportunidade* de mexer em seu conteúdo, nem poderia tê-lo substituído por outro envelope graças a algum truque de prestidigitação (coisa que não teria capacidade de fazer), isso porque o envelope foi por mim levado para casa. E aí ninguém provavelmente teria uma duplicata desse envelope.

Petherick olhou em derredor, abrindo-se num sorriso para aquele grupo de pessoas. E acrescentou:

- Bem, há um pequeno problema nisso tudo. Espero tê-lo exposto de maneira clara. Gostaria de ouvir suas opiniões a respeito dele.

Para espanto geral, Miss Marple deu um longo riso abafado. Alguma coisa parecia diverti-la imensamente.

- O que há, tia Jane? Será que não podemos participar do que a senhora achou engraçado? - indagou Raymond.

- Eu estava pensando no pequeno Tommy Symonds, um menino bem levado, creio eu. Mas às vezes ele era muito divertido. Uma dessas crianças que têm carinhas inocentes e infantis, mas que vivem sempre a pregar alguma peça, a fazer alguma travessura. Eu estava pensando na pergunta que ele fez na Escola Dominical, na semana passada: "Professora, a senhora diria que a gema do ovo é branca, ou que as gemas dos ovos são brancas?" E Miss Durston explicou que todo mundo poderia dizer que as gemas dos ovos são brancas, ou que a gema do ovo é branca. Mas o levado do Tommy acrescentou: "Pois eu digo que a gema do ovo é amarela." Foi, sem dúvida, uma grande diabrura dele, mais velha do que Matusalém. Eu conhecia essa história desde criança.

- E muito engraçado, minha querida tia Jane - observou Raymond amavelmente. - Mas nada tem a ver com a história muito interessante que Mr. Petherick nos contou.

- Tem, sim senhor - declarou Miss Marple. - É uma pergunta capciosa. A história de Mr. Petherick também é. Coisa de advogado! Ah,

meu velho e prezado amigo, acrescentou Miss Marple, abanando a cabeça para ele, em sinal de censura.

- Eu estou aqui pensando se a senhora de fato sabe o que houve - disse o advogado, com um brilho no olhar.

Miss Marple escreveu umas palavras num pedaço de pa-pel, dobrou-o e passou-o às mãos dele.

Mr. Petherick desdobrou o papel, leu o que nele estava escrito e olhou para ela com um jeito de admiração, declarando o seguinte:

- Minha prezada amiga. Haverá alguma coisa que a se-nhora não saiba?

- Eu sempre soube isso desde criança - afirmou Miss Marple. - Já brinquei disso também.

- Estou completamente perdido - afirmou Sir Henry. - Tenho certeza de que Mr. Petherick esconde dentro da manga algum passe de mágica.

- Absolutamente - declarou Mr. Petherick. - De modo algum. Trata-se de uma proposição inteiramente lícita e direta. O senhor não deve dar atenção a Miss Marple. Ela tem sua maneira própria de encarar as coisas.

— Nós não seremos capazes de chegar à verdade - disse Raymond West, um tanto contrafeito. - Os fatos sem dúvida parecem bastante simples. Cinco pessoas efetivamente manusearam aquele envelope. É claro que os Spraggs poderiam ter mexido nele, mas é igualmente claro que não o fizeram. Restam as outras três pessoas. Ora, quando se pensa nos maravilhosos truques que possuem os mágicos quando fazem determinadas coisas diante dos nossos olhos, parece-me que o papel poderá ter sido retirado do envelope e substituído por George Clode durante o tempo em que levou o sobretudo até o extremo da sala.

- Pois eu acho que foi a moça - declarou Joyce. - Penso que a empregada foi correndo contar-lhe o que estava acontecendo. Ela apanhou outro envelope azul, substituindo-o pelo original.

Sir Henry abanou a cabeça e disse, lentamente:

- Eu discordo de ambos. Essas coisas são feitas por má-gicos, nos palcos e nos romances. Mas eu acredito que seriam impossíveis na vida real, especialmente diante dos olhos perscrutadores de um homem como Mr. Petherick, aqui presente. Mas eu tenho uma ideia, apenas uma ideia, nada mais do que isso. Sabemos que o Professor Longman acabara de fazer uma visita àquela casa e que falara muito pouco. É simplesmente razoável supor que os Spraggs poderão ter ficado muito ansiosos a respeito do resultado dessa visita. Se Simon não lhes tivesse

informado sobre isso, o que seria bastante provável, poderiam ter considerado de um ângulo bem diferente o fato de ter ele mandado chamar Mr. Petherick. Talvez tenham acreditado que Mr. Clode já havia feito um testamento que beneficiaria Eurydice Spragg, e que o novo testamento teria sido redigido com a finalidade expressa de excluí-la da herança, em resultado das revelações do Professor Longman. Ou então, como dizem os advogados, Philip Garrod teria impressionado o tio acerca dos direitos das pessoas de seu próprio sangue. Nesse caso suponhamos que Mrs. Spragg estivesse disposta a realizar a substituição do documento. Ela assim faz, mas Mr. Petherick aparece e, num momento infeliz, ela não teria tido tempo de ler o documento verdadeiro e o destruiu apressadamente, queimando-o, com receio de que o advogado pudesse dar por falta dele.

Joyce sacudiu a cabeça de um jeito muito decidido, e disse:

- Ela jamais o queimaria sem ler o que nele estava es-crito.

- Minha solução é bastante fraca - admitiu Sir Henry. - Suponho que Mr. Petherick não terá ajudado, ele próprio, a Providência Divina.

A insinuação foi feita apenas em tom de pilhéria, mas o pequeno advogado empertigou-se todo com sua dignidade ferida, e declarou, com certa aspereza:

- Insinuação muitíssimo imprópria.

- E o que diz o Dr. Pender? - indagou Sir Henry.

- Eu não posso afirmar que tenha ideias claras sobre o assunto. Penso que a substituição deve ter sido feita por Mrs. Spragg ou pelo marido dela, possivelmente pelo *motivo* sugerido por Sir Henry. Se ela só leu o testamento depois da saída de Mr. Petherick, nesse caso estaria diante de um dilema, pois não poderia assumir a paternidade de sua própria ação. Possivelmente o colocaria entre os papéis de Mr. Clode, em algum lugar onde teria pensado que seria encontrado depois da morte dele. Mas por que motivo o testamento não foi achado, isso eu não sei. Talvez seja mera especulação minha, mas Emma Gaunt o terá descoberto e, por sua dedicação aos patrões, nesse caso indevida, destruiu propositadamente o documento.

- Eu julgo que a solução do Dr. Pender é a melhor de todas - declarou Joyce. - É a correta, Mr. Petherick?

O advogado abanou a cabeça, negativamente, e disse:

- Prosseguirei minha história onde a interrompi. Fiquei perplexo, quase tão perdido como todos aqui. Penso que nunca teria chegado à verdade, provavelmente isso não teria acontecido. Mas fui informado à

seu respeito. A coisa foi realizada com astúcia.

Fui visitar Philip Garrod e jantei com ele, cerca de uma semana após os acontecimentos. Durante nossa conversa, depois do jantar, ele mencionou um caso interessante que chegara ao seu conhecimento. E me disse o seguinte:

- Eu gostaria de contá-lo em confiança, Petherick.

- Perfeitamente - eu respondi.

- Um amigo meu, que espera receber uma herança de uns parentes, ficou muito deprimido ao descobrir que esse parente estava pensando em beneficiar uma pessoa inteiramente ¡merecedora disso. Meu amigo é um tanto inescrupuloso quanto aos seus métodos, creio eu. Tinha em casa uma empregada, muito dedicada aos interesses da pessoa que eu poderia denominar a legítima herdeira. Esse amigo deu-lhe instruções muito simples: forneceu-lhe uma caneta-tinteiro, devidamente cheia. Ela teria de colocar essa caneta-tinteiro numa gaveta da escrivaninha do quarto do patrão, não na gaveta habitual onde a caneta era geralmente guardada. Se o patrão lhe pedisse que servisse de testemunha de sua assinatura em qualquer documento e lhe ordenasse que trouxesse sua caneta, ela deveria levar-lhe não a caneta certa, mas a outra, que era cópia fiel da mesma. Era tudo que teria de fazer. Meu amigo não lhe deu quaisquer outras informações. A moça era pessoa devotada e cumpriu fielmente essas instruções.

Philip interrompeu o que estava me contando e disse:

- Espero não estar lhe caceteando, Petherick.

- Absolutamente - eu declarei. - Estou vivamente interessado.

Nossos olhares se encontraram e Philip Garrod acrescentou:

- Naturalmente não conhece meu amigo.

- De certo que não.

- Então tudo está bem.

Philip fez uma pausa, sorriu e observou:

- Está percebendo de que se tratava? A pena estava cheia de uma tinta geralmente denominada evanescente: uma solução aquosa, de amido, à qual haviam sido adicionadas algumas gotas de iodo. Isso dá um fluido azul-preto. Mas o que se escrever com ele desaparece ao cabo de quatro ou cinco dias.

Miss Marple deu um risinho abafado e disse:

- Tinta evanescente. Eu a conheço muito bem. Muitas vezes brinquei com essa tinta quando era criança.

E riu-se para todos, fazendo uma pausa para novamente sacudir um

dedo, apontado para Mr. Petherick.

- De qualquer maneira, Mr. Petherick, foi uma arma-dilha - disse ela. - Exatamente como fazem os advogados.

6
A Marca do Polegar de São Pedro

- É SUA VEZ, TIA JANE - disse Raymond West.

- Sim, tia Jane - exclamou Joyce Lemprière. - Estamos esperando alguma coisa realmente suculenta.

- Ora essa, meus queridos, vocês estão caçoando de mim - declarou Miss Marple plácidamente. - Vocês pensam que por eu viver neste fim de mundo a vida inteira, não é pro-vável que tenha tido experiências muito interessantes.

- Deus me livre de achar que a vida numa vila seja pa-cífica e monótona - declarou Raymond com fervor. - Não pensaria isso depois das terríveis revelações que ouvimos da senhora. O mundo cosmopolita deve parecer brando e tranquilo, comparado a St. Mary Mead.

- Bem, meu querido - disse Miss Marple. - A natureza humana é a mesma em toda parte. Naturalmente uma pessoa tem oportunidades de observá-la mais de perto, numa vila.

- A senhora é realmente excepcional, tia Jane - ex-clamou Joyce. - Espero que não se importe que eu a chame de tia Jane - acrescentou. - Não sei por que estou dizendo isso.

- Você não sabe, querida? - indagou Miss Marple. E levantou a cabeça durante uns instantes, fitando a moça com um olhar meio inquisitivo, que a fez enrubescer. Raymond West remexeu-se na cadeira, e pigarreou, com um jeito embaraçado.

Miss Marple olhou para ambos e tornou a sorrir, concentrando mais uma vez a atenção em seu tricô, dizendo:

- É verdade que eu tenho levado uma vida que se diria muito monótona. Mas adquiri grande experiência ao resolver vários pequenos problemas que surgiram. Alguns foram realmente bem engenhosos, mas não vale a pena contá-los porque tratam de coisas sem importância, em que não estariam interessados. Coisas assim como esta: quem teria cortado as malhas da bolsa de Mrs. Jones? Ou por que Mrs. Sims só usou seu novo casaco de pele uma única vez. Coisas verdadeiramente

muito interessantes para qualquer estudioso da natureza humana. Não. A única experiência de que eu me lembro, que seria interessante para todos aqui, é a que diz respeito ao marido de Mabel, minha pobre sobrinha.

Tudo aconteceu mais ou menos há uns quinze anos e, felizmente, o caso está encerrado e as pessoas já se esqueceram de tudo. A memória humana é muito breve, felizmente. Eu sempre penso nisso.

Miss Marple fez uma pausa e murmurou consigo:

- Agora preciso contar esta carreira. A redução do tricô está meio esquisita. Um, dois, três, quatro, cinco, depois três pontos inversos. Está certo. Mas o que eu estava dizendo? Ah, sim. Estava falando sobre a pobre Mabel.

Mabel era minha sobrinha. Uma boa menina, de fato muito boazinha, mas um pouco *tonta*, como se poderia dizer. Gostava muito de ser melodramática e de falar mais do que devia, quando ficava contrariada. Aos vinte e dois anos de idade casou-se com um certo Mr. Denman, homem de gênio violento. Não era o tipo de pessoa capaz de ter paciência com as fraquezas de Mabel, e eu também sabia que havia casos de loucura na família dele. Mas as jovens, naquele tempo, eram tão teimosas como as de hoje e como sempre hão de ser. Mabel casou-se com ele.

Eu não a vi muito depois de seu casamento. Ela veio passar uns tempos comigo, duas ou três vezes, e o casal me convidou para hospedar-me em sua casa, em diversas ocasiões. Mas eu realmente não gosto muito de me hospedar em casa alheia, e sempre consegui arranjar algum pretexto para lá não ir. Eles estavam casados há dez anos quando Mr. Denman morreu de repente. O casal não tinha filhos e ele deixou toda sua fortuna para Mabel. Escrevi para ela, naturalmente, oferecendo-me para lhe fazer companhia, se ela assim quisesse. Mabel me respondeu, numa carta muito sensata, e eu percebi que não estava sucumbida de dor. Pensei que isso era muito natural porque eu sabia que eles não estavam se dando muito bem há algum tempo. Somente transcorridos cerca de três meses é que recebi uma carta verdadeiramente histérica, de Mabel, instando para que eu fosse à sua casa e dizendo que as coisas iam de mal a pior, e que não seria capaz de suportar aquilo por muito mais tempo.

Por esse motivo, o que foi muito natural, prosseguiu Miss Marple, deixei dinheiro para a alimentação de Clara, depositei num banco minha prataria e o canecão de estanho do Rei Carlos, e parti imediatamente.

Encontrei Mabel num estado de nervos horrível. A casa, Myrtle Den, era bem grande e mobiliada com muito conforto. Mabel tinha cozinheira, arrumadeira e também uma enfermeira que cuidava do velho Mr. Denman, sogro dela, que não estava muito bom da cabeça, como se diz. Era muito calmo e se portava bem, mas era positivamente esquisito, em certas ocasiões. Havia casos de loucura na família, já lhes falei.

Fiquei realmente impressionada ao ver como Mabel ti-nha mudado. Era um feixe de nervos e todo seu corpo tremia. Tive grande dificuldade em fazê-la me contar qual era seu problema. Procedi, como sempre se age nessas ocasiões, de maneira indireta, e pedi notícias de alguns amigos que ela vivia mencionando em suas cartas, os Gallaghers. Com surpresa para mim, Mabel me disse que quase nunca os via. Outros amigos dela, que também me referi, provocaram a mesma observação. Falei com ela do absurdo de ficar assim trancada, dentro de casa, remoendo seus pensamentos, e comentei, de maneira especial, a tolice de afastar-se de seus amigos. Então ela subitamente me contou a verdade.

Não sou eu quem faz isso, ela me disse, são eles. Hoje em dia ninguém aqui deste lugar me dirige a palavra. Quando vou até High Street, todos se afastam para não se encontrar comigo, não falar comigo. Eu sou unia espécie de leprosa. Isso é horrível! Eu não aguento mais! Vou ter que vender esta casa e sair daqui. Mas por que hei de ser expulsa de uma casa como esta? Eu não fiz nada de errado.

Eu fiquei mais perturbada do que lhes possa dizer. Estava tricotando uma manta de lã para a velha Mrs. Hay e, em minha inquietação, deixei escapar dois pontos e só descobri isso muito tempo depois.

- Minha querida Mabel, eu lhe disse, você me surpreen-de. Mas qual a causa de tudo isso?

Mabel tinha sido difícil, mesmo em criança. Eu sempre tivera de me esforçar muito para conseguir que ela respondesse minhas perguntas de maneira direta. Limitou-se a dizer coisas vagas a respeito de conversas cheias de perversidade e de pessoas ociosas que não tinham mais que fazer exceto espalhar aqueles boatos e meter caraminholas nas cabeças dos outros.

- Isso está perfeitamente claro para mim - eu prossegui. - É evidente que anda circulando por aí alguma história a seu respeito. Mas você deve saber, tão bem como qualquer pessoa, que espécie de história é essa. E vai me dizer de que se trata.

- É tão repugnante! - gemeu Mabel.

- Com certeza é repugnante - eu declarei num tom enérgico. - Nada que você possa me contar sobre a mente das pessoas será capaz de me espantar ou surpreender. Pois bem, Mabel: você vai me dizer, sem meias palavras, o que andam falando a seu respeito.

Então tudo veio à tona.

Parecia que a morte de Geoffrey Denman, tendo sido muito súbita, inesperada, dera origem a vários rumores. Efetivamente, como eu lhes disse, as pessoas andavam afirmando sem rodeios que ela tinha envenenado o marido.

Eu espero que saibam não haver nada de mais cruel do que um boato, e que não existe coisa mais difícil do que combater isso. Quando as pessoas falam pelas costas das outras, não há nada que possa ser refutado ou negado. E os rumores continuam a tomar corpo. Ninguém consegue detê-los. Eu tinha absoluta certeza sobre um ponto: Mabel era seguramente incapaz de envenenar alguém. Eu não via motivos para que a vida dela fosse arruinada e sua casa se tornasse um lugar intolerável simplesmente porque, com todas as probabilidades, ela teria feito alguma coisa tola ou estouvada.

- Não há fumaça sem fogo - eu lhe disse. - Muito bem. Mabel, você precisa me dizer o que terá levado as pessoas a começarem esse falatório. Deve ter havido alguma coisa.

Mabel mostrou-se muito incoerente, declarando que não havia nada, absolutamente nada, exceto, sem dúvida, que a morte de Geoffrey tinha sido muito súbita. Ele parecia estar passando bem durante a ceia e adoecera gravemente, à noite. O médico foi chamado, mas o pobre homem morreu poucos minutos após sua chegada. Acreditou-se que sua morte fora em consequência de haver ele comido uns cogumelos envenenados.

- Bem - disse eu - suponho que uma morte súbita, dessa natureza, é capaz de fazer com que as pessoas linguarudas fiquem murmurando. Mas, sem dúvida, isso exige que haja mais alguns fatos. Houve alguma discussão entre você e Geoffrey, ou qualquer coisa parecida?

Ela admitiu ter discutido com ele na manhã anterior, quando faziam a primeira refeição.

- Suponho que as empregadas ouviram essa discussão - eu comentei.

- Elas não estavam na sala - disse Mabel.

- Não, minha querida. Mas, provavelmente estavam bem perto, atrás da porta.

Eu conhecia bem demais a sonoridade da voz aguda e histérica de Mabel. E Geoffrey Denman era também inclinado a elevar a voz quando se irritava.

- E sobre que assunto vocês discutiram? - eu indaguei.

- As coisas de costume. Eram sempre as mesmas, uma atrás da outra. Algum fato sem importância fazia com que a gente começasse a discutir. Então Geoffrey ficava impossível e dizia coisas abomináveis. E eu falava o que pensava a respeito dele.

- Então havia muitas discussões entre vocês?

- A culpa não era minha.

- Minha querida menina - eu acrescentei - não importa de quem seria a culpa. Não é disso que estamos tratando. Num lugar como este, os assuntos particulares são mais ou menos do domínio público. Você e seu marido estavam sempre discutindo. Vocês tinham travado uma discussão muito forte, numa certa manhã. E naquela noite seu marido morreu de repente e de maneira misteriosa. Isso é tudo, ou ainda haverá mais alguma coisa?

- Eu não sei o que a senhora quer dizer quando fala em mais alguma coisa - declarou Mabel num tom sucumbido.

- Exatamente o que estou dizendo, querida. Se você fez alguma tolice, pelo amor de Deus não me esconda isso agora. Eu só desejo fazer o que puder para ajudar a você.

- Ninguém poderá me ajudar! Ninguém! - exclamou Mabel num desespero. - Só a morte!

- Tenha um pouco mais de confiança na Providência Divina, minha querida. Muito bem, Mabel: eu sei perfeitamente que há alguma coisa que você está escondendo de mim.

Eu sempre soube, mesmo quando Mabel era criança, quando não estava me dizendo toda a verdade. A coisa demorou muito tempo a ser explicada, mas, finalmente, ela me contou tudo. Naquela manhã, tinha ido até a farmácia e comprado um pouco de arsênico. Naturalmente - fora obrigada a assinar um livro por causa disso. E também, naturalmente, o farmacêutico dera com a língua nos dentes.

- Quem é seu médico? - eu lhe perguntei.

- É o Dr. Rawlinson.

Eu o conhecia de vista. Mabel me havia apontado na rua o Dr. Rawlinson, uns dias antes. Para falar em termos absolutamente claros, ele era o que eu descreveria como um tolo. Eu já tive muitas experiências na vida para acreditar na infalibilidade dos médicos.

Alguns são homens inteligentes, outros não. E na metade dos casos, os melhores médicos não sabem o que uma pessoa tem. Eu não quero saber de médicos e de seus remédios.

Pensei no assunto e, em seguida, pus minha touca e fui procurar o Dr. Rawlinson. Ele era exatamente o que eu havia pensado: um bom velho, amável, impreciso, e tão míope que dava pena. Era meio surdo e, também, suscetível no mais alto grau. Logo se alvoroçou quando eu mencionei a morte de Geoffrey Denman. E falou durante muito tempo sobre várias espécies de fungos, comestíveis e outros. Havia interrogado a cozinheira e ela admitira que dois ou três cogumelos que preparara tinham aspecto um tanto estranho. Mas como a mercearia os havia mandado, pensou que todos deveriam ser bons. Mas, desde então, quanto mais pensava neles, mais se convencia de que sua aparência era fora do comum.

- Ela deveria estar convencida disso - eu comentei.

Os cogumelos a princípio eram bem iguais aos outros, quanto ao seu aspecto. Mas acabaram ficando cor de laranja, com manchas purpurinas. Não há nada que a classe médica não seja capaz de se lembrar, se fizer um esforço nesse sentido.

Eu deduzi que Denman já não conseguia falar quando o médico chegou à sua cabeceira. Não podia engolir e morreu ao cabo de alguns minutos. O médico me pareceu perfeitamente satisfeito com o atestado de óbito que passou. Mas ninguém poderia ter certeza até que ponto aquilo seria teimosia ou verdadeira convicção.

Fui diretamente para casa e perguntei a Mabel, com toda franqueza, porque motivo ela havia comprado arsênico. E declarei:

- Você deveria estar com alguma ideia na cabeça. Mabel começou a chorar, e disse, a gemer:

- Eu queria acabar com minha vida. Era muito infeliz! Pensei que ia pôr um fim ao meu sofrimento.

- Você ainda tem o arsênico? - eu indaguei.

- Não. Joguei todo fora.

Eu fiquei sentada, ruminando aquelas coisas. Depois indaguei;

- O que aconteceu quando ele começou a passar mal? Chamou você?

- Não - disse ela, abanando a cabeça. - Tocou a cam-painha com muita força. Deve ter tocado a campainha várias vezes. Finalmente, Dorothy, a arrumadeira, ouviu a campainha, acordou a cozinheira e as duas desceram. Quando Dorothy o viu ficou muito assustada. Estava

dizendo coisas sem nexo, delirando. Ela deixou a cozinheira com ele e foi correndo me chamar. Eu me levantei da cama e fui para junto dele. Vi imediatamente que ele estava muito mal. Infelizmente, a enfermeira Brewster, que cuida do velho Mr. Denman, estava de folga naquela noite, por isso não havia ninguém que soubesse o que fazer. Mandei Dorothy ir chamar o médico. A cozinheira e eu ficamos com ele. Mas passados alguns minutos, não pude mais aguentar tudo aquilo. Era horrível demais. Corri para meu quarto e tranquei a porta a chave.

- Mas que grande egoísmo e maldade - eu observei. - Sem dúvida sua conduta não lhe ajudou em nada, disso você pode ter certeza. A cozinheira repetiu essa história aos quatro ventos. Muito bem. A coisa é feia.

Em seguida conversei com as empregadas. A cozinheira queria me falar sobre os cogumelos, mas eu não permiti. Estava cansada daqueles cogumelos. Em vez disso, interroguei as duas de maneira precisa acerca do estado de seu patrão naquela noite. Ambas concordaram que ele parecia muito agoniado, não conseguindo engolir, só podendo falar com uma voz estrangulada. E quando falava, emitia apenas uns grunhidos, nada que fizesse sentido.

- O que ele disse quando estava delirando? - eu indaguei, cheia de curiosidade.

- Alguma coisa sobre peixe, não foi isso? - disse a cozinheira, voltando-se para a outra.

Dorothy concordou, declarando:

- Um monte de peixes. Umas coisas sem sentido como isso. Eu vi logo que ele não estava bom das ideias.

Parecia impossível obter qualquer informação daquilo. Como último recurso, procurei Brewster, que era mulher de meia idade, magra, de seus cinquenta anos.

- Foi uma pena que não estivesse aqui naquela noite - disse ela. - Ninguém parece ter procurado fazer alguma coisa por ele até o médico chegar.

- Suponho que ele estava delirando - eu sugeri, num tom de dúvida. - Mas isso não é um sintoma de envenenamento pela ptomaína.

- Depende - declarou a enfermeira. Eu indaguei como ia passando seu doente. Ela abanou a cabeça, dizendo:

- Não vai nada bem.

- Debilitado?

- Ah, não! Ele é bem forte fisicamente. A não ser a visão, que está

enfraquecendo muito. Ainda é capaz de enterrar todos nós. Mas a cabeça dele não está regulando. Está piorando cada vez mais. Eu já disse a Mr. e Mrs. Denman que ele deveria ir para um sanatório. Mas Mrs. Denman não quer nem ouvir falar nisso. De maneira alguma.

Acho que devo dizer, em favor de Mabel, que ela sempre teve um bom coração.

Pois bem. A situação era aquela. Eu refleti sobre todos os aspectos da questão, e, finalmente, resolvi que havia ape-nas uma coisa a fazer. Diante dos rumores que corriam, seria necessário solicitar permissão para exumar o corpo. E deveria ser feita uma autópsia para que as más línguas se calassem de uma vez por todas. Naturalmente Mabel fez um estardalhaço, sobretudo por motivos de ordem sentimental: perturbar o morto em seu túmulo, onde estava descansando em paz. E coisas assim. Mas eu mantive pé firme.

Não contarei uma longa história sobre esse aspecto da questão. Conseguimos a autorização para mandar fazer a au-tópsia, ou que outro nome se dê a isso. Mas seu resultado não foi muito satisfatório, como se poderia ter esperado. Não fo-ram encontrados quaisquer traços de arsênico, o que foi muito bom, mas as verdadeiras palavras do laudo foram as seguintes: não havia coisa alguma que provasse como o morto encontrara seu fim.

Assim, como veem, aquilo não nos libertou inteiramente de nossa inquietação. As pessoas continuaram a falar sobre venenos raros, que ninguém consegue identificar. Tolices dessa natureza.

Eu havia falado com o patologista que fizera a autópsia, e lhe fizera várias perguntas. Embora se esforçasse ao máximo para deixar de me responder a maioria dessas perguntas, dele obtive a informação de que julgava muito improvável que os cogumelos envenenados tivessem sido a causa da morte. Uma ideia estava fervilhando dentro de mim, e eu indaguei àquele homem que veneno, se existisse algum, poderia ter sido empregado para obter aquele resultado. Ele me deu uma longa explicação da qual, eu devo confessar, não consegui acompanhar a maior parte. Mas tudo se resumiu no seguinte: a morte poderia ter sido causada por algum forte alcaloide de origem vegetal.

A ideia que eu tinha era a seguinte: supondo que também houvesse no sangue de Geoffrey Denman um toque de loucura, não poderia ele ter acabado com a própria vida? Numa certa fase de sua juventude, havia estudado medicina e deveria possuir bons conhecimentos a respeito dos venenos e seus efeitos.

Não achei que aquilo parecesse muito provável, mas era a única coisa em que conseguia pensar. Estava quase inteiramente perplexa, isso eu lhes posso afirmar. Bem, eu acho que todos aqui, gente moderna, serão capazes de caçoar de mim. Mas quando eu me encontro de fato em maus lençóis, sempre faço uma oração. Em qualquer lugar, quando estou caminhando pelas ruas, ou num bazar. Sempre sou atendida. Pode ser uma coisa à-toa, aparentemente sem a menor relação com o assunto, Mas sempre foi assim. Quando era uma menina pequena, mantinha o seguinte texto, espetado por um alfinete, no alto de minha cama: *"Pede, e receberás."* Na manhã a que estou me referindo, eu estava caminhando pela High Street, rezando com fervor. Fechei os olhos e, quando os abri, imaginem o que foi a primeira coisa que vi?

Quatro rostos, revelando vários graus de interesse, esta-vam voltados para Miss Marple. Mas se pode presumir, com segurança, que ninguém teria adivinhado a resposta certa daquela pergunta.

- Eu vi - afirmou Miss Marple de maneira impres-sionante - *a vitrina de uma peixada*. Nela só havia uma coisa: *hadoque fresco.*

E olhou em derredor, com um ar triunfante.

- Oh, meu Deus! - exclamou Raymond West. - Essa foi a resposta a uma prece: hadoque fresco!

- Sim, Raymond - declarou Miss Marple com um ar severo. - Não há necessidade de blasfemar por causa disso. A mão de Deus está por toda parte. A primeira coisa que eu vi foram as manchas pretas, as marcas do polegar de São Pedro. Essa é a lenda, como sabem. O polegar de São Pedro. Aquilo esclareceu tudo para mim. Eu tinha necessidade de fé, a sempre verdadeira fé em São Pedro. E liguei as duas coisas; fé e peixe.

Sir Henry assoou o nariz de maneira um tanto pressurosa, e Joyce mordeu o lábio.

Pois bem. O que aquilo me fez lembrar? A cozinheira e a arrumadeira, naturalmente, tinham mencionado que uma das coisas em que o moribundo falou foi peixe. Eu estava convencida, absolutamente convencida, de que deveria ser encontrada nessas palavras alguma solução para o mistério. Fui para casa decidida a chegar ao âmago da questão.

Miss Marple fez uma pausa e prosseguiu:

- Alguma vez lhes ocorreu até que ponto nos guiamos pelo que se chama, creio eu, o contexto? Há um lugar em Dartmoor que se denomina Grey Wethers. Se alguém conversasse com um lavrador

desse lugar e mencionasse o nome Grey Wethers. ele provavelmente concluiria que a pessoa estaria se referindo a uns círculos de pedra. Mas é possível que ela pudesse estar se referindo à atmosfera e, do mesmo modo, se estivesse querendo falar nos círculos de pedra, uma pessoa de fora, que ouvisse fragmentos da conversa, talvez imaginasse que a outra estaria querendo se referir ao tempo. Por isso, quando repetimos uma conversação, via de regra não reproduzimos realmente as palavras que foram pronunciadas. Inserimos outras palavras que nos parecem significar exatamente a mesma coisa.

Conversei separadamente com a cozinheira e com Dorothy. Perguntei à cozinheira se ela tinha plena certeza de que seu patrão havia realmente mencionado um monte de peixes. Ela afirmou estar absolutamente certa disso.

- Foram essas as exatas palavras dele? - eu indaguei - ou fez referência a uma determinada espécie de peixe?

- Foi isso - declarou a cozinheira. - Uma determinada espécie de peixe. Mas eu não consigo me lembrar o nome dela. Um monte de. . . mais o que era mesmo? Não era qual-quer um desses peixes que a gente serve à mesa. Seria uma perca? Não. Não começava por *p.*

Dorothy também se recordou que o patrão tinha mencionado uma espécie de peixe. Algum peixe exótico, disse ela.

- Uma pilha de, ou o que foi? - eu indaguei. - Ele falou num monte ou numa pilha?

- Eu acho que ele falou numa pilha. Mas, realmente, não estou bem certa. É difícil lembrar as palavras exatas de uma pessoa, não é mesmo, Miss Marple? Especialmente quando parece que não fazem sentido. Mas agora que estou pen-sando nisso, estou quase certa de que era uma pilha, e o nome do peixe começava por C. Mas não era *cod* nem *crayfish*.

A parte da história que vem a seguir é aquela de que eu me orgulho, prosseguiu Miss Marple. Naturalmente eu não entendo nada de drogas, coisas que considero horríveis, perigosas. Tenho uma velha receita de minha avó, uma receita de chá de tanásia, que vale por qualquer quantidade de remédios. Mas eu sabia que havia na casa de Mabel vários livros de Medicina e, num deles, encontrei um índice de drogas. Ceoffrey tinha ingerido determinado veneno e estava tentando dizer o nome desse veneno.

Bem. Procurei a lista dos *H's*, começando por *He.* Nela não havia nada que parecesse provável. Então comecei a examinar a letra *P* e

quase imediatamente cheguei a... o que poderão imaginar?

Miss Marple olhou em derredor, adiando seu momento de triunfo.

- Pilocarpina. Podem imaginar um homem que mal consegue falar, tentando arrancar da boca essa palavra? Que poderia ela parecer a uma cozinheira que nunca tinha ouvido falar nisso? Não lhe daria a impressão de uma pilha de carpas?

- Meu Deus! - exclamou Sir Henry.

- Eu não teria chegado a acertar - disse o Dr. Pender.

- Muito interessante - comentou Mr, Petherick. - Realmente, muito interessante.

Eu virei rapidamente as páginas do livro até encontrar a indicada no índice. Li a respeito da pilocarpina e de seus efeitos sobre a visão e outras coisas, que pareciam não ter qualquer relação com o caso. Finalmente cheguei à frase mais significativa: *Tem sido experimentada com êxito como antídoto para o envenenamento pela atropina.*

Todos aqui devem imaginar que eu não tenha palavras para lhes dizer como aquilo imediatamente me esclareceu. Jamais havia pensado na probabilidade de Geoffrey Denman suicidar-se. Não. Essa nova solução não era meramente possível: eu estava absolutamente segura de que era a solução correta, pois todas as peças do quebra-cabeças se ajustavam logicamente umas às outras.

- Eu não estou tentando adivinhar - disse Raymond. - Continue, tia Jane, e diga o que era surpreendentemente claro para a senhora.

- Naturalmente eu não entendo nada de Medicina - declarou Miss Marple. - Mas de fato acontece que eu sabia isso, pois, quando minha vista andou falhando, meu médico me receitou umas gotas de sulfato de atropina. Por isso fui até o segundo andar, sem perda de tempo, e entrei no quarto do velho Mr. Denman. Não fiz rodeios. Disse a ele:

- Mr. Denman, eu sei de tudo. Porque o senhor enve-nenou seu filho?

Ele olhou para mim durante uns dois ou três minutos. Era um velho bem bonito, à sua maneira. Em seguida, desatou a rir. Foi uma das gargalhadas mais perversas que eu ouvi em toda minha vida. Posso lhes garantir que fiquei arrepiada. Já tinha ouvido falar numa coisa assim, quando a pobre Mrs. Jones ficou louca.

- Sim - disse ele - eu acertei minhas contas com Geoffrey. Fui esperto demais para Geoffrey. Ele queria me mandar embora, não é mesmo? Mabel é uma boa moça. Ficou do meu lado, mas eu sabia que ela não seria capaz de manter-se firme diante de Geoffrey. No final, ele

conseguiria fazer tudo do jeito que desejava. Sempre foi assim. Mas eu me livrei dele, eu me livrei do meu bom e querido filho. Há, há, há! Eu me esgueirei durante a noite. Foi bem fácil. A Brewster não estava em casa. Meu querido filho estava dormindo e tinha um copo de água ao lado da cama. Sempre acordava no meio da noite e bebia toda a água. Eu a derramei, há, há, há! E esvaziei o vidro de colírio dentro do copo. Ele com certeza iria acordar e sorver tudo antes de saber o que era. Era apenas uma colher de sopa de remédio, mas bem suficiente, bem suficiente. E ele assim fez. As outras pessoas vieram me procurar pela manhã e me deram a notícia cóm muito jeito. Tinham medo que fosse me perturbar. Há, há, há! Há, há, há!

Bem, disse Miss Marple, esse é o final da história. Naturalmente o pobre homem foi posto num hospício. Não era realmente responsável pelo que tinha feito e a verdade se tornou conhecida. Todos ficaram com pena de Mabel e não souberam o que fazer por causa da injusta suspeita que haviam alimentado. Mas se Geoffrey não tivesse percebido que espécie de coisa havia engolido, nem procurado fazer com que todas as pessoas fossem buscar o antídoto sem demora, os fatos jamais poderiam ter sido descobertos. Creio que os sintomas de envenenamento pela atropina são muito positivos: dilatação das pupilas, e tudo mais. Mas, naturalmente, como eu já lhes disse, o Dr. Rawlinson era muito míope, coitado do velho! E no mesmo livro de Medicina, que eu continuei lendo, uma parte desse livro era interessantíssima, fiquei informada dos sintomas do envenenamento pela ptomaína e pela atropina. Não eram muito diferentes entre si. Mas eu nunca mais pude dar com os olhos numa pilha de hadoque sem pensar na marca do polegar de São Pedro.

Seguiu-se uma longa pausa.

- Minha prezada amiga - disse o Dr. Petherick. - Minha muito prezada amiga, a senhora é realmente surpreendente.

E Sir Henry acrescentou:

- Vou recomendar à Scotland Yard que a procure para obter seus conselhos.

- Bem, de qualquer maneira, tia Jane - disse Raymond - há uma coisa que a senhora não sabe.

- Ah, mas eu sei, meu querido! - exclamou Miss Marple. - Aconteceu pouco antes do jantar, não foi mesmo? Quando você levou Joyce para admirar o pôr do sol. Aquele lugar é muito especial. Perto da sebe de jasmineiros. Foi lá que o leiteiro perguntou a Annie se poderia mandar

correr os proclamas.

- Mas que diabo, tia Jane! - reclamou Raymond. - Não estrague todo o romance. Joyce e eu não somos iguais ao leiteiro e Annie.

- Nisso é que você se engana, meu caro - observou Miss Marple. - Todas as pessoas são realmente muito parecidas. Mas, por felicidade, talvez não percebam isso.

7
O Gerânio Azul

- QUANDO EU AQUI ESTIVE, no ano passado - começou Sir Henry Clithering e parou de falar.

Sua anfitriã, Mrs. Bantry, olhou para ele cheia de curio-sidade. O ex-diretor da Scotland Yard estava passando uma temporada em casa de seus amigos, o Coronel e Mrs. Bantry, que moravam perto de St. Mary Mead.

Mrs. Bantry, de caneta em punho, acabara de pedir-lhe um conselho, indagando quem deveria ser convidado para ser a sexta pessoa no jantar daquela noite.

- Vamos, Sir Henry - disse Mrs. Bantry, num tom de encorajamento. - Quando o senhor esteve aqui, no ano passado. . .

- Diga-me uma coisa - prosseguiu Sir Henry - a senhora conhece Miss Marple?

Mrs. Bantry ficou meio espantada. Era a última coisa que poderia imaginar. E declarou o seguinte:

- Se eu conheço Miss Marple? Quem não a conhece? É a solteirona típica dos livros de ficção. Um encanto de pessoa, mas irremediavelmente atrasada. O senhor não está dizendo que gostaria que eu a convidasse para o jantar?

- A senhora se surpreende com isso?

- Um pouco, devo confessar. Eu nunca teria esperado que o senhor... Mas talvez haja uma explicação para isso.

- A explicação é bem simples. Quando aqui estive, no ano passado, nós cultivamos o hábito de discutir mistérios sem solução. Éramos cinco ou seis pessoas: Raymond West, o romancista, foi quem começou. Cada um de nós contou um caso, cuja solução conhecia, mas que ninguém mais sabia qual era. Nós achamos que se tratava de um exercício de nossa capacidade de dedução. Ver quem chegaria mais perto da verdade.

- E daí?

- Como aconteceu na velha história, mal nos aperce-bemos que Miss Marple estava participando do jogo. Mas fo-mos muito bem educados. Não queríamos melindrar nossa querida e velha amiga. Foi então que

aconteceu o melhor de toda a brincadeira. A velha senhora nos bateu a nós todos, todas as vezes!

- Como?

- Eu lhe asseguro. Chegou diretamente à verdade, como um pombo-correio de volta ao seu pombal.

- Mas que coisa extraordinária! Como pode ser! A que-rida velhinha, Miss Marple, poucas vezes saiu de St. Mary Mead.

- Mas na opinião dela isso lhe proporcionou ilimitadas oportunidades de observar a natureza humana, como se fosse ao microscópio.

- Creio que há uma certa verdade nisso. Uma pessoa pelo menos poderia conhecer o lado mesquinho das outras. Mas não acredito que nós tenhamos criminosos realmente emocionantes entre nós. Penso que devemos pôr Miss Marple à prova com a história do fantasma de Arthur, depois do jantar. Seria ótimo se ela encontrasse uma solução para esse caso.

- Eu não sabia que Arthur acreditava em fantasmas.

- Mas ele não acredita. Isso é que o preocupa. Acontece que um amigo dele, George Pritchard, pessoa muito pro-saica... É realmente muito trágico para o pobre homem. Ou a história extraordinária dele é verdadeira, ou então...

- Então o quê?

Mrs. Bantry não deu resposta à pergunta. Ao cabo de dois ou três minutos, declarou, num jeito relutante:

- O senhor sabe que eu estimo o George, como toda gente. Não se pode acreditar que ele... Mas as pessoas fazem coisas tão estranhas!

Sir Henry assentiu com um movimento de cabeça. Ele sabia, melhor do que Mrs. Bantry, que coisas extraordinárias as pessoas fazem.

Naquela noite, Mrs. Bantry olhou em derredor de sua mesa de jantar (tremendo um pouco enquanto o fazia) porque a sala de jantar, como acontece na maior parte das salas de jantar inglesas, era extremamente fria, e fixou o olhar naquela velha senhora, muito empertigada, que estava sentada ao lado de Mr. Bantry. Miss Marple usava mitenas de renda preta, um antigo fichu lhe descia sobre os ombros, ao passo que outra renda lhe prendia os cabelos brancos. Estava conversando animadamente com o idoso Dr. Lloyd sobre o asilo para os pobres e as suspeitadas limitações da enfermeira distrital.

Mrs. Bantry ficou outra vez perplexa. Chegou a imaginar que Sir Henry navia arquitetado uma complicada pilhéria. Tudo aquilo parecia não ter sentido. Era incrível que pudesse ser verdade o que ele dissera.

Continuou a observar as pessoas e seu olhar fixou-se afetuosamente no marido, corado e espadaúdo, a conversar sobre cavalos com Jane Helier, a bela e popular atriz. Jane, mais linda fora do palco do que quando nele pisava, se isso fosse possível, arregalava seus imensos olhos azuis e murmurava, de vez em quando: "É mesmo? Vejam só! Que coisa extraordinária!" Ela não entendia nada de cavalos e ligava menos ainda para isso.

- Arthur - disse Mrs. Bantry - você está caceteando a pobre Jane a mais não poder. Deixe os cavalos em paz e conte sua história do fantasma. Você sabe... a de George Pritchard.

- Mas Dolly - observou Mr. Bantry - Você não compreende que...

- Sir Henry também quer ouvir essa história. Eu lhe comentei alguma coisa sobre ela, hoje de manhã. Seria inte-ressante saber o que cada pessoa teria a dizer a seu respeito.

- Por favor, conte - insistiu Jane. - Eu adoro casos de fantasmas.

- Bem - disse o Coronel Bantry, hesitante. - Eu nunca acreditei muito no sobrenatural, mas esse caso...

Não creio que qualquer dos presentes saiba quem é George Pritchard. É uma das melhores pessoas que eu conheço. Sua esposa, bem, ela já morreu, pobre mulher. Eu lhes direi apenas isso: ela não tornou a vida de George muito amena enquanto viveu. Era uma dessas criaturas semi-inválidas. Acredito que tinha realmente alguma doença, mas, o que quer que fosse, fazia render a coisa ao máximo. Era caprichosa, exigente, pouco razoável. Vivia se queixando, de manhã à noite. George tinha de atendê-la em tudo, e tudo que fazia estava errado e era motivo de imprecações. A maioria dos homens, estou plenamente convencido disso, teria lhe dado uma machadada na cabeça muito tempo antes. Não é verdade, Dolly?

— Ela era uma mulher terrível - declarou Mrs. Bantry, num tom de convicção. - Se George lhe tivesse estourado os miolos com um machado, e se houvesse alguma mulher no júri, teria sido triunfalmente absolvido.

— Eu não sei como a história começou - prosseguiu Mr. Bantry. - George foi bastante vago a esse respeito. Eu deduzi que Mrs. Pritchard sempre tivera uma queda por cartomantes, grafólogos, videntes, gente dessa espécie. George não se importava com isso. Achava até muito engraçado. Mas se recusava a fazer grandes louvações a essas pessoas, o que era motivo de queixas sem fim de parte de sua esposa.

Um exército de enfermeiras se sucederam na casa deles. Mrs.

Pritchard geralmente ficava descontente com elas ao cabo de algumas semanas. Uma jovem enfermeira tinha se mostrado muito interessada nessas habilidades da cartomancia e, durante algum tempo, Mrs. Pritchard gostou muito dela. Depois tornou-se subitamente hostil à moça e insistiu para que fosse despedida. Voltou a admitir outra enfermeira, que lhe servira anteriormente, mulher de mais idade, experiente e de muito tato para lidar com doentes neuróticos. Tolerava os maus humores e as crises de nervos de Mrs. Pritchard, revelando a mais completa indiferença diante deles.

Mrs. Pritchard sempre almoçava no andar de cima, sendo comum, à hora dessa refeição, George e a enfermeira aparecerem para que fossem tomadas algumas providências referentes à tarde. Rigorosamente falando, a enfermeira tinha folga das duas às quatro horas, mas para servir, como se diz, por vezes tirava essa folga depois do chá, caso George quisesse dispor de seu tempo após o almoço. Nessa ocasião, ela mencionara que ia visitar uma irmã, em Golders Green. Poderia chegar um pouco atrasada. George ficou meio desapontado pois havia combinado jogar uma partida de golfe. Todavia, a enfermeira o tranquilizou, dizendo:

- Ela não vai sentir falta de nenhum de nós, Mr. Pritchard. - E seus olhos brilharam. - Mrs. Pritchard vai ter uma companhia mais emocionante do que a nossa.

- De quem se trata? - indagou ele.

- Um momento - acrescentou a enfermeira. E os olhos dela ficaram mais brilhantes do que nunca. - Deixe-me ler direito: *Zarida, Leitora do Futuro.*

- Meu Deus! - lamentou-se George. - Mais uma!

- Mais uma - confirmou a enfermeira. - Creio que minha antecessora, a enfermeira Carstairs, foi quem a mandou. Mrs. Pritchard ainda não a viu. Pediu que eu lhe escrevesse, marcando uma entrevista para hoje de tarde.

— Bem. De qualquer maneira eu vou jogar minha partida de golfe - declarou George.

E saiu, movido pelos mais generosos sentimentos em re-lação a Zarida, a Leitora do Futuro.

Quando voltou para casa, encontrou Mrs. Pritchard num estado de grande agitação. Estava, como de costume, deitada em seu sofá de inválida, com um vidro de sais de cheirar na mão, aspirando-os a cada momento.

- George! - exclamou. - O que foi que eu lhe disse sobre esta casa? Desde o momento em que eu aqui entrei, senti que havia alguma coisa de ruim nela. Eu não tenho sempre dito isso a você?

Reprimindo o impulso de dar-lhe uma resposta, George declarou o seguinte:

- Você sempre faz isso. Não. Não direi que me lembro.

- Você nunca se lembra de nada que me diga respeito. Os homens são extraordinariamente empedernidos. Mas eu realmente acredito que você é ainda mais insensível do que a maioria deles.

- Deixe disso, minha querida Mary. Não é justo de sua parte.

- Como eu estava lhe dizendo, George, aquela mulher percebeu tudo imediatamente. Ela de fato recuou, assustada, se você souber o que eu quero dizer, no momento em que passou por aquela porta, e disse: "Aqui existe maldade. Maldade e perigo. Estou sentindo isso."

George desatou a rir, de um jeito muito imprudente, e declarou:

- Bem. Valeu a pena você gastar seu dinheiro hoje de tarde.

Sua esposa fechou os olhos e aspirou longamente os sais.

- Você me detesta! - exclamou. - Você seria capaz de rir e caçoar de mim se eu estivesse morrendo!

George protestou. Passados dois ou três minutos ela prosseguiu:

- Você pode rir, mas eu vou lhe contar tudo. Esta casa é positivamente perigosa para mim. Aquela mulher me disse.

Os generosos sentimentos de George em relação a Zarida se modificaram. Ele sabia que sua esposa seria perfeitamente capaz de insistir em mudar-se de casa se fosse dominada pelo capricho de assim fazer.

- E o que mais ela falou? - indagou ele.

Sua mulher não conseguiu dizer grande coisa, pois estava muito perturbada. Mas acrescentou:

- Ela disse isto. Eu tinha umas violetas dentro de um copo. - E apontou para as flores, exclamando: - Ela falou: "Tire isso daí. Não tenha flores azuladas. Nunca tenha flores azuladas. *As flores azuladas serão fatais à senhora.* Lembre-se disso." E Mrs. Pritchard acrescentou: - Você sabe que a cor azul me repugna. Eu sempre lhe disse isso. Sinto uma espécie de aviso nessa cor. Uma coisa natural e instintiva.

George teve juízo bastante para não comentar que jamais a ouvira referir-se aqui. Em vez de fazer qualquer observação, perguntou que aparência tinha a misteriosa Zarida. Mrs. Pritchard começou a descrevê-la animadamente:

- Tem cabelos pretos, cacheados, que lhe cobrem as orelhas. Seus olhos são meio cerrados. Tem umas grandes olheiras escuras. Estava com um véu preto que lhe escondia a boca e o queixo. Fala com uma voz cantada, num forte sotaque de estrangeira. De espanhola, creio eu.

- É. De fato tem o aspecto comum de sua classe - de-clarou George num tom jovial.

Sua esposa cerrou os olhos imediatamente e disse:

- Eu estou me sentindo mal. Muito mal. Toque a cam-painha e chame a enfermeira. A maldade me faz mal e você sabe disso muito bem.

Transcorridos dois dias, a enfermeira foi procurar George. Seu rosto tinha uma expressão grave e lhe disse:

- O senhor quer ir ver Mrs. Pritchard, por favor? Ela recebeu uma carta que a perturbou muito.

George encontrou a mulher com a carta na mão. Esten-deu-a para que ele a pegasse, dizendo:

- Leia isto.

George leu a carta. Tinha sido escrita num papel forte-mente perfumado, numa caligrafia graúda e a tinta preta. Dizia o seguinte:

"Eu vi o Futuro. Receba este aviso antes que seja tarde demais. Cuidado com a Lua Cheia. A Primavera Azul significa Advertência; a Malva-rosa Azul, Perigo; o Gerânio Azul, Morte..."

George quase desatou numa gargalhada, mas seu olhar cruzou com o da enfermeira, que lhe fez um rápido gesto de advertência. Então declarou, meio desajeitadamente:

- Essa mulher está procurando amedrontar você, Mary. Mas, de qualquer maneira, não existem primaveras nem gerânios azuis.

Apesar disso Mrs. Pritchard desatou a chorar, dizendo que seus dias estavam contados. A enfermeira e George saíram do quarto, parando no patamar da escada. Ele exclamou, num rompante:

- Enfermeira. A senhora com certeza não acredita...

- Absolutamente, Mr. Pritchard. Não acredito que se possa adivinhar o futuro. Mas o que me deixa intrigada é a *significação* daquilo. As cartomantes geralmente se dispõem a agir pelo que conseguem obter. Mas essa mulher parece estar aterrorizando Mrs. Pritchard sem qualquer proveito próprio. Não consigo entender isso. Há qualquer outra coisa...

- O que poderá ser? - indagou George.

- Mrs. Pritchard disse que Zarida tinha algo que lhe era um tanto familiar - acrescentou a enfermeira.

- E daí?

- Bem, Mr. Pritchard. Eu não estou gostando nada disso. É só.

- Eu não sabia que a senhora era tão supersticiosa.

- Não sou supersticiosa, mas sei que se trata de alguma coisa suspeita.

Passaram-se aproximadamente quatro dias desse primeiro incidente. Bem, prosseguiu Mr. Bantry, eu terei de descrever o quarto de Mrs. Pritchard para lhes explicar o que aconteceu.

- É melhor você deixar que eu faça isso - interrompeu Mrs. Bantry. - O quarto era forrado com um desses moder-nos papéis de parede nos quais são aplicados ramos de flores para obter-se uma espécie de friso. O efeito é quase igual ao de uma pessoa estar num jardim, embora as flores sem dúvida sejam todas impossíveis. Eu quero dizer que não poderiam desabrochar ao mesmo tempo.

- Não deixe que sua paixão pela exata floricultura a do-mine, Dolly - interveio o marido. - Nós todos sabemos que você é uma jardineira muito entusiasta.

- Mas isso é um absurdo - protestou Mrs. Bantry. - Campánulas, narcisos, lupinos e malva-rosas. Tudo isso junto.

- E muito anticientífico - declarou Sir Henry. - Mas continue a história, por favor.

- Bem, entre aquelas flores amontoadas - prosseguiu Mrs. Bantry - havia umas primaveras, uns apanhados de primaveras amarelas e cor-de-rosa. Mas continue você, Arthur. A história é sua.

O Coronel Bantry retomou sua narrativa:

- Certa manhã, Mrs. Pritchard tocou violentamente a campainha. As empregadas acudiram às pressas, julgando que ela estivesse nas últimas. Nada disso. Muito excitada, apontou para o papel de parede. Sem dúvida havia *uma primavera azul* em meio às demais.. .

- Oh! - exclamou Miss Helier. - Isso é de arrepiar.

- O problema era o seguinte: a primavera azul teria sem-pre ali estado? Essa foi a sugestão de George e da enfermeira. No entanto Mrs. Pritchard não a aceitou de maneira alguma. Nunca tinha visto aquela flor antes, e a noite anterior havia sido de lua cheia. Ela ficou muito perturbada por causa disso.

- Encontrei George Pritchard naquele mesmo dia e ele me contou o caso - observou Mrs. Bantry. - Fui visitar Mrs. Pritchard e fiz o que pude para ridicularizar tudo aquilo, mas em vão. Saí da casa dela realmente preocupada e me lembro de ter encontrado com Jean Instow e de lhe ter contado o caso. Jean é uma moça estranha. Ela me disse o seguinte:

"Então ela está realmente inquieta?" Eu declarei acreditar que Mrs. Pritchard era mulher capaz de morrer de susto. Era de fato anormalmente supersticiosa. Lembro-me que Jean me impressionou bastante com o que disse em seguida: "Bem. Isso poderia ser a melhor coisa deste mundo, não é mesmo?" E falou de um jeito tão frio, num tom tão natural que eu fiquei realmente chocada. Eu sei, naturalmente, que hoje em dia se faz isso: ser brutal e dizer tudo que se pensa. Mas eu nunca me acostumei com essas maneiras. Jean sorriu para mim de um modo estranho e declarou o seguinte: "Você não gostou do que eu disse, mas é a pura verdade. Que valor tem a vida para Mrs. Pritchard? Nenhum. E é um verdadeiro inferno para George Pritchard. A melhor coisa que poderia acontecer seria ela morrer de susto." Eu acrescentei:

- George é sempre muito bom para ela. - E Jean obser-vou:

- Sim. Merece um prêmio. É um homem muito simpáti-co. A última enfermeira da mulher dele era dessa opinião. Aquela bonita. Como é o nome dela? Carstairs. Foi esse o motivo da briga entre ela e Mrs. Pritchard.

Não gostei de ouvir Jean dizer aquilo. Naturalmente as pessoas tinham *imaginado que...*

Mrs. Bantry fez uma pausa significativa.

- Bem, minha querida - comentou Miss Marple plácidamente - as pessoas sempre ficam imaginando coisas. Miss Instow é uma moça bonita? Eu suponho que ela jogue golfe.

- Joga, sim - confirmou Mrs. Bantry. - É craque em todos os esportes. E tem um físico interessante: muito loura, com uma pele saudável e uns olhos azuis bonitos e tranquilos. Naturalmente nós sempre imaginamos que ela e George Pritchard, quero dizer, se as coisas fossem diferentes, fariam um belo par.

- Eram amigos? - indagou Miss Marple.

- Eram. Muito bons amigos.

- Você acha, Dolly - perguntou o Coronel Baiitry num tom de queixa - que eu posso continuar minha história?

- Arthur - disse Mrs. Bantry resignadamente - quer voltar aos seus fantasmas.

- Eu soube o resto da história pelo próprio George - prosseguiu o coronel. - Não há dúvida que Mrs. Pritchard alarmou-se muito por volta do fim do mês seguinte. Marcou num calendário o dia que seria de lua cheia e, naquela noite, fez com que a enfermeira e George ficassem em seu quarto e examinassem cuidadosamente o papel da parede. Havia

malvas-rosas e malvas vermelhas, mas nenhuma azul entre elas. Quando George saiu do quarto, ela fechou a porta à chave.

- E na manhã seguinte havia uma grande malva azul - declarou triunfalmente Miss Helier.

- Exatamente - confirmou o Coronel Bantry. - De qualquer maneira, foi quase isso. Uma das flores de malva, bem por cima da cabeça de Mrs. Pritchard, tinha ficado azul. Aquilo fez George ficar meio atordoado. E sentiu-se ainda mais confuso porque se recusava a levar a coisa a sério. Insistiu que tudo não passava de uma piada. Não tomou conhecimento da circunstância de ter a porta sido fechada a chave, nem do fato de Mrs. Pritchard haver descoberto aquela transformação flor antes de qualquer outra pessoa, até mesmo antes de a enfermeira entrar no quarto.

Tudo aquilo desconcertou George e o levou a mostrar-se pouco razoável. Sentiu-se inclinado a acreditar no sobrenatural pela primeira vez, mas não iria admiti-lo. Ele geralmente cedia aos caprichos da esposa, mas dessa vez não iria fazê-lo. Mary não haveria de portar-se como uma louca, declarou ele. Tudo não havia sido mais do que um absurdo dos diabos.

O mês seguinte passou rapidamente. Mrs. Pritchard ergueu menos protestos do que se poderia ter imaginado. Creio que era suficientemente supersticiosa para julgar que não poderia fugir ao seu destino. Ficou sempre a repetir o seguinte: "Primavera azul, aviso. Malva azul, perigo. Gerânio azul, *morte."* E permaneceu deitada em sua cama, a olhar para o cacho de gerânios rosa-avermelhados que ficava mais perto.

Aquilo atacava os nervos das pessoas. Até a enfermeira apanhou a "infecção". Procurou George dois dias antes de ser lua cheia e pediu-lhe que tirasse Mrs. Pritchard daquela casa. George ficou irritado com isso e esbravejou:

- Se todas as flores daquela maldita parede ficarem azuis, uns demônios azuis, não poderão matar ninguém.

- Poderão, sim - replicou a enfermeira. - Muita gente já tem morrido de choque.

- Tolice - afirmou George.

Ele sempre foi um pouco teimoso. Ninguém consegue dissuadi-lo de coisa alguma. Acredito que pensava, no íntimo, que a esposa fazia aquelas mudanças na cor das flores e que tudo não passava de um plano mórbido e histérico dela mesma.

Pois bem. Chegou a noite fatal. Mrs. Pritchard trancou a porta a chave, como de costume. Estava muito calma, quase num estado de apatia. A enfermeira ficou preocupada com aquilo e quis dar-lhe um estimulante, uma injeção de estriquinina, mas Mrs. Pritchard recusou-se a isso. De certo modo creio que estava gostando da situação. Assim disse George.

- Eu penso que isso seria bem possível - afirmou Mrs. Bantry. - Devia haver uma estranha espécie de encanto em tudo aquilo.

Na manhã seguinte não se ouviu nenhum violento toque de campainha. Mrs. Pritchard geralmente despertava por volta das oito horas. Quando, às oito è meia, ela não deu o menor sinal de vida, a enfermeira bateu com força em sua porta. Não obtendo resposta, foi chamar George e insistiu para que a porta fosse arrombada. Eles assim fizeram com o emprego de um formão.

Bastou à enfermeira olhar para a figura imóvel que se achava na cama. Disse a George que chamasse o médico pelo telefone, mas já era tarde demais. O médico declarou que Mrs. Pritchard deveria ter,morrido pelo menos há umas oito horas. Os sais estavam perto de sua mão, sobre a cama. *E na parede ao lado dela, dois gerânios rosa-avermelhados haviam adquirido forte coloração azul-escura.*

- Que coisa horrível! - exclamou Miss Helier, estreme-cendo.

- Não havia outros detalhes? - indagou Sir Henry.

O coronel abanou a cabeça, mas Mrs. Bantry acrescen-tou, rapidamente:

- O gás.

- O que havia com o gás? - perguntou Sir Henry.

- Quando o médico chegou - esclareceu o coronel - sentiu um leve cheiro de gás. E George verificou que a chave do gás da lareira estava um pouco aberta. Mas tão pouco que não poderia ter tido a menor importância.

- Mr. Pritchard e a enfermeira não repararam nisso quando entraram no quarto da primeira vez? - insistiu Sir Henry.

- A enfermeira afirmou ter sentido um ligeiro cheiro de gás - declarou o coronel. - George disse que não havia re-parado nisso, embora alguma coisa o tenha feito sentir-se muito estranho e cansado. Atribuiu isso ao choque que havia tido e, provavelmente, foi o que de fato aconteceu. De qualquer maneira, não se cogitou de envenenamento pelo gás. O cheiro de gás mal poderia ser notado.

- E qual foi o desfecho da história? - indagou Sir Henry.

- Não parou nisso. Houve muito falatório. Todos podem compreender que as empregadas tinham ouvido muita coisa, por exemplo, Mrs. Pritchard dizer ao marido que ele a odiava e que ficaria zombando dela mesmo que estivesse morrendo. E também terão ouvido outros comentários mais recentes. Certo dia ela dissera, quando ele se recusou a deixar a casa: "Muito bem. Quando eu estiver morta, espero que todos os empregados compreendam que você me matou."

E a má sorte ainda veio contribuir para as coisas, pois George havia preparado um veneno contra ervas daninhas, que iria espalhar nas alamedas do jardim, exatamente na véspera. Uma das empregadas mais jovens o vira fazer isso e, depois, observara que ele estava levando um copo de leite quente para a esposa.

O falatório cresceu e espalhou-se. O médico dera um atestado de óbito, não sei exatamente em que termos: choque, síncope, parada cardíaca. Provavelmente empregou alguns termos médicos que não significam grande coisa. Mas a pobre mulher não estava nem um mês em seu túmulo quando foi requerida e concedida uma autorização para que seu corpo fosse exumado.

- E o resultado da autópsia foi nulo - declarou Sir Henry num tom grave. - Foi um caso de fumaça sem fogo, pelo menos daquela vez.

- A coisa foi realmente muito curiosa - comentou Mrs. Bantry. - A cartomante Zarida, por exemplo. No endereço em que deveria morar, ninguém jamais tinha ouvido falar nela. Apareceu da primeira vez, declarou George, como por encanto. E sumiu completamente.

- E mais ainda - acrescentou Mrs. Bantry. - A pequena enfermeira chamada Carstairs, que parecia tê-la reco-mendado, desapareceu e nunca mais se ouviu falar nela.

Todos se entreolharam.

- É uma história misteriosa - declarou o Dr. Lloyd. - Pedem ser feitas suposições. Mas supor...

Ele abanou a cabeça.

- E Mr. Pritchard? Casou-se com Miss Instow? - indagou Miss Marple com aquela sua voz suave.

- Por que a senhora faz essa pergunta? - indagou Sir Henry.

Miss Marple arregalou seus tranquilos olhos azuis e acrescentou:

- Isso me parece tão importante! Eles se casaram?

O Coronel Bantry sacudiu a cabeça e disse:

- Bem. Nós esperávamos que acontecesse alguma coisa desse tipo, mas já se passaram dezoito meses. E não creio que até mesmo eles se

vejam muito.

- Isso é importante - comentou Miss Marple. - Muito importante.

- Então a senhora e eu pensamos a mesma coisa - observou Mrs. Bantry. - A senhora acha que...

- Ora, Dolly - declarou o coronel. - Isso é injustificável. Isso que você vai dizer. Você não pode ir acusando uma pessoa sem a mínima sombra de prova.

- Não seja tão, como eu diria, tão masculino, Arthur. Os homens sempre receiam afirmar as coisas. De qualquer maneira, isso vai ficar só entre nós. É simplesmente uma ideia fantástica de minha parte. Apenas *é possível*, unicamente possível, que Jean Instow tenha se disfarçado em cartomante. Prestem bem atenção. Ela poderá ter feito isso a título de brincadeira. Eu não acredito, por um só momento, que estivesse pretendendo causar algum mal. Mas se assim fez, e se Mrs. Pritchard foi suficientemente tola para morrer de susto, bem, isso foi que Miss Marple quis dizer, não é verdade?

- Não, minha querida. Absolutamente - declarou Miss Marple. - A senhora compreende. Se eu fosse matar alguém, o que, naturalmente, eu jamais pensaria em fazer, em momento algum; além do mais não gosto de mortes, nem mesmo de matar vespas, embora saiba que isso é preciso e tenho certeza de que meu jardineiro o faz da maneira mais humana possível. Deixe-me ver. . . o que eu estava dizendo?

- Se a senhora quisesse matar alguém - lembrou Sir Henry.

- Ah, sim! - exclamou Miss Marple. - Bem. Se eu quisesse matar alguém, não me contentaria de maneira alguma em confiar no *medo*. Sei que nós costumamos ler a respeito de pessoas que morrem de susto. Mas isso me parece coisa muito incerta. E as pessoas mais nervosas são as que têm muito mais coragem do que nós realmente imaginamos. Eu gostaria de empregar algum meio mais positivo e seguro. De fazer um plano cem por cento satisfatório.

- Miss Marple - interveio Sir Henry. - A senhora me assusta. Eu espero que nunca deseje me eliminar. Seus planos devem ser bons demais.

Miss Marple olhou para ele com um ar de censura e acrescentou:

- Eu acho que deixei bem claro que jamais pensaria numa perversidade dessas. Não. Estou procurando me colocar no lugar de... de certa pessoa.

- A senhora não quer se referir a George Pritchard - disse o Coronel Bantry. - Eu jamais acreditaria que George fizesse isso. Embora,

prestem atenção, a própria enfermeira tenha pensado nisso. Fui visitá-la mais ou menos um mês após o incidente, quando o corpo foi exumado. Ela não sabia como o crime teria sido praticado. Na verdade, não disse absolutamente nada. Mas deixou bem claro que acreditava que George seria de certo modo responsável pela morte da esposa. Estava convencida disso.

- Bem - comentou o Dr. Lloyd. - Talvez ela não es-tivesse muito enganada. Vejam uma coisa: muitas vezes as enfermeiras *sabem* o que se passa. Não podem afirmar coisa alguma, não têm provas de nada. Mas *sabem*.

Sir Henry inclinou-se e declarou, num tom persuasivo:

- Vamos, Miss Marple. A senhora está perdida em seus devaneios. Não quer nos contar quais são eles?

Miss Marple estremeceu, enrubescendo, e disse o seguinte:

- Peço que me desculpem. Eu estava justamente pen-sando na enfermeira distrital. Um problema dificílimo!

- Mais difícil do que o problema do gerânio azul? - in-dagou Sir Henry.

- Tudo realmente depende das primaveras - declarou Miss Marple. - Eu quero dizer, Mrs. Bantry afirmou que eram amarelas e cor-de-rosa. Se uma primavera cor-de-rosa tivesse ficado azul, naturalmente isso se ajustaria perfeitamente ao caso. Mas se fosse amarela...

- Era cor-de-rosa - esclareceu Mrs. Bantry.

- Isso parece resolver o problema - disse Miss Marple, sacudindo a cabeça, num gesto de lástima. - E tempo de vespas, e tudo mais. E, naturalmente, o gás.

- Isso lhe faz lembrar as inúmeras tragédias das vilas, eu suponho - comentou Sir Henry.

- Não se trata de tragédias - afirmou Miss Marple. - E, certamente, nada têm de criminosas. Mas faz-me lembrar agora os problemas que estamos enfrentando com a enfermeira distrital. Afinal de contas, as enfermeiras são seres humanos e têm de ser tão corretas em seu comportamento, usar aqueles colarinhos desconfortáveis e ser tão ligadas às famílias. Não é de admirar que as coisas às vezes aconteçam, não é mesmo?

Um lampejo passou pela mente de Sir Henry, que indagou:

- A senhora está se referindo à enfermeira Carstairs?

- Não. Não estou pensando na enfermeira Carstairs, mas na enfermeira Copling. O senhor compreende. Ela havia trabalhado na

casa antes, sendo muito ligada a Mr. Pritchard. E o senhor declarou que ele é um homem simpático. Eu lhes digo que ela pensou... Bem. Não precisamos entrar nesse detalhe. Não creio que soubesse coisa alguma sobre Miss Instow. Naturalmente, quando descobriu o que havia entre os dois, virou-se contra Mr. Pritchard e procurou fazer-lhe o maior mal que pôde. A carta de fato a denunciou, não foi isso?

- Que carta? - indagou Sir Henry.

- A carta que escreveu à cartomante, a pedido de Mrs. Pritchard. A cartomante apareceu, aparentemente por causa da carta. Mais tarde, porém, descobriu-se que ninguém morava naquele, endereço. Isso mostra que a enfermeira Copling estava envolvida no caso. Apenas fingiu escrever a carta. Por isso, o que poderia parecer mais provável do que ser, ela própria, a cartomante?

- Eu nunca entendi o caso da carta - declarou Sir Henry. - Trata-se de um detalhe da maior importância, sem dúvida.

- Foi um passo bastante ousado - declarou Miss Marple. - Mrs. Pritchard poderia tê-la reconhecido, apesar do disfarce. Mas, se isso tivesse acontecido, naturalmente a enfermeira poderia ter fingido de que se tratava de uma brincadeira.

- O que a senhora quis dizer - indagou Sir Henry - quando afirmou que se fosse uma certa pessoa jamais teria confiado no *medo*?

- Ninguém poderia ter certeza a respeito do recurso ao *medo* - observou Miss Marple. - Não. Eu sei que os avisos e as flores azuis foram, se posso empregar um termo militar, *apenas camuflagem.* - E sorriu com gosto.

- E a verdadeira coisa? - indagou Sir Henry.

- Eu sei - continuou Miss Marple, num tom de desculpa - que estou só pensando em vespas. Coitadinhas! São destruídas aos milhares e, geralmente, nuns lindos dias de verão. Mas eu me lembro de ter pensado, quando vi meu jardineiro sacudindo o cianureto de potássio, numa garrafa cheia de água, como aquilo parecia desses sais de cheirar. Se fosse colocado num vidro de sais, em substituição aos verdadeiros... Bem. A pobre senhora tinha o hábito de aspirar seus sais. De fato o senhor declarou que foram encontrados perto da mão dela. Então, naturalmente, enquanto Mr. Pritchard foi telefonar para o médico, a enfermeira trocou aquele vidro pelo verdadeiro e abriu um pouco o bico de gás para dissimular o cheiro de amêndoas, caso alguém sentisse algum odor estranho. Sempre ouvi dizer que o cianureto não deixa vestígios após o transcurso de um tempo suficientemente longo.

Eu poderei estar enganada, naturalmente. Talvez houvesse alguma coisa completamente diferente no vidro. Mas isso realmente não importa, não é verdade?

Miss Marple fez uma pausa, um tanto opressa.

Jane Helier inclinou-se um pouco para a frente e indagou:

- E quanto ao gerânio azul e às outras flores?

- As enfermeiras sempre têm papel de tornassol, não têm? - indagou Miss Marple. - Bem. Para fazer certos exa-mes. O assunto não é muito agradável. Não vamos nos deter nisso. Eu já pratiquei um pouco de enfermagem - acrescen-tou ela, levemente ruborizada. - O azul torna-se vermelho pela ação dos ácidos, e o vermelho fica azul com o emprego dos álcalis. É tão fácil colar um pouco de papel de tornassol sobre uma flor vermelha, junto da cama. Em seguida, quando a pobre mulher usou seus sais, os fortes vapores de amónia fizeram a flor tornar-se azul. Foi realmente muito bem pensado. O gerânio de certo não era azul quando eles entraram no quarto da primeira vez, e ninguém reparou nisso até mais tarde. Quando a enfermeira trocou os vidros, acredito que tenha segurado o que continha sal amoníaco junto ao papel de parede, durante alguns instantes.

- A senhora poderia ter estado presente, Miss Marple - declarou Sir Henry.

- O que me preocupa - acrescentou Miss Marple .- é o pobre Mr. Pritchard e aquela boa moça, Miss Instow. Provavelmente estão suspeitando um do outro e mantendo-se afastados. A vida é tão curta!

Miss Marple sacudiu a cabeça.

- A senhora não precisa preocupar-se - disse Sir Henry. - Na realidade eu guardo comigo uma surpresa. Uma enfer-meira foi presa sob acusação de assassinato, de haver morto um cliente idoso que lhe havia deixado um legado. O crime foi praticado com o emprego do cianureto de potássio, colo-cado em substituição a uns sais de cheirar. A enfermeira Copling tentou aplicar novamente o mesmo truque. Miss Instow e Mrs. Pritchard não precisam ter dúvidas a respeito da verdade.

- Isso não é uma boa coisa? - exclamou Miss Marple. - Não estou me referindo, naturalmente, ao novo assassinato. Ele é muito triste e mostra como há maldade neste mundo. E se a gente ceder? Isso me faz lembrar que preciso concluir minha pequena conversa com o Dr. Lloyd sobre a enfermeira da vila.

8
A Dama de Companhia

- Bem, Dr. Lloyd - disse Miss Helier. - O senhor não conhece algumas histórias de arrepiar?

E sorriu para ele, com aquele jeito que todas as noites enfeitiçava o público frequentador do teatro. Jane Helier era por vezes considerada a mulher mais linda da Inglaterra. E alguns de seus colegas de profissão, cheios de inveja, tinham o hábito de dizer: "Naturalmente Jane não é uma *atriz*. É incapaz de *representar*, se você entende o que eu quero dizer. Mas aqueles olhos que ela tem!"

E os olhos dela fitavam, naquele instante, cheios de sú-plica, o médico já grisalho, um solteirão idoso que vinha aliviando, nos últimos cinco anos, os padecimentos dos moradores da vila de St. Mary Mead.

Num gesto inconsciente, o Dr. Lloyd puxou o colete para baixo. Ultimamente esse colete revelava certa inclinação para ficar extremamente justo. E deu tratos à memória para não desapontar aquela criatura encantadora, que se dirigia a ele num tom assim tão confiante.

- Eu tenho a impressão - declarou Jane, com um jeito sonhador - que eu gostaria de fartar-me de crimes esta noite.

- Ótimo - declarou o Coronel Bantry, seu anfitrião.

- Ótimo. Ótimo. - E desatou numa gostosa gargalhada, muito marcial. - Então Dolly?

Sua esposa, rapidamente chamada novamente para aten-der às exigências da vida social (estivera planejando cuidado-samente seu jardim de primavera), concordou entusiasticamente com a ideia e declarou num tom animado, embora vago:

- É ótimo, sem dúvida! Eu sempre pensei assim.

- Pensou, minha querida? - indagou Miss Marple, com um fugaz brilho no olhar.

- Nos não temos grande coisa em matéria de histórias de arrepiar, Miss Helier. E muito menos a respeito de crimes, aqui em St. Mary Mead - afirmou o Dr. Lloyd.

- O senhor me surpreende - observou Sir Henry Clithering. - E o ex-diretor da Scotland Yard voltou-se para Miss Marple, acrescentando: - Eu sempre entendi, segundo nossa amiga, aqui presente, que St. Mary

Mead é um verda-deiro antro de crimes e vícios.

- Oh, Sir Henry - protestou Miss Marple, meio rubo-rizada. - Estou certa de que nunca disse uma coisa dessas. Eu só afirmei que a natureza humana é essencialmente a mesma numa vila ou em qualquer outro lugar. Mas as pessoas têm oportunidades e tempo para observar tudo isso de perto, num lugar pequeno.

- Mas o senhor não viveu sempre aqui - observou Jane Helier, dirigindo-se ao médico. - Esteve em toda espécie de lugares estranhos deste mundo. Em lugares onde acontecem coisas.

- Isso é verdade, sem a menor dúvida - disse o Dr. Lloyd, ainda pensando desesperadamente na história que iria narrar. - Sim, sem dúvida. Sim. Ah! Já sei o que vou contar.

Acomodou-se na cadeira, deu um suspiro de alívio e co-meçou:

- Aconteceu há alguns anos. Eu tinha quase me esquecido. Mas os fatos foram realmente estranhos, muito estranhos mesmo. E a coincidência final, que colocou em minhas mãos a chave do mistério, foi também estranha.

Miss Helier puxou sua cadeira um pouco mais para perto dele, passou batom nos lábios e ficou na expectativa. As demais pessoas também voltaram seus rostos para ele, cheias de interesse.

- Não sei se alguns dos presentes conhece as Ilhas Ca-nárias - principiou o médico.

- Devem ser maravilhosas - declarou Jane Helier. - Ficam nos Mares do Sul, não é isso? Ou no Mediterrâneo?

- Eu lá estive, a caminho da África do Sul - disse o coronel. - O Pico de Tenerife é belo de se ver ao pôr do sol.

- O incidente que vou descrever ocorreu na ilha Grã Ca-nária, não em Tenerife. Foi há muitos anos. Eu tivera uma estafa e tinha sido obrigado a deixar meus clientes da Ingla-terra e ir para o exterior. Exerci a profissão em Las Palmas, a principal cidade da Grã Canária. Gostei de viver lá, gostei muito mesmo, por vários motivos. O clima era ameno e ensolarado, havia um excelente banho de mar, e eu sou entusiasta por banho de mar. A vida marítima, do porto, me atraía muito. Navios de todas as partes do mundo tocavam em Las Palmas. Eu costumava caminhar ao longo dos molhes, todas as manhãs, bem mais interessado do que qualquer representante do belo sexo poderia estar se andasse por uma rua de chapeleiras.

Como eu ia dizendo, navios de todas as partes do mundo tocavam em Las Palmas. Às vezes lá permaneciam durante algumas horas,

outras vezes por um ou dois dias. No principal hotel da cidade, o Metrópole, viam-se pessoas de todas as raças e nacionalidades, aves de arribação. Até mesmo quem vai a Tenerife costuma dirigir-se à Grã Canária e aí permanecer alguns dias antes de seguir para a outra ilha.

Minha história começa no Hotel Metrópole, numa noite de quinta-feira, num mês de janeiro. Estava se realizando um baile no hotel, e um amigo italiano, que estava comigo, tinha-se abancado ao meu lado, numa pequena mesa. Ficamos apreciando a cena. Havia um número razoável de ingleses e de pessoas de outras nacionalidades, mas a maioria dos dançarinos eram espanhóis. Quando a orquestra tocou um tango, somente meia dúzia de pares desta última nacionalidade foram dançar na pista. Todos dançavam bem e nós ficamos observando e admirando. Uma mulher, de modo especial, despertou hossa viva admiração. Era alta, bela e sinuosa, movendo-se com a graciosidade de um leopardo semidomesticado. Havia nela algo de perigoso. Afirmei isso ao meu amigo e ele concordou comigo.

- Mulheres assim - disse ele - são fadadas a ter uma história. A vida não passa ao largo de uma dessas mulheres.

- Talvez a beleza seja um bem perigoso - eu comentei.

- Não é só a beleza - insistiu ele. - Existe mais do que isso. Olhe de novo para ela. Tem de acontecer coisas com aquela mulher ou por causa dela. Como eu disse, a vida não vai passar ao largo dessa criatura. Acontecimentos estranhos irão envolvê-la. Basta olhar para ela que logo se vê.

Meu amigo fez uma pausa e acrescentou, sorrindo:

- Do mesmo modo que é bastante olhar para aquelas duas mulheres que lá estão para saber que nada de fora do comum poderia acontecer a qualquer das duas. Foram feitas para levar uma existência segura e monótona.

Eu acompanhei seu olhar. As duas mulheres a que se re-feria eram viajantes recém-chegadas. Eram duas inglesas que haviam acabado de desembarcar de um navio da Holland Lloyd, que encostara no porto naquela tarde. Seus passageiros estavam começando a aparecer.

No momento em que olhei para elas, logo percebi o que meu amigo queria dizer. As duas eram dessas inglesas absolutamente corretas, dessas viajantes que encontramos no exterior. Eu diria que suas idades estariam em torno dos quarenta anos. Uma era loura, um tanto roliça, ao passo que a outra era morena, tendendo um pouco, apenas levemente, para magra. Eram o que se poderia dizer bem conservadas, vestidas de

maneira sóbria e discreta com seus tweeds bem cortados, e usavam maquilagem muito leve. Tinham esse aspecto de tranquila segurança, que é um direito de nascimento das inglesas de boas famílias. Nada havia de notável em qualquer das duas. Eram iguais a milhares de suas irmãs. Sem dúvida iriam ver o que desejavam ver, ajudadas pelo Baedecker, e permanecer cegas diante de tudo mais. Usariam a biblioteca de livros ingleses e frequentariam a Igreja Inglesa, em qualquer lugar onde acaso se encontrassem, sendo provável que uma delas, ou ambas, entendesse um pouco de desenho. E conforme declarou meu amigo, jamais aconteceria a qualquer das duas nada de emocionante ou excepcional, embora pudessem muito1 provavelmente viajar pela metade do mundo. Desviei os olhos delas e tornei a observar a espanhola, com seu olhar ardente, suas pálpebras semicerradas e seu sorriso.

- Pobrezinhas! - exclamou Jane Helier, suspirando. - Mas eu de fato acredito que é uma tolice as pessoas não tirarem o máximo de si próprias. Aquela mulher de Bond Street, a Valentina, é realmente maravilhosa. Audrey Denman é cliente dela. O senhor já a viu na peça *The Downward Step?* É realmente maravilhosa no papel de menina de escola, no primeiro ato. No entanto Audrey tem, no mínimo, cinquenta anos. Na verdade eu sei que ela está quase com sessenta.

- Continue - disse Mrs. Bantry ao Dr. Lloyd. - Eu gosto muito de histórias sobre coleantes dançarinas espanholas. Isso me faz esquecer a idade que tenho e como sou gorda.

- Eu sinto muito - esclareceu o Dr. Lloyd, desculpando-se. - Mas a senhora vai compreender que essa história na realidade não é sobre a espanhola.

- Ah, não? - exclamou Mrs. Bantry.

- Não. Acontece que meu amigo e eu estávamos enga-nados. Não ocorreu nada de emocionante com a beldade espanhola: casou-se com um funcionário de uma agência de viagens e, quando eu deixei a ilha, já tinha cinco filhos e estava ficando muito gorda.

- Exatamente como a filha de Israel Peters - comentou Miss Marple. - Entrou para o teatro e tinha umas pernas tão bonitas que lhe deram o papel principal, de menino, numa pantomima. Todos diziam que ela não daria em nada, mas casou-se com um viajante comercial e ficou em ótima situação na vida.

- O paralelo da vila - murmurou Sir Henry em voz baixa.

- Minha história - prosseguiu o médico - é sobre as duas inglesas.

- Aconteceu alguma coisa com elas? - indagou Miss Helier.

- Logo no dia seguinte - disse o médico.

- Foi mesmo? - comentou Mrs. Bantry, num tom en-corajador.

- Quando eu saí, naquela noite, dei uma olhada no livro de registro do hotel, apenas por curiosidade. Encontrei facilmente seus nomes: Miss Mary Barton e Miss Amy Durrant, de Little Paddocks, Caughton Wier, Buckinghamshire. Não imaginei, nesse momento, que em breve iria encontrar novamente os nomes dessas pessoas. E em circunstâncias trágicas!

Eu havia combinado fazer um piquenique com uns ami-gos, no dia seguinte. Iríamos atravessar a ilha de automóvel, levando nosso farnel, até um lugar chamado Las Nieves, tanto quanto possa me lembrar, pois isso foi há muito tempo! Era uma enseada bem protegida, onde poderíamos tomar banho de mar, se tivéssemos disposição para isso. Cumprimos exatamente nosso programa, salvo quanto ao fato de que saímos um pouco tarde, paramos no meio do caminho, fizemos nosso piquenique e, depois, prosseguimos até Las Nieves para tomar um banho de mar antes da hora do chá.

Quando nos aproximamos da praia, percebemos imedia-tamente que lá havia uma grande agitação. Todos os habitantes da pequena vila pareciam estar reunidos à beira da praia. Logo que nos viram, correram em direção ao nosso carro e começaram excitadamente a explicar o que havia acontecido. Como meus conhecimentos de espanhol não eram muito bons, levei alguns minutos para entendê-los. Mas, finalmente, compreendi o que queriam dizer. Duas inglesas sem juízo tinham ido tomar banho de mar. Uma delas se afastara demais da praia, nadando, e se vira em dificuldades. A outra fora ao seu encalço e teria morrido afogada se um homem não se tivesse metido num barco a remos, trazendo de volta as duas, uma delas já sem poder ser socorrida.

Logo que apreendi o sentido das coisas, fui afastando aquela pequena massa de gente e me dirigi apressadamente à praia. A princípio não reconheci as duas mulheres. A que era meio rechonchuda, de maio preto e com uma touca justa, de borracha verde, não despertou em mim qualquer lembrança quando me olhou ansiosamente. Estava ajoelhada ao lado da amiga, procurando provocar sua respiração artificial, de maneira um tanto desajeitada. Quando declarei que era médico, ela deu um suspiro de alívio e eu lhe disse que fosse imediatamente até um dos chalés vizinhos a fim de fazer uma fricção no corpo e trocar de roupa. Uma das senhoras do meu grupo a

acompanhou. Eu me esforcei, sem resultado, para reanimar a afogada. Já estava sem vida. Isso era perfeitamente claro. Finalmente, fui forçado a desistir, embora com relutância.

Reuni-me às outras pessoas, na pequena cabana de um pescador, onde fui obrigado a comunicar a triste notícia. A sobrevivente estava então vestida e eu imediatamente a reconheci como sendo uma das duas inglesas que haviam chegado na noite anterior. Ela recebeu a dolorosa informação, com bastante calma e foi evidentemente o horror de tudo aquilo que a impressionou, mais do que qualquer forte sentimento pessoal.

- Pobre Amy - disse ela. - Coitada da Amy. Tinha pensado tanto em tomar um banho de mar aqui. E nadava tão bem! Não consigo compreender como foi. Que o senhor acha que possa ter acontecido?

- Possivelmente ela teve uma cãibra. A senhora poderá me dizer exatamente o que houve?

- Nós estávamos nadando já há algum tempo, uns vinte minutos, eu diria. Então pensei em voltar para o hotel, mas Amy quis nadar um pouco mais. E assim fez. De repente eu a ouvi gritar e compreendi que estava pedindo socorro. Nadei o mais depressa que pude em sua direção. Ainda estava em cima da água quando cheguei perto dela. Mas se agarrou a mim tão desesperadamente que nós duas afundamos. Se aquele homem não chegasse de barco eu também teria me afogado.

- Isso tem acontecido muitas vezes - eu comentei. - Não é fácil salvar uma pessoa que esteja se afogando.

- Tudo me parece tão horrível - prosseguiu Miss Barton. - Nós chegamos ontem apenas, e estávamos tão encantadas com o sol e com nossas férias, tão curtas! E agora aconteceu isso, essa terrível tragédia.

Eu indaguei detalhes sobre a morta, explicando que faria tudo que pudesse por ela, Miss Barton, mas que as autoridades espanholas iriam exigir informações completas. Ela prontamente me deu todas as informações.

A morta, Miss Amy Durrant, era sua dama de compa-nhia e viera residir em sua casa cinco meses antes. Davam-se muito bem, mas Miss Durrant falava muito pouco sobre sua família. Tinha ficado órfã muito cedo e havia sido criada por um tio. Ganhava a vida desde os vinte anos de idade.

A coisa foi assim, prosseguiu o médico, depois de fazer uma pausa. A coisa foi assim, repetiu com um certo tom de finalidade.

- Eu não compreendo - disse Jane Helier. - Isso foi tudo? Eu quero

dizer, foi muito trágico, eu suponho. Mas não o que eu chamaria uma *coisa de arrepiar.*

- Eu acredito que houve algo mais - comentou Sir Henry.

- Houve, sim - confirmou o Dr. Lloyd. - Houve algo mais. Aconteceu um fato estranho, exatamente naquela ocasião. Eu naturalmente fiz perguntas aos pescadores, sobre o que tinham visto. Eram testemunhas oculares do acidente. Uma mulher contou uma história bastante esquisita. Na época eu não prestei muita atenção ao que ela disse, mas essa história voltou à minha lembrança, mais tarde. A mulher insistiu que Miss Durrant não estava em apuros quando chamou a outra moça. Esta foi nadando até onde se encontrava sua amiga e manteve, propositadamente, a cabeça dela debaixo d'água. Esse relato era tão fantástico, como estou lhes dizendo, que não prestei muita atenção a ele. Coisas dessa natureza parecem tão diferentes quando vistas da praia. Miss Barton poderia ter procurado fazer com que a amiga perdesse os sentidos, percebendo que ela iria agarrá-la, tomada de pânico, e que ambas se afogariam. Segundo a versão da espanhola parecia que, bem, que Miss Barton tentara deliberadamente afogar sua dama de companhia.

Eu dei muito pouca atenção a isso, como lhes disse. Mais tarde, ela me acudiu à memória. Nossa grande dificuldade consistiu em descobrir qualquer coisa sobre aquela mulher, Amy Durrant. Parecia não ter parentes. Miss Barton e eu examinamos juntos a bagagem de Miss Durrant. Encontramos um endereço e escrevemos para o mesmo. Era simplesmente o de um quarto que ela alugara para nele guardar alguns de seus pertences. A senhoria nada sabia e só a tinha visto quando ela tomou o quarto. Miss Durrant comentara, certa vez, que gostava de ter um canto que pudesse chamar de seu, e para o qual tivesse liberdade de ir em qualquer ocasião. No quarto havia dois ou três belos móveis e alguns números, encadernados, de uma revista de reproduções de quadros da Academia, além de uma grande mala, cheia de objetos adquiridos por ela, mas nenhum de caráter pessoal. Miss Durrant dissera à senhoria que seus pais tinham morrido na Índia, quando ela era ainda criança, e que havia sido criada por um tio padre. Mas não disse se era irmão de seu pai ou de sua mãe e, por isso, o nome dela não fornecia qualquer pista.

Tudo aquilo não seria exatamente misterioso, mas apenas insatisfatório. Deve haver um graade número de mulheres solitárias, orgulhosas e reticentes, naquela mesma situação, Entre os pertences de

Miss Durrant foram encontradas algumas fotografias, tiradas em Las Palmas, bastante antigas e desbotadas. Tinham sido aparadas para caber nas molduras em que foram colocadas, de sorte que não continham o nome de qualquer fotógrafo. Havia também um velho daguerreótipo que poderia ser da mãe dela, ou, mais provavelmente, da avó.

Miss Barton obtivera duas referências sobre sua dama de companhia, mas se esquecera do nome de uma delas, lembrando-se do nome da outra com certo esforço. Era o de uma senhora que então se encontrava fora do país, tendo ido para a Austrália. Escreveu-lhe uma carta, cuja resposta, como é natural, levou algum tempo para chegar. Posso dizer que não se conseguiu obter grande ajuda com essa carta, quando veio às nossas mãos. Dizia a remetente que Miss Durrant havia sido sua dama de companhia, muito eficiente, uma pessoa encantadora. Mas nada sabia a respeito de sua vida particular.

A situação era essa, como estou lhes dizendo. Realmente nada havia de fora do comum. Mas foram exatamente duas circunstâncias reunidas que causaram meu mal-estar. Aquela moça, Amy Durrant, de quem ninguém sabia coisa alguma, e a estranha versão da espanhola. Sim, eu ainda acrescentaria uma terceira circunstância: quando me debrucei pela primeira vez sobre o corpo da afogada, Miss Barton estava se afastando em direção às cabanas e olhou para trás. Tinha uma expressão, estampada na fisionomia, que eu só consigo descrever como de viva ansiedade, uma espécie de angustiosa incerteza. Isso ficou gravado em minha memória.

Na ocasião o fato não me impressionou como sendo excepcional. Atribuí aquilo à terrível aflição causada pela morte da amiga. Mas posteriormente percebi que as duas não eram amigas. Não havia um verdadeiro afeto entre elas, nem Miss Barton sentiu uma terrível dor. Ela estimava Amy Durrant e ficara chocada com sua morte. Isso era tudo. Mas então, por que aquela horrível e pungente ansiedade? Essa indagação continuou a me perseguir. Eu não me enganara com aquele olhar. E assim, quase contra minha vontade, começou a tomar corpo em meu espírito uma resposta àquela indagação. E se a versão da espanhola fosse a verdadeira? Se Mary Barton tivesse deliberadamente tentado afogar Amy Durrant a sangue-frio? Teria conseguido manter a amiga debaixo d'água enquanto simulava estar tentando salvá-la? Foi alcançada por um bote e posta fora de perigo. As duas estavam numa praia isolada, afastadas de tudo. Foi então que eu apareci. A última

coisa que ela poderia esperar: um médico! E um médico inglês. Ela sabia muito bem que certas pessoas que permanecem debaixo d'água durante muito mais tempo do que Amy Durrant voltam à vida por meio da respiração artificial. E quando se virou para lançar-me um derradeiro olhar, uma terrível e pungente ansiedade se estampou em sua fisionomia. Se Amy Durrant revivesse e *contasse o que sabia?*

- Ah! - exclamou Jane Helier. - Agora eu estou pal-pitando de emoção!

- Encarado sob esse prisma todo o problema parecia mais sinistro. E a personalidade de Amy Durrant tornou-se mais misteriosa. Quem seria Amy Durrant? Por que, uma insignificante dama de companhia, que vivia de um salário, haveria de ser assassinada por sua patroa? Que história haveria sob as aparências daquele fatal banho de mar? Ela havia começado a trabalhar para Mary Barton apenas alguns meses antes. Mary a levara ao exterior e, no próprio dia em que desembarcaram, aconteceu a tragédia. Elas eram realmente duas inglesas finas, sem nada de especial, bem educadas. Aquilo tinha sido tão fantástico, eu dizia de mim para mim. E permiti que minha imaginação me arrebatasse.

- Mas o senhor não fez nada? - indagou Miss Helier.

- Minha jovem e prezada amiga, o que eu poderia fazer? Não havia provas. A maior parte das testemunhas oculares narraram uma história igual à de Miss Barton. Eu forjara minhas suspeitas a partir de uma fugaz expressão que eu poderia, muito possivelmente, haver imaginado. A única coisa que consegui fazer, e que de fato fiz, consistiu em tomar todas as medidas no sentido de que fossem realizadas as mais exaustivas investigações acerca das relações de Amy Durrant. Quando, depois disso, voltei pela primeira vez à Inglaterra, cheguei a procurar a senhoria do quarto que ela havia alugado, obtendo os resultados que lhes contei.

- Mas o senhor sentiu que havia algo de errado - obser-vou Miss Marple.

O Dr. Lloyd fez um sinal afirmativo, de cabeça.

- Durante a metade do tempo eu me envergonhava de mim mesmo por pensar dessa maneira. Quem seria eu para suspeitar daquela moça inglesa, fina, de maneiras agradáveis? Suspeitar que houvesse cometido um crime horrível, a sangue-frio? Fiz o que pude para ser o mais cordial para com ela durante o breve período em que permaneceu na ilha. Ajudei-a perante as autoridades espanholas. Fiz tudo que me foi

possível, na qualidade de inglês, para auxiliar uma compatriota que se achava num país estrangeiro. Na verdade, estou convencido de que ela tinha consciência de minhas suspeitas e sabia que eu não a estimava, e que tinha aversão por ela.

- Quanto tempo ela permaneceu na ilha? - indagou Miss Marple.

- Creio que cerca de duas semanas. Miss Durrant foi sepultada na ilha. Deve ter sido uns dois dias depois disso que tomou seu navio, de regresso à Inglaterra. O choque a perturbara tanto que ela sentiu ser-lhe impossível passar o inverno em Las Palmas, como havia planejado. Foi o que me disse.

- O fato pareceu perturbá-la? - indagou Miss Marple. O médico hesitou e disse, cautelosamente:

- Bem. Não sei se lhe afetou a aparência.

- Ela não terá, por exemplo, engordado? - indagou Miss Marple.

- É curioso a senhora perguntar isso. Agora começo a pensar e creia que tem razão. Sim. Ela me pareceu ter aumentado de peso.

- Que coisa horrível! - exclamou Jane Helier, estreme-cendo. - É como engordar à custa do sangue da própria ví-tima.

- Mas, por outro lado, talvez eu pudesse estar cometendo uma injustiça em relação a ela - prosseguiu o Dr. Lloyd. - Certamente me disse alguma coisa, antes de partir, que sugeria coisa totalmente diferente. É possível que existam certas consciências que agem muito lentamente. Eu creio que existem. Levam algum tempo para despertar diante da enormidade de algum ato que tenham praticado.

Foi na noite anterior à sua partida das Canárias. Ela me pedira que eu fosse vê-la e me agradeceu muito efusivamente por tudo quanto eu havia feito para ajudá-la. Naturalmente eu não dei importância ao que fizera, dizendo que apenas agira de maneira natural, diante das circunstâncias. Depois disso ouve um silêncio entre nós. Em seguida, ela subitamente me fez uma pergunta:

- O senhor acha que uma pessoa poderá ser justificada se tomar a lei nas próprias mãos?

Eu respondi que se tratava de uma pergunta difícil, mas, de modo geral, eu achava que não. Lei é lei, e temos de res-peitá-la.

- Mesmo quando a lei for inócua? - ela insistiu.

- Eu não estou entendendo bem - foi minha resposta.

- É difícil explicar. Mas uma pessoa poderá praticar al-gum ato considerado positivamente errado, julgado até mesmo um crime, por algum motivo muito válido e suficiente.

Eu lhe respondi secamente que vários criminosos haviam possivelmente pensado nisso, e ela se retraiu, murmurando:

- Mas que coisa horrível! Horrível mesmo!

Em seguida, mudando de tom, pediu-me que lhe receitasse algum remédio para dormir. Não havia conseguido pregar olhos desde, ela hesitou, desde aquele terrível choque.

- A senhora tem certeza de que foi por esse motivo? Não há nada que a esteja preocupando? Nada que lhe aflija? - eu indaguei.

- Eu, aflita? O que estaria me afligindo?

E falou de um jeito áspero e cheio de suspeitas.

- As preocupações às vezes causam insônia - eu observei num tom indiferente.

Ela pareceu meditar durante alguns segundos e acres-centou:

- O senhor quer dizer preocupações sobre o futuro ou preocupações sobre o passado, que não poderá ser alterado?

- Uma coisa ou outra.

- Mas não vaie a pena uma pessoa preocupar-se com o passado - ela prosseguiu. - Não poderia fazê-lo reviver. E de que valeria isso? Não se deve pensar numa coisa dessas.

Eu lhe receitei um sonífero fraco e apresentei-lhe minhas despedidas. No momento em que a vi deixando o hotel, pensei nas palavras que havia pronunciado. Não se poderia fazê-lo reviver. Reviver *o quê? Reviver quem?*

Creio que esse último encontro certamente me prepa-rou para o que viria a seguir. Eu não o esperava, naturalmente, mas, quando tudo aconteceu, não fiquei surpreendido. Isso porque Mary Barton sempre me impressionara como pessoa decidida. Não era uma pecadora pusilânime, mas uma mulher de convicções e que se portaria à altura dessas convicções, jamais cedendo enquanto nelas acreditasse. Imaginei que, em nossa última conversa, estaria começando a duvidar de suas convicções. Sei que suas palavras me sugeriram que, pela primeira vez, ela estava sentindo o começo da ação daquele terrível esquadrinhador das almas: o remorso.

O fato ocorreu na Cornualha, numa pequena estância hidrotermal, bastante vazia naquela época do ano. Deve ter sido, deixe-me ver, em fins de março. Eu li a respeito do assunto nos jornais. Uma senhora estivera hospedada num pequeno hotel, uma certa Miss Barton. Suas maneiras haviam sido julgadas muito estranhas. Todos tinham reparado nisso. À noite, caminhava pelo quarto, de um lado para outro, falando

sozinha, em voz sussurrada, não deixando que os vizinhos dormissem. Fora procurar o vigário, certo dia, e lhe dissera que tinha uma comunicação da maior gravidade para lhe fazer. Declarou que havia cometido um crime. Em seguida, em vez de prosseguir, calara-se abruptamente, afirmando que iria vê-lo algum outro dia. O vigário a considerou meio amalucada, não tomando muito à sério sua auto-acusação.

Logo na manhã seguinte, deram por falta dessa mulher em seu quarto. Havia deixado um bilhete, dirigido ao magis-trado encarregado de investigar as mortes suspeitas. Dizia o seguinte:

Ontem tentei falar com o vigário e confessar-lhe tudo, mas ele não permitiu. Só posso corrigir as coisas de uma única maneira: uma, vida por outra vida. Minha vida deve ter o mesmo fim que teve a dela. Eu também tenho de me afogar. Eu julgava possuir uma justificativa. Agora vejo que não era assim. Como desejo obter o perdão de Amy, tenho de ir para onde ela está. Não culpem ninguém pela minha morte.

MAKY BARTON

Suas roupas foram encontradas numa praia, que ficava numa enseada vizinha. Pareceu bem claro que aí se havia despido e nadado resolutamente pelo mar adentro, num ponto em que sabia ser perigosa a correnteza. Seria arrastada ao longo da costa.

Seu corpo não foi encontrado. Mas, algum tempo depois, foi considerada presumivelmente morta. Era uma mulher rica, e seus bens chegavam a cem mil libras. Tendo falecido sem deixar testamento, toda sua fortuna foi herdada por uma parenta mais próxima, uma prima que morava na Austrália. Os jornais: fizeram discretas referências à tragédia ocorrida nas Ilhas Canárias, sugerindo que a morte de Miss Durrant abalou as faculdades mentais de sua amiga. Do inquérito que foi realizado, resultou o habitual veredicto de *suicídio em estado de momentânea insanidade mental.*

Assim caiu o pano sobre a tragédia de Amy Durrant e Mary Barton.

Seguiu-se uma longa pausa e, em seguida, Jane Helier deu um grande suspiro, acrescentando:

- Mas o senhor não deve parar nesse ponto, exatamente na parte mais interessante da história. Continue.

- Mas a senhora há de compreender, Miss Helier - comentou o médico -, não se trata de uma história em folhetins. A vida real para

exatamente onde resolve parar.

- Mas eu não quero que ela pare - acrescentou Jane. - Eu quero saber.

- Agora é o momento de usar a cabeça, Miss Helier - explicou Sir Henry. - Por que Mary Barton matou sua dama de companhia? Esse é o problema que nos propõe o Dr. Lloyd.

- Está bem - assentiu Miss Helier - Ela poderia ter morto sua dama de companhia por mil e um motivos. Eu quero dizer, não sei por que assim fez. Poderia ter ficado doente dos nervos, ou talvez tido ciúmes dela, embora o Dr. Lloyd não tenha mencionado nenhum homem. Mas, ainda assim, no navio... Bem, todos sabem o que se diz sobre navios e viagens por mar.

Miss Helier fez uma pausa, meio ofegante, e as pessoas que a ouviam sentiam-se dominadas pela impressão de que o aspecto exterior da encantadora cabeça de Jane era infinita-mente superior ao que havia dentro da mesma.

- Eu gostaria de fazer muitas hipóteses - declarou Mrs. Bantry. - Mas suponho que devo me limitar a uma só. Eu penso que o pai de Miss Barton fez fortuna arruinando o pai de Amy Durrant. Por isso Amy decidiu vingar-se. Não, isso está completamente errado. Que coisa aborrecida! Por que a rica patroa haveria de matar sua pobre empregada? Já sei. Miss Barton teve um jovem irmão que se suicidou por amor de Amy Durrant. Miss Barton esperou sua oportunidade. Amy aparece e Miss Barton a admite como dama de companhia, levando-a às Canárias. E exerce sua vingança. Que tal?

- Excelente - observou Sir Henry. - Mas não sabemos se Miss Barton algum dia teve um irmão jovem.

- Isso nós deduzimos - declarou Mrs. Bantry. - Se não tivesse tido um jovem irmão, não haveria um motivo para o crime. Por isso ela deve ter tido um irmão jovem. O senhor -não percebe essa coisa elementar?

- Tudo isso é muito bonito, Dolly - declarou o coronel. - Mas não passa de uma suposição.

- Naturalmente - prosseguiu Mrs. Bantry. - É o que podemos fazer: suposições. Não dispomos de nenhuma pista. Continue querido, faça sua suposição.

- Palavra que eu não tenho nada a dizer - afirmou o Coronel Bantry. - Mas penso haver alguma coisa na sugestão feita por Miss Helier, ou seja, que as duas se apaixonaram por algum homem. Veja, Dolly, provavelmente terá sido algum alto dignitário da Igreja. Ambas

bordaram-lhe umas capas, ou coisa parecida, e ele usou primeiro a feita por Miss Durrant. Vocês podem confiar no que estou dizendo. Imaginem como Miss Durrant ficou caída pelo pastor. Essas mulheres perdem a cabeça quando encontram um bonito pastor. Estamos cansados de ouvir falar nisso.

- Penso que devo tentar oferecer minha explicação, que é um pouco mais sutil - declarou Sir Henry - embora eu admita que se trata de mera suposição. Sugiro que Miss Barton sempre foi perturbada das faculdades mentais. Existem mais casos semelhantes a esse do que se possa imaginar. Seu estado agravou-se e ela começou a acreditar que era de seu dever livrar o mundo de certas pessoas, possivelmente as que são denominadas mulheres infelizes. Nada mais se sabe a respeito do passado de Miss Durrant. Assim, é muito possível que ela *tenha tido* um passado, um passado "infeliz". Miss Barton fica sabendo disso e decide exterminá-la. Mais tarde, começa a duvidar da retidão de seu ato e fica dominada pelo remorso. Seu fim mostra que estava inteiramente perturbada das faculdades mentais. A senhora poderá dizer se concorda ou não comigo, Miss Marple?

- Eu acho que não, Sir Henry - disse Miss Marple, sorrindo com um jeito de quem se desculpa. - Penso que o fim de Miss Barton mostra que era mulher inteligente e dotada de recursos.

Jane Helier a interrompeu, soltou um pequeno grito e declarou:

- Ah! Como eu fui tola! Posso fazer mais uma suposição? Sem dúvida deve ter sido isso: chantagem. A dama de com-panhia estava fazendo chantagem com Miss Barton. Só que eu não sei por que Miss Marple declarou que foi muito inteligente de sua parte suicidar-se. Isso eu não consigo entender de maneira alguma.

- Ah! - exclamou Sir Henry. - A senhora compreende, Miss Marple conhece um caso exatamente igual a esse, ocorrido em St. Mary Mead.

- O senhor está caçoando de mim, Sir Henry - disse Miss Marple, num tom de censura. - Confesso que essa história me lembra um pouco a velha Mrs. Trout. Ela recebeu a pensão por velhice, o senhor sabe, de três mulheres muito idosas que já tinham morrido em paróquias diferentes.

- Isso me parece um crime complicadíssimo e muito bem arquitetado - observou Sir Henry. - Mas não acredito que possa lançar luzes sobre nosso problema atual.

- Decerto que não - concordou Miss Marple. - Para o senhor, nada esclareceria. Mas algumas das famílias eram muito pobres, e a pensão

por velhice seria um grande benefício para seus filhos. Sei que isso é difícil de entender para uma pessoa de fora. Mas o que eu realmente quis dizer é que toda a questão se prende ao fato de uma mulher idosa ser tão parecida com qualquer outra.

- E daí? - indagou Sir Henry, perplexo.

- Eu sempre explico tão mal as coisas - prosseguiu Miss Marple. - O que eu quero dizer é que, no momento em que o Dr. Lloyd descreveu pela primeira vez as duas senhoras, não foi capaz de distinguir uma da outra. Suponho que mais ninguém, no hotel, o conseguiria. Naturalmente teriam essa distinção ao cabo de dois ou três dias. Mas logo na manhã seguinte uma delas se afogou. E a que não morreu declarou ser Miss Barton. Acredito que jamais ocorreu a ninguém que ela poderia não ser Miss Barton.

- Ah! A senhora está pensando... Ah! Agora eu percebo - disse Sir Henry, falando muito devagar.

- É a única maneira natural de pensar no assunto. Nossa querida Mrs. Bantry começou desse modo, há pouco. Por que uma patroa rica *haveria* de matar sua humilde dama de companhia? É tão mais provável que tenha ocorrido o contrário. Eu quero dizer, é assim que as coisas acontecem.

- É de fato assim? - indagou Sir Henry. - A senhora me deixa muito chocado.

- Mas naturalmente - prosseguiu Miss Marple - ela teria de vestir as roupas de Miss Barton. Provavelmente ficariam um pouco justas nela. Por isso aparentou ter engordado um pouco. Por esse motivo é que eu fiz aquela pergunta ao Dr. Lloyd. Um homem teria certeza de que a moça havia engordado, e não que as roupas seriam apertadas para ela, embora isso não seja a maneira muito apropriada de expressar as coisas.

- Mas se Amy Durrant matou Miss Barton, o que terá lucrado com isso? Não poderia manter essa impostura para sempre - comentou Sir Henry.

- Ela apenas a manteve durante aproximadamente um mês - acrescentou Miss Marple. - Nesse mês, eu presumo que tenha viajado, conservando-se afastada das pessoas que pudessem reconhecê-la. Isso é que eu quis dizer quando afirmei que uma mulher, depois de certa idade, muito se parece com as outras mulheres. Eu suponho que nunca observaram as fotografias do passaporte de Miss Durrant. Todos aqui sabem como são os passaportes. Em março, ela foi para aquele lugar na

Cornualha e começou a portar-se de maneira estranha, chamando atenção sobre si mesma, de sorte que, ao serem achadas suas roupas, na praia, e lida sua última carta, as pessoas não pensassem na conclusão imposta pelo bom-senso.

- Qual seria essa conclusão? - indagou Sir Henry.

- *O corpo* não foi encontrado - disse Miss Marple com firmeza. - Isso seria a circunstância flagrante, se não tivesse havido uma porção de coisas irrelevantes que afastaram as pessoas da verdadeira pista, entre a idéia de ação perversa e de remorso. Não apareceu o corpo. O fato verdadeiramente significativo foi o corpo não ter aparecido.

- A senhora quer dizer - indagou Mrs. Bantry -, a se-nhora quer dizer que não houve remorso? Que não houve... que ela não se afogou?

- Ela não se afogou - afirmou Miss Marple. - Exatamente o caso de Mrs. Trout de novo. Mrs. Trout era excelente para despistar, mas encontrou alguém à sua altura, na minha pessoa. Eu sou capaz de enxergar o íntimo da sua Miss Barton, impelida pelo remorso. Ela não se afogou, absoluta-mente. Foi para a Austrália, se é que sou capaz de adivinhar as coisas.

- A senhora é de fato capaz disso - declarou o Dr. Lloyd. - Sem a menor dúvida. As coisas me apanharam novamente de surpresa. A senhora poderia ter me derrubado com um simples piparote, naquele dia, em Melbourne.

- Foi a isso que o senhor se referiu como sendo uma coincidência final? - indagou Miss Marple.

O Dr. Lloyd fez um gesto de assentimento com a cabeça, e acrescentou:

- Sim. Foi muita falta de sorte para Miss Barton, ou Miss Amy Durrant. Eu fui ser médico de bordo durante algum tempo e, um dia, desembarcando em Melbourne, a primeira pessoa que avistei, ao descer por uma rua, foi a mulher que eu julguei tivesse se afogado na Comualha. Ela percebeu que o jogo estava terminado e tomou uma decisão ousada: fez-me seu confidente. Era uma mulher estranha, completamente destituída de senso moral, creio eu. Era a filha mais velha de uma família de nove irmãos, todos miseravelmente pobres. Certa vez eles haviam sido repelidos por um tio rico, que vivia na Inglaterra, a quem tinham pedido um auxílio, e Miss Barton brigou com os pais por causa disso. Eles precisavam desesperadamente de dinheiro porque seus três filhos mais novos eram de saúde delicada e necessitavam de dispendiosos cuidados "médicos. Foi então que Amy

Barton parece ter decidido realizar seu plano de cometer um assassinato a sangue frio. Partiu para a Inglaterra e custeou sua passagem trabalhando como ama-seca. Obteve o emprego de dama de companhia de Miss Barton, dando o nome de Amy Durrant. Alugou um quarto, nele colocando alguns móveis para criar uma personalidade própria. O plano do afogamento foi para ela uma inspiração do momento. Aguardou que se apresentasse alguma oportunidade para rea-parecer. Em seguida, montou a cena final do drama e regressou à Austrália. No devido tempo, ela e os irmãos herdaram a fortuna de Miss Barton, na qualidade de seus parentes mais próximos.

- Um crime muito audacioso e perfeito - declarou Sir Henry. - Quase o crime perfeito. Se fosse Miss Barton que tivesse morrido nas Canárias, poderiam ser levantadas suspeitas contra Amy Durrant e sua ligação com a família Barton teria sido descoberta. Mas a troca de identidade e o duplo crime, como se poderá chamá-lo, eliminaram eficientemente tudo isso. Sim. Foi quase um crime perfeito.

- O que aconteceu com ela? - indagou Mrs. Bantry. - Como agiu o senhor diante das circunstâncias, Dr. Lloyd?

- Eu me encontrava numa posição muito especial, Mrs. Bantry. Dispunha de muito poucas provas, como a lei as entende. E também se apresentaram certas evidências para mim, na qualidade de médico. Aquela mulher, embora parecesse forte e vigorosa, não iria durar muito. Fui à casa dela em sua companhia e conheci o resto da família, gente encantadora, dedicada à irmã mais velha e sem fazer a menor idéia de que ela poderia ter cometido um crime. Por que levar-lhes a tristeza quando eu nada poderia provar? A confissão daquela mulher, a mim feita, não tinha sido ouvida por mais ninguém. Deixei que a natureza seguisse seu curso. Miss Amy Barton morreu seis meses depois de eu a ter encontrado. Fiquei muitas vezes imaginando se ela continuou feliz até o fim, sem se arrepender.

- Certamente que não - afirmou Mrs. Bantry.

- Eu acho que sim - observou Miss Marple. - Mrs. Trout foi inquebrantável.

Jane Helier estremeceu levemente, dizendo:

- Bem. Esse caso é de fato muito emocionante. Mas eu não sei quem se afogou e quem foi afogada. Nem como Mrs. Trout entrou na história.

- Ela não entrou na história, minha querida - observou Miss Marple. - Foi apenas uma pessoa, não muito decente, que morou na vila.

- Ah! - exclamou Jane. - Na vila. Mas nada acontece numa vila, não é

mesmo? Tenho certeza de que eu não seria inteligente se morasse numa vila.

9
Os Quatro Suspeitos

A CONVERSA girou em torno de crimes não descobertos e que permaneceram impunes. Cada um deu sua opinião: o Coronel Bantry, sua rechonchuda e amável esposa, Jane Helier, o Dr. Lloyd e até mesmo a idosa Miss Marple. A única pessoa que não disse uma só palavra foi aquela melhor qualificada para isso, na maneira de ver da maior parte das pessoas. Sir Henry Clithering, ex-diretor da Scotland Yard, permaneceu sentado em silêncio, cofiando o bigode, ou melhor, dando-lhe umas pancadinhas, e mantendo nos lábios um meio sorriso, como se algum pensamento íntimo o estivesse divertindo.

- Sir Henry - observou finalmente Mis. Bantry. - Se o senhor não disser alguma coisa eu vou dar um grito. Existem ou não muitos crimes que continuam sem punição?

- A. senhora está pensando nas manchetes dos jornais, Mrs. Bantry. Segue-se a elas uma lista de crimes não elucidados.

- Na verdade - comentou o Dr. Lloyd - suponho constituírem uma percentagem muito reduzida do total.

- Sim. É isso mesmo - confirmou Sir Henry. - As cen-tenas de crimes esclarecidos, e seus responsáveis, raramente são proclamados e celebrados. Mas o ponto em questão não é bem esse. Quando se fala em crimes não elucidados geralmente se faz referência a duas coisas diferentes. Na primeira categoria incluem-se todos os crimes de que a Scotland Yard nunca ouviu falar, crimes que ninguém sabe que foram cometidos.

- Mas eu suponho que esses crimes não sejam muitos - comentou Mrs. Bantry.

- Não serão? - disse Sir Henry.

- O senhor não quer dizer que eles *sejam* em grande número - observou Mrs. Bantry.

- Eu penso - disse Miss Marple, num tom meditativo - que deve haver um grande número desses crimes.

A encantadora e idosa senhora, com seu jeito tranqüilo e antiquado, fez essa afirmação num tom da mais perfeita placidez.

- Minha-prezada Miss Marple - interrompeu o Coronel Bantry.

- Não há dúvida que muitas pessoas são tolas - declarou Miss Marple. - E as pessoas pouco inteligentes são descobertas, seja lá o que façam. Mas existe um bom número de pessoas que não são tolas. Eu estremeço só em pensar o que poderão fazer, a menos que possuam princípios morais muito firmes.

- Sim - concordou Sir Henry. - Há muitas pessoas que não são nada tolas. Quantas cometem crimes que se tornam conhecidos simplesmente por causa de algum lapso implacável de sua parte. E cada vez que isso acontece, nós fazemos a seguinte pergunta: se não houvesse ocorrido esse erro alguém por acaso teria sabido o que aconteceu?

- Mas isso é muito grave, Clithering - observou o Co-ronel Bantry. - É de fato muito grave.

- Você acha?

- O que você quer dizer? Ê grave. De certo que é grave.

- Você diz que o crime fica impune - comentou. Sir Henry. - Mas deixará mesmo de ser punido? Não recebe o castigo da lei. Mas o princípio de causa e efeito opera à mar-gem da lei. Dizer que todos, os crimes acarretam uma punição é, diga-se de passagem, um lugar comum. No entanto, não poderá existir nada de mais verdadeiro.

- Talvez, talvez - declarou o Coronel Bantry. - Mas isso não altera a gravidade... a gravidade... - E fez uma pausa, sem saber direito o que dizer.

Sir Clithering sorriu e acrescentou:

- Noventa e nove por cento das pessoas pensam, sem a menor dúvida, do mesmo modo que você. Mas você sabe que a culpa não é realmente o que importa, e sim a inocência. Isso é que ninguém percebe.

- Eu não estou compreendendo - declarou Jane Helier.

- Pois eu estou - disse Miss Marple. - Quando Mrs. Trent deu falta de meia coroa em sua bolsa, a pessoa a quem isso mais afetou foi sua empregada, Mrs. Arthur. Sem dúvida os Trents pensaram que ela havia furtado a meia coroa. Mas como eram pessoas de bom coração e sabiam que ela tinha família grande e que o marido dela bebia, naturalmente não quiseram chegar a medidas extremas. Mas começaram a ter outra atitude em relação a ela e não deixavam que ficasse tomando conta da casa quando iam viajar. Isso fez uma grande diferença para Mrs. Arthur. E outras pessoas também começaram a pensar mal dela. Mrs. Trent a viu através de uma porta, refletida num

espelho. Foi obra do mais puro acaso, embora eu prefira chamar isso de Providência Divina. Creio que isso é o que Sir Henry quer dizer. A maior parte das pessoas estariam interessadas apenas em quem havia tirado o dinheiro. E aconteceu que a pessoa menos provável havia praticado o furto. Exatamente como nos contos policiais. Mas a criatura para quem tudo aquilo representava uma questão de vida ou de morte era a pobre Mrs. Arthur, que não tinha feito nada. Não é isso que o senhor quis dizer, Sir Henry.

- Exatamente, Miss Marple - concordou Sir Henry. - A senhora percebeu exatamente o que eu quis dizer. A tal empregada teve sorte, no caso que a senhora contou. Sua inocência ficou provada. Mas certas pessoas podem levar a vida inteira esmagadas ao peso de uma suspeita, geralmente injustificada.

- O senhor está pensando em algum caso particular, Sir Henry? - indagou Mrs. Bantry num tom judicioso.

- De fato estou, Mrs. Bantry. Um caso muito curioso. Acreditamos haver sido cometido um assassinato, mas não dispomos da menor probabilidade de prová-lo.

- Foi veneno, com certeza - murmurou Jane. - Algum veneno que não deixa vestígios.

O Dr. Lloyd mexeu-se em sua cadeira, impacientemente, e Sir Henry abanou a cabeça, dizendo:

- Não, minha cara senhora. *Não foi o* veneno secreto das pontas de flechas dos índios da América do Sul. Eu estimaria que *tivesse sido* alguma coisa desse tipo. Nós temos de lidar com algo muito mais prosaico. É de fato tão prosaico que não há esperanças de se provar quem praticou o crime. Um homem idoso caiu de uma escada e quebrou o pescoço. Um desses lamentáveis acidentes que acontecem todos os dias.

- Mas o que realmente ocorreu? - indagou o Dr. Lloyd.

- Quem poderá dizer? - observou Sir Henry, encolhen-do os ombros. - Terá sido amarrado um pedaço de pau ou um barbante, no alto da escada, e depois cuidadosamente removido? Isso nunca iremos saber.

- Mas o senhor pensa, bem... pensa que não foi um acidente? Mas por quê? - indagou o médico.

- A história é muito comprida. Mas de fato temos quase certeza de que não foi um acidente. Como eu lhes disse, não há a menor probabilidade de sermos capazes de provar que o crime foi cometido por determinada pessoa. As provas que obtivéssemos seriam frágeis

demais. Mas o caso tem outro aspecto, e eu ia justamente me referir a isso. Quatro pessoas poderiam ter aplicado o golpe da queda. Uma delas é culpada, *mas as outras três são inocentes.* E se a verdade não for descoberta, essas três pessoas irão ser vítimas do terrível suplício da dúvida.

- Eu acho que é melhor o senhor nos contar sua longa história - declarou Mrs. Bantry.

- Afinal de contas eu não terei necessidade de torná-la assim tão longa - comentou Sir Henry. - De qualquer ma-neira, poderei resumir seu começo. O caso diz respeito a uma sociedade secreta alemã - a *Sckwartze Hand* - algo semelhante à Camorra, ou à idéia que a maior parte das pessoas faz sobre a Camorra. Um plano de chantagem e de provocar o terror. Tudo começou de maneira bastante súbita, depois da Guerra, e espalhou-se surpreendentemente. Um número imenso de pessoas foram suas vítimas. As autoridades não conseguiram erguer-se à altura da situação porque os segredos da sociedade eram ciosamente guardados, sendo quase impossível encontrar alguém que pudesse ser induzido a revelá-los.

Nunca se soube grande coisa a respeito desse assunto, na Inglaterra, mas na Alemanha a sociedade estava produzindo efeitos quase paralisadores. Finalmente foi dissolvida e desbaratada graças aos esforços de um homem, o Dr. Rosen. Durante algum tempo ele havia sido figura importante junto ao Serviço Secreto. Tornou-se membro da sociedade, penetrou em seus círculos mais fechados e, como estou lhes dizendo, foi o responsável pela derrocada da sociedade.

Mas, em conseqüência disso, tornou-se um homem marcado para morrer, tendo sido julgado prudente que saísse da Alemanha, de qualquer maneira, pelo menos por algum tempo. Veio para a Inglaterra e nós recebemos cartas a seu respeito, enviadas pela Polícia de Berlim. Aqui chegou e teve uma entrevista pessoal comigo. Seu modo de encarar as coisas era tranqüilo e resignado. Não tinha dúvidas sobre o que lhe reservava o futuro.

- Eles me pegarão, Sir Henry - disse ele. - Tenho plena certeza disso.

Era um homem alto, tinha uma bela cabeça, e falava com uma voz grave, marcada apenas por leve entoação gutural, que lhe traía a nacionalidade. E prosseguiu:

- É uma conclusão a que não me furto. Mas não importa: estou

preparado. Enfrentei esse risco quando me envolvi no problema. E fiz o que me haviam solicitado. A sociedade nunca mais poderá rearticular-se. Mas inúmeros de seus membros estão em liberdade e irão exercer a única vingança de que serão capazes: tirar minha vida. Trata-se meramente de uma questão de tempo, mas estou ansioso para que esse tempo seja o mais longo possível. O senhor compreenderá. Estou coligindo e preparando para publicação um material muito interessante resultado do trabalho de toda minha vida. Gostaria de poder completar essa tarefa, se isso fosse possível.

Ele falou de um jeito muito simples e com uma certa grandeza, que eu não pude deixar de admirar. Eu lhe disse que nós tomaríamos todas as precauções, mas ele não deu importância às minhas palavras, repetindo:

- Um dia eles me pegarão. Mais cedo ou mais tarde. Quando chegar esse dia, não se aflija. Sem dúvida o senhor fará o possível para evitá-lo.

Em seguida me apresentou um esboço de seus planos, que eram bastante simples. Estava disposto a alugar uma pequena casa no campo,-onde pudesse viver tranqüilamente e prosseguir seu trabalho. Nós acabamos por escolher uma vila no Somerset, King's Gnaton, situada a onze quilômetros de uma estação de estrada de ferro e singularmente intocada pela civilização. Ele comprou uma casa encantadora, mandou nela fazer vários melhoramentos e modificações, lá indo morar, muito satisfeito. Residiam em sua companhia uma sobrinha, Greta, um secretário, uma velha empregada alemã, que o servira devotadamente durante quase quarenta anos, criada que fazia todos os pequenos serviços, e um jardineiro, natural de King's Gnaton.

- Os quatro suspeitos - observou o Dr. Lloyd a meia voz.

- Exatamente - confirmou Sir Henry. - Os quatro suspeitos. Não há mais grande coisa a contar. A vida seguiu placidamente seu curso em King's Gnaton durante cinco meses. Então sobreveio o golpe. O Dr. Rosen caiu da escada numa certa manhã e foi encontrado morto aproximadamente meia hora depois. No momento em que o acidente deve ter ocorrido, Gertrud estava na cozinha, de porta fechada, e nada ouviu. *Assim disse.* Fräulein Greta encontrava-se no jardim, plantando uns bulbos. Também *assim declarou.* O jardineiro, Dobbs, estava num pequeno alpendre onde havia plantas em vasos, tomando seu café das onze horas, *assim afirmou,* e o secretário tinha saído para dar um passeio a pé. Mas temos apenas suas palavras. Ninguém possui um

álibi, ninguém conseguiu confirmar a história narrada pelos demais. Mas uma coisa é certa: pessoa alguma de fora poderia ter cometido o crime, pois um estranho à pequena vila de King's Gnaton teria, certamente, sido notado. A porta da frente e a dos fundos, da casa, estavam ambas fechadas a chave, e cada morador possuía sua própria chave. Portanto, vê-se que as suspeitas se restringiam àquelas quatro pessoas. No entanto, cada uma delas parecia estar acima de qualquer suspeita: Greta, filha do próprio irmão do Dr. Rosen; Gertrud com quarenta anos de dedicados serviços prestados ao patrão; Dobbs, que jamais havia saído de King's Gnaton; e Charles Templeton, o secretário,

- Sim. Que tal ele? - indagou o Coronel Bantry. - A meu ver é o suspeito. - O que o senhor sabe sobre ele?

- O que sei a seu respeito o colocou inteiramente fora da ação dos tribunais, naquela época - afirmou Sir Henry, num tom grave. - O senhor compreende, Charles Templeton era um dos meus homeus.

- Ah! - exclamou o Coronel Bantry, bastante desapontado.

- Sim - prosseguiu Sir Henry. - Eu queria ter alguém *in loco* e, ao mesmo tempo, não desejava dar motivos para falatório, na vila. Rosen realmente precisava de um secretário e eu coloquei Templeton nesse posto. Ele é um perfeito cavalheiro e fala alemão fluentemente. É um homem muito capaz, em todos os sentidos.

- Mas então de quem o senhor suspeita? - indagou Mrs. Bantry, num tom perplexo. - Todos parecem tão, digamos, impossíveis!

- Sim, de fato parecem impossíveis - concordou Sir Henry. - Mas os fatos podem ser encarados de outro ângulo. Fráulein Greta era sobrinha dele, uma jovem muito encanta-dora. Mas à Guerra repetidas vezes nos mostrou que um irmão é capaz de voltar-se contra uma irmã, um pai contra um filho, e assim por diante. E as jovens mais encantadoras e meigas praticaram algumas das ações mais surpreendentes. O mesmo se aplicaria a Gertrud. Quem sabe que forças poderiam entrar em ação, no caso dela? Uma briga com o patrão, talvez, um ressentimento crescente e tanto mais duradouro por causa dos longos e dedicados anos de seu passado. As mulheres idosas, pertencentes à sua classe, por vezes são capazes de ser surpreendentemente rancorosas. E Dobbs? Estaria inteiramente livre de suspeitas porque não tinha qualquer ligação com a família? O dinheiro faz muitas coisas. Dobbs poderá ter sido subornado.

Um fato parece indubitável: deve ter chegado de fora al-guma mensagem ou alguma ordem. Do contrário, por que aqueles cinco

meses de imunidade? Os agentes da sociedade devem ter agido. Não estando ainda seguros da perfídia de Rosen, adiaram seu "castigo" até que a traição dele ficou comprovada, acima de qualquer dúvida. Então, postas de lado todas as incertezas, devem ter enviado sua mensagem ao espião que morava na casa. Essa mensagem dizia: "Mate".

- Que coisa horrível! - exclamou Jane Helier, estreme-cendo.

- Mas como terá chegado a mensagem? Esse foi o ponto que procurei elucidar, minha única esperança de resolver o problema. Não haveria qualquer adiamento da execução da ordem.

Isso eu sabia. Logo que ela chegasse seria cumprida. Era característico da *Schwartze Hand*...

Mergulhei no problema, nele me concentrei de um modo que provavelmente acharão ridiculamente meticuloso. Quem havia estado naquela casa, naquela manhã? Não excluí ninguém. Eis aqui uma lista dessas pessoas.

Sir Henry tirou do bolso um envelope e tomou um papel entre os que ele continha:

O açougueiro, que trouxe um peso de carneiro. Investigado e julgado sem culpa. *O empregado da mercearia,* que entregou um pacote de farinha de trigo, duas libras de açúcar, uma de manteiga e uma de café. Também investigado e julgado sem culpa. *O carteiro,* que trouxe duas circulares endereçadas a Fräulein Rosen, uma carta local para Gertrud, três para o Dr. Rosen, uma delas com um selo estrangeiro, e duas outras cartas para Mr. Tenipleton, uma também com um selo estrangeiro.

Sir Henry fez uma pausa e retirou do envelope um maço de documentos. Poderá interessá-los ver isso. Tudo chegou às minhas mãos, enviado pelas várias pessoas em causa, ou apanhado nas cestas de papéis. Não preciso dizer que esses documentos foram examinados por peritos, pensando-se na possível descoberta do emprego de tinta invisível, etc. Não se poderá cogitar que tenha havido nada de emocionante, dessa natureza.

Todos se reuniram em torno dos documentos para examiná-los. Eram uns catálogos, respectivamente do dono de um viveiro de plantas e de uma famosa peleteria de Londres. Dos dois impressos enviados ao Dr. Rosen, um era de procedência local e falava numas sementes para jardim, ao passo que o outro proviera de uma papelaria de Londres. A carta a ele endereçada dizia o seguinte:

MEU CARO DR. ROSEN:

Acabo de chegar do Dr. Helmuth Späth. Outro dia estive com Edgar Jackson. Ele e Amos Perry tinham acabado de voltar de Tsingtau. Com toda a Honestidade eu lhe digo que invejei a viagem deles. Mande-me notícias suas, sem demora. Como já lhe disse antes, tome cuidado com certa pessoa. Você sabe a quem me refiro, embora não concorde comigo.

Sua, Georgine.

A correspondência de Mr. Templeton consistia nesta conta. Como vêem, é de seu alfaiate, e também na carta de um amigo, da Alemanha, prosseguiu Sir Henry. Infelizmente ele rasgou a carta enquanto dava um passeio a pé. Finalmente, temos a carta recebida por Gertrud, que foi a seguinte:

QUERIDA MRS. SWARTS.

Esperamos que possa comparecer à reunião na noite de sexta-feira. O vigário diz contar com a senhora. Todos serão bem-vindos. A receita do presunto é muito boa e eu lhe agradeço por isso. Esperando que esta vá encontrá-la bem, aqui fico, sempre às suas ordens.

Emma Greene.

O Dr. Lloyd deu um meio sorriso, o mesmo fazendo Mrs. Bantry. Ele acrescentou:

- Penso que a última carta poderia ser posta de lado por um tribunal.

- Sou da mesma opinião - observou Sir Henry. - Mas, tive o cuidado de verificar se existia uma Mrs. Greene e se haveria alguma reunião na igreja. É sabido que todo cuidado é pouco.

- É o que sempre diz nossa amiga, Miss Marple - co-mentou o Dr. Lloyd, sorrindo. - A senhora está perdida em seus devaneios. Em que está pensando?

Miss Marple estremeceu e disse:

- Que tolice minha. Eu estava imaginando por que a pa-lavra honestidade, na carta ao Dr. Rosen, foi escrita com um H maiúsculo.

Mrs. Bantry apanhou a carta e declarou:

- É isso mesmo.

- Sim, minha querida - acrescentou Miss Marple. - Eu pensei que já tivesse reparado nisso.

- Há positivamente um aviso nessa letra - observou o Coronel Bantry. - Foi a primeira coisa que me atraiu a atenção. Reparei mais nisso do

que todos possam imaginar. Sim. Há positivamente um aviso. Mas contra quem?

- Existe um aspecto bastante curioso nessa carta - acrescentou Sir Henry. - Segundo as palavras de Templeton, o Dr. Rosen abriu a carta quando estava tomando o café da manhã, atirando-a para ele, Templeton. Disse não saber quem era aquele homem.

- Mas não era um homem - comentou Jane Helier. - Estava assinada por uma Georgine.

- É difícil dizer-se quem era essa pessoa - declarou o Dr. Lloyd. - Poderia ser Georgey. Mas, sem dúvida, parece mais ser Georgine. Mas o que me chamou a atenção foi o fato de que a letra é de homem.

- Você quer saber de uma coisa? Isso é interessante - observou o Coronel Bantry. - Ele atirou a carta por cima da mesa, como se fingisse não saber absolutamente do que se tratava. Pretendeu observar a fisionomia de alguém. Mas que fisionomia? A da moça ou a do homem?

- Ou até mesmo a da cozinheira - sugeriu Mrs. Bantry. - Ela poderia estar na sala, servindo o café da manhã. Mas o que eu não percebo.é uma coisa muito esquisita...

Ela franziu a testa, examinando a carta. Miss Marple aproximou-se um pouco mais, esticou um dedo e tocou a folha de papel. As duas murmuraram alguma coisa entre si.

- Mas por que o secretário rasgou a outra carta? - in-dagou subitamente Jane Helier. - Parece... Ah! Não sei. Parece estranho. Por que ele receberia cartas da Alemanha? Embora, naturalmente, esteja acima de qualquer suspeita.

- Mas Sir Henry não disse isso - declarou Miss Marple apressadamente, erguendo os olhos de sua confabulação em voz baixa com Mrs. Bantry. - Ele falou em *quatro* suspeitos. Isso mostra que inclui Mr. Templeton entre eles. Não tenho razão, Sir Henry?

- Perfeitamente, Miss Marple. Eu aprendi uma coisa com minha dura experiência. Nunca afirmar que qualquer pessoa esteja acima de qualquer suspeita. Acabei de dar-lhe os motivos pelos quais três dessas pessoas poderiam ser culpadas, embora isso pareça improvável. Jamais, em momento algum, apliquei o mesmo processo a Charles Templeton. Mas cheguei finalmente à seguinte conclusão, utilizando a regra que acabei de mencionar: fui obrigado a reconhecer que qualquer exército, marinha ou polícia tem em suas fileiras um certo número de traidores, por mais que se possa detestar admiti-lo. Examinei serenamente a possível indiciação de Charles Templeton.

Fiz a mim menos aproximadamente a mesma pergunta que Miss Helier acabou de formular. Por que só ele, entre todas as pessoas da casa, não pôde mostrar a carta que havia recebido? Além do mais, uma carta com um selo da Alemanha. Por que haveria de receber cartas da Alemanha?

Essa última pergunta era inocente e eu a fiz diretamente a Templéton. Sua resposta foi bastante simples. A irmã de sua mãe era casada com um alemão. A carta era de uma prima, alemã. Assim fiquei sabendo o que antes ignorava: Charles Templéton mantinha relações com pessoas da Alemanha. Isso positivamente o colocou na lista dos suspeitos. Ele é um dos meus homens, rapaz que eu sempre estimei e em quem sempre confiei. Mas em face de um princípio de justiça e imparcialidade, devo admitir que encabeça minha lista.

Os fatos são os seguintes. *Eu não sei. Eu não sei...* E com todas as probabilidades, jamais saberei. Não se trata de punir um assassino. Trata-se do que me parece cem vezes mais importante. Talvez seja a questão de frustrar toda a carreira de um homem honrado... por causa de uma suspeita, de uma suspeita que eu não ouso pôr de lado.

Miss Marple tossiu e falou, num tom de voz tranqüilo:

- Nesse caso, Sir Henry, se eu o interpreto corretamente, o jovem Mr. Templéton é a única pessoa que muito o preocupa.

- Sim, de certa maneira. Teoricamente eu deveria sentir a mesma coisa em relação a todas quatro, mas, realmente, o caso não é esse. Dobbs, por exemplo. Poderei ficar pensando nele, suspeitando dele, mas isso não irá de fato afetar-lhe a carreira. Ninguém, da vila, jamais terá tido a menor idéia de que a morte do velho Dr. Rosen não tenha sido um acidente. Gertrud seria um pouco mais afetada, pois a atitude de Fraülein Rosen, em relação a ela, talvez tenha mudado. Mas, possivelmente, isso não terá para ela grande importância. Quanto a Greta Rosen, bem, agora nós chegamos ao âmago da questão. Greta é uma jovem muito bonita e Charles Templéton é também muito bem apessoado. Durante quatro meses os dois foram atirados um contra o outro, sem ter quaisquer distrações fora de casa. E o inevitável aconteceu. Apaixonaram-se, embora não tenham chegado ao ponto de traduzir isso em palavras.

Logo depois aconteceu aquela catástrofe. Há três meses, um ou dois dias depois de eu haver regressado, Greta Rosen veio me procurar. Disse-me que tinha vendido a casa e que estava de volta para a Alemanha, pois havia finalmente resolvido os negócios do tio. Veio me

ver, embora soubesse que eu já estava aposentado, porque desejava realmente me procurar a fim de tratar de um assunto pessoal. Depois de alguns rodeios, abriu o coração. O que eu pensava sobre o caso? A carta com o selo alemão. Ela havia se preocupado muito com aquilo. E a carta que Charles tinha rasgado. Estaria tudo certo? Tudo deveria estar certo, sem dúvida. Ela naturalmente acreditava na versão que ele dera. Mas se soubesse o que tinha acontecido? Se de fato soubesse disso, com certeza!

Estão me entendendo? Era aquele sentimento: o desejo de confiar, mas também aquela horrível suspeita que a rondava, resolutamente recalcada para o mais fundo da mente, mas aí persistindo, apesar de tudo. Eu lhe falei com absoluta franqueza, pedindo-lhe que fizesse o mesmo. Perguntei-lhe se havia chegado a gostar de Charles e ele dela.

- Acho que sim - declarou a moça. - Sim. Sei que isso aconteceu. Nós éramos tão felizes! - ela prosseguiu. - Não tínhamos pressa. Dispúnhamos de todo o tempo deste mun-do. Algum dia ele haveria de dizer que me amava e eu também lhe confessaria a mesma coisa. Mas o senhor pode imaginar como tudo mudou. Uma nuvem negra baixou sobre nós, e nos separou. Vivemos constrangidos. Quando nos encontramos, não sabemos o que dizer. Talvez aconteça com ele o mesmo que se passa comigo. E dizemos para nós mesmos: "Se houvesse certeza!" Por isso, Sir Henry, é que eu lhe peço me dizer se o senhor pode ter essa certeza. Talvez possa. Quem matou meu tio não foi Charles Templeton. Diga-me isso. Eu lhe suplico. Diga-me.

E o diabo é que não pude dizer o que ela esperava, comentou Sir Henry, dando um murro na mesa. Eles se afastaram um do outro cada vez mais. E aquela suspeita entre eles como um fantasma. Um fantasma que poderia ser esconjurado.

Sir Henry inclinou-se para trás em sua cadeira, com uma expressão de cansaço e desolação estampada na fisionomia. Mas endireitou-se novamente, com o rosto iluminado por um estranho sorriso. E acrescentou o seguinte:

- A menos que Miss Marple nos possa ajudar. Tenho a impressão de que aquela carta talvez esteja na linha de sua especialidade. A carta sobre a reunião na igreja. Não lhe faz lembrar alguma coisa ou algum lugar que possa tornar as coisas perfeitamente claras? A senhora será capaz de fazer alguma coisa que ajude dois jovens indefesos e que desejam ser felizes?

Debaixo desse tom de gracejo havia algo mais naquele apelo. Sir

Henry chegara a ter na mais alta conta a capacidade mental daquela frágil e antiquada senhora, que nunca se casara. Lançou-lhe um olhar que expressava alguma coisa muito parecida com a esperança.

Miss Marple tossiu e alisou suas rendas, admitindo o se-guinte:

- Isso me faz de certo modo lembrar Annie Poultny. A carta é sem dúvida muito clara, tanto para Mrs. Bantry quanto para mim. Não estou me referindo à carta sobre a reunião na Igreja, mas à outra. Como o senhor quase sempre reside em Londres, Sir Henry, não teria ensejo de reparar nisso.

- Como - indagou Sir Henry. - Reparar em quê? Miss Marple estendeu a mão, tomando um dos catálogos.

Abriu-o e leu em voz alta, com uma certa volúpia:

Dr. Helmuth Spath.

Puro lilás, flor maravilhosamente linda, tendo uma haste de excepcional comprimento e firmeza.

Esplêndida para ser colhida e colocada em vasos, e também para enfeitar jardins.

Uma novidade de surpreendente beleza.

Edgar Jackson.

Flor semelhante ao crisântemo, com uma bela forma e acentuada cor de tijolo.

Amos Perry.

De cor vermelha viva, muito decorativa.

Tsingtau.

De cor vermelho-alaranjada, viva.

Flor de jardim muito vistosa, duradoura, depois de colhida.

Honestidade.

Flor cor-de-rosa e branca, imensa e dotada de forma perfeita.

- Com *H* maiúsculo, devem estar lembrados - murmu-rou Miss Marple.

Mrs. Bantry atirou o catálogo sobre a mesa e declarou, num tom muito veemente:

- Dálias!

- Sua inicial é a mesma de *death*, que significa morte - explicou Miss Marple.

- Mas a carta foi endereçada ao próprio Dr. Rosen - objetou Sir Henry.

- Isso constituiu o aspecto bem arquitetado do plano -observou Miss

Marple. - Isso e o aviso que continha. Que faria ele ao receber uma carta de alguém que não conhecia, cheia de nomes que também não conhecia? Ora essa! Haveria de passá-la ao secretário!

- Então, afinal.. . começou a falar Sir Henry.

- Não! - exclamou Miss Marple. - *Não foi o secretário!*

Aquilo deixa perfeitamente claro que não foi ele. Se tivesse sido jamais permitiria que se achasse a carta. E tam-bém nunca teria destruído a carta endereçada a ele próprio, com um selo alemão. Realmente, sua inocência, se o senhor me permite usar uma palavra, *é simplesmente flagrante.*

- Então quem foi? - indagou Sir Henry.

- Bem, isso parece quase certo, tão certo quanto possam ser as coisas neste mundo. Havia outra pessoa à mesa do café e ela, muito naturalmente, em face das circunstâncias apanhou a carta e a leu. Foi isso. O senhor se lembra que ela recebeu um catálogo de jardinagem pela mesma mala do correio?

- Greta Rosen - disse Sir Henry lentamente. - Então a visita que ela me fez...

- Os homens nunca percebem essas coisas - prosseguiu Miss Marple. - Eu acho que nos julgam a nós, mulheres idosas, bem. .. umas gatas com olhos de lince porque vemos o que vemos. Mas os fatos são esses. Infelizmente sabemos muita coisa sobre nosso próprio sexo. Não duvido que houvesse uma barreira entre os dois. O jovem subitamente sentiu uma repulsão inexplicável pela moça. Suspeitou dela, simplesmente por uma questão de instinto, e não conseguiu ocultar suas suspeitas. Eu realmente acredito que a visita que ela lhe fez foi apenas motivada por *despeito*. Realmente sentia-se muito segura. Mas saiu de seus cuidados para robustecer as suspeitas do senhor quanto ao pobre Mr. Templeton. O senhor não tinha assim tanta firmeza até que ela o visitou.

- Tenho certeza de que não foi coisa alguma do que ela disse - começou a falar Sir Henry.

- Os homens nunca percebem essas coisas - declarou Miss Marple calmamente.

- Então a moça - disse Sir Henry e fez uma pausa. - Ela cometeu um assassinato a sangue-frio e escapou, sã e salva.

- Isso não, Sir Henry - observou Miss Marple. - Ela não escapou sã e salva. O senhor e eu não acreditamos nisso.. Greta Rosen não irá escapar ao seu castigo. Lembre-se do que o senhor disse há pouco.

Para começar, ela deve estar convi-vendo com pessoas muito estranhas, chantagistas e terroristas, que não irão fazer-lhe nenhum bem. Provavelmente a levarão a um fim miserável. Como o senhor bem disse, não devemos desperdiçar nossas preocupações com pessoas culpadas. O que importa são as inocentes. Acredito que Templeton vai se casar com a prima alemã. O fato de ter rasgado a carta parece suspeito, para empregar esta palavra num sentido muito diferente do que temos usado durante toda esta noite. Talvez ele estivesse com um pouco de receio que a outra moça reparasse na carta e lhe pedisse para vê-la... Sim. Creio que deveria haver um pouco de romance nessa carta. Mas ainda restava Dobbs. Mas eu diria, como o senhor observou, que tudo aquilo não teria muita importância para ele. Provavelmente só pensaria em tomar seu café das onze horas. E também havia a pobre velha, a Gertrud, que me fez lembrar Annie Poultny. Coitadinha da Annie! Cinqüenta anos de devotados serviços e a suspeita de ter dado sumiço ao testamento de Miss Lamb, ainda que nada tenha podido ser provado. Aquilo quase partiu o coração sensível da pobre criatura. Depois que ela morreu, soube-se que Miss Lamb pusera, ela própria, o testamento na gaveta secreta de sua caixa de chá, por uma questão de segurança. Mas isso foi tarde demais para a coitada da Annie.

- É exatamente o que me preocupa tanto, no caso da pobre alemã, já idosa - prosseguiu Miss Marple. - Quando uma pessoa fica velha, amargura-se com muita facilidade. Eu tive mais pena dela do que de Mr. Templeton, que é jovem e bonito, evidentemente benquisto junto às mulheres. Escreva para ela, Sir Henry. Diga-lhe simplesmente que sua inocência foi comprovada, sem a menor sombra de dúvida... Seu velho patrão está morto e, com certeza, ela vive se amargurando, sentindo que suspeitam de sua pessoa. . . É intolerável ficar pensando nisso.

- Eu vou escrever a ela, Miss Marple - disse Sir Henry.

- E olhou para a velha senhora de um jeito curioso. - A senhora quer saber de uma coisa? Eu nunca irei compreendê-la bem. Seu ponto de vista é sempre diferente do que cu estiver pensando.

- Eu creio que minha visão*é* muito limitada - comentou Miss Marple modestamente. - Praticamente eu nunca saio de St. Mary Mead.

- No entanto a senhora solucionou o que se poderia denominar um mistério internacional - prosseguiu Sir Henry.

- A senhora o resolveu. Estou convencido disso.

Miss Marple enrubesceu, mas se conteve, afirmando o seguinte:

- Creio que fui bem educada segundo os padrões do meu tempo.

Minha irmã e eu tivemos uma governanta alemã, uma Fraülein. Era uma pessoa muito sentimental. Ela nos en-sinou a linguagem das flores, um tipo de estudo hoje esque-cido, embora muito encantador. Uma tulipa amarela, por exemplo, significa amor sem esperança, ao passo que uma rainha margarida quer dizer "morro aos seus pés". Aquela carta tinha a assinatura de uma Georgina que, se eu bem me lembro, quer dizer dália, em alemão. Isso tornou tudo perfeitamente claro, como é natural. Eu gostaria de poder me lembrar do significado de dália, mas isso me foge. Minha memória já não é o que era antes.

- De qualquer maneira não significa *death*, que é morte. - comentou Sir Henry.

- Não, de fato não significa isso. Ê horrível, não é mes-mo? - prosseguiu Miss Marple. - Há coisas muito tristes neste mundo.

- Há, sim - comentou Mrs. Bantry, suspirando. - Por sorte nós temos flores e amigos.

- O senhor reparou que ela nos coloca em último lugar? - observou o Dr. Lloyd.

- Um homem costumava mandar-me orquídeas roxas to-das as noites, no teatro - disse Jane num tom sonhador.

- Isso queria dizer "estou à espera de seus favores" - declarou Miss Marple num tom animado.

Sir Henry tossiu de um modo peculiar e desviou o rosto. De repente Miss Marple exclamou:

- Já me lembrei. Dália significa "traição e falsas afirmações".

- É maravilhoso! - comentou Sir Henry, suspirando. - Absolutamente maravilhoso!

10
Tragédia de Natal

- EU TENHO UMA RECLAMAÇÃO A FAZER - declarou Sir Henry Clithering, piscando amavelmente os olhos para todos que se achavam ali reunidos. O Coronel Bantry, de pernas esticadas, estava fitando a lareira, de cenho franzido, como se ela fosse um soldado negligente a desfilar numa parada, ao passo que sua esposa examinava subrepticiamente um catálogo de bulbos que havia chegado na última entrega do correio. O Dr. Lloyd estava contemplando com franca admiração a figura de Jane Helier, e essa bela moça parecia absorta a examinar as próprias unhas, recobertas de esmalte cor-de-rosa. Somente Miss Marple, uma senhora solteira e já idosa, permanecia sentada muito erecta. Seus olhos azuis e desbotados piscaram para Sir Henry em retribuição ao gesto dele.

- Uma reclamação? - ela murmurou.

- Uma reclamação muito séria. Nós somos um grupo de seis pessoas, três representantes de cada sexo. Eu protesto em nome dos homens oprimidos. Já foram narradas três histórias esta noite, todas por homens! Eu protesto porque as senhoras ainda não nos deram sua contribuição.

- Oh! - exclamou Mrs. Bantry cheia de indignação.

- Estou certa de que demos nossa contribuição. Ouvimos as histórias e as apreciamos da maneira mais esclarecida. Revelamos a atitude verdadeira feminina, não querendo nos projetar muito.

- Excelente desculpa - declarou Sir Henry. - Mas não é válida. Existe um precedente muito bom nas Mil e Uma Noites. Por isso, adiante-se.

- O senhor se refere a mim? - indagou Mrs. Bantry.

- Mas eu não sei nenhuma história para lhes contar. Nunca estive envolvida em sangue e mistérios.

- Eu não insisto que haja sangue. Absolutamente. Mas tenho certeza de que uma dessas três senhoras conhece algum mistério favorito. Vamos, Miss Marple. "A Curiosa Coincidência da Faxineira" ou "O Mistério da Reunião de Mães". Não me desaponte com St. Mary Mead.

Miss Marple abanou a cabeça e disse:

- Nada que possa interessá-lo, Sir Henry. Nós temos nossos

pequenos mistérios, naturalmente. Houve o caso dos camarões em conserva, que desapareceram de maneira tão incompreensível. Mas isso não o interessaria porque tudo foi muito trivial, embora tenha lançado consideráveis luzes sobre a natureza humana.

- A senhora me ensinou a idolatrar a natureza humana - declarou Sir Henry solenemente.

- E quanto a Miss Helier? - indagou o Coronel Bantry. - Deve ter tido algumas experiências interessantes.

- Sim, de fato - observou p Dr. Lloyd.

- Eu? - disse Jane. - O senhor pretende que eu lhes conte alguma coisa que tenha acontecido comigo?

- Ou com algum de seus amigos - corrigiu Sir Henry.

- Oh! - exclamou Jane num tom vago. - Eu acho que comigo nunca aconteceu nada. Isto é, não esse tipo de coisas. Flores, sem dúvida, e bilhetes estranhos. Mas os ho-mens são mesmo assim, não é verdade? Eu acho que não aconteceu... - Ela fez uma pausa e deu a impressão de estar perdida em seus pensamentos.

- Estou vendo que teremos de aceitar a epopéia dos ca-marões - disse Sir Henry. - Vamos, Miss Marple.

- O senhor gosta tanto de gracejar, Sir Henry - observou Miss Marple. - Os camarões não passam de uma ninharia. Mas agora que comecei a pensar nisso, de fato me recordo de um incidente, não exatamente um incidente, mas talvez alguma coisa muito mais grave: uma tragédia. E até certo ponto eu me encontrei nela envolvida. Nunca me arrependi de tudo que fiz. Não senti o menor remorso. Mas não aconteceu em St. Mary Mead.

- Isso me desaponta - comentou Sir Henry. - Mas eu insisto com a senhora para que enfrente a situação. Eu sabia que não seria em vão confiar na senhora.

Ele se acomodou em sua cadeira numa atitude de quem deseja ouvir alguma coisa, ao passo que Miss Marple enrubes-ceu levemente.

- Espero ser capaz de contar minha história de maneira adequada - ela acrescentou num tom ansioso. - Receio ser muito inclinada a *divagações.* Uma pessoa às vezes se afasta inteiramente de um ponto, sem saber que está fazendo isso. É tão difícil recordar cada fato em sua devida ordem. Todos devem ser tolerantes para comigo se eu contar mal minha história. Ela aconteceu há muito, muito tempo.

Como eu lhes disse, não se relacionou com St. Mary Mead. De fato tem a ver com um certo Hidro...

- A senhora quer dizer um hidroavião? - indagou Jane, arregalando os olhos.

- Você não entenderia, minha querida - disse Mrs. Bantry, e explicou-lhe o que era um hotel de "estação de águas", chamado Hidro. E o coronel trouxe sua contribuição pessoal, esclarecendo o seguinte:

- É uma coisa horrível. Absolutamente abominável! As pessoas têm de sair da cama cedo e beber uma água com um gosto detestável. E sempre há uma porção de mulheres sentadas em derredor. Meu Deus, quando eu penso...

- Ora essa, Arthur - observou Mrs. Bantry placidamente. - Você sabe que foi ótimo para você.

- Uma quantidade de mulheres velhas, sentadas em der-redor, comentando sobre escândalos - resmungou o Coronel Bantry.

- Eu acho que isso é verdade - disse Miss Marple. - Eu própria...

- Minha querida Miss Marple - interveio o coronel, horrorizado. - Eu jamais pretendi, em tempo algum. . .

Miss Marple o interrompeu com um pequeno gesto, muito vermelha, e acrescentou:

- Mas *é verdade,* Coronel Bantry. Eu apenas gostaria de dizer isso. Deixe-me ordenar meus pensamentos. Sim. Falar sobre escândalos, como o senhor afirmou... isso se faz muito. As pessoas sentem-se atraídas pelos escândalos, espe-cialmente os jovens. Meu sobrinho, que escreve livros, obras muito engenhosas, creio eu, me afirmou que a maioria das coisas mordazes que se espalham sobré o caráter alheio são ditas sem qualquer espécie de prova. Como isso é perverso! Mas o que eu lhes assevero é que nenhum desses jovens jamais pára e pensa no que estiver falando. Eles realmente não examinam os fatos. Não resta dúvida que o ponto crucial da questão é o seguinte: *quantas vezes esse falatório,* como se diz, *é verdadeiro.* Eu penso que se eles examinassem mesmo os fatos, descobririam que os mexericos são verdadeiros, em noventa por cento dos casos. Isso é que faz as pessoas ficarem tão aborrecidas com o que se diz.

- Os palpites inspirados - comentou Sir Henry.

- Não. Não se trata disso. Absolutamente - prosseguiu Miss Marple. - Trata-se de uma questão de prática e de experiência. Se mostrarem a um egiptólogo, assim ouvi dizer, um desses curiosos e pequenos escaravelhos, ele poderá afirmar, olhando para o objeto e segurando-o entre as mãos, a que data antes de Cristo ele pertence, ou se não passa de uma imitação, feita em Birmingham. Sempre é capaz de dar uma

razão precisa para assim proceder. Simplesmente *sabe aquilo.* Passou a vida inteira lidando com esses escaravelhos.

Isso é que eu estou procurando lhes dizer (muito mal, bem sei). As mulheres que meu sobrinho qualifica de "supér-fluas" dispõem de muitos lazeres. E seu principal interesse consiste, geralmente, *em pessoas.* Por isso, como vêem, chegam a ser o que poderíamos chamar de *peritas.* Hoje em dia os jovens conversam muito francamente sobre assuntos que não eram sequer mencionados em nosso tempo. Mas, por outro lado, suas mentes são tão ingênuas. Acreditam em todos e em tudo. E se uma pessoa tentar adverti-los sobre isso, ainda que de maneira discreta, dizem que essa pessoa tem uma mentalidade vitoriana. E afirmam que se parece com uma pia de cozinha, onde tudo desaparece.

- Afinal de contas o que há de errado com uma pia de cozinha? - indagou Sir Henry.

- Exatamente - observou Miss Marple com vivacidade. - E o que há de mais necessário em qualquer casa. Mas, naturalmente, não é uma coisa romântica. Eu confesso que tenho minhas suscetibilidades, como todas as pessoas, e que tenho às vezes sido cruelmente magoada por observações irrefletidas. Sei que os homens não se interessam pelos assuntos domésticos, mas quero me referir à minha empregada, Ethel, uma jovem muito bonita e prestativa, em todos os sentidos. Logo que a vi, percebi que era do mesmo tipo que Annie Webb e igual à pobre filha de Mrs. Bruitt. Se surgisse alguma oportunidade*, o meu e o teu* nada significariam para ela. Por isso eu a despedi, no fim do mês, dando-lhe uma carta de recomendação. Declarei que ela era honesta e sóbria, mas avisei particularmente à velha Mrs. Edwards que não a tomasse a seu serviço. Meu sobrinho, Raymohd, ficou zangadíssimo por causa disso, afirmando nunca ter ouvido falar em coisa tão perversa. Sim*, perversa.* Pois bem. Ela foi trabalhar para Lady Ashton, a quem não me senti na obrigação de avisar coisa alguma. Que aconteceu? Todas as rendas da roupa íntima da senhora foram cortadas, e furtados dois broches de brilhantes que ela tinha. A moça desapareceu durante a noite e nunca mais se ouviu falar nela.

Miss Marple fez uma pausa, respirou fundo e prosseguiu:

- Todos hão de estar dizendo que isso nada tem a ver com o que aconteceu no hotel de Keston. Mas, em certo sentido, de fato tem. Vou explicar por que não tive a menor dúvida desde o primeiro instante em que vi os Sanders juntos, de que ele pretendia liquidar a mulher.

- Oh! - exclamou Sir Henry, inclinando-se para a frente.

Miss Marple voltou para ele seu rosto tranqüilo e acres-centou:

- Como eu ia dizendo, Sir Henry, não tive a menor dú-vida. Sanders era um homem alto, bem apessoado, com um rosto muito vermelho. Tinha maneiras efusivas, sendo muito popular junto a toda espécie de gente. E ninguém poderia ser mais amável com a mulher do que ele. Mas eu logo percebi que pretendia liquidá-la.

- Minha prezada Miss Marple – observou Sir Henry.

- Sim, eu logo percebi tudo. Isso é o que diria meu so-brinho, Raymond West. Diria que eu não dispunha da menor prova. Mas eu me recordo de Walter Hones, proprietário da taverna Green Man. Indo para casa a pé, em companhia da esposa, certa noite, ela caiu dentro de um rio e ele recebeu o dinheiro do seguro. £ me recordo também de duas ou três pessoas que andam por aí, sãs e salvas, uma delas pertencente à nossa própria classe social. Foram à Suíça passar as férias de verão. Um deles ia praticar alpinismo com a mulher. Eu avisei a ela que não fosse. A pobrezinha nem se zangou comigo, como poderia ter feito, limitando-se a rir. Pareceu-lhe esquisito que uma pessoa idosa e excêntrica como eu fosse dizer aquilo sobre seu Harry. Pois bem: houve um acidente e Harry está casado com outra mulher. Mas o que eu poderia *fazer? Eu percebi* tudo, mas não havia provas.

- Oh, Miss Marple! - exclamou Mrs. Bantry. - A senhora realmente quer dizer que...

- Minha querida, essas coisas são muito comuns. São de fato muito comuns. Os homens ficam tentados de um modo especial, sendo tão mais fortes. É tão fácil, quando as coisas parecem ter acontecido por acidente. Como eu ia dizendo, logo percebi tudo a respeito dos Sanders. Aconteceu num ônibus de dois andares. Estava cheio na parte de baixo e nós tivemos de viajar no andar de cima. Quando nós três nos levantamos para sair do ônibus, Mr. Sanders perdeu o equilíbrio e caiu de encontro à esposa, que despencou de cabeça pela escada abaixo. Felizmente o condutor era um jovem muito forte e a segurou.

- Mas, com toda certeza, deve ter sido um acidente - observou Sir Henry.

- Foi um acidente, sem a menor dúvida - comentou Miss Marple. - Nada poderia ter parecido mais acidental. Mas Mr. Sanders tinha sido da Marinha Mercante, assim ele me disse. E um homem que consegue manter o equilíbrio num navio a jogar de maneira desagradável, não perde o equilíbrio no andar de cima de um ônibus. Isso não acontece

nem com uma mulher idosa como eu! Não me falem nisso!

- De qualquer maneira, nós podemos concluir que a senhora não teve qualquer dúvida - declarou Sir Henry. - A senhora estava certa de tudo aquilo.

Miss Marple assentiu de cabeça, acrescentando:

- Eu estava suficientemente segura de minha opinião, e outro acidente na travessia de uma rua, ocorrido pouco tempo depois, fez com que eu tivesse ainda mais certeza a respeito do que estava pensando. Mas agora eu lhe pergunto, Sir Henry: o que eu poderia fazer? Lá estava uma boa mulherzinha, casada, que em breve iria ser assassinada.

- Minha prezada amiga, eu fico até sem poder respirar - observou Sir Henry.

- Isso acontece porque o senhor, como a maior parte das pessoas, hoje em dia, não quer enfrentar os fatos. O senhor pensa que uma coisa dessas não poderia acontecer. Mas era a realidade, eu sabia disso. Mas estava numa situação tão desvantajosa! Não poderia dirigir-me à polícia, por exemplo. E avisar à jovem mulher seria inútil, como eu percebi. Ela era muito devotada àquele homem. Eu apenas me ocupei em descobrir tudo que pudesse sobre eles. Uma pessoa dispõe de muitas oportunidades quando fica nos seus trabalhos de agulha, junto à lareira. Mrs. Sanders (o nome dela era Gladys) tinha muita disposição para falar. Parece que eles não estavam casados há muito tempo. O marido iria herdar alguns bens, mas, naquela época, eles estavam em situação financeira muito ruim. Na realidade, viviam de uma pequena renda que ela tinha. Já ouvimos falar em coisas assim. Ela se queixava de não poder tocar em seu capital. Parece que alguém tivera um certo bom-senso. Mas o dinheiro era dela e poderia dispor do mesmo, em testamento. Isso eu descobri. Ela e o marido haviam feito seus testamentos, um em favor do outro, logo após o casamento. Muito emocionante! Sem dúvida, quando os negócios de Jack endireitassem... Havia aquela preocupação o dia inteiro. Enquanto isso eles estavam de fato em situação muito difícil. Seu quarto era no último andar, entre os dos empregados. E tão perigoso, em caso de incêndio, embora houvesse uma escada de emergência, bem do lado de fora da janela deles. Indaguei cuidadosamente se haveria alguma sacada. As sacadas são perigosas. Basta um empurrão, todos sabem!

Eu a fiz prometer-me não chegar à sacada. Disse que ha-via tido um sonho. Isso a impressionou. Às vezes se consegue muita coisa com as superstições. Ela era uma bonita mulher, tendo a cútis um tanto

desbotada, e os cabelos mal penteados, caídos sobre o pescoço numa espécie de rabo de cavalo. Era muito crédula. Repetiu ao marido o que eu lhe havia dito e eu reparei que ele me olhou uma ou duas vezes, de um modo estranho. Ele não era crédulo e sabia que eu tinha viajado naquele ônibus.

Mas eu vivia preocupada, terrivelmente preocupada, pois não conseguia atinar como vencê-lo em astúcia. Não poderia impedir que qualquer coisa acontecesse no Hotel Hidro, mas apenas dizer algumas palavras que lhe revelassem minhas suspeitas. Mas isso significaria apenas que ele iria adiar seus planos. Não. Comecei a acreditar que o único método a adotar seria um que fosse bem ousado. Preparar de algum modo uma armadilha para ele. Se eu o induzisse a atentar contra a vida dela de um jeito de minha própria escolha, nesse caso ele seria desmascarado e ela seria obrigada a enfrentar a verdade, por maior que fosse o choque que isso lhe causasse.

- A senhora me faz perder a respiração - declarou o Dr. Lloyd. - Que plano concebível a senhora poderia adotar?

- Eu havia encontrado um plano: não temer coisa al-guma - disse Miss Marple. - Mas o homem era esperto de-mais. Resolveu não esperar. Pensou que eu poderia suspeitar de alguma coisa e desferiu seu golpe antes que eu pudesse ter certeza sobre o que se passava. Ele sabia que eu iria suspeitar de algum acidente e, por isso, decidiu-se pelo assassinato.

Ouviu-se a respiração levemente opressa de todos que rodeavam Miss Marple. Ela sacudiu a cabeça e apertou os lábios de um modo sinistro e acrescentou:

- Receio ter contado isso de maneira um tanto abrupta. Devo procurar dizer-lhes exatamente o que ocorreu. Eu sempre me senti amargurada por causa disso. Achei que deveria ter de algum modo impedido que tudo acontecesse. Mas a Providência sabe o que faz, sem a menor dúvida. De qualquer maneira, eu fiz o que pude.

Pairava no ar algo que só consigo descrever como uma sensação sobrenatural. Parecia que alguma coisa nos oprimia a todos. Uma sensação de desgraça iminente. Para começar, havia George, o porteiro do hall. Estava trabalhando há muitos anos naquele lugar e conhecia todas as pessoas. Teve bronquite e pneumonia, morrendo em quatro dias. Foi muito triste. Um verdadeiro golpe para nós todos. E ainda por cima, quatro dias antes do Natal. Depois uma das empregadas da casa, moça tão boa, teve uma infecção num dedo e morreu em vinte e quatro

horas.

Eu estava na sala de visitas com Miss Trollope e Mrs. Carpenter. Esta última mostrou-se positivamente mórbida, deliciando-se com tudo aquilo: "Guarde minhas palavras" - disse ela. *"Isso não é o fim.* Você conhece o ditado? *Depois de dois vem três.* Vai haver outra morte. Não tenha dúvida. E nós não teremos de esperar muito tempo. *Depois de dois vem três.*"

E ao pronunciar essas últimas palavras ela sacudiu a ca-beça e fez estalar suas agulhas de tricô. Acontece que eu levantei os olhos e lá estava Mr. Sanders, de pé, no vão da porta. Durante apenas um minuto ele foi apanhado desprevenido e eu percebi a expressão de sua fisionomia da maneira mais clara possível. Eu acreditarei, até a hora de minha morte, que as tétricas palavras de Mrs. Carpenter lhe meteram na cabeça tudo aquilo.

Ele entrou na sala sorridente, e com seu jeito alegre in-dagou:

- Posso fazer alguma compra de Natal para as senhoras? Irei a Keston daqui a pouco.

Permaneceu na sala durante uns dois ou três minutos, rindo e conversando. Depois retirou-se. Eu lhe afirmo que me senti perturbada e perguntei, de maneira direta:

- Onde está Mrs. Sanders? Alguém sabe?

Mrs. Trollope disse que ela tinha saído com uns amigos, s os Mortimers, para jogar *bridge*. Isso me tranqüilizou por aquele momento. Mas continuei muito inquieta e indecisa a respeito do que fazer. Passada mais ou menos meia hora, subi até meu quarto. Cruzei com o Dr. Coles, meu médico, que vinha descendo as escadas. Como eu desejava consultá-lo sobre meu reumatismo, levei-o até meu quarto, na mesma hora. Ele me contou (confidencialmente), que a pobre Mary tinha morrido. O gerente não queria que a notícia se espalhasse e, por isso, eu deveria guardá-la para mim. Naturalmente não lhe informei que só tínhamos conversado sobre o assunto durante uma hora, desde o momento em que a moça exalara o último suspiro. Essas coisas tornam-se imediatamente sabidas. E um homem de sua experiência deveria estar bem certo disso. Mas o Dr. Coles, sempre um homem simples, incapaz de suspeitar do que quer que fosse. Acreditava no que desejava acreditar. Foi isso, exatamente isso, que me alarmou passado um minuto. Ao se retirar, ele me declarou que Sanders lhe pedira que examinasse a esposa. Parecia que ela andava meio indisposta ultimamente. Má digestão, etc.

Pois bem: naquele mesmo dia Gladys Sanders me dissera que sua digestão era maravilhosa e que andava muito satisfeita por causa disso.

Estão percebendo? Todas as suspeitas que eu tinha a res-peito daquele homem voltaram a me atormentar, multiplicadas por cem. Ele estava se preparando para agir. Mas iria fazer o quê? O Dr. Coles se retirou antes que eu pudesse me decidir se deveria ou não tocar no assunto com ele, embora, se eu houvesse realmente lhe falado, não teria sabido o que dizer. No momento em que eu ia saindo do quarto, o próprio Sanders vinha descendo as escadas, procedendo do andar de cima. Estava vestido para sair e tornou a me perguntar se poderia ser útil a mim, na cidade. Tudo quanto consegui fazer para não ser incivil com aquele homem foi dirigir-me diretamente para a sala do hotel e pedir um chá. Lembro-me que eram precisamente cinco e meia.

Agora estou muito ansiosa para relatar claramente o que ocorreu em seguida. Eu ainda estava na sala do hotel e faltavam quinze minutos para as sete quando Mr. Sanders nela entrou. Havia dois homens em sua companhia, e todos três estavam inclinados a ser um tanto joviais. Mr. Sanders afastou-se dos amigos e se aproximou do lugar onde eu estava sentada ao lado de Miss Trollope. Explicou que desejava pedir nossa opinião a respeito de um presente de Natal que pretendia dar à esposa. Era uma bolsa para ser usada com um vestido de noite. Ele declarou o seguinte:

- Como as senhoras vêem, sou apenas um rude mari-nheiro. O que hei de entender dessas coisas? Pedi que me enviassem três bolsas para eu escolher uma. E desejo um conselho de pessoas entendidas no assunto.

Nós dissemos naturalmente, que teríamos muito prazer em ajudá-lo. Ele perguntou se nos importaríamos de subir porque sua esposa poderia chegar a qualquer momento e ele não queria trazer as bolsas lá para a sala. Nunca me esquecerei do que aconteceu em seguida. Ainda sou capaz de sentir meus dedos formigando.

Mr. Sanders abriu a porta do quarto e acendeu a luz. Não sei qual de nós viu primeiro...

Mrs. Sanders estava caída de bruços, com o rosto de encontro ao chão. Morta!

Eu fui a primeira a chegar junto dela. Ajoelhei-me, segurei-lhe a mão e tomei-lhe o pulso. Mas foi inútil, pois até seu braço estava frio e rígido. Perto de sua cabeça havia uma meia cheia de areia, a arma com que tinha sido abatida. Miss Trollope, pobre criatura, ficou chorando junto à

morta, com as mãos na cabeça. Sanders deu um grito: "Minha mulher! Minha mulher!" E correu para ela. Eu impedi que ele a tocasse. Naquele momento, tive certeza de que ele tinha feito aquilo. Talvez houvesse alguma coisa que pretendesse tirar ou ocultar.

- Não se deve tocar em nada - eu disse. - Acalme-se, Mr. Sanders. E a senhora, Miss Trollope, faça o favor de des-cer e chamar o gerente.

Eu lá fiquei, ajoelhada ao lado do corpo. Não iria deixar Sanders sozinho. Mas fui obrigada a admitir que se aquele homem estava representando, estava fingindo tudo maravilhosamente. Parecia atordoado, desnorteado, em verdadeiro pânico.

O gerente acudiu sem demora. Inspecionou rapidamente o quarto e, em seguida, fez-nos sair e fechou a porta do aposento a chave, retirando-a da fechadura. Saiu para telefonar à polícia. Esta chegou, segundo me pareceu, um século depois (mais tarde fomos informados de que a linha telefônica estava com defeito). O gerente tivera de enviar um mensageiro até o distrito policial, e o hotel ficava fora da cidade, na beira do pântano. Mrs. Carpenter nos cansou demais. Estava tão satisfeita porque sua profecia, "Depois de dois vem três", tinha dado certo tão depressa. Ouvi dizer que Sanders estava andando sem rumo pelo jardim, com a cabeça entre as mãos, dando todas as demonstrações de dor.

Finalmente a polícia chegou. Os homens subiram ao an-dar de cima, acompanhados pelo gerente e por Mr. Sanders. Pouco depois mandaram me chamar. Eu lá fui. O inspetor es-tava sentado junto a uma mesa, escrevendo Era um homem de aspecto inteligente. Eu gostei dele.

- Miss Jane Marple? - ele indagou.

- Sim.

- Soube que a senhora estava presente quando foi en-contrado o corpo, não é isso mesmo?

- Respondi afirmativamente e descrevi com exatidão o que havia ocorrido. Creio que foi um alívio para aquele pobre homem encontrar alguém capaz de responder suas perguntas de maneira coerente, pois tivera antes de lidar com Sanders e Emily Trollope. Esta, segundo soube, ficara completamente desmoralizada, pobre criatura! Lembro-me que minha mãe me ensinou que uma senhora deve sempre ser capaz de controlar-se em público, por mais que possa se entregar às suas emoções quando estiver sozinha.

- Máxima admirável - declarou Sir Henry gravemente. Quando acabei

de falar, o inspetor disse o seguinte:

- Muito obrigado, minha senhora. Agora sou compelido a pedir-lhe apenas que olhe para o corpo mais uma vez. Está ele exatamente como se encontrava quando a senhora entrou no quarto? Não foi mudado de posição?

Expliquei-lhe haver impedido que Mr. Sanders fizesse tal coisa, e o inspetor me aprovou com um gesto de cabeça.

- Esse senhor parece estar muito perturbado - observou ele.

- Parece que sim - eu observei.

Não acredito haver dado ênfase especial à palavra "pare-ce", mas o inspetor me olhou de um modo bastante sutil, acrescentando;

- Então podemos admitir que o corpo se acha exatamen-te na posição em que estava quando foi encontrado.

- Exceto quanto ao chapéu - eu acrescentei.

O inspetor levantou rapidamente os olhos para mim, indagando:

- O que a senhora quer dizer com o chapéu?

Eu expliquei que o chapéu estava na cabeça da pobre Gladys e agora estava no chão, caído ao lado dela. Eu natural-mente pensei que a polícia tivesse feito aquilo. Mas o inspetor o negou de maneira categórica. Nada fora tirado do lugar nem tocado. Lá estava ele, de pé, fitando aquela pobre figura, deitada de bruços. Sua expressão era de perplexidade. Gladys estava vestida com roupa de sair: um casaco de tweed vermelho escuro, com uma gola de pele cinzenta. O chapéu de feltro vermelho, barato, estava caído bem perto de sua cabeça.

O inspetor permaneceu em silêncio durante alguns minutos, com uma fisionomia carrancuda. Depois teve uma idéia e indagou:

- A senhora poderia talvez se lembrar se a falecida estava com uns brincos, ou se costumava usar brincos?

Felizmente é de meu hábito observar muito as coisas. Lembrei-me de que havia um brilho de pérolas logo abaixo da aba do chapéu, embora eu não tenha prestado especial atenção a isso, na ocasião. Pude responder afirmativamente a primeira pergunta.

- Isso esclarece a coisa - disse o inspetor. - A caixa de jóias da morta foi roubada. Não que ela possuísse coisas de muito valor, segundo estou informado. Foram retirados os anéis de seus dedos. O assassino deve ter se esquecido dos brincos e voltou para buscá-los depois de haver sido descoberto o crime. - Ele percorreu com o olhar todo o aposento e acrescentou lentamente. - Poderá ter estado escondido aqui neste quarto todo o tempo.

Eu neguei essa possibilidade, explicando que eu própria olhara embaixo da cama. E o gerente tinha aberto as portas do guarda-roupa. Não havia outro lugar onde um homem pu-desse esconder-se. É bem verdade que o compartimento de chapéus, no meio do guarda-roupa, estava fechado a chave. Mas era apenas uma parte desse armário, e tinha pouca profundidade. Cheia de prateleiras. Ninguém poderia ter se ocultado aí.

O inspetor abanou a cabeça muito devagar, enquanto eu lhe expliquei tudo isso. E disse:

- Aceito sua palavra, minha senhora. Nesse caso, como eu afirmei antes, ele deve ter voltado. É um homem de cabeça muito fria.

- Mas o gerente fechou a porta a chave e a retirou da fechadura - eu acrescentei.

- Isso não quer dizer nada. Temos a sacada e a escada de emergência. Por esse caminho é que o ladrão entrou. É possível que a senhora o tenha perturbado em seu trabalho. Ele se esgueirou pela janela. E quando todos saíram do quarto, voltou e continuou o serviço interrompido.

- O senhor tem certeza de que *foi um* ladrão? - eu indaguei.

O inspetor me respondeu secamente:

- Bem! Parece que foi. A senhora não acha?

Mas havia alguma coisa em seu tom de voz que me dei-xou satisfeita. Senti que ele não levava muito a sério Mr. San-ders no papel de viúvo inconsolável.

Como estão vendo, eu admito francamente que estava dominada, totalmente dominada por uma opinião que nossos vizinhos, os franceses, segundo creio, chamam de idée fixe. Sabia que aquele homem, Sanders, pretendia que sua mulher morresse. O que eu não quis levar em consideração foi essa coisa fantástica, a coincidência. Meu ponto de vista sobre Mr. Sanders era absolutamente certo *e verdadeiro.* Eu estava segura a esse respeito. Aquele homem era um miserável. Embora sua hipócrita pretensão de estar sentindo uma grande dor não tivesse me enganado um só instante, eu de fato me lembro que, naquele momento, sua *surpresa e perplexidade* foram maravilhosamente bem representadas. Tudo aquilo me pareceu inteiramente natural, se estão percebendo o que quero dizer. Devo admitir que um estranho sentimento de dúvida começou a insinuar-se dentro de mim, depois de minha conversa com o inspetor. Se Sanders tivesse feito aquela coisa horrível, eu não conseguia imaginar qualquer

motivo que o levasse a voltar ao quarto, esgueirando-se pela escada de incêndio, só para retirar os brincos das orelhas da esposa. Não seria uma coisa sensata. E Sanders era um homem muito sensato. Por isso mesmo é que eu o julgava tão perigoso.

Miss Marple olhou em derredor e prosseguiu.

Talvez todos percebam onde eu quero chegar. Tantas vezes acontecem coisas inesperadas neste mundo. Eu estava tão certa. Acho que foi isso que me cegou. O resultado foi um choque para mim: *ficou provado, acima de qualquer dúvida, que Mr. Sanders não poderia ter de modo algum cometido o crime.*

Mrs. Bantry respirou forte, muito surpreendida. Miss Marple voltou-se para ela, dizendo:

- Eu sei, minha querida. Não era isso que esperava quando eu comecei minha história. Também não foi o que eu própria esperava. Mas fatos são fatos. E se ficar provado que uma pessoa esteja errada, ela deverá ser suficientemente humilde para começar tudo de novo. Eu sabia que Mr. Sanders era, no íntimo, um assassino. E nunca ocorreu coisa alguma capaz de abalar esta minha firme convicção.

Agora espero que todos desejem conhecer os fatos reais. Mrs. Sanders, como sabem, havia passado a tarde com alguns amigos, os Mortimers, jogando *bridge*. Saiu da casa deles mais ou menos uns quinze minutos antes das seis. Da residência de seus amigos até o hotel levava-se um quarto de hora a pé, ou até menos, se a pessoa andasse depressa. Ela deve ter chegado de volta pelas seis e meia. Ninguém a viu entrar, por isso deve ter usado a porta lateral e se dirigido para seu quarto sem perda de tempo. Lá mudou de roupa (o casaco castanho-claro e a saia que ela usou para o *bridge* estavam pendurados no armário) e ela evidentemente se preparava para sair outra vez quando levou o golpe. Dizem que é bem possível que jamais tenha sabido quem a abateu. Um saco de areia, segundo me informaram, é uma arma muito eficiente. Parece que os atacantes estavam escondidos no quarto, possivelmente num dos grandes armários, aquele que ela não abriu.

Vejamos, agora, os movimentos de Mr. Sanders. Ele saiu, como já lhes disse, por volta das cinco e meia, ou um pouco mais tarde. Fez algumas compras em duas ou três lojas e, pelas seis horas, entrou no Grand Spa Hotel, onde encontrou dois amigos, os mesmos com quem, mais tarde, voltou para o hotel. Eles jogaram bilhar e, segundo soube, tomaram muitas doses de uísque com soda. Esses dois homens (seus nomes eram Hitchcock e Spender) permaneceram em companhia dele a

partir das seis horas. Voltaram a pé para o hotel, e os amigos só o deixaram quando vieram ao meu encontro e de Miss Trollope. Como lhes disse, isso ocorreu mais ou menos a um quarto para as sete, hora em que a mulher de Mr. Sanders já devia estar morta.

Preciso lhes dizer que conversei com aqueles dois amigos dele. Não gostei dos homens. Não eram agradáveis nem tinham maneiras educadas. Mas fiquei certa de uma coisa: disseram a verdade absoluta quando afirmaram que Sanders estivera o tempo todo em sua companhia.

Mas surgiu outro aspecto de certa importância. Enquanto Mrs. Sanders estava jogando *bridge*, foi chamada ao telefone. Um homem, cujo nome era Mr. Littleworth, queria falar com ela. Pareceu entusiasmada e satisfeita por algum motivo e, diga de passagem, cometeu um ou dois erros graves. E despediu-se mais cedo do que esperavam as pessoas com quem estava.

Foi perguntado a Mr. Sanders se ele sabia se Mr. Little-worth era amigo de sua esposa, mas ele declarou que nunca tinha ouvido falar nesse nome. Para mim isso parece estar confirmado pela atitude de sua esposa, porque ela também deu a impressão de não conhecer Littleworth. Apesar disso, voltou de sua conversa no telefone toda sorridente e ruborizada. Por isso acredito que a pessoa, quem quer que fosse, não lhe deu seu verdadeiro nome, o que constitui um aspecto suspeito, não é verdade?

De qualquer maneira, foi esse o problema que se apre-sentou. A história do ladrão, que parece improvável, ou a outra teoria, ou seja, a de que Mrs. Sanders estava se preparando para sair ao encontro de alguém. Terá essa pessoa entrado no quarto dela, utilizando-se da escada de emergência? Terá havido uma discussão entre os dois? Ele a teria atacado à traição?

Miss Marple interrompeu sua narrativa.

- E daí? - indagou Sir Henry. - Qual a solução?

- Eu fico só imaginando se algum dos presentes será ca-paz de adivinhar qual foi.

- Eu não sou nada forte em matéria de palpites - de-clarou Mrs. Bantry. - Acho uma pena Sanders ter apresen-tado um álibi tão maravilhoso. Se isso satisfez à senhora, deve ter sido correto.

Jane Helier moveu a linda cabeça e fez a seguinte per-gunta:

- Por que o tal compartimento de chapéus estava fechado a chave?

- Uma pergunta muito bem pensada, minha querida - declarou Miss

Marple. - Eu sempre refleti sobre isso, embora a explicação tenha sido bem simples. Nesse compartimento havia um par de chinelos bordados e uns lenços que a pobre mulher estava fazendo para dar ao marido como presente de Natal. Por isso é que tinha fechado o compartimento a chave. Essa chave foi encontrada em sua bolsa.

- Ah! - exclamou Jane. - Afinal de contas isso não é muito interessante.

- Mas é interessante - objetou Miss Marple. - A única coisa realmente interessante. O que fez todos os planos do assassino irem por água abaixo.

Todos os olhares se voltaram para ela.

- Eu não percebi a coisa durante dois dias - prosseguiu Miss Marple. - Fiquei dando tratos à imaginação até que, de repente, tudo se tornou claro. Fui procurar o inspetor e lhe pedi que fizesse uma certa experiência.

- O que a senhora pediu a ele que tentasse fazer? - in-dagou Mrs. Bantry.

- Pedi que experimentasse aquele chapéu na cabeça da pobre moça. O que ele não conseguiu fazer, naturalmente. Não entrou na cabeça dela. O chapéu não era dela.

Mrs. Bantry olhou fixamente para Miss Marple e indagou:

- Mas não estava na cabeça dela, no começo?

- Não. Não estava na cabeça dela.

Miss Marple fez uma breve pausa, permitindo que suas palavras causassem uma certa impressão, e prosseguiu:

- Nós tínhamos admitido que o corpo da pobre Gladys lá estava. Mas nunca olhamos para seu rosto. Lembre-se de que ela tinha caído de bruços. E o chapéu lhe ocultava o rosto.

- Ela foi morta, não foi? - indagou Mrs. Bantry.

- Foi morta, mais tarde - respondeu Miss Marple - Na hora em que estávamos telefonando para a polícia Gladys Sanders estava viva.

- A senhora quer dizer que alguém estava fingindo ser ela? Mas a senhora segurou nela - comentou Mrs. Bantry.

- Segurei num cadáver, sem dúvida - disse Miss Marple gravemente.

- Mas que diabo! - exclamou o Coronel Bantry. - Não se pode andar segurando cadáveres assim a torto e a direito. O que eles fizeram depois com o primeiro corpo?

- Ele tornou a colocá-lo no lugar - respondeu Miss Marple. - Foi uma idéia diabólica, muito bem pensada. Nossa conversa, na sala de visitas,

o fez imaginar aquilo. Por que não utilizar o corpo da pobre Mary, a empregada? Lembrem-se que o quarto dos Sanders ficava junto dos quartos dos empregados. Os homens da agência funerária só iriam chegar depois do anoitecer. E ele contou com isso. Levou o corpo de Mary pela sacada (já estava escuro, às cinco horas). Vestiu-o com uma das roupas de sua esposa e com seu grande casaco vermelho. Foi então que descobriu que o compartimento de chapéus, do armário, estava trancado a chave. Só havia uma coisa a fazer: ir buscar um dos chapéus da pobre moça. Ninguém haveria de reparar nisso. Pôs o saco de areia perto dela. Depois saiu para arranjar seu álibi.

Telefonou para a esposa, dizendo que era Mr. Littleworth. Não sei o que falou com ela, conforme lhes informei. Mas fez com que deixasse mais cedo o grupo com quem estava jogando *bridge* e voltasse para o hotel. Ele combinara com a esposa para que o encontrasse às sete no jardim do hotel, perto da escada de emergência. Provavelmente disse que tinha uma surpresa a fazer-lhe.

Mr. Sanders voltou para o hotel em companhia de seus amigos e arranjou as coisas de sorte que Miss Trollope e eu descobríssemos o crime junto com ele. Chegou até a fingir que pretendia virar o corpo e eu o impedi. Então foi chamada a polícia e ele se afastou, cambaleando, indo para o jardim.

Ninguém lhe pediu que apresentasse um álibi depois do crime. Foi ao encontro da esposa, subiu com ela pela escada de emergência, entrando os dois no quarto. Talvez já lhe tivesse contado alguma história a respeito do cadáver. Ela se debruçou sobre o corpo. Ele apanhou o saco de areia e desferiu-lhe o golpe... Meu Deus! Eu me sinto mal até hoje só em pensar nisso. Em seguida, rapidamente tirou o casaco e a saia da esposa, pendurou-os num cabide e vestiu-a com as roupas do outro cadáver.

*Mas o chapéu não servia. O cabelo de Mary era cortado à la garçonne, .*e Gladys Sanders, como lhes disse, usava um grande coque. Ele foi obrigado a deixar o chapéu ao lado do corpo, na esperança de que ninguém iria reparar nisso. Em seguida, carregou o corpo da pobre Mary de volta para o quarto dela e tornou a compô-lo de maneira decente.

- Isso parece incrível! - exclamou o Dr. Lioyd. - Que risco ele enfrentou. A polícia poderia ter chegado cedo demais.

- Lembrem-se de que os telefones não estavam funcionando - acrescentou Miss Marple. - Isso foi uma parte do trabalho dele. Não

poderia dar-se o luxo de permitir que a polícia chegasse ao local do crime antes da hora. Quando a polícia de fato apareceu, os inspetores demoraram-se algum tempo no escritório do gerente do hotel antes de subir ao quarto. Foi o ponto mais vulnerável do plano, ou seja, a probabilidade de alguém reparar na diferença entre um cadáver de duas horas e o de outra pessoa que tivesse morrido apenas' pouco mais de meia hora antes. Mas ele contava com o seguinte: que as pessoas que descobrissem o crime não possuíssem conhecimentos especializados sobre o assunto.

O Dr. Lloyd assentiu de cabeça, dizendo o seguinte:

- Iriam supor que o crime havia sido praticado mais ou menos às seis e quarenta e cinco, creio eu. Mas fora de fato cometido às sete horas, ou alguns minutos depois disso. Quando o médico da polícia examinou o corpo seriam no máximo, aproximadamente, sete e meia. Ele nada poderia afirmar.

- Eu sou a pessoa que deveria ter sabido de tudo - declarou Miss Marple. - Tinha tomado o pulso da pobre moça, e estava gelado. No entanto, passado pouco tempo o inspetor disse que o assassinato teria sido cometido pouco antes de nós chegarmos. E eu não vi nada!

- Eu acho que a senhora viu muita coisa, Miss Marple - observou Sir Henry. - Esse caso aconteceu antes de minha gestão. Nem me lembro de ter ouvido falar nele. Mas que aconteceu?

- Sanders foi enforcado - disse Miss Marple num tom decidido. - Bem feito! Nunca me arrependi de minha participação para entregar aquele homem à justiça. Não tenho paciência com esses modernos escrúpulos humanitários a respeito da pena capital.

A expressão severa de sua fisionomia suavizou-se.

- No entanto, muitas vezes eu me censurei amargamente por não ter conseguido salvar a vida daquela pobre moça. Mas quem teria dado ouvidos às palavras de uma mulher idosa, que tivesse chegado apressadamente a suas conclusões? Quem sabe? Talvez tenha sido melhor para ela morrer, quando ainda era feliz, do que ter continuado a viver, desgraçada e desiludida, num mundo que lhe teria subitamente parecido horrível. Ela tinha amor àquele patife e confiava nele. Nunca descobriu quem ele era.

- Muito bem - comentou Jane Helier. - Ela tinha toda razão. Toda razão. Eu gostaria de. .. - E parou de falar.

Miss Marple olhou para a famosa, bela e triunfante Jane Helier e abanou a cabeça bondosamente, dizendo, num tom brando:

- Eu compreendo, minha querida. Eu compreendo.

11
A Erva da Morte

- E AGORA, MRS. B. - disse Sir Henry Clithering num tom encorajador.

- Eu já lhe falei. Não quero que me chamem de Mrs. B. Isso não é muito digno.

- Então eu a chamarei de Scheherazade.

- É ainda pior ser Sche... Como é o nome dela? Eu nunca seria capaz de contar uma história decentemente. Per-gunte isso ao Arthur se o senhor não acreditar em mim.

- Você é bastante segura em matéria de fatos, Dolly - observou o Coronel Bantry. - Mas não é forte quando se trata de desenvolvê-los.

- É isso mesmo - declarou Mrs. Bantry, batendo sobre a mesa que tinha diante de si um catálogo de bulbos que tinha nas mãos. - Fiquei prestando atenção a todos e não sei fazer isso: ele disse, ela disse, o senhor ficou imaginando, eles pensaram, todos acharam implícito, etc. Simplesmente não sei fazer isso. Além do mais, não conheço coisa alguma que tenha uma história que possa ser contada.

- Nós não podemos acreditar nisso, Mrs. Bantry - de-clarou o Dr. Lloyd, sacudindo a cabeça grisalha, fingindo estar duvidando de sua anfitriã.

Miss Marple acrescentou, com sua voz branda:

- Certamente, minha querida.. .

Mrs. Bantry continuou a abanar a cabeça com obstinação.

- Todos aqui não imaginam como minha vida é banal. Lidar com a criadagem, a dificuldade de arranjar copeiras, ir à cidade comprar roupas, ir ao dentista e às corridas de Ascot (que Arthur detesta). E cuidar do jardim...

- Ah! O jardim! - exclamou o Dr. Lloyd. - Nós todos sabemos para que lado bate seu coração, Mrs. Bantry.

- Deve ser bom ter um jardim - declarou Jane Helier, a linda e jovem atriz. - Sim. Se a pessoa não for obrigada a cavar a terra ou sujar as mãos. Eu gosto tanto de flores!

- O jardim - observou Sir Henry. - Não poderíamos tomar isso como ponto de partida? Vamos, Mrs. B. O bulbo envenenado, o narciso mortífero, a erva da morte.

- É estranho o senhor dizer isso -- observou Mrs. Bantry. - O senhor me fez lembrar uma coisa. Arthur, você se recorda daquele caso que houve em Clodderham Court? Você sabe a que eu me refiro. O velho Sir Ambrose Bercy. Você se lembra como nós o achamos um velho encantador e amável?

- Sem dúvida. Sim. Foi um caso estranho. Continue, Dolly.

- É melhor você contar o caso, querido.

- Que tolice. Continue. Você precisa fazer alguma coisa. Eu acabei de dar minha pequena contribuição.

Mrs. Bantry respirou fundo. Juntou as mãos, entrelaçando os dedos, revelando em sua fisionomia a mais absoluta ansiedade. Em seguida, começou a falar rápida e fluentemente:

- Bem. Não há muita coisa para contar. A Erva da Morte. Foi isso que me fez pensar no caso, embora eu a chamasse de *salva e cebola.*

- Salva e cebola? - comentou o Dr. Lloyd. Mrs. Bantry abanou a cabeça.

- Aconteceu assim - explicou Mrs. Bantry. - Nós está-vamos hospedados na casa de Sir Ambrose Bercy, em Clodderham Court, Arthur e eu. Um dia, por engano, embora de maneira bem estúpida, eu sempre assim pensei, uma porção de folhas de digital foram colhidas juntamente com outras, de salva. Naquela noite, o pato servido no jantar foi recheado com aquilo, e todas as pessoas sentiram-se mal. Uma pobre moça, pupila de Sir Ambrose, morreu por causa disso.

- Meu Deus! - exclamou Miss Marple. - Que coisa trágica!

- Não foi mesmo?

- E daí - comentou Sir Henry. - O que aconteceu depois?

- Não aconteceu nada - respondeu Mrs. Bantry. Foi só isso.

Todos ficaram admirados. Embora tivessem sido previa-mente avisados, não esperavam que a história fosse assim tão curta.

- Minha prezada amiga - comentou Sir Henry num tom de protesto - não pode ter sido apenas isso. O que a senhora nos contou foi um acontecimento trágico. Mas não um pro-blema, em qualquer acepção da palavra..

- Bem. Naturalmente houve mais alguma coisa - de-clarou Mrs. Bantry. - Mas se eu lhes dissesse o que foi, todos ficariam sabendo.

Ela deitou um olhar de desafio para as pessoas que se achavam ali reunidas e declarou, num tom de queixa:

- Eu lhes disse que não seria capaz de desenvolver os fatos e fazê-los parecer devidamente com uma história, o que teria de ser feito.

- Mas que surpresa! - exclamou Sir Henry, endireitando-se em sua cadeira e ajustando o monóculo. - Realmente, Scheherazade, isso é muito interessante e reconforta o espírito. Nossos talentos estão sendo desafiados. Estou meio desconfiado que a senhora fez isso de propósito, para estimular nossa curiosidade. Penso que o indicado será algumas rápidas séries de "vinte perguntas". A senhora quer começar, Miss Marple?

- Eu gostaria de saber alguma coisa sobre a cozinheira - declarou Miss Marple. - Deveria ser uma mulher muito pouco inteligente, ou então, muito inexperiente.

- Era exatamente isso: muito pouco inteligente - decla-rou Mrs. Bantry. - Chorou copiosamente depois do que aconteceu, dizendo que as folhas haviam sido colhidas e entregues a ela como sendo de salva. E de que jeito haveria de saber que não eram?

- Uma pessoa incapaz de pensar com a própria cabeça - comentou Miss Marple.

- Era provavelmente uma mulher já idosa e, eu diria, uma ótima cozinheira?

- Excelente cozinheira - confirmou Mrs. Bantry.

- Agora é a sua vez, Miss Helier - observou Sir Henry.

- Ah! O senhor quer dizer minha vez de fazer uma pergunta? - Seguiu-se uma pausa, enquanto Jane ficou meditando.

- Finalmente, declarou, num tom meio desorientado: - Realmente... eu não sei o que perguntar.

Seus lindos olhos voltaram-se para Sir Henry, como quem implora socorro.

- Por que não indagar sobre os personagens, Miss Helier? - sugeriu ele.

Jane parecia continuar perplexa. E Sir Henry acrescentou:

- Quais os personagens, por ordem de sua entrada em cena.

- Ah, sim - disse Jane. - Boa idéia.

Mrs. Bantry começou rapidamente a contar pelos dedos:

- Sir Ambrose, Sylvia Keene (a moça que morreu), um amigo deles, que era seu hóspede, Maud Wye, uma dessas jo-vens do tipo do patinho feio. De certa forma conseguem im-pressionar as pessoas, eu nunca sei de que jeito. Havia também um certo Mr. Curie que tinha ido conversar sobre livros com Sir Ambrose, livros raros, antigos e estranhos, escritos em latim, uns pergaminhos bolorentos. Também lá estava Jerry Larimer - uma espécie de vizinho que morava numa propriedade ao lado. A

Fairlies fazia limite com a de Sir Ambrose. E também Miss Carpenter, uma dessas mulheres de meia idade que conseguem aninhar-se confortavelmente em algum lugar. A propósito, eu creio que era dama de companhia de Sylvia.

- Agora é minha vez - disse Sir Henry. - Acho que é porque estou sentado ao lado de Miss Helier. Quero saber de muitas coisas: desejo um breve retrato verbal, Mrs. Bantry, um retrato de todas as pessoas que acabam de ser mencio-nadas.

- Ah! - exclamou Mrs. Bantry, num tom hesitante.

- Sir Ambrose - prosseguiu Sir Henry. - Comece por ele. *Como era ele?*

- Era um senhor idoso, de aspecto muito distinto. Não era realmente muito velho - não tinha mais de sessenta anos, creio eu. Mas era de constituição muito delicada. Tinha um coração fraco, não podia subir escadas, e havia mandado instalar um elevador em sua casa. Tudo isso o fazia parecer mais idoso do que era. Tinha maneiras muito encantadoras, as de um homem da Corte. Essas são as palavras capazes de descrevê-lo melhor. Nunca era visto irritado ou inquieto. Tinha uma linda cabeleira branca e uma voz particularmente encantadora.

- Bem. Agora eu estou vendo Sir Ambrose. E a jovem Sylvia. Como a senhora disse que ela se chamava?

- Sylvia Keene. Era bonita, realmente muito bonita, Ti-nha os cabelos pretos e uma pele linda. Talvez não fosse muito inteligente. Era bastante tola.

- Deixe disso, Dolly - protestou seu marido.

- Naturalmente Arthur não seria dessa opinião - de-clarou Mrs. Bantry secamente. - Ela era tola, na verdade nunca disse coisa alguma que valesse a pena ouvir.

- Uma das criaturas mais graciosas que eu conheci - declarou o Coronel Bantry calorosamente. - Vê-la jogar tênis era simplesmente um encanto. Um encanto! Era muito engraçada, uma criatura muito divertida. E tinha um jeito tão bonito. Aposto que todos os jovens achavam isso.

- Exatamente no que você está enganado - disse Mrs. Bantry. - As moças iguais a ela não têm encanto para os rapazes de hoje. Só para os velhos antiquados como você, Arthur, que ficam sentados, engrolando as palavras quando falam sobre moças.

- Não adianta ser jovem - afirmou Jane. - A pessoa tem de ser SA.

- Que é isso? - indagou Miss Marple. - Que é SA?

- Quer dizer *sex appeal* - explicou Jane.

- Ah, sim! - comentou Miss Marple. - No meu tempo costumava-se dizer que a pessoa "atraía com os olhos".

- A expressão não é nada má - afirmou Sir Henry. - Creio que a senhora descreveu a dama de companhia como sendo uma gata, não foi isso, Mrs. Bantry?

- Eu não quis dizer uma gata, Sir Henry. Isso é coisa muito diferente. Era uma mulher grandalhona, suave, branca, sempre a ronronar. Esse era o jeito de Adelaide Carpenter.

- Que idade ela tinha?

- Eu diria que andava pela casa dos quarenta. Morava lá há algum tempo, desde quando Sylvia teria seus onze anos. Era uma pessoa de muito tato. Uma dessas viúvas que ficam em situação difícil, têm relações nos meios aristocráticos, mas não têm dinheiro. Eu não gostava dela. Mas eu jamais aprecio as pessoas que têm mãos muito brancas e longas. E não gosto nada de gatas.

- E Mr. Curie? Que tal era ele?

- Um desses homens idosos e curvados. São tantos por toda parte, que as pessoas mal distinguem uns dos outros. Re-velava entusiasmo quando falava sobre seus livros bolorentos, mas não em outras ocasiões. Creio que Sir Ambrose não o conhecia muito bem.

- E Jerry, o vizinho?

- Era um rapaz realmente encantador. Estava noivo de Sylvia. Foi isso que tornou as coisas tão tristes.

- Agora eu fico imaginando... - começou a dizer Miss Marple. E parou no meio da frase.

- Imaginando o quê?

- Nada, minha querida.

Sir Henry olhou para Miss Marple cheio de curiosidade e declarou, num tom meditativo:

- Então os jovens estavam noivos. Havia muito tempo?

- Cerca de um ano. Sir Ambrose tinha feito oposição ao noivado, sob a alegação de que Sylvia era muito jovem. Mas ao cabo de um ano de noivado ele cedera, e o casamento de-veria realizar-se muito em breve.

- Ah! A jovem tinha bens?

- Quase nada. Apenas uma renda de cem ou duzentas libras por ano.

- Você está na pista falsa, Clithering - disse o Coronel Bantry, dando uma risada.

- Agora chegou a vez do nosso doutor fazer sua pergunta -observou Sir Henry. - Eu ficarei quieto.

- Minha curiosidade é principalmente de ordem profis-sional - declarou o Dr. Lloyd. - Eu estimaria saber que depoimentos médicos foram prestados no inquérito, isto é, se nossa anfitriã lembrar-se disso, ou se ela o souber.

- Sei mais ou menos o que houve - disse Mrs. Bantry.

- Envenenamento pela digitalina. Está certo?

O Dr. Lloyd assentiu de cabeça, comentando o seguinte:

- O princípio ativo da chamada erva-dedal, a digital, age sobre o coração. Na realidade, trata-se de uma droga muito valiosa em certas perturbações cardíacas. O caso é muito curioso.

Eu jamais acreditaria que ingerir alguma coisa feita com folhas de digital pudesse causar a morte. Essas idéias sobre a ingestão de folhas ou frutos venenosos são muito exageradas. Muito pouca gente percebe que o princípio vital, ou o alcalóide, tem de ser extraído com grande cuidado, exigindo processos complicados.

- Outro dia Mrs. MacArthur mandou alguns bulbos mui-to especiais para Mrs. Toomie - disse Miss Marple. - E a cozinheira de Mrs. Toomie pensou que fossem cebolas. Todos os Toomies passaram de fato muito mal.

- Mas não morreram por causa disso - comentou o Dr. Lloyd.

- Não. Não morreram - admitiu Miss Marple.

- Uma moça que eu conheci morreu envenenada pela ptomaína - disse Jane Helier.

- Nós precisamos continuar investigando o crime - de-clarou Sir Henry.

- O crime? - exclamou Jane, estremecendo. - Eu pensei que tivesse sido um acidente.

- Se tivesse sido um acidente - comentou lentamente Sir Henry - eu acho que Mrs. Bantry não nos teria contado essa história. Não. Segundo minha interpretação do caso, tudo apenas assumiu a aparência de um acidente. Por detrás disso houve algo de mais sinistro. Eu me recordo de um caso: Vários convidados se achavam reunidos em certa casa, palestrando depois do jantar. As paredes da sala eram adornadas com toda espécie de armas antigas. Apenas a título de brincadeira, um dos convidados agarrou uma velha pistola e apontou para outro, fingindo que ia dispará-la. A pistola estava carregada e o tiro partiu, matando o homem. Nesse caso, tivemos primeiro de verificar quem havia

secretamente preparado e carregado a pistola e, em seguida, quem havia orientado a conversação para que ocorresse o pequeno incidente final daquela rude brincadeira. O homem que disparara a pistola estava completamente inocente.

Parece-me que estamos diante do mesmo problema. Aquelas folhas de digital foram deliberadamente misturadas com as de salva, sendo de antemão sabido qual seria o resultado disso. Desde que afastamos a cozinheira de qualquer culpa, nós a exoneramos disso, não é fato? Surge então a pergunta: quem colheu as folhas e as levou à cozinha?

- Isso pode ser respondido com facilidade - disse Mrs. Bantry. - Pelo menos em parte. Foi a própria Sylvia que levou as folhas para a cozinha. Fazia parte de sua tarefa quotidiana colher verduras, alface ou outras, molhos de cenouras novas

- toda espécie de coisas que os jardineiros nunca colhem como se deve. Eles detestam entregar folhas novas e tenras, esperando que se tomem belos espécimes. Sylvia e Mrs. Carpenter costumavam, elas próprias, cuidar disso. De fato havia grande quantidade de digital entre a salva, num canto da horta. Por isso o engano foi muito natural.

- Mas foi a própria quem colheu as folhas?

- Isso ninguém soube. Presumiu-se que sim.

- Presunções - comentou Sir Henry -, são uma coisa perigosa.

- Mas eu de fato sei que Mrs. Carpenter não as colheu -acrescentou Mrs. Bantry. - Acontece que estava dando um passeio comigo pelo terraço, naquela manhã. Nós saímos depois da primeira refeição. O tempo estava excepcionalmente bom e quente para aquele começo de primavera. Sylvia foi sozinha até a Horta. Mais tarde, no entanto, eu a vi andando de braço dado com Maud Wye.

- Então elas eram grandes amigas? - indagou Miss Marple.

- Eram - confirmou Mrs. Bantry. - Ela parecia que ia dizer alguma coisa, mas não o fez.

- Maud Wye estava hospedada na casa há muito tempo?

- indagou Miss Marple.

- Mais ou menos umas duas semanas - respondeu Mrs. Bantry, demonstrando em sua voz uma nota de inquietação.

- A senhora não gostava de Miss Wye - sugeriu Sir Henry.

- Gostava, sim. Isso eu gostava.

E seu tom de inquietação cresceu, chegando a revelar ansiedade.

- A senhora está nos ocultando alguma coisa, Mrs. Ban-try - declarou Sir Henry num tom acusatório.

- Eu fiquei pensando, há instantes -: começou Miss Marple. Mas não quis prosseguir.

- Quando a senhora ficou pensando em alguma coisa?

- No momento em que a senhora declarou, Mrs. Bantry, que os dois jovens estavam noivos. Disse que isso a tinha feito ficar tão triste. Mas se percebe o que eu quero dizer, sua voz não me pareceu assumir o tom apropriado quando a senhora afirmou isso. Nem apropriado nem convincente.

- Mas que pessoa terrível a senhora é - declarou Mrs. Bantry. - Sempre parece que sabe as coisas. Sim, eu estava pensando em alguma coisa. Mas realmente não sei se devo ou não lhes dizer o que era.

- A senhora precisa nos dizer isso - afirmou Sir Henry.

- Quaisquer que sejam seus escrúpulos, não deve ser ocultado de nós.

- Pois bem, foi apenas o seguinte: uma noite, de fato foi na noite que precedeu a tragédia, eu saí até o terraço, antes do jantar. A janela da sala de visitas estava aberta. Acontece que eu vi Jerry Lorimer e Maud Wye. Ele estava... bem... estava beijando a moça. Naturalmente eu nunca soube se isso foi uma coisa puramente casual, ou se... bem... quero dizer, ninguém *poderá afirmar* nada. Eu sabia que Sir Ambrose de fato jamais estimara Jerry Lorimer. Talvez soubesse que espécie de homem ele era. Mas de uma coisa eu tenho certeza: Maud realmente gostava muito dele. Bastava reparar como olhava para ele quando estava distraída. Também acho que os dois serviriam melhor um para o outro do que ele e Sylvia.

- Vou fazer-lhe uma pergunta, rapidamente, antes que Miss Marple possa se antecipar a mim - interveio Sir Henry.

- Desejo saber se Jerry e Maud Wye se casaram depois da tragédia.

- Casaram-se - disse Mrs. Bantry. - Casaram-se, sim. Seis meses depois.

- Oh, Scheherazade, Scheherazade! - acrescentou Sir Henry. - Só pensar na maneira em que a senhora começou a nos contar essa história. A senhora nos forneceu o esqueleto da coisa. E a quantidade de carne que estamos agora descobrindo!

- Não fale dessa maneira tão vampiresca - observou Mrs. Bantry. - E não empregue a palavra carne de um jeito que o afasta imediatamente de seu bifezinho. Mr. Curie era vegetariano. No café da manhã costumava comer uma coisa esquisita, que parecia farelo. Esses

homens idosos e curvados muitas vezes são excêntricos. E também usam um tipo especial de roupas de baixo.

- Mas que história é essa? - indagou o coronel. - Você sabe que espécie de roupas de baixo Mr. Curie usava?

- Eu não sei nada disso - afirmou Mrs. Bantry com dignidade. - Estava só fazendo uma suposição.

- Vou corrigir minha afirmação anterior - declarou Sir Henry. - Em vez dela, afirmarei que os personagens de seu problema são muito interessantes. Estou começando a visualizá-los, todos eles. Então, Miss Marple?

- A natureza humana é sempre interessante, Sir Henry

- observou Miss Marple. - O velho e eterno triângulo. Será a base do nosso problema? Imagino que sim.

O Dr. Lloyd pigarreou, dizendo, num tom bastante cheio de hesitação:

- Mrs. Bantry. A senhora nos dirá se também passou mal.

- Pois não passei! E o Arthur também. Todos passaram mal.

- Exatamente isso. Todos - prosseguiu o médico. - A senhora percebe o que eu quero dizer? No caso que Sir Henry acabou de nos contar, um homem deu um tiro em outro. Não teve de atirar em todas as pessoas que estavam na sala.

- Não estou entendendo - observou Jane. - Quem matou alguém?

- Estou dizendo que a pessoa que planejou as coisas o fez de maneira muito curiosa. Teve uma ilimitada confiança no acaso ou então agiu com a mais absoluta indiferença pelas vidas humanas. Eu custo a crer que um homem seja capaz de envenenar deliberadamente oito pessoas, tendo por objetivo eliminar uma delas.

- Eu percebo seu ponto de vista - declarou Sir Henry pensativamente. - Confesso que deveria ter me lembrado disso.

- E não poderia ter envenenado a si próprio também? -indagou Jane.

- Alguém faltou ao jantar naquela noite? - indagou Miss Marple.

Mrs. Bantry abanou a cabeça, dizendo:

- Todos estavam presentes.

- Exceto Mr. Lorimer, minha querida, creio eu - obser-vou Mr. Bantry.

- Não. Ele não jantou lá naquela noite - declarou Mrs. Bantry.

- Ah! - exclamou Miss Marple, num outro tom de voz.

- Isso torna as coisas muito diferentes. - Ela franziu a testa, aflita, e prosseguiu, num murmúrio: - Eu fui muito tola. Muito tola mesmo.

- Confesso que sua observação me preocupa, Lloyd, - disse Sir

Henry. - Como assegurar que a moça, e somente ela, iria ingerir a dose fatal?

- Isso seria impossível - observou o médico. -- Isso me conduz à observação que vou fazer. *E se supusermos que a jovem não era, afinal, a vítima visada?*

- Como?

- Em todos os casos de envenenamento, os resultados são muito incertos. Várias pessoas comeram aquele prato. O que aconteceu? Uma ou duas ficaram ligeiramente indispostas, outras duas disseram que se sentiram muito mal, e uma delas morreu. E assim foi, não existe a menor certeza em coisa alguma. Mas há casos em que outro fator pode entrar em causa. A digitalina é uma droga que age diretamente sobre o coração, como eu lhes disse, sendo receitada em certos casos. *Pois bem: uma pessoa, naquela casa, sofria do coração.* E se tiver sido ela a vítima escolhida? O que não seria fatal para os demais, seria fatal para ela, ou o assassino poderia razoavelmente supor tal coisa. A circunstância de os fatos terem sido outros constitui apenas uma prova do que eu estava dizendo há pouco: sobre a incerteza e a falta de confiança no efeito das drogas sobre os seres humanos.

- Sir Ambrose - observou Sir Henry. - Você acha que ele foi a pessoa visada. Sim, sim. E que a morte da moça foi um erro.

- Quem ficaria com o dinheiro dele depois de sua morte? -indagou Jane.

- Pergunta muito criteriosa, Miss Helier. - Uma das primeiras que eu sempre fazia em minha antiga profissão - comentou Sir Henry.

- Sir Ambrose tinha um filho - informou Mrs. Bantry, falando devagar. - Havia cortado relações com o pai muitos anos antes. Acho que o rapaz era um insensato. No entanto, Sir Ambrose não tinha poderes para deserdá-lo. Clodderham Court era inalienável. Martin Bercy herdara o título do pai e a propriedade. Mas havia muitos outros bens que Sir Ambrose poderia deixar para quem quisesse e os legou a Sylvia, sua pupila. Eu sei disso porque Sir Ambrose morreu menos de um ano após os acontecimentos que estou contando, e não se preocupou em fazer um novo testamento depois da morte de Sylvia. Penso que o dinheiro tocou a Crown, ou, talvez, ao filho dele, na qualidade de parente mais próximo. Realmente não me lembro do que aconteceu.

- Por isso interessava apenas a um filho de Sir Ambrose, que não estava presente, e à jovem, que morreu, livrar-se dele -observou Sir Henry pensativamente. - Isso não me parece muito promissor.

- A outra mulher não recebeu nada? - indagou Jane.

- Aquela que Mrs. Bantry chamou de gata.

- Não foi contemplada no testamento - informou Mrs. Bantry.

- Miss Marple, a senhora não está prestando atenção - disse Sir Henry. - Está com seus pensamentos muito longe daqui.

- Eu estava me lembrando do velho boticário, Mr. Badger. - Tinha uma caseira muito jovem, que poderia ser não apenas filha dele, mas neta. Ele não disse nada a ninguém. A família, uma porção de sobrinhos, todos cheios de esperanças! Quando ele morreu, vocês acreditam que tinha se casado secretamente com a moça dois anos antes? Naturalmente Mr. Badger era um boticário, e também um homem idoso, pouco educado e vulgar, ao passo que Sir Ambrose Bercy era um cavalheiro muito fino, assim disse Mrs. Bantry. Mas apesar disso a natureza humana é muito parecida em toda parte.

Houve uma pausa. Sir Henry olhou firmemente para Miss Marple, que o fitou de um jeito amável, com aqueles seus oihos azuis meio irônicos.

- Essa Mrs. Carpenter era bonita? - indagou ela?

- Sim, era bonita à sua maneira. Muito tranqüila. Não tinha nada de chamar a atenção.

- Tinha uma voz agradável - observou o Coronel Bantry.

- Parecia o ronrom de uma gata. Assim que eu a cha-maria - comentou Mrs. Bantry.

- Um dia desses você vai se chamar de gata, Dolly - declarou o Coronel Bantry.

- Eu gosto de ser gata no meu círculo doméstico - afir-mou Mrs. Bantry. - De qualquer maneira, não aprecio muito as mulheres, você sabe disso. Gosto dos homens e das flores.

- Um gosto excelente - observou Sir Henry. - Especialmente porque os homens são colocados em primeiro lugar.

- Foi uma questão de tato - comentou Mrs. Bantry.

- Bem. E meu pequeno problema? Acho que fui absolutamente imparcial. Arthur, você não acha que eu fui imparcial?

- Sim, minha querida. Penso que não haverá nenhum inquérito sobre o páreo, feito pelos administradores do Jockey Club.

- O senhor será o primeiro - declarou Mrs. Bantry, apontando para Sir Henry.

- Vou ser muito cheio de rodeios - disse Sir Henry.

- Isso porque, a senhora compreende, realmente não tenho a menor

certeza a respeito da questão. Em primeiro lugar, vejamos Sir Ambrose. Ele não poderia adotar um processo tão original de suicidar-se e, por outro lado, não teria nada a ganhar com a morte da pupila. Sir Ambrose sairá da cena. Agora temos Mr. Curie. Nenhum motivo para matar a moça. Se Sir Ambrose era a pessoa visada, Mr. Curie poderia ter furtado um ou dois manuscritos raros. Ninguém mais iria dar por falta deles. Muito frágil e muitíssimo improvável. Por isso eu penso que Mr. Curie, apesar das suspeitas de Mrs. Bantry quanto às suas roupas íntimas, é inocente. Miss Wye. Motivo para matar Sir Ambrose: nenhum. Motivo para matar Sylvia: bastante forte. Ela queria o homem de Sylvia, e o queria muito, segundo nos disse Mrs. Bantry. Esteve com Sylvia naquela manhã, no jardim, por isso teve oportunidade de colher as tais folhas. Não. Não podemos afastar Miss Wye assim tão facilmente. O jovem Lorimer. Tinha um motivo para matar qualquer dos dois. Se ele se livrasse de sua namorada, poderia casar-se com a outra moça. Em todo caso, parece-me um pouco drástico que fosse matá-la. O que significa, hoje em dia, o rompimento de um noivado? Se Sir Ambrose morresse, ele se casaria com uma jovem rica, em vez de casar-se com outra, pobre. Isso poderia ser ou não importante, dependendo de sua situação financeira. Se eu descobrir que sua propriedade estava gravada por uma pesada hipoteca... e Mrs. Bantry deliberadamente nos ocultou esse fato, afirmarei que houve parcialidade. Agora, vejamos Mrs. Carpenter. Querem saber de uma coisa? Eu suspeito de Mrs. Carpenter. Aquelas mãos brancas, e seu excelente álibi quanto à hora em que as ervas foram colhidas. Eu sempre desconfio dos álibis. Tenho ainda outra razão para suspeitar dela, que guardarei para mim. Mesmo assim, tudo considerado, se tiver de fazer uma conjectura, direi que a culpada foi Miss Maud Wye, porque há mais indícios contra ela do que contra qualquer outra pessoa.

- O seguinte - disse Mrs. Bantry, apontando para o Dr. Lloyd.

- Eu acho que você está enganado, Clithering, em ape-gar-se à teoria de que houve a intenção de causar a morte da moça. Estou convencido de que o assassino pretendeu eliminar Sir Ambrose. Não creio que o jovem Lorimer tivesse os conhecimentos necessários para isso. Estou inclinado a crer que a culpada foi Mrs. Carpenter. Morava há muito tempo com aquela família, conhecia tudo a respeito do estado de saúde de Sir Ambrose, e poderia facilmente arranjar meios e modos para que a jovem Sylvia (que a própria Mrs. Bantry declarou ser bastante pouco inteligente) apanhasse as folhas apropriadas. Quanto ao móvel

do crime, confesso que não vejo qual tenha sido. Mas eu me arrisco a supor que Sir Ambrose tenha feito, em alguma ocasião, um testamento em que ela era beneficiada. Isso é o máximo que sou capaz de dizer.

Mrs. Bantry apontou para Jane Helier.

- Eu não sei o que dizer - declarou Jane - exceto o seguinte: Por que a própria moça não poderia ter feito aquilo?

Afinal de contas, levou as folhas para a cozinha. E a senhora nos disse que Sir Ambrose estava firmemente contra seu casamento. Se ele morresse, ela obteria o dinheiro e poderia casar-se imediatamente. Sabia tanto a respeito da saúde de Sir Ambrose quanto Mrs. Carpenter.

O dedo de Mrs. Bantry moveu-se lentamente, apontando para Miss Marple. E disse o seguinte:

- Vamos, senhora erudita.

- Sir Henry colocou a questão de maneira muito clara, muito clara, mesmo - declarou Miss Marple. - E o Dr. Lloyd teve tanta razão no que afirmou! Os dois juntos parecem ter tornado as coisas tão claras! Mas eu apenas acho que o Dr. Lloyd não se apercebeu muito bem de um dos aspectos do que nos disse. Não sendo o médico de Sir Ambrose, não poderia saber exatamente que espécie de perturbação cardíaca Sir Ambrose teria. Não é isso mesmo?

- Eu não entendo muito bem o que a senhora quer dizer, Miss Marple - comentou o Dr. Lloyd.

- O senhor presumiu que Sir Ambrose teria um coração capaz de ser adversamente ifeiado pela digitalina? Mas nada prova que assim era. Poderia ser exatamente o contrário. Sim. O senhor disse que a digitalina é muitas vezes receitada no caso de perturbações cardíacas.

- Mesmo assim, Miss Marple, não percebo a que isso nos possa conduzir - observou o Dr. Lloyd.

- Bem. Isso significa que ele poderia ter digitalina em casa de maneira muito natura!, sem ser obrigado a dar expli-cações sobre isso. O que estou procurando dizer (eu sempre me exprimo tão mal) é o seguinte: Imaginemos que uma pessoa quisesse envenenar alguém com uma dose fatal de digitalina. O meio mais simples e fácil não seria proceder de sorte que todas as pessoas fossem envenenadas de fato com folhas de digitalina? Isso não seria fatal no caso de qualquer outra pessoa, naturalmente, mas ninguém ficaria surpreendido se houvesse uma vítima, pois o Dr. Lloyd declarou que essas coisas são tão incertas. Provavelmente ninguém iria indagar se a moça havia realmente ingerido uma dose fatal de uma infusão de digitalina, ou coisa parecida. Ele

poderia tê-la posto num coquetel ou no café, ou ter feito a jovem tomá-la como se fosse simplesmente um tônico.

- A senhora está dizendo que Sir Ambrose envenenou sua pupila, a encantadora jovem de quem gostava tanto?

- Exatamente - disse Miss Marple. - Como fez Mr. Badger com sua jovem caseira. Não me digam que é um absurdo para um homem de sessenta anos apaixonar-se por uma menina de vinte. É coisa que acontece todos os dias. Eu afirmo que no caso de um velho autocrata como era Sir Ambrose, isso poderia transtorná-lo. Não conseguia admitir a idéia de vê-la casada, fez o que pôde para impedir o casamento, e sem êxito. Seus desvairados ciúmes tornaram-se tão violentos que preferiu matá-la a permitir que ela se fosse com o jovem Lorimer. Deve ter pensado nisso com alguma antecedência porque teria de semear a digital entre a salva. Ele próprio a colheria no momento oportuno e a mandaria à cozinha juntamente com a salva. £ horrível pensar nisso, mas devemos assumir uma atitude indulgente, se pudermos. Os homens daquela idade são às vezes muito estranhos, mesmo quando se trata de moças ainda jovens. O nosso último organista... Mas eu não devo falar sobre escândalos.

- Então foi assim, Mrs. Bantry? - indagou Sir Henry.

- Mrs. Bantry fez um gesto de assentimento com a ca-beça, acrescentando:

- Foi. Eu não fazia a menor idéia a esse respeito. Jamais imaginei que não tivesse sido outra coisa. Mas apenas um acidente. No entanto, após a morte de Sir Ambrose, eu recebi uma carta. Ele deixara instruções para que essa carta me fosse enviada. Nela contava-me a verdade. Não sei por que, mas eu e ele sempre nos entendemos muito bem.

No silêncio que reinou durante alguns momentos, ela pareceu sentir que havia contra ela uma crítica não expressa em palavras. Assim acrescentou mais que depressa:

- Todos estão pensando que eu traí uma confidência que me foi feita, mas esse não foi o caso. Mudei todos os nomes.

Ele realmente não se chamava Sir Ambrose Bercy. Não repararam como Arthur olhou para mim com um ar meio tolo quando mencionei esse nome? A princípio ele hão entendeu a coisa. Eu mudei tudo. Como se diz nas revistas ilustradas e no começo dos livros: "Todas as personagens desta história são puramente fictícias." Nunca se sabe quem são elas na realidade.

12
O Caso do Bangalô

- EU JÁ PENSEI NUM CASO - declarou Jane Helier.

Seu lindo rosto iluminou-se num sorriso confiante, como o de uma criança à espera de aprovação. Era um daqueles sorrisos que perturbavam o público de Londres, todas as noites, e que fizera a fortuna dos fotógrafos.

- Aconteceu com uma de minhas amigas - prosseguiu Jane, cuidadosamente.

Todos murmuraram algumas palavras hipócritas, mas de estímulo. O Coronel Bantry, Mrs. Bantry, Sir Henry Clithering, o Dr. Lloyd e a velha Miss Marple estavam convencidos de que a amiga de Jane era ela própria. Teria sido incapaz de se lembrar de qualquer coisa que tivesse afetado outra pessoa, ou de se interessar por isso.

- Minha amiga - continuou Jane - (não irei mencionar seu nome), era uma atriz, uma atriz muito conhecida.

Ninguém manifestou qualquer surpresa. Sir Henry Clithering pensou o seguinte: fico imaginando quantas frases irão se seguir até que ela se esqueça de manter a ficção e diga "Eu" em vez de dizer "Ela".

- Minha amiga estava realizando uma *tournée* pelas províncias. Isso aconteceu há uns dois anos. Creio que é melhor não lhes dizer o nome do lugar. Era uma cidade à beira de um rio, não muito longe de Londres. Eu a chamarei de...

Jane fez uma pausa, com a testa franzida, cheia de perplexidade. Até mesmo inventar um simples nome parecia estar muito acima de sua capacidade. Sir Henry foi em socorro de Miss Helier, sugerindo, gravemente:

- Vamos chamá-la de Riverbury?

- Sim. Serviria esplendidamente. Riverbury. Eu me lembrarei desse nome. Bem, como eu ia dizendo, essa... amiga estava em Riverbury com sua companhia teatral, quando aconteceu uma coisa muito curiosa.

Ela franziu a lesta novamente e declarou, num tom de queixa:

- É muito difícil pura uma pessoa dizer exatamente o que quer. Mistura as coisas e conta primeiro as que deveriam vir depois.

- A senhora está indo muito bem - comentou o Dr. Lloyd num tom

encorajador. - Continue.

- Bem. Aconteceu uma coisa curiosa. Minha amiga foi convidada a comparecer ao distrito policial. E lá foi. Parece que tinha havido um furto num bangalô que ficava à beira do rio, e que havia sido preso um jovem. Ele tinha contado uma história meio estranha. Por isso mandaram chamar minha amiga.

Ela nunca tinha estado num distrito policial, mas as pes-soas foram gentis com ela, muito gentis mesmo.

- Teriam de ser, disso eu estou certo - declarou Sir Henry.

- O sargento, creio que foi o sargento, ou talvez tenha sido um inspetor, ofereceu-lhe uma cadeira e explicou os fatos. Naturalmente eu imediatamente vi que havia algum engano.

- Ah! - pensou Sir Henry. - "Eu". Chegamos ao ponto que eu imaginei.

- Minha amiga assim disse - continuou Jane, parecendo não ter consciência de haver se traído. - Explicou que tinha estado ensaiando seu papel, no hotel, que nunca ouvira falar naquele Mr. Faulkener. E o sargento disse: "Miss Hei..."

Ela parou, enrubescendo.

- Miss Heiman - sugeriu Sir Henry, piscando um olho.

- Sim, sim. Serve. Muito obrigada. Ele disse: "Bem, Miss Heiman, eu achei que deveria haver algum engano, sabendo que a senhora estava hospedada no Bridge Hotel." E perguntou se eu faria alguma objeção em acarear, ou seria, ser acareada? Não me lembro.

- Isso realmente não tem importância - disse Sir Henry num tom tranqüilizador.

- De qualquer maneira, acareada ou ser acareada com o jovem. Por isso eu declarei: "Sem dúvida que não." Eles trouxeram o homem e disseram: "Esta senhora é Miss Helier", e... Jane interrompeu o que estava dizendo, e fez "Oh!".

- Não se preocupe, minha querida - disse Miss Marple, num tom consolador. - Nós estávamos obrigadas a adivinhar. E você não nos disse o nome do lugar, nem qualquer coisa realmente importante.

- Bem - prosseguiu Jane. - Eu de fato pensei em lhes contar o caso como se tivesse acontecido com outra pessoa. Mas isso é difícil, não é mesmo? Eu quero dizer, a gente se esquece.

Todos lhe asseguraram que aquilo era muito difícil.

Tranqüilizada, ela continuou sua narrativa um tanto complicada:

- Ele era um homem de boa aparência, realmente de muito boa

aparência. Era jovem e tinha cabelos ruivos. Limitou-se a ficar de boca aberta quando me viu. E o sargento indagou: "Esta é a senhora?" O homem respondeu: "Não. Não é ela Como eu fui idiota." Eu sorri, dizendo que aquilo não tinha importância.

- Eu posso imaginar a cena - declarou Sir Henry.

- Deixe-me ver - disse Jane. - Como será melhor eu continuar?

- Que tal se nos disser de que se tratava, querida - sugeriu Miss Marple, de um jeito tão -suave que ninguém po-deria suspeitar que estaria sendo irônica. - Eu quero dizer, qual foi o engano do jovem. E qual foi o furto.

- Ahh sim! - exclamou Jane. - Bem, aquele jovem... o nome dele era Leslie Faulkener, havia escrito uma peça. Na realidade já havia escrito várias, embora nenhuma delas tivesse sido encenada. Tinha-me enviado aquela peça para que eu a lesse. Eu não sabia disso porque me enviam, naturalmente, centenas de peças, e eu leio muito poucas dessas peças. Somente aquelas de que sei alguma corsa. De qualquer modo, os fatos foram os seguintes: parece que Mr. Faulkener recebera uma carta minha, mas essa carta não era realmente minha. Compreenderam?

Ela fez uma pausa, cheia de ansiedade, e todos lhe asse-guraram haver tudo compreendido.

- A carta dizia que eutinha lido a peça, gostado muito dela, e que ele deveria vir conversar comigo sobre o assunto.

A carta dava um endereço: O Bangalô, Riverbury. Por isso Mr. Fauikener tinha ficado muitíssimo satisfeito e se dirigira ao tal lugar: o Bangalô. Uma empregada abriu-lhe a porta e ele perguntou por Miss Helier. Ela disse que Miss Helier estava à sua espera, fazendo-o entrar na sala de visitas, onde uma mulher se dirigiu a ele. O jovem naturalmente admitiu que fosse eu, o que me parece estranho porque, afinal de contas, tinha me visto representar, no palco, e minhas fotografias são muito conhecidas, não é verdade?

- Em toda a Inglaterra - declarou Mrs. Bantry pronta-mente. - Mas existe uma grande diferença entre uma fotogra-fia e seu original, minha querida Jane. E também há uma grande diferença entre estar às luzes da ribalta e fora do palco. Não são todas as atrizes que passam nesse teste tão bem como você. Lembre-se disso.

- Bem - disse Jane, ligeiramente apaziguada. - Pode ser que seja isso. De qualquer maneira, ele descreveu a tal mulher como sendo alta e loura, com grandes olhos azuis e muito bonita. Por isso eu suponho

que fosse bastante parecida comigo. Ela sentou-se, começou a falar sobre a peça e disse que estava disposta a representá-la. Certamente ele não suspeitou de nada. Enquanto ficaram conversando, foram servidos uns coquetéis e Mr. Fauikener tomou um, naturalmente. Bem, é só do que ele se lembra: ter tomado um coquetel. Quando acordou, ou recobrou os sentidos, ou que nome se dê a isso, estava deitado no meio da estrada, junto a uma sebe para que não corresse perigo de ser atropelado. Sentiu-se muito esquisito e fraco, a tal ponto que apenas se levantou e foi cambaleando pela estrada, sem saber direito para onde estava se dirigindo. Declarou que se tivesse em plena consciência do que fazia teria voltado ao Bangalô e tentado descobrir o que acontecera. Mas sentia-se apenas apalermado e aturdido, e foi caminhando sem saber o que fazia. Estava mais ou menos recobrando a consciência quando a polícia o prendeu.

- Por que a polícia o prendeu? - indagou o Dr. Lloyd.

- Ah! Eu não lhes disse? - indagou Jane arregalando muito os olhos. - Foi por causa do furto. Que tolice minha.

- Você mencionou um furto - observou Mrs. Bantry.

- Mas não disse onde foi praticado, o que foi furtado, e porque houve esse furto.

- Bem, esse bangalô, o tal onde ele foi, não era meu, naturalmente. Pertencia a um homem chamado...

Jane voltou a franzir a testa.

- Quer que eu sirva de padrinho outra vez? - indagou Sir Henry. - Pseudônimos fornecidos de graça. Descreva-me o ocupante da casa que eu darei um nome a ele.

- Tinha sido alugada por um homem rico, de Londres. Um homem que possuía um título.

- Sir Herman Cohen - sugeriu Sir Henry.

- Serve às mil maravilhas. Ele alugara a casa para uma mulher, a esposa de um ator. Ela também era atriz.

- Daremos ao ator o nome de Claud Leason - disse Sir Henry. - E a senhora será conhecida pelo nome que usava profissionalmente. Que tal se a chamarmos de Miss Mary Kerr?

- Eu acho que o senhor é muito inteligente - declarou Jane. - Não sei como pensa nessas coisas com tanta facilidade. Bem. Para Sir Herman era uma espécie de chalé de fim de semana. E para a tal mulher também. Naturalmente a esposa de Sir Herman não sabia de nada.

- O que muitas vezes acontece - comentou Sir Henry.

- Ele tinha dado muitas jóias à tal mulher, entre elas umas lindas esmeraldas.

- Ah! - exclamou o Dr. Lloyd. - Agora estamos che-gando ao ponto crucial da questão.

- Essas jóias estavam no bangalô, simplesmente guar-dadas numa caixa de jóias. A polícia disse que aquilo tinha sido uma grande falta de cuidado. Qualquer pessoa poderia tê-las roubado.

- Você está vendo, Dolly? - comentou o Coronel Ban-try. - O que eu lhe digo sempre?

- Na minha experiência - afirmou Mrs. Bantry - as pessoas mais cuidadosas é que vivem a perder as coisas. Eu não trancafio minhas jóias num estojo. Eu as guardo numa gaveta, soltas, debaixo de minhas meias. Se a tal... Como é o nome dela mesmo? Ah! Se Mary Kerr tivesse feito a mesma coisa, as jóias dela nunca teriam sido surripiadas.

- Teriam, sim - disse Jane - porque todas as gavetas foram arrombadas e espalhado pelo chão tudo que havia dentro delas.

- Então eles não estavam realmente atrás das jóias - disse Mrs. Bantry. - Estavam procurando alguns documentos secretos, É assim que sempre acontece nos livros.

- Eu nada sei sobre documentos secretos - declarou Jane num tom hesitante. - Nunca ouvi falar neles.

- Não fique perplexa, Miss Helier - observou o Coronel Bantry. - As falsas pistas de Dolly não devem ser levadas a sério.

- Fale sobre o furto - disse Sir Henry.

- Alguém que se disse chamar Miss Mary Kerr telefonou chamando a polícia. Declarou que o bangalô tinha sido assaltado e descreveu um jovem, de cabelos ruivos, que a tinha visitado naquela manhã. Sua empregada achara que havia nele algo de estranho e se recusara a deixá-lo entrar no bangalô. Mais tarde, no entanto, elas o tinham visto dele sair por uma janela. Descreveu o homem com tanta exatidão que o policial o prendeu uma hora depois. Então ele contou sua história, mostrando-lhes a carta que tinha recebido de mim. Como eu lhes disse, mandaram me buscar. Quando o homem me viu declarou o que já lhes contei: não tinha sido eu, absolutamente!

- É uma história muito curiosa - declarou o Dr. Lloyd. - O tal Mr. Faulkener conhece Miss Kerr?

- Não. Ou declarou que não a conhecia. Mas eu ainda não lhes contei a parte mais curiosa da história. Naturalmente a polícia visitou o bangalô, encontrando tudo tal qual havia sido descrito: gavetas abertas

e as jóias desaparecidas. Mas a casa estava vazia. Somente muitas horas depois é que Mary Kerr apareceu. E afirmou que não tinha telefonado, chamando a polícia, e que era a primeira vez que estava ouvindo aquela história... Parece que ela havia recebido um telegrama de certo empresário, oferecendo-lhe um papel muito importante, e marcando um encontro com ela. Por isso tinha naturalmente ido sem demora a Londres, para não faltar a esse encontro. Quando lá chegou, verificou que tudo não passava de um embuste. Não havia sido passado nenhum telegrama;

- Um estratagema bastante comum, empregado para afastá-la do caminho - comentou Sir Henry. - E quanto às empregadas?

- Aconteceu a mesma coisa. Só havia uma empregada, que foi chamada ao telefone, aparentemente por Miss Kerr, que declarou ter se esquecido de alguma coisa muito importante. Deu instruções à empregada para que apanhasse uma bolsa, que estava numa gaveta, em seu quarto. A moça deveria tomar o primeiro trem para Londres. Assim ela fez, naturalmente, depois de fechar a casa. Mas quando chegou no clube de Miss Kerr, onde lhe haviam dito que encontraria a patroa, lá ficou à sua espera, em vão.

- Hum! - resmungou Sir Henry. - Estou começando a entender. A casa ficou vazia, e penetrar nela por uma janela oferecia pouca dificuldade, eu imagino. Mas não percebo muito bem como Mr. Faulkener entrou na história. Quem telefonou para a polícia, se não foi Miss Kerr?

- Isso ninguém soube nem descobriu.

- É curioso - disse Sir Henry. - E o jovem era de fato a pessoa que declarou ser?

- Sim. O papel que ele desempenhou estava certo. Tinha até a carta que se supôs ter sido escrita por mim. Nada que se parecesse com minha caligrafia. Mas, naturalmente, não se poderia imaginar que ele a conhecesse.

- Bem, vamos estabelecer claramente a situação - disse Sir Henry. - Corrija-me se eu me enganar. A tal moça e a empregada foram induzidas a sair da casa. O jovem foi induzido a ir até lá, por meio de uma carta falsa, sendo atribuída verossimilhança a essa carta pelo fato de a senhora estar realmente trabalhando em Riverbury, naquela semana. O jovem foi narcotizado e telefonaram à polícia, fazendo as suspeitas recaírem diretamente sobre ele. Um roubo havia de fato sido praticado. Presumo que levaram as jóias.

- Sim.

- Foram recuperadas?

- Não, nunca. Creio que Sir Herman de fato procurou abafar a coisa, do jeito que pôde. Mas não conseguiu. Eu ima-gino que sua esposa entrou com um processo de divórcio em conseqüência disso. Mas de fato nada sei.

- Que aconteceu com Mr. Leslie Faulkener?

- Finalmente, foi posto em liberdade. A polícia declarou que não tinha provas suficientes contra ele. O senhor não acha que todo esse caso toi bem estranho?

- Positivamente estranho. A primeira pergunta a fazer é a seguinte: Deve-se acreditar na versão de quem? Quando a senhora narrou a de Mr. Faulkener, Miss Helier, eu reparei que estava inclinada a acreditar nele. Terá algum motivo para isso, além de sua própria intuição a respeito do assunto?

- Não, absolutamente - afirmou Jane meio a contragosto. - Eu acho que não tenho qualquer motivo para isso. Mas ele foi tão gentil, desculpou-se tanto por me haver confundido com outra pessoa. Tive certeza de que *deveria* estar dizendo a verdade.

- Eu compreendo - comentou Sir Henry, sorrindo.

- Mas a senhora há de admitir que ele poderia facilmente ter inventado aquela história. Ter escrito a carta, fazendo-a passar por sua. Poderia também narcotizar-se depois de praticado o roubo com êxito. Mas confesso não perceber onde estaria a pertinência de tudo isso. Teria sido mais fácil penetrar na casa, servir-se do que queria e desaparecer calmamente. A menos que tivesse possivelmente sido observado por alguém da vizinhança e soubesse que havia sido visto. Então teria podido facilmente arquitetar seu plano, isso para afastar as suspeitas que recairiam sobre ele e justificar sua presença naquele lugar.

- Ele era pessoa de recursos? - indagou Miss Marple.

- Eu creio que não - disse Jane. - Acredito que estava em situação bem difícil.

- Toda a questão me parece curiosa - observou o Dr. Lloyd. - Devo confessar que se aceitarmos a história do jovem como verídica, o caso torna-se muito mais complicado. Por que motivo uma mulher desconhecida, que se fez passar por Miss Helier, teria de arrastar aquele estranho e envolvê-lo no problema. Por que razão haveria de encenar uma comédia tão complicada?

- Explique-me só uma coisa, Jane - disse Mrs. Bantry.

- O jovem Faulkener encontrou-se frente a frente com Mary Kerr em alguma fase do inquérito?

- Isso eu não sei - respondeu Jane, falando muito de-vagar, de cenho franzido e dando tratos à memória.

- Se ele não fez isso o caso está resolvido - declarou Mrs. Bantry. - Garanto que estou certa. O que haveria de ser mais fácil do que fingir que uma pessoa tinha sido chamada a Londres? A pessoa telefona para a empregada, da Estação de Paddington, ou de qualquer outra. E quando a empregada aparece em Londres, essa pessoa torna a voltar. O jovem chega para o encontro marcado, é narcotizado, a pessoa arma a cena do roubo, exagerando o mais que pode. Telefona para a polícia, forja uma descrição do bode expiatório, e vai novamente para Londres. Depois volta para casa, num trem mais tarde, e faz o papel de inocente, colhida de surpresa.

- Mas por que haveria de furtar as próprias jóias, Dolly? indagou o coronel.

- Elas sempre fazem isso - declarou Mrs. Bantry. - De qualquer maneira, sou capaz de imaginar centenas de motivos. Poderá ter querido arranjar dinheiro imediatamente. Ou então poderá ter sido vítima da chantagem de alguém que ameaçou contar o que havia ao marido dela ou à esposa de Sir Herman. Talvez já tivesse vendido as jóias e Sir Herman andava impaciente, pedindo para vê-las. Por isso ela teve de dar um jeito a respeito das jóias. Isso acontece muitas vezes nos livros. Ou então ele estava com a intenção de modificar as jóias, mandar fazer novos engastes para elas, e a mulher havia arranjado umas réplicas das jóias. Ou, ainda, isso é uma idéia muito boa, não muito aproveitada nos livros, ela fingiu que as jóias haviam sido roubadas. Ficou num estado de nervos horrível, e ele lhe deu outras. Desse modo ela ficou com dois conjuntos de jóias, em vez de um só. Eu bem sei que essa espécie de mulheres é terrivelmente astuciosa.

- Você é muito inteligente, Dolly - disse Jane num tom de admiração. - Eu nunca tinha pensado nisso.

- Você pode ser inteligente, Dolly, mas Jane não disse que você está com a razão - observou o Coronel Bantry. - Sinto-me inclinado a suspeitar do tal senhor da cidade. Ele saberia que tipo de telegrama seria capaz de afastar a mulher, e poderia arranjar tudo mais facilmente com a ajuda de alguma nova amizade feminina. Ninguém parece ter pensado em pedir-lhe que apresentasse um álibi.

- E o que acha Miss Marple? - indagou Jane, voltando-se para a velha senhora que tinha permanecido sentada, em silêncio, com uma ruga de perplexidade na testa.

- Minha querida, realmente eu não sei o que dizer. Sir Henry vai achar engraçado, mas, desta vez, não me recordo de nenhum paralelo, na vila, que me possa ajudar. Natural-mente há muitos problemas sugestivos. Por exemplo, o da empregada. Nesses... lares irregulares do tipo que você nos descreveu, a empregada estaria, sem a menor dúvida, perfeitamente a par da situação. E uma moça de fato decente não aceitaria um emprego daqueles. Sua mãe não lhe permitiria isso, nem por um instante. Assim penso que podemos presumir que a empregada não era realmente digna de confiança quanto ao seu caráter. Poderia estar combinada com os ladrões. Deixaria a casa aberta para eles e iria de fato até Londres, embora tivesse certeza do falso recado telefônico. Isso para afastar as suspeitas de sua pessoa. Eu devo confessar que essa me parece a solução mais provável. Mas se os ladrões foram de tipo comum, isso me parece muito estranho. Parece atribuir p uma empregada maiores conhecimentos do que ela provavelmente teria.

Miss Marple fez uma pausa e prosseguiu num tom so-nhador:

- Eu não consigo deixar de sentir que houve alguma. . . bem, alguma coisa que devo descrever como impressão pessoal a respeito de todo esse caso. E se alguém estivesse despeitado, por exemplo? Uma jovem atriz que ele não tivesse tratado bem? Não acha que isso explicaria melhor as coisas? Uma tentativa deliberada de colocá-lo em apuros. Isso é que parece ter havido. No entanto, não seria inteiramente satisfatório. . .

- Mas, doutor, o senhor não disse nada! - exclamou Jane. - Eu tinha me esquecido do senhor.

- Eu estou sempre sendo esquecido - disse com tristeza o médico de cabelos grisalhos. - Devo ter uma personalidade insignificante.

- Oh, não! - exclamou Jane. - Diga-nos, por favor, o que o senhor pensa a respeito do caso.

- Eu me encontro na posição de concordar com as so-luções apresentadas por todos, e, no entanto, não aceito ne-nhuma delas. Tenho uma teoria meio artificial. Provavelmente infundada: a esposa tem a ver alguma coisa com o caso. A esposa de Sir Herman, eu quero dizer. Não tenho o menor fundamento para pensar desse modo, mas a senhora ficaria surpreendida se soubesse que coisas extraordinárias, realmente muito extraordinárias, uma mulher enganada se propõe a

fazer.

- Oh, Dr. Lloyd! - exclamou Miss Marple, emocionada. - Que observação inteligente a sua. Eu nunca tinha pensado na pobre Mrs. Pebmarsh.

Jane olhou para ela e indagou:

- Mrs. Pebmarsh? Quem é Mrs. Pebmarsh?

- Bem - começou Miss Marple num tom meio hesitante. - Não sei se ela realmente se enquadra no caso. É uma lavadeira. Furtou um broche de opala, espetou-o numa blusa e a entregou na casa de outra mulher.

Jane parecia mais confusa do que nunca.

- Isso torna tudo perfeitamente claro para a senhora, Miss Marple? - indagou Sir Henry, piscando um olho.

Com surpresa para ele, Miss Marple abanou a cabeça e disse:

- Não. Eu acho que não. Confesso que estou comple-tamente perplexa. O que eu percebo é que nós, mulheres, devemos nos unir. Numa situação de emergência, devemos ficar ao lado das pessoas do nosso sexo. Penso que essa é a moral da história que Miss Helier nos contou.

- Eu devo confessar que me escapou a significação ética do mistério - declarou Sir Henry gravemente. - Talvez per-ceba a importância de sua observação de maneira mais clara quando Miss Helier nos revelar a solução do caso.

- Como! - disse Jane bastante perplexa.

- Eu estava observando, para empregar a linguagem das crianças, que nós "entregamos os pontos". A senhora, Miss Helier, e somente a senhora, mereceu a elevada honra de nos apresentar um mistério absolutamente desconcertante. Até Miss Marple tem de se confessar derrotada.

- Todos entregam os pontos? - indagou Jane.

- Sim. - Após um minuto de silêncio, durante o qual fi-cou à espera de que as outras pessoas falassem, Sir Henry mais uma vez tornou-se o porta-voz dos demais. - Isso quer dizer que nós ficamos nas soluções vagas que apresentamos à guisa de tentativas. Uma de cada homem, duas de Miss Marple, e uma dúzia de Mrs. B.

- Não foi uma dúzia - declarou Mrs. Bantry. - Eram variações de ura tema principal. E quantas vezes terei de lhe dizer que não quero ser chamada de Mrs. B.?

- Então todos entregam os pontos - disse Jane num tom pensativo. - Isso é muito interessante.

- Bem, vamos, Jane - disse Mrs. Bantry. - Qual é a solução?

- A solução? - indagou Jane.

- Sim. O que de fato aconteceu? Jane olhou para Mrs. Bantry e disse:

- Eu não faço a menor idéia.

- Como?

- Sempre pensei nisso. Eu pensei que todos aqui eram tão inteligentes que alguém seria capaz de me dizer o que aconteceu.

Todos ficaram meio aborrecidos. Era maravilhoso que Jane fosse tão linda. Mas, naquele momento, aquelas pessoas estavam achando que a falta de inteligência às vezes pode ir longe demais. Nem o mais extraordinário encanto seria capaz de desculpar aquilo.

- A senhora quer dizer que a verdade nunca foi desco-berta? - indagou Sir Henry.

- Exatamente. Por isso eu de fato pensei que alguém daqui pudesse me dizer o que aconteceu.

Jane parecia magoada. Era claro que estava ressentida.

- Bem. Eu... eu. .. - começou a falar o Coronel Bantry, sem encontrar as palavras.

- Você é a criatura mais irritante deste mundo - disse Mrs. Bantry. - De qualquer maneira, eu tenho certeza, e sempre a terei, de que estou com a razão. Se você nos disser apenas os verdadeiros nomes de todas as pessoas, eu ficarei *absolutamente* certa de tudo.

- Isso eu acho que não posso fazer - disse Jane, falando muito lentamente.

- Não, minha querida - interveio Miss Marple. - Miss Helier não poderia fazer isso.

- Mas de certo que poderia - afirmou Mrs. Bantry. - Não seja tão magnânima, Jane. Nós, os mais velhos, temos necessidade de um pouco de escândalo. Pelo menos diga quem era o magnata de Londres.

Jane abanou a cabeça e Miss Marple, com seu jeito meio antiquado, continuou a apoiá-la, observando o seguinte:

- Deve ter sido uma coisa muito angustiante.

- Não - comentou Jane num tom de sinceridade. - Eu acho que gostei bastante daquilo.

- Bem, talvez tenha gostado - comentou Miss Marple. - Suponho que lhe serviu para quebrar a monotonia. Em que peça estava tomando parte?

- Em *Smith.*

- Ah, sim. Aquela peça de Somerset Maugham. Acho que todas as

peças que ele escreve são muito engenhosas. Já assisti a quase todas.

- Você vai reapresentá-la em sua excursão do próximo outono, não é verdade? - indagou Mrs. Bantry.

Jane confirmou essas palavras com um gesto de cabeça.

- Bem - disse Miss Marple, levantando-se. - Eu preciso ir para casa. É tão tarde! Mas nós passamos uma noite muito divertida. Excepcionalmente divertida. Acredito que a história de Miss Helier ganhou o prêmio. Não concordam comigo?

- Eu lamento que estejam zangados comigo - disse Jane. - Eu quero dizer, porque eu não sei que fim teve a história. Creio que deveria lhes ter dito isso antes.

O tom de sua voz revelava ansiedade. O Dr. Lloyd portou-se nobremente à altura das circunstâncias, declarando o seguinte:

- Minha jovem e prezada senhora: Por que afligir-se? A senhora nos proporcionou um problema muito interessante como estimulo à nossa sagacidade. Apenas deploro que nenhum de nós tenha podido resolvê-lo de modo convincente.

- Fale em seu nome - disse Mrs. Bantry. - Eu o resolvi. Estou convencida de que tenho razão.

- Quer saber de uma coisa? - observou Jane. - Eu realmente acredito que você tenha razão. O que disse me parece tão provável!

- A qual das sete soluções a senhora se refere? - indagou Sir Henry num tom meio implicante.

O Dr. Lloyd gentilmente ajudou Miss Marple a calçar suas galochas. "Pode ser que chova", explicou a velha senhora. O médico ia acompanhá-la até sua casa, em estilo antigo. Enrolada em vários chalés de lã, Miss Marple deu boa-noite a todos, mais uma vez. Despediu-se por último de Jane Helier. Curvando-se um pouco, murmurou alguma coisa no ouvido da atriz. Jane soltou um "Ah!", de espanto, tão alto que as outras pessoas se voltaram para ela.

Miss Marple saiu sorridente e abanando a cabeça, ao passo que Jane ficou olhando fixamente para ela.

- Você não vem se deitar, Jane? - indagou Mrs. Bantry. - O que há com você? Você está com uma cara de quem viu algum fantasma.

Jane deu um profundo suspiro e voltou ao seu natural. Sorrindo para os dois homens, aquele seu sorriso que os deixava meio atordoados, subiu as escadas em companhia de sua anfitriã. Mrs. Bantry entrou no quarto de Jane em sua companhia, e disse:

- Sua lareira está quase apagada. - E atiçou o fogo de um jeito

impróprio e ineficiente, acrescentando: - Elas não fizeram o fogo direito. Como são incapazes essas empregadas. Mas eu acho que é bem tarde. Ora, veja. Já passa de uma hora.

- Você acha que muitas pessoas gostam dela? - indagou Jane Helier, sentada na beira da cama e, aparentemente, mergulhada em seus pensamentos.

- Gostam da empregada?

- Não. Daquela senhora idosa e engraçada. Como é o nome dela... não é Marple?

- Se gostam eu não sei. Creio que ela é um tipo muito comum nas pequenas vilas.

- Ah, meu Deus! - exclamou Jane. - Eu não sei o que fazer. - E deu um profundo suspiro.

- O que há, Jane? - indagou Mrs. Bantry.

- Estou preocupada.

- Preocupada por quê?

- Dolly - disse Jane com uma voz solene e de mau agouro. - Você sabe o que aquela velha esquisita murmurou para mim antes de sair pela porta?

- Não. O que foi?

- Ela disse o seguinte: *Se eu fosse a senhora, não faria isso, minha querida. Nunca se entregue demais ao poder de outra mulher, ainda que pense que ela seja, no momento, sua amiga.* - Você sabe, Dolly, isso é uma grande verdade.

- O quê? Essa máxima? Sim, talvez seja. Mas eu não per-cebo sua aplicação.

- Eu acho que nunca se deve confiar realmente numa mulher. E eu ficaria à sua mercê. Nunca tinha pensado nisso.

- De que mulher você está falando?

- De Netta Greene, minha substituta no palco.

- Mas o que Miss Marple sabe a respeito de sua substi-tuta?

- Eu acho que ela adivinhou tudo, mas eu não entendo como.

- Jane, você quer fazer o favor de me dizer logo de que está falando?

- Estou falando sobre a história. A história que eu con-tei. Oh, Dolly! Aquela mulher, você sabe, aquela que me roubou Claud?

Mrs. Bantry fez que "sim" com um gesto de cabeça, vol-tando rapidamente seus pensamentos para o último dos casa-mentos infelizes de Jane, com Claud Averbury, um ator.

- Ela se casou com ele. E eu poderia ter dito a Claud o que iria

acontecer. Ele não sabe, mas aquela mulher tem um caso com Sir Joseph Salmon. Passa os fins de semana com ele, no bangalô a que eu me referi. Eu gostaria que ela fosse desmascarada, que todos soubessem que espécie de mulher ela é. Com um roubo, você compreende, tudo teria de ficar esclarecido.

- Jane - disse Mrs. Bantry numa voz entrecortada - Você arquitetou a história que nos contou?

Jane assentiu de cabeça, dizendo:

- Foi por isso que eu escolhi *Smith*. Eu uso um uniforme de empregada, como você sabe. Eu deveria tê-lo à mão. E quando eles me mandassem chamar, no distrito policial, seria para mim a coisa mais fácil do mundo dizer que estava ensaiando meu papel com minha substituta, no hotel. Sem dúvida nós realmente estaríamos no bangalô. Bastaria que eu abrisse a porta e trouxessem os coquetéis, e que Netta fingisse que era eu. Ele nunca mais veria *aquela mulher,* sem a menor dúvida, por isso não haveria perigo de que pudesse reconhecê-la. E eu sou capaz de parecer muito diferente, no papel de empregada. Além disso, ninguém olha para empregadas, embora elas também sejam gente. Nós planejamos arrastá-lo depois até a estrada, furtar a caixa de jóias, telefonar para a polícia e voltar para o hotel. Eu não gostaria que o pobre moço sofresse, mas Sir Henry disse que não acreditava que ele fosse sofrer, não é mesmo? E ela estaria nas manchetes dos jornais, e tudo mais. Claud veria o que ela de fato é.

Mrs. Bantry sentou e começou a gemer:

- Ah! minha pobre cabeça! E durante todo o tempo, Ja-ne Helier foi uma embusteira. Contar aquela história da maneira que você fez!

- Eu sou uma boa atriz - afirmou Jane num tom de complacência. Sempre fui, não importa o que as pessoas escolham o que eu deva dizer. Eu não me traí, não é mesmo?

- Miss Marple tinha razão - murmurou Mrs. Bantry. - O fator pessoal. Oh! Sim, o fator pessoal, Jane, minha boa menina. Você percebe que furto é furto, e que você poderia ter sido mandada para a cadeia?

- Bem. Nenhum de vocês adivinhou - disse Jane. - Com exceção de Miss Marple. - E seu rosto tornou a adquirir uma expressão preocupada. - Dolly, você realmente acha que há muita gente igual a ela?

- Francamente, não acho - disse Mrs. Bantry. Jane suspirou novamente, acrescentando:

- Mesmo assim, é melhor uma pessoa não se arriscar. Naturalmente eu estaria nas mãos de Netta. Isso é muito verdadeiro. Ela poderia virar-

se contra mim, fazer uma chantagem comigo, qualquer coisa. Ela me ajudou a pensar nos detalhes e declarou ser dedicada a mim. Mas nunca se sabe, no caso de uma mulher. Não. Eu acho que Miss Marple tem razão. Era melhor eu não arriscar.

- Mas, minha querida, você já se arriscou!

- Oh, não! - exclamou Jane arregalando muito os olhos. - Você não está entendendo. Nada disso aconteceu ainda. Eu estava. .. bem, fazendo um teste, por assim dizer.

- Eu não tenho a pretensão de entender sua gíria de tea-tro - declarou Mrs. Bantry num tom cheio de dignidade. - Você quer dizer que se trata de um futuro projeto, e não de atos praticados no passado?

- Eu ia fazer isso no próximo outono, em setembro. Agora não sei que fazer.

- E Miss Marple adivinhou, realmente adivinhou a ver-dade, e não nos disse nada - comentou Mrs. Bantry com indignação.

- Eu penso que por isso é que ela falou sobre as mulhe-res que deveriam ser aliadas umas das outras. Ela não iria me denunciar aos homens. Isso foi muito decente de sua parte. Mas, eu não me importo que você saiba, Dolly.

- Bem, Jane, desista da idéia, eu lhe imploro.

- Eu acho que vou desistir - murmurou Miss Heber. - Talvez existam outras Miss Marples.

13
Morte por Afogamento

SIR HENRY CLITHERING, ex-diretor da Scotland Yard, estava hospedado em casa de seus amigos, os Bantrys, em sua residência perto da pequena vila de St. Mary Mead.

Numa certa manhã de sábado, descendo para tomar o café da manhã às dez horas e um quarto, hora confortável para um hóspede, quase esbarrou em sua anfitriã, Mrs. Bantry, à porta da sala de almoço. Ela estava saindo às pressas, evidentemente num estado de certa excitação.

O Coronel Bantry estava sentado à mesa, mais rubicundo do que de costume. E disse:

- Bom dia, Clithering. Bonito dia. Sirva-se.

Sim Henry obedeceu. No momento em que se sentou, com um prato de rim e bacon à sua frente, seu anfitrião prosseguiu:

- Dolly está meio perturbada hoje de manhã.

- É isso mesmo. Eu achei que sim - disse Sir Henry num tom moderado. E ficou pensando durante algum tempo. Sua anfitriã tinha um temperamento plácido, pouco inclinado ao mau humor e ao nervosismo. Tanto quanto Sir Henry sabia, apenas um assunto a interessava vivamente: a jardinagem.

- É isso - disse o Coronel Bantry. - Uma notícia que recebemos hoje de manhã a preocupou. Uma moça da vila. Filha de Emmott. O Emmott, dono da taverna Blue Boar.

- Ah, sim! Naturalmente foi isso.

- Sim, senhor - prosseguiu o Coronel Bantry num tom pensativo. - Uma bonita moça. Meteu-se numa encrenca. A história de sempre. Eu estive fazendo ver isso a Dolly. Bobagem minha. As mulheres nunca vêem as coisas com bom-senso. Dolly está toda a favor da moça. Você sabe como as mulheres são. Os homens são uns animais, tudo que há de ruim, etc., etc. Mas as coisas não são assim tão simples. Não nos dias de hoje. As moças sabem o que estão fazendo. Um indivíduo que seduz uma jovem não é necessariamente um patife. Em cinqüenta por cento dos casos ele não é. Eu bem que gostava do jovem Sandford. Um tolo. Antes isso do que um Don Juan. É o que eu diria.

- Esse Sandford foi o homem que encrencou a moça?

- Parece que sim. Naturalmente eu não sei de nada pessoalmente - declarou o coronel num tom cauteloso. - É o que se murmura por aí. Você sabe como é este lugar! Como eu ia dizendo, não sei de nada. Não sou igual a Dolly, que chega a conclusões apressadas e lança acusações a torto e a direito. Isso é o diabo. As pessoas deviam tomar cuidado com o que dizem. Você compreende: inquérito e tudo mais.

- Inquérito?

O Coronel Bantry encarou Sir Henry e disse:

- Isso mesmo. Eu não tinha dito a você. A moça se afo-gou. Por isso é que estão fazendo todo esse barulho.

- É um caso muito desagradável.

- Sem a menor dúvida. Eu nem gosto de pensar. Coitada! Tão bonita! O pai dela é um homem durão, em todos os sentidos. Imagino que ela sentiu não ser capaz de enfrentar a gritaria dele. - O coronel fez uma pausa, e acrescentou: - Isso é que deixou Dolly tão perturbada.

- Onde ela se afogou?

- No rio. Logo abaixo do moinho a corrente é bem rápida. Há uma vereda e uma ponte. As pessoas acham que ela se atirou da ponte. Bem. Não vale a pena pensar nisso.

Farfalhando o jornal ruidosamente, o coronel o abriu e pôs-se a distrair o espírito, afastando-o de assuntos dolorosos, absorvendo-se nas mais recentes iniquidades praticadas pelo Governo.

Sir Henry estava apenas moderadamente interessado na tragédia da vila. Depois da refeição, instalou-se numa confortável poltrona, no gramado do jardim, inclinou, o chapéu sobre os olhos e ficou pensando na vida de um ângulo pacífico.

Eram aproximadamente onze e meia quando uma empregada muito bem posta veio caminhando rapidamente pelo gramado, e lhe disse:

- Com licença, Sir Henry. Miss Marple acaba de chegar e disse que gostaria de falar com o senhor.

- Miss Marple?

Sir Henry arranjou-se na poltrona e endireitou o chapéu. Aquele nome o surpreendeu. Lembrava-se muito bem de Miss Marple. De suas maneiras tranqüilas de solteirona e de sua surpreendente penetração de espírito. Recordava-se de uma dúzia de casos não resolvidos e hipotéticos. E como, em cada um desses casos, aquela "típica solteirona de aldeia" havia rápida e infalivelmente apreendido a verdadeira solução dos mistérios. Sir Henry tinha um respeito muito profundo por

Miss Marple. Ficou imaginando o que a teria levado a vir procurá-lo.

Miss Marple estava sentada na sala de visitas, muito erecta como sempre, tendo ao seu lado uma cesta de compras de procedência estrangeira, de um vivo colorido. Suas faces estavam bastante coradas e ela parecia perturbada.

— Sir Henry, estou tão contente. Tão feliz por encon-trá-lo. Aconteceu que eu ouvi dizer que o senhor estava pas-sando uma temporada aqui... Espero que o senhor me per-doe ...

- Tenho grande prazer em vê-la - disse Sir Henry, apertando-lhe a mão. - Creio que Mrs. Bantry não está em casa.

- É verdade - observou Miss Marple. - Eu a vi con-versando com Footit, o açougueiro, quando ia passando. Henry Footit foi atropelado ontem por um veículo. Por causa do cachorro que ele tem. Um desses *fox-terriers* de pêlo liso, bem grande e briguento. Desses que os açougueiros parecem ter sempre.

- É isso mesmo - disse Sir Henry num tom de quem de-seja ajudar.

- Fiquei satisfeita de vir aqui enquanto ela não está em casa - prosseguiu Miss Marple. - Porque com o senhor é que eu queria falar. A respeito desse triste caso.

- A respeito de Henry Footit? - indagou Sir Henry meio perplexo.

Miss Marple lançou-lhe um olhar de censura, dizendo:

- Não, não. Sobre Rose Emmott, naturalmente. O senhor já ouviu falar nela?

Sir Henry assentiu com um gesto de cabeça, acrescentando:

- Bantry me contou o caso. Muito triste.

Sir Henry ficou um tanto sem saber o que pensar. Não poderia imaginar por que Miss Marple haveria de querer vê-lo a propósito de Rose Emmott.

Miss Marple sentou-se novamente, e Sir Henry a acompanhou. Quando a velha senhora começou a falar, suas maneiras eram outras: graves e de certa dignidade.

- O senhor talvez se lembre, Sir Henry, que em duas ou três oportunidades nós participamos de uma espécie de jogo que foi realmente agradável: propor mistérios e dar-lhes soluções. O senhor mostrou-se bastante generoso e disse que eu não me portei de todo muito mal.

- A senhora nos venceu a nós todos - declarou Sir Henry calorosamente. Revelou um talento absoluto para apreender a verdade. E sempre forneceu exemplos, eu me lembro disso, de alguns paralelos

ocorridos na vila, que lhe proporcionaram as pistas das soluções.

Ele sorriu enquanto falava, mas Miss Marple não lhe re-tribuiu o sorriso. Permaneceu com uma expressão grave e acrescentou:

- O que o senhor então me disse deu-me forças para vir agora procurá-lo. Sinto que se lhe disser alguma coisa, pelo menos o senhor não irá rir-se de mim.

Sir Henry subitamente percebeu que ela estava falando com grande ansiedade, e disse, brandamente:

- Certamente eu não irei rir da senhora.

- Sir Henry... essa moça... Rose Emmott. Ela não se afogou: foi *assassinada...* E eu sei quem a matou.

Sir Henry permaneceu em silêncio durante uns bons três segundos, dominado pelo mais absoluto espanto. A voz de Miss Marple fora perfeitamente tranqüila, sem revelar a menor excitação. Poderia ter feito a afirmação mais banal deste mundo, em face da serenidade que demonstrou.

- Isso constitui uma afirmação muito grave, Miss Marple - comentou Sir Henry quando conseguiu respirar novamente.

Ela assentiu coir -1 tranqüilo e repetido gesto de cabeça, dizendo:

- Eu sei, eu sei. Por isso é que vim procurá-lo.

- Mas, minha prezada amiga, eu não sou a pessoa que a senhora deveria procurar. Atualmente sou um simples cidadão.

Se a senhora sabe de fatos do tipo que diz saber, deve procurar a polícia.

- Isso eu acho que não posso fazer - declarou Miss Marple.

- Por que não?

- Porque, o senhor compreende, não disponho de qual-quer *conhecimento dos fatos,* como o senhor diz.

- A senhora quer dizer que se trata apenas de uma su-posição de sua parte?

- O senhor poderá dar-lhe esse nome, se preferir, mas não se trata disso, realmente. Estou numa situação em que sei das coisas. Mas se eu apresentasse minhas razões ao Inspetor Drewitt, ele simplesmente haveria de soltar uma gargalhada. E para falar a verdade, eu não o censuraria por isso. É muito difícil entender o que o senhor poderia chamar de conhecimento especializado.

- Como, por exemplo? - indagou Sir Henry. Miss Marple esboçou um leve sorriso, e acrescentou:

- Se eu fosse dizer que eu sei das coisas porque um ho-mem

chamado Peasegood entregou nabos em vez de cenouras quando veio com sua carroça para vender verduras e legumes a minha sobrinha, há vários anos passados. . .

E Miss Marple parou de falar, num eloqüente silêncio.

- Um nome muito adequado à profissão desse homem - murmurou Sir Henry. - A senhora quer dizer que está simplesmente fazendo seu julgamento com base nos fatos de um caso paralelo.

- Eu conheço a natureza humana - afirmou Miss Marple. - É impossível deixar de conhecer a natureza humana quando se tem vivido numa vila durante todos esses anos. A questão é a seguinte: o senhor acredita ou não em mim?

Ela encarou Sir Henry com muita firmeza. O rubor de suas faces tinha se acentuado. Seus olhos encontraram os dele sem vacilar.

Sir Henry era um homem dotado de grande experiência na vida. Tomava decisões rapidamente, sem tergiversar. Embora a afirmação de Miss Marple pudesse parecer improvável e fantástica, teve imediata consciência de que a aceitava.

- Eu de fato acredito na senhora, Miss Marple. Mas não percebo por que deseja que eu me envolva no assunto, nem por que veio me procurar.

- Eu refleti muito sobre isso - declarou Miss Marple. - Como lhe disse, não disponho de fatos. O que eu lhe pediria que fizesse seria interessar-se pelo asunto. O Inspetor Drewitt ficaria muito lisonjeado com isso, estou certa. E, naturalmente, se o caso chegasse mais além, o Coronel Melchett, chefe de polícia, seria uma pessoa dócil em suas mãos. Disso eu tenho certeza.

Ela o fitou com um jeito de quem estava lhe fazendo um apelo.

- E que dados a senhora vai me proporcionar como base para minha ação?

- Pensei em escrever um nome - disse Miss Marple - o nome, num pedaço de papel e de entregar-lhe esse papel. Se o senhor, no curso de suas investigações, concluir que a pessoa não está de modo algum envolvida no caso, eu terei errado completamente.

Miss Marple fez uma pausa e acrescentou, estremecendo:

- Seria uma coisa tão horrível, tão horrível mesmo, se uma pessoa inocente fosse enforcada.

- Como - exclamou Sir Henry, alarmado.

Ela voltou para ele um rosto aflito, e disse o seguinte:

- É possível que eu esteja enganada a esse respeito, em-bora não

acredite que esteja. O Inspetor Drewitt é realmente um homem inteligente. Todavia um certo grau de inteligência às vezes é a coisa mais perigosa que existe. Não conduz uma pessoa muito longe.

Sir Henry encarou Miss Marple com um ar cheio de curiosidade.

Depois de procurar um pouco entre suas coisas, Miss Marple abriu uma pequena rede, dela tirou um caderninho de notas, arrancou uma folha desse caderno, nela escrevendo cuidadosamente um nome. Ela dobrou o papel e o entregou a Sir Henry.

Ele desdobrou o papel e leu o nome, que não o fez lembrar de coisa alguma. Todavia, ergueu um pouco as sobrancelhas, olhou para Miss Marple e colocou no bolso o pedaço de papel, dizendo:

- Muito bem. É uma tarefa fora do comum. Nunca fiz coisa semelhante. Mas vou confiar no julgamento que faço a respeito da senhora, Miss Marple.

Sir Henry estava sentado numa sala em companhia do Coronel Melchett, chefe de polícia do condado, e do Inspetor Drewitt.

O chefe de polícia era um homem de baixa estatura e tinha um porte decididamente marcial. O inspetor era alto, de ombros largos, pessoa muito sensata.

- Eu realmente sinto que estou me intrometendo - ob-servou Sir Henry com um sorriso amável. - Realmente não lhes poderia dizer por que estou fazendo isso (o que era a pura verdade).

- Meu prezado amigo, nós estamos encantados. É uma grande honra - declarou o chefe de polícia.

- Uma grande distinção - afirmou o inspetor.

E o chefe de polícia pensou com seus botões: "Ele está morrendo de tédio, pobre homem, lá na casa dos Bantrys. O velho a falar mal do governo e a velha a tagarelar sobre bulbos".

E o inspetor disse de si para si: "Que pena não estarmos diante de um problema de fato complicado. Uma das melhores cabeças da Inglaterra, segundo ouvi dizer. É pena que se trate de um caso tão fácil".

O coronel então falou em voz alta:

- Eu acho que tudo é muito sórdido e muito simples. A primeira impressão foi a de que a moça tinha se atirado no rio. Estava esperando um bebe, o senhor compreende. Mas nosso médico, Haydock, é um homem cuidadoso. Notou umas equimoses nos antebraços dela, produzidas antes da morte. Exatamente nos pontos onde um homem a teria segurado, atirando-a dentro do rio.

- Isso exigiria muita força?

- Eu acho que não. Não haveria luta, pois a moça teria sido colhida de surpresa. A ponte é para pedestres, de madeira e muito escorregadia. Jogar a moça da ponte seria a coisa mais fácil. De um lado a ponte não tem corrimão.

- O senhor sabe com certeza que a tragédia ocorreu nesse lugar?

- Sei. Um rapaz daqui, Jimmy Brown, de doze anos, es-tava na mata que fica do outro lado. Ouviu um grito, vindo da ponte, e o barulho de água espadanada por causa da queda de alguma coisa. Estava anoitecendo e seria difícil enxergar direito. Logo depois ele viu uma forma branca flutuando na água e correu em busca de auxílio. Tiraram a moça da água, mas não conseguiram fazê-la voltar a si.

- O rapaz viu alguém na ponte?

- Não, não viu ninguém. Mas estava ficando escuro, como eu lhe disse, e sempre há nevoeiro por lá. Vou interrogá-lo para saber se viu alguém naquele lugar antes ou depois. Ele naturalmente presumiu que a moça se atirara da ponte. Todo mundo a princípio pensou a mesma coisa.

- Além disso, temos o bilhete - declarou o Inspetor Drewitt. - E voltou-se para Sir Henry, acrescentando: - Um bilhete que estava no bolso da falecida. Escrito a lápis, desses que os artistas usam, e completamente ensopado. Mesmo assim nós conseguimos ler o bilhete.

- E o que dizia?

- Era do jovem Sandford. E nos seguintes termos: "Encontrarei você na ponte. - R.S." Bem. Eram quase oito e meia, já passavam alguns minutos, quando Jimmy Brown ouviu o grito e o barulho na água.

- Não sei se o senhor conhece Sandford? - prosseguiu o Coronel Melchett. - Está aqui mais ou menos há um mês. É um desses jovens arquitetos modernos, que projetam casas esquisitas. Está construindo uma casa para Allington. Só Deus sabe como vai ficar, cheia de novidades, creio eu. Mesas de jantar feitas de vidro e cadeiras cirúrgicas, de aço e chapas metálicas. Mais isso não vem ao caso, embora prove que espécie de sujeito Sandford é: um comunista. Sem moral.

- Os crimes de sedução vêm de longa data - comentou Sir Henry num tom branao, ainda que não sejam tão velhos como o assassinato.

O Coronel Melchett olhou para ele e disse:

- Sim. Sem dúvida. Sem dúvida.

- Muito bem, Sir Henry, a coisa é essa - observou Drewitt. - Feia, mas simples. Esse jovem Sandford encrencou a vida da moça. Depois ficou

ansioso para escapar e voltar para Londres. Tem uma namorada em Londres. Uma moça decente. Eles estão noivos. E se ela ouvir falar nesse caso, a vida dele poderá ficar arruinada. Sandford encontrou-se com Rose na ponte, numa noite de nevoeiro. Não havia ninguém por perto. Ele agarrou a moça pelos ombros e atirou-a dentro do rio. Um sujo, que merece o que o espera. Essa é minha opinião.

Sir Henry permaneceu em silêncio durante uns minutos. Percebeu que havia, no caso, forte injunção de preconceitos locais. Um arquiteto modernista provavelmente não seria popular na conservadora vida de St. Mary Mead. E indagou o seguinte:

- Não há dúvida, creio eu, que Sandford é realmente o pai da criança que vai nascer?

- É o pai, com toda certeza - disse Drewitt. - Rose Emmott contou tudo ao pai dela. Pensou que o rapaz ia se casar com ela. Casar-se com ela! Não aquele homem!

Meu Deus, pensou Sir Henry. Tenho a impressão de ter voltado a um melodrama vitoriano: jovem ingênuo, vilão de Londres, pai severo, revelação do segredo. Só precisamos do fiel namorado, da vila. Sim, eu creio que chegou o momento de perguntar por ele. E falou em voz alta:

- A jovem não tinha namorado por aqui?

- O senhor se refere a Joe Ellis? - indagou o inspetor. - Um bom rapaz, o Joe. É carpinteiro. Ah! Se ela tivesse ficado sempre com o Joe!

O coronel fez um sinal de aprovação com a cabeça, e acrescentou num tom brusco:

- Ficar dentro de sua classe.

- E como Joe recebeu o caso amoroso dela?

- Ninguém sabe - disse o inspetor. - Joe é um rapaz tranqüilo. Fechado. Tudo o que Rose fez foi nas barbas dele. Ela o tinha pelo cabresto. Ele simplesmente esperava que ela voltasse algum dia. Essa era a atitude dele, acho eu.

- Eu gostaria de vê-lo.

- Nós vamos visitá-lo, - disse o Coronel Melchett. - Não estamos pondo de lado nenhuma pista. Achei que primeiro deveríamos ver o Emmott, depois Sandford é, em seguida, o Ellis. Isso lhe convém, Clithering?

Sir Henry disse que aquilo lhe conviria muito bem.

Encontraram Tom Emmott no Blue Boar. Era um homem grandalhão de meia idade, atarracado, com um olhar astuto e um queixo truculento.

- Prazer em ver os senhores. Bom dia, coronel. Entre aqui onde nós

podemos ficar à vontade. Posso oferecer alguma coisa aos senhores? Não? Como queiram. Vieram aqui para tratar do caso de minha pobre filha. Ah! Ela era uma boa menina até que esse sujo, desculpem minhas palavras, mas isso é o que ele é, apareceu. Ele a levou a fazer aquilo. Assassino sujo. Trouxe a desgraça para todos nós. Minha pobre filha!

- Sua filha lhe disse categoricamente que Mr. Sandford era responsável pelo estado dela? - indagou Melchett num tom firme.

- Sim. Ela me contou tudo. Aqui nesta mesma sala.

- E o senhor o que disse a ela? - indagou Sir Henry.

- O que eu disse a ela? - O homem pareceu momentaneamente desconcertado.

- Sim. O senhor, por exemplo, ameaçou-a de expulsá-la de casa?

- Eu fiquei um pouco transtornado. Isso é muito natural. Tenho certeza de que os senhores concordam que isso é muito natural. Mas eu de maneira alguma a expulsei de casa. Não faria uma coisa dessas. - E Emmott assumiu um ar de virtuosa indignação. - Não. Para que existe a lei? Isso é o que eu digo. Para que existe a lei? Ele tinha de fazer o que devia. E se não fizesse, por Deus que haveria de pagar.

O homem deu um murro na mesa.

- A que horas o senhor viu sua filha pela última vez? - indagou Melchett?

- Na hora do chá. Ontem.

- Qual era o jeito dela?

- Muito igual ao de costume. Eu não reparei em nada. Se eu tivesse sabido.. .

- Mas o senhor não sabia - observou o inspetor seca-mente.

Os três se despediram.

- Emmott não causa uma impressão muito favorável - comentou Sir Henry.

- Ele é meio patife - disse Melchett. - Cortaria o pescoço de Sandford se tivesse oportunidade para isso.

A visita seguinte foi ao arquiteto. Rex Sandford era muito diferente da imagem que Sir Henry inconscientemente formara a seu respeito. Era um jovem alto, muito louro e magro. Tinha olhos azuis e sonhadores, cabelos despenteados e compridos demais. Sua maneira de falar era um tanto feminina.

O Coronel Melchett disse quem era e apresentou seus companheiros. Em seguida, indo diretamente ao objetivo da visita, convidou o arquiteto a prestar declarações a respeito de seus

movimentos na noite anterior.

- O senhor compreende - disse num tom de advertência -- eu não tenho poderes para obrigá-lo a prestar declarações. E tudo quanto o senhor disser poderá ser utilizado como prova contra o senhor. Desejo que isso fique bem claro.

- Eu... eu não estou entendendo - balbuciou Sandford.

- O senhor sabe que Rose Emmott se afogou na noite passada?

- Sim, sei. Muito triste. Eu não preguei olhos esta noite. Hoje nem consegui trabalhar. Eu me sinto responsável, terrivelmente responsável.

Ele passou a mão pelos cabelos, fazendo com que ficassem ainda mais despenteados. E acrescentou, num tom de comiseração: - Nunca pensei em causar nenhum mal a ela. Nunca imaginei que ela fosse tomar aquela atitude.

O rapaz sentou-se junto a uma mesa e cobriu o rosto com as mãos.

- Estarei entendendo o que o senhor diz, Mr. Sandford? Que o senhor se recusa a declarar onde esteve ontem à noite, às oito e trinta?

- Não, não. Certamente eu não me recuso a isso. Não estive em casa. Fui dar um passeio a pé.

- O senhor foi se encontnr com Miss Emmott?

- Não. Saí sozinho. Andei pela mata. Fiz uma longa caminhada.

- Então como o senhor explica este bilhete, que foi encontrado no bolso da morta?

O inspetor leu o bilhete em voz alta, impassivelmente, e concluiu:

- Pois bem. O senhor nega que escreveu isso?

- Não. Não nego. O senhor tem razão. Eu escrevi esse bilhete. Rose me pediu que fosse encontrá-la. Eu não sabia o que fazer. Por isso escrevi o bilhete.

- Assim as coisas vão melhor - disse o inspetor.

- Mas eu não fui ao encontro! - exclamou Sandford, num tom de voz emocionado, quase aos gritos. - Achei melhor não ir. Eu ia voltar no dia seguinte para Londres. Pretendia escrever para ela de Londres e fazer alguma coisa.

- O senhor sabe que aquela moça ia ter um filho, e que havia dito que o senhor era o pai da criança?

Sandford deu um gemido e não respondeu.

- A afirmação dela foi verdadeira?

Sandford afundou mais o rosto entre as mãos, e declarou meio em surdina:

- Eu creio que sim.

- Ah! - exclamou o Inspetor Drcwitt, sem conseguir disfarçar sua satisfação. - Agora vamos falar sobre esse "passeio" que o senhor deu. O senhor viu alguém ontem à noite?

- Não sei. Acho que não. Tanto quanto eu possa me lembrar, não encontrei ninguém.

- É pena..

- O que o senhor quer dizer com isso? - indagou Sand-ford fitando o inspetor desvairadamente. - Que importa que eu tenha saído para dar um passeio ou não? Que diferença isso faz quanto ao fato de Rose ter se afogado?

- Ah! - disse o inspetor. - O senhor compreende*, ela não se afogou.* Foi deliberadamente atirada no rio. Mr. Sandford.

- Ela foi... - Sandford levou um ou dois minutos para perceber todo o horror daquilo. - Meu Deus! Então. . .

E deixou-se cair numa cadeira.

O Coronel Melchett levantou-se para sair, e disse:

- O senhor compreende, Mr. Sandford. Não deverá, em hipótese alguma, afastar-se desta casa.

Os três homens saíram juntos. O inspetor e o chefe de polícia entreolharam-se.

- Eu creio que é o bastante, - disse o inspetor.

- Sim. Mande lavrar uma ordem de prisão e segure o ho-mem.

- Os senhores me desculpem - disse Sir Henry. - Es-queci minhas luvas.

Sir Henry tornou a entrar na casa rapidamente. Sandford estava sentado exatamente como o haviam deixado, de olhos parados, aturdido, fixando um ponto vazio diante dele.

- Eu voltei - disse Sir Henry - para lhe dizer que estou pessoalmente ansioso por fazer tudo que puder para ajudá-lo. Não estou autorizado a revelar o motivo do meu interesse por sua pessoa. Mas vou pedir-lhe, se o senhor quiser me atender, que me conte da maneira mais breve possível o que se passou entre o senhor e aquela jovem.

- Ela era muito bonita - disse Sandford. - Muita bonita e muito sedutora. E me fez um terrível cerco. Isso é verdade, eu o afirmo diante de Deus. Ela não me deixava. Eu estava sozinho aqui, ninguém gostava muito de mim e, como lhe disse, ela era excepcionalmente bonita e parecia saber o que estava fazendo, e tudo mais. - A voz dele sumiu. Ele levantou os olhos, e prosseguiu: - Então aconteceu aquilo. Ela queria que nós nos casássemos. Eu não sabia o que fazer. Estou noivo de uma

moça, em Londres. Se ela ouvir falar nisso, com certeza vai ouvir, tudo estará acabado. Ela não compreenderá. E como haveria de compreender? Eu sou um patife, sem dúvida. Como eu lhe disse, não sabia o que fazer. Evitei tornar a ver Rose. Pensei em voltar para Londres, procurar meu advogado, tomar certas medidas em matéria de dinheiro, etc., em favor dela. Meu Deus! Como fui louco! E tudo está tão claro, um libelo contra mim. Mas eles estão enganados. Ela deve ter se afogado.

- Ela alguma vez ameaçou acabar com a própria vida? Sandford abanou a cabeça, e disse:

- Nunca. Eu suponho que ela não era dessas.

- E quanto a um homem chamado Joe Ellis?

- O rapaz que é carpinteiro? Um bom tipo de homem dessas vilas antigas. Pouco inteligente, mas apaixonado pela Rose.

- Ele poderia ter ficado com ciúmes - sugeriu Sir Henry.

- Eu creio que sim. Andou meio enciumado. Mas é um tipo bovino. Capaz de sofrer em silêncio.

- Bem - disse Sir Henry. - Eu preciso ir andando. E foi juntar-se aos outros dois homens, dizendo:

- Você sabe, Melchett, acho que nós precisamos ter uma conversa com aquele outro homem, o Ellis, antes de tomarmos qualquer medida drástica. Seria pena que você efetuasse uma prisão que acabasse sendo um erro. Afinal de contas o ciúme é um motivo bem aceitável para um assassinato. E também um motivo muito comum para isso.

- Lá isso é verdade - declarou o inspetor. - Mas Joe Ellis não é desse tipo de homens. Seria incapaz de matar uma mosca. Ninguém jamais o viu perder a calma. Mesmo assim, eu concordo que é melhor perguntar a ele onde andou na noite passada. Agora ele está em casa. Mora com Mrs. Bartlett - uma criatura muito digna. Uma viúva que lava roupa para fora.

A pequena casa para a qual se dirigiram era imaculada-mente limpa e muito bem arrumada. Uma mulher alta e corpulenta, de meia idade, veio lhes abrir a porta. Tinha um rosto agradável e olhos azuis.

- Bom dia, Mrs. Bartlett - disse o inspetor. - Joe Ellis está?

- Chegou a menos de dez minutos. Façam o favor de entrar.

Enxugando as mãos no avental, ela os fez entrar numa minúscula sala de frente onde havia pássaros empalhados, cães de louça, um sofá e vários móveis sem qualquer utilidade.

Mrs. Bartlett sem demora providenciou cadeiras para eles, afastou

uma estante cheia de bibelôs para obter mais espaço na sala e dela saiu para chamar o rapaz:

- Joe, três senhores querem falar com você.

Uma voz respondeu a esse chamado, provindo da cozinha, lá nos fundos:

- Já vou, quando acabar de me lavar. Mrs. Bartlett sorriu.

- Aproxime-se, Mrs. Bartlett - disse o Coronel Melchett. Sente-se.

- Oh, não! - Eu não poderia fazer uma coisa dessas. Mrs. Bartlett sentiu-se chocada com aquela sugestão.

- A senhora considera Joe Ellis um bom inquilino? - indagou Melchelt num tom de aparente indiferença.

- Eu não poderia ter um inquilino melhor. É um moço realmente de confiança. Nunca bebe uma gota de álcool. Tem orgulho em seu trabalho. £ sempre bondoso e prestativo aqui em casa. Colocou aquelas prateleiras para mim, montou um novo armário na cozinha. Qualquer coisinha que seja preciso fazer na casa Joe faz, com naturalidade, e mal quer aceitar que a gente lhe agradeça. Meu senhor, não existem muitos moços iguais a ele.

- Um belo dia alguma jovem vai ter sorte - disse Melchett num tom displicente. - Ele gostava muito daquela pobre moça, Rose Emmott, não é mesmo?

Mrs. Bartlett suspirou, dizendo:

- Aquilo me fazia mal. Joe adorava o chão onde ela pisava, a moça não ligava nem um pouco a ele.

- Onde Joe passa as noites, Mrs. Bartlett?

- Geralmente fica em casa. Faz uns trabalhos avulsos e está se esforçando para aprender contabilidade por correspondência.

- Ah, sim! Ele ficou em casa ontem à noite?

- Sim senhor.

- A senhora tem certeza disso, Mrs. Bartlett? - indagou Sir Henry incisivamente.

- Certeza absoluta, meu senhor.

- Ele não terá saído, por exemplo, por volta das oito às oito e meia?

- Ah, não! - exclamou Mrs. Bartlett, dando uma risada. - Esteve consertando o armário da cozinha para mim durante quase toda a noite e eu fiquei ajudando a ele.

Sir Henry olhou para a fisionomia sorridente e tranqüila de Mrs. Bartlett e sentiu o primeiro aguilhão de dúvida.

Passados alguns momentos Ellis entrou na sala.

Era um moço alto e de ombros largos, de muito boa apa-rência, à sua maneira rústica. Tinha olhos azuis, meio desconfiados, e um sorriso que revelava bom gênio. Sob todos os aspectos era um jovem e simpático gigante.

Melchett iniciou a conversação, e Mrs. Bartlett retirou-se para a cozinha.

- Nós estamos investigando a morte de Rose Emmott. Você a conheceu, Ellis.

- É verdade. - Ele hesitou e, em seguida, murmurou o seguinte: - Eu tinha esperanças de me casar com ela algum dia. Pobre moça!

- Você ouviu dizer alguma coisa a respeito do estado de Rose?

- Ouvi. - Seu olhar teve um lampejo de cólera. - Ele a abandonou. Mas teria sido melhor para ela. Não seria feliz, casada com ele. Eu achei que ela viria me procurar, depois que aquilo aconteceu. Eu teria tomado conta dela.

- Apesar de...

- Não foi culpa de Rose. Ele a desencaminhou com lin-das promessas e tudo mais. Ah! Ela me falou sobre isso. Não tinha nenhum motivo para se afogar. Ele não merecia isso.

- Onde esteve você ontem à noite, às oito e meia?

Terá sido imaginação de Sir Henry, ou de fato houve um leve embaraço na pronta resposta do rapaz? Talvez pronta demais.

- Estive aqui. Arranjando um armário na cozinha para Mrs. Bartlett. Pergunte a ela. Dirá isto ao senhor.

Ele foi rápido demais em sua resposta, notou Sir Henry. "É homem que pensa devagar. Suas palavras foram pronunciadas tão prontamente que já as tinha preparadas."

Em seguida Sir Henry pensou consigo que aquilo era pura imaginação de sua parte. Estava fantasiando as coisas. Sim. Imaginando até que houve um brilho de apreensão naqueles olhos azuis.

Depois de mais algumas perguntas e respostas, os três homens se despediram. Sir Henry arranjou um pretexto para ir até a cozinha. Mrs. Bartlett estava atarefada, diante do fogão. Ergueu os olhos e sorriu amavelmente - Era ele. Um novo armário estava colocado na parede, ainda não inteiramente acabado. Algumas ferramentas encontravam-se junto a ele, e também alguns pedaços de madeira.

- Nisso é que Ellis esteve trabalhando ontem à noite? - indagou Sir Henry.

- Sim, senhor. Um belo trabalho, não é mesmo? Joe é um carpinteiro muito hábil.

Não havia no olhar de Mrs. Bartlett qualquer vislumbre de apreensão ou embaraço.

Mas quanto a Ellis? Teria Sir Henry imaginado aquilo? Não. Tinha havido alguma coisa. "Preciso pôr as mãos nele", pensou Sir Henry.

Voltando-se para sair da cozinha, esbarrou num carrinho de criança, e disse:

- Espero não ter acordado o bebê.

Mrs. Bartlett soltou uma sonora risada, e declarou:

- Não, senhor. Eu não tenho filhos. O que é pena. Car-rego minhas trouxas de roupa nele.

- Estou compreendendo.

Sir Henry acrescentou então, num impulso:

- Mrs. Bartlett. A senhora conheceu Rose Emmott. Di-ga-me realmente o que a senhora achava dessa moça.

Mrs. Bartlett olhou para ele de um jeito curioso, e declarou o seguinte:

- Bem. Eu achava que ela era uma leviana. Mas está morta e eu não gosto de falar mal dos defuntos.

- Mas eu tenho razões, fortes razões para fazer minhas perguntas - prosseguiu Sir Henry, num tom persuasivo.

Ela pareceu refletir, estudando atentamente a fisionomia dele. Por fim, tomou uma resolução e falou, num tom tranqüilo:

- Ela não prestava. Eu não diria isso na presença de Joe. Ela o enganou muito bem. Era daquele tipo de mulher de que a gente tem mais pena. O senhor sabe.

- Sim. - Sir Henry sabia muito bem. Os Joe Ellis deste mundo são particularmente vulneráveis. Confiam cegamente nas pessoas. Mas, exatamente por esse motivo, o choque que sentem quando descobrem as coisas pode ser mais forte do que o comum.

Sir Henry deixou a casa de Mrs. Bartlett sem saber o que pensar. Verdadeiramente perplexo. Estava diante de um verdadeiro impasse. Joe Ellis tinha trabalhado dentro de casa durante toda a noite da véspera. Mrs. Bartlett lá realmente estivera também, vendo-o trabalhar. Poderia uma pessoa ir além daquele muro intransponível? Nada existia que pudesse ser contraposto àquilo, exceto, possivelmente, aquela rapidez suspeita da resposta de Joe. Aquela idéia de que ele teria sua história já preparada.

- Muito bem - disse Melchett. - Isso parece tornar o problema bastante claro, não é fato?

- Sem dúvida - concordou o inspetor. - Sandford é o nosso homem. Não poderá encontrar uma saída. As coisas são claras como água. Na minha opinião, a moça e o pai dela estavam se preparando para fazer uma chantagem com ele. Sandford não tem dinheiro e não queria que o caso chegasse aos ouvidos de sua namorada. Ficou desesperado e agiu em conseqüência disso. E o que diz o senhor? - indagou o inspetor, dirigindo-se com deferência a Sir Henry.

- Parece que foi assim - admitiu Sir Henry. - Mas eu não consigo imaginar Sandford praticando uma ação violenta.

Mas sabia, enquanto assim falava, que sua objeção dificilmente seria válida. O animal, por mais manso que seja, é capaz de ações surpreendentes se for acuado.

- Mas eu gostaria de ver o rapaz - disse ele subitamente. - Aquele que ouviu o grito.

Jimmy Brown mostrou ser um rapaz inteligente, muito pequeno para sua idade, e com um rosto decidido e astuto. Estava ansioso por ser interrogado e ficou bem desapontado quando Sir Henry procurou confirmar a história dramática a respeito do que Jimmy ouvira naquela noite fatal.

- Eu creio que você estava do outro lado da ponte. Do outro lado do rio, em relação à vila. Você viu alguém aí, quando chegou até a ponte?

- Havia alguém andando pela mata. Eu acho que era Mr. Sandford, o arquiteto que está construindo aquela casa esquisita.

Os três homens entreolharam-se.

- Isso foi mais ou menos uns três minutos antes de você ouvir os gritos?

O rapaz fez que sim com um gesto de cabeça.

- Você viu mais alguém, do lado do rio que dá para a vila?

- Vi um homem andando pela vereda, daquele lado. Ia devagar e estava assobiando. Talvez tenha sido Joe Ellis.

- Você não poderia ter visto quem era - declarou o ins-petor incisivamente. - Com aquele nevoeiro e aquela escuridão.

- Foi por causa do assobio - disse o rapaz. - Joe Ellis sempre assobia a mesma música - "Eu quero ser feliz". É a única que ele sabe.

O rapaz falou com o desprezo dos modernistas pelas coisas antiquadas.

- Qualquer pessoa poderia assobiar uma música - observou

Melchett. - Ele estava caminhando em direção à ponte?

- Não, la na outra direção. Na direção da vila.

- Eu acho que não precisamos nos preocupar com esse desconhecido - disse Melchett. - Você ouviu o grito e o barulho na água. Alguns minutos depois você viu o corpo flutuando rio abaixo e correu em busca de socorro. Voltou até a ponte, atravessou-a e foi direto à vila. Você não viu ninguém perto da ponte quando foi à procura de socorro?

- Acho que havia dois homens com um carrinho de mão, na vereda que dá para o rio. Mas estavam um pouco afastados e eu não pude ver se estavam subindo ou descendo a vereda. A casa de Mr. Giles era a que ficava mais perto. Por isso eu corri até lá.

- Você fez muito bem, rapaz - disse Melchett. - Você se portou de maneira muito louvável e com presença de espírito. Você é escoteiro, não é?

- Sim senhor.

Sir Henry permaneceu calado, absorto em suas reflexões. Tirou do bolso um pedaço de papel, examinou-o e abanou a cabeça. Parecia ser impossível. No entanto...

Decidiu fazer uma visita a Miss Marple.

Ela o recebeu em sua bonita sala de visitas, de estilo antigo, um tanto atravancada por excesso de móveis.

- Vim informá-la sobre o progresso de minhas investiga-ções - disse Sir Henry. - Receio que as coisas não estejam indo bem, do nosso ponto de vista. Vão prender Sandford. E eu devo dizer que têm razão para isso.

- Então o senhor não encontrou nada, como direi, em apoio a minha teoria? Miss Marple parecia perplexa, ansiosa. - Talvez eu esteja enganada, inteiramente enganada. O senhor tem tanta experiência. Sem dúvida teria descoberto tudo, se as coisas tivessem sido daquele jeito. - Miss Marple inclinou-sé para a frente, tomando fôlego. - Mas pode ter sido. Foi na noite de sexta-feira.

- Na noite de sexta-feira?

- Sim. Na noite de sexta-feira. Às sextas-feiras de noite Mrs. Bartlett entrega a roupa lavada nas casas de várias pessoas.

Sir Henry reclinou-se em sua cadeira. Lembrou-se da história que Jimmy havia contado a respeito do homem que estava assobiando. Sim. Tudo se ajustava muito bem.

Ele se levantou e segurou calorosamente as mãos de Miss Marple, dizendo:

Creio que estou encontrando meu caminho. Pelo menos poderei tentar.

Cinco minutos depois ele estava de volta na casa de Mrs. Bartlett, diante de Joe Ellis, naquela pequena sala, em meio àqueles cães de louça. E disse, num tom incisivo:

- Ellis, você mentiu a respeito da noite passada. Você não esteve na cozinha, montando o armário, entre oito e oito e meia. Você andou caminhando pela vereda perto do rio, em direção à ponte, alguns minutos antes de Rose Emmott ser assassinada.

Joe falou com a respiração ofegante:

- Ela não foi assassinada. Ela não foi assassinada. Eu não teria nenhum motivo para fazer uma coisa dessas. Ela se atirou no rio. Foi o que ela fez. Estava desesperada. Eu não teria tocado num fio do cabelo dela. Não teria feito nem isso.

- Então por que você mentiu a respeito do lugar onde estava?

Joe tergiversou e baixou os olhos, embaraçado:

- Eu estava aterrorizado. Mrs. Bartlett me viu naquele lugar. E quando ela ouviu dizer o que tinh- acontecido logo depois, pensou que aquilo poderia ser contra mim. Eu resolvi dizer que estava trabalhando aqui e ela concordou em confir-mar minhas palavras. Ela é uma mulher fora do comum. Tem sempre sido boa para mim.

Sir Henry saiu da sala sem dizer palavra e entrou na cozinha. Mrs. Bartlett estava diante da pia, lavando a louça.

- Mrs. Bartlett - disse ele - eu sei de tudo. Acho melhor a senhora confessar. A menos que a senhora queira que

Joe Ellis seja enforcado por um crime que não cometeu. Não. Eu vejo que isso a senhora não quer. Eu lhe direi o que aconteceu: a senhora estava levando roupa lavada às casas de seus fregueses; encontrou-se com Rose Emmott; pensou que ela tinha abandonado Joe e estava andando com aquele estranho; imaginou que ela estava em apuros; Joe mostrava-se disposto a socorrê-la, casar-se com ela, se isso fosse necessário; ele estava em sua casa há quatro anos; a senhora tinha se apaixonado por ele e queria que ele fosse seu; a senhora odiava aquela moça e não conseguia tolerar a idéia de que aquela "mulherzinha" devassa e indigna lhe tirasse seu homem; a senhora é uma mulher forte, Mrs. Bartlett; agarrou a moça pelos ombros e atirou-a dentro do rio; alguns minutos depois, encontrou-se com Joe Ellis; Jimmy viu a senhora e ele juntos, de longe, mas, por causa da escuridão e do nevoeiro, presumiu que o carrinho de bebê fosse um carrinho de mão e

que dois homens o estivessem em-purrando; a senhora persuadiu Joe de que ele poderia ser sus-peitado e tramou o que supôs ser um álibi para ele, mas, real-mente, era um álibi para a senhora. Então? Estou certo? Não é verdade?

Sir Henry susteve a respiração. Havia arriscado tudo na-quela jogada. Ali estava Mrs. Bartlett, de pé diante dele, esfregando as mãos no avental, lentamente se decidindo sobre o que dizer.

- Foi exatamente como o senhor falou - declarou afinal, com aquela sua voz suave (voz perigosa, Sir Henry subitamente sentiu isso). - Não sei o que me veio à cabeça. Uma sem-vergonha, isso é o que ela era. Só pensei que não iria tirar Joe de mim. Eu não tive uma vida feliz. Meu marido era um pobre homem, inválido e de mau gênio. Eu tratei dele, cuidei dele. Então Joe apareceu para ser meu inquilino. Eu não sou assim tão velha, apesar de meus cabelos brancos. Tenho só quarenta anos. Joe é um homem que a gente encontra entre mil. Eu tenho feito tudo por ele. Tudo. Ele parecia uma criança. Tão tranqüilo e tão crédulo. Era meu. Eu tinha de olhar por ele, fazer as coisas para ele. E aquela, aquela... - Mrs. Bartlett engoliu em seco e dominou sua emoção. Até mesmo naquele momento, foi uma mulher forte. Levantou-se, muito erecta, e encarou Sir Heary de um jeito estranho, dizendo: - Estou pronta para ir. Nunca pensei que alguém pudesse descobrir tudo. Não sei como o senhor conseguiu saber como foi. Isso eu não sei mesmo.

Sir Henry abanou a cabeça brandamente e disse:

- Quem soube não fui eu. - E lembrou-se do pedaço de papel que ainda tinha no bolso, contendo umas palavras escritas numa caligrafia elegante e de estilo antigo:

"Mrs. Bartlett, com quem Joe Ellis mora, como inquilino, no número 2, Casas do Moinho."

Miss Marple acertara mais uma vez.

FIM